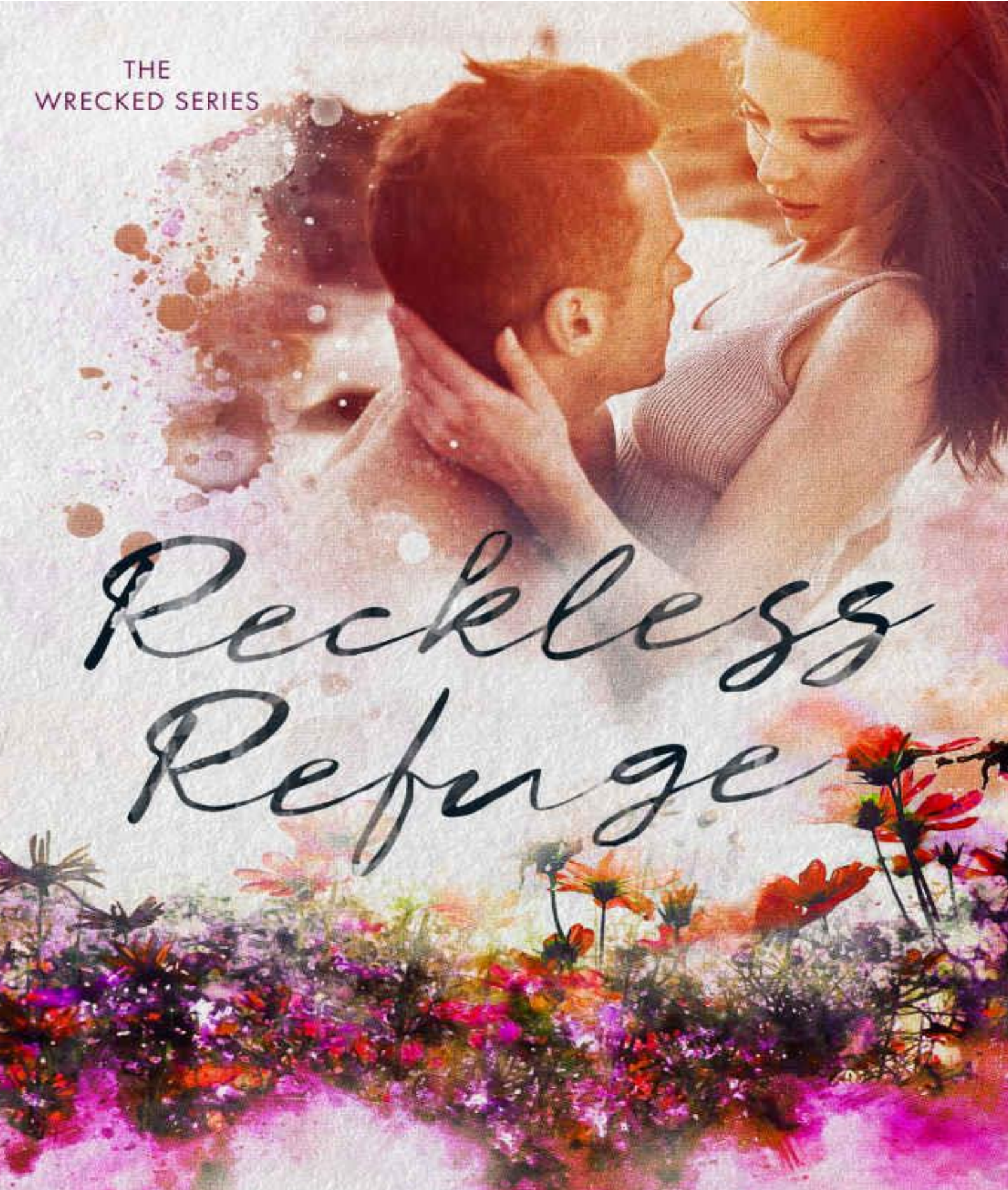
THE
WRECKED SERIES



Reckless Refuge

CATHERINE
COWLES



Tradução: Ariella

Revisão Inicial: Vanessa C

Revisão Final: Equipe Valkyrias

Leitura Final: Equipe Valkyrias

Formatação: Ari

AVISO

A tradução foi efetuada pelo grupo Doll Books Traduções (DB) e Valkyrias Traduções (VT) de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, os grupos DB e VT poderão, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo os grupos DB e VT de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Para Alessandra.

Obrigado por todo o seu apoio desde o primeiro dia desta jornada. Seu coração para novos autores é incomparável, e me sinto muito feliz por tê-la comigo ao longo do caminho.

Havia sombras das quais eu estava fugindo.

Aquelas que assombram e insultam.
Aquelas que fizeram com que eu não tivesse escolha a não ser desaparecer.
Passei anos me escondendo do mundo.
Meu pequeno refúgio na ilha, a única garantia de segurança.
Tudo mudou no momento em que ele apareceu na minha porta.
A sugestão de dor em seus olhos me disse que algo o assombrava também.
E eu não pude deixar de me aproximar.
Mas encontrar a pessoa de quem mais precisava, trouxe riscos que nunca esperei.
E quando nossos fantasmas nos encontrarem novamente, nenhum de nós poderá escapar desta vez.



PRÓLOGO

Shay

PASSADO

Queimou. Em todos lados e em lugar nenhum. Cortes na minha pele que pareciam como se lava quente tivesse sido derramada em minha carne. Eu não conseguia contá-los, havia perdido a conta após o décimo. Tentei me mover, para escapar de alguma forma. Apenas meus dedos se contraíram.

Sons. Vozes. Flutuando sobre de mim. Elas estavam por toda parte e ainda em lugar nenhum, pontinhos de luz, como estrelas cintilantes na noite mais escura.

—Senhorita? Você pode me ouvir?

Eu consegui gemer baixinho. Eu só queria que a dor parasse. A agonia rasgando meu corpo. Eu ansiava por um cobertor inexistente. Um mar sem fim onde eu deixaria de existir por completo.

—Eu sou um paramédico. Você está segura. Nós te pegamos.

—Dói. — Era a única mensagem que eu queria transmitir. Esta mulher pode ter o poder de diminuir a queimadura.

Uma mão deslizou na minha, o sangue escorrendo pelo meu braço para nos unir, o líquido já ficando pegajoso com o passar do tempo.

—Eu sei. Apenas espere.

Eu não queria esperar. Eu queria flutuar para um mundo onde nada disso fosse real. Onde a dor não existia - apenas luz, paz e alívio.

—Você pode nos dizer quem fez isso com você?

Meus olhos se agitaram. Meus lábios rachados se separaram. Eu só consegui dizer duas palavras.

—Meu irmão.

CAPÍTULO 1

Shay

PRESENTE

Passei por cima da raiz de uma árvore e evitei a pedra que era uma receita para torcer o tornozelo. Depois de três anos, meus pés sabiam esse caminho de cor. Desde o prado, passando pela densa floresta, até ao mar que rodeia este pedaço de terra. Algumas pessoas se sentiriam claustrofóbicas, sabendo que estavam cercadas por água. Isso me fez sentir nada mais que segura.

O som constante do mar batendo contra a costa, o toque de sal no ar. Tudo isso foi um bálsamo que acalmou o pior de dos meus nervos já desgastados. Assegurou-me que estava protegida. Quando acordei de um pesadelo, tive apenas que me inclinar em direção à janela para tentar ouvir o som da água, inspirar profundamente para sentir o cheiro para saber que estava bem. Apenas o conforto dos braços da minha mãe teria sido melhor.

Eu segui o caminho enquanto ele mergulhava em direção à água, à praia e ao cais. A majestade da vista nunca envelheceu. O profundo azul esverdeado da água. As outras ilhas à distância, surgindo como tartarugas verdes da floresta. Eu poderia me perder nisso. E se eu tivesse sorte, uma orca poderia chegar ao topo enquanto a beleza me mantinha cativa.

Desci correndo os degraus construídos no pequeno penhasco, em direção galpão para barcos. Eu coloquei a combinação da fechadura e abri as portas. Caiaques alinhados nas paredes, junto com coletes salva-vidas, boias e brinquedos. Eu sorri para o unicórnio inflável encostado no canto. Lucy amou a coisa. No verão passado, ela passou metade de

seu tempo aqui, rodando em torno de nossa pequena enseada, deitada de costas.

Eu estava pronta para o retorno dos Dowds. Passaram-se meses desde que visitaram a ilha. À medida que as crianças se envolviam mais em atividades extracurriculares, ficava cada vez mais difícil para elas fugir de Seattle para um fim de semana ou uma semana em sua casa de férias. E como a zeladora da ilha, isso significava que eu estava sozinha.

Eu geralmente absorvo essa paz. Isso significava que eu poderia relaxar não tive que guardar minhas palavras ou ter certeza de usar camisas de mangas compridas. Eu não precisava me preocupar em deixar escapar algo que poderia me denunciar. Eu estava livre.

Mas, à medida que os dias se transformavam em meses, a solidão às vezes tomava conta. E quanto mais os anos se passavam comigo neste terreno de trinta acres no meio do mar, com apenas visitas ocasionais de meu patrão, a solidão ficava mais feroz. Segurei a porta um pouco mais forte enquanto olhava para o meu tapete de exercícios e pesos no canto do galpão. Eu normalmente reservava as manhãs para meus treinos, mas talvez hoje eu precisasse de cidade. A agitação das pessoas, mesmo que eu nunca tenha dito uma palavra a nenhuma delas.

Peguei as chaves do barco e fiz uma promessa silenciosa a mim de que faria os exercícios esta tarde. Rumo ao Boston Whaler, verifiquei as águas ao redor de nossa pequena ilha. Não havia muitos navios circulando nesta terça-feira de manhã. Eu geralmente evitava os horários de tráfego intenso - minha habilidade náutica ainda estava no lado do iniciante. Mas pelo menos eu me tornei confortável navegando na enorme lancha para a Ilha Anchor.

Nossa pequena cadeia de ilhas na costa de Washington tinha várias massas de terra povoadas. A de Shelter tinha mais opções de compras, mas sempre optei por Anchor sempre que possível. Shelter tinha muitos turistas, mesmo nos meses de inverno. Sempre tive medo de encontrar alguém que me reconhecesse. Alguém da minha antiga vida, ou um

estranho aleatório que somaria dois e dois porque eles assistiram algumas das incessantes coberturas de notícias da minha vida - o fim dela, de qualquer maneira.

O barco cortou a água com facilidade, a água salgada dançando em uma ordem artística. A viagem de dez minutos de Harbor Island a Anchor terminou em um piscar de olhos quando parei próximo a uma das docas da cidade. Amarrei o barco e agarrei o pouco de dinheiro que sempre deixava na cabine.

Anchor ainda estava com um pouco lenta esta manhã, mas os pescadores e algumas empresas de turismo fretadas faziam com que o cais parecesse mais movimentado do que o resto da cidade. Eu evitei um homem puxando um refrigerador para seu barco. —Bom dia, — ele saudou.

—Bom dia, — eu repeti. Levei algum tempo para me acostumar com a amizade inata das pessoas aqui. Por ter crescido em uma cidade, fiquei desconfiada quando todos por quem passava me cumprimentavam. Pior ainda quando alguém ajudou a carregar minhas compras até o barco. Mesmo agora, era um movimento cuidadoso. Se eu protestasse muito, as pessoas ficavam curiosas. Se eu deixá-los entrar com muita frequência, eles podem se tornar excessivamente familiares.

Eu me ative a saudações calorosas, mas recusei ofertas de ajuda. Imaginei que os caras das docas haviam decidido que eu era uma mulher incrivelmente independente. E era verdade. Eu trabalhei muito duro para construir esta vida para mim, pensando em todas as armadilhas e perigos possíveis. Desaparecer sem mudar o nome ou a identidade foi um desafio, para dizer o mínimo. Mas quando você não tinha outras opções, foi criativo.

Desci a doca em direção ao *The General Store*. A ilha tinha um daqueles grandes supermercados longe do pitoresco centro da cidade, mas eu preferia o coração do pequeno mercado de telhas marrons e o usava sempre que podia. Ajudou o fato de metade do meu cheque de cada

mês ter sido depositado em minha conta lá. Ninguém poderia rastrear meus gastos dessa forma.

Abri a porta, o calor do ar acalmando o frio que se instalou na minha pele durante a viagem. —Shay! — Uma voz chamou na parte de trás.

Um sorriso apareceu no meu rosto enquanto eu caminhava para a pequena cozinha nos fundos da loja. —Eu não tinha certeza de que você estaria aqui hoje.

Caelyn fez uma careta enquanto contornava o balcão. Ela parecia prestes a me abraçar, mas se contentou com um aperto no ombro. Tentei relaxar, mas ainda não estava acostumada com as pessoas me tocando. Parecia estranho e sem prática.

—Ainda estou aqui de manhã, de segunda a sexta-feira.

—Que bom que você não está desaparecendo completamente.

Caelyn se tornou meu ponto de contato humano - além dos Dowds. Tínhamos formado uma espécie de amizade nos últimos anos. Eu não tinha certeza se ela pensava em mim exatamente como uma amiga, mas um relacionamento casual para ela era uma tábua de salvação para mim.

Ela sorriu. —Nunca. Que tal um sanduíche de café da manhã? Também tenho seu pedido atrás.

—Um sanduíche de café da manhã parece ótimo. — Eu sentei no banquinho mais próximo.

Caelyn despejou uma mistura de ovo em uma panela no fogão. — Como estão as coisas no porto?

—Bom. O tempo está mudando de novo, então meus dias estão um pouco mais frios.

— É verdade. Tive que forçar Mia a vestir o casaco esta manhã. Do jeito que ela se veste, você pensaria que fazia vinte cinco graus lá fora.

Eu sorri com a imagem da irmã mais nova de Caelyn se recusando a cobrir um de seus conjuntos coloridos com uma jaqueta. —Como estão os outros pequenos terrores?

—Eles estão bens. Todos nós estamos. Demorou um pouco, mas as coisas finalmente se acalmaram.

Eu estudei o rosto de Caelyn. Sua expressão não continha nada além de paz e felicidade. Você nunca saberia o inferno que ela e os irmãos pelos quais ela tinha a custódia haviam passado meses atrás. —Sabe, se precisar conversar, sou uma boa ouvinte.

Caelyn fez uma pausa no que estava cortando e olhou para cima. —Obrigada. Isso significa muito. Mas eu prometo, eu conversei sobre isso até ficar roxa de raiva. Griffin se certificou disso.

—Esse é um bom homem que você agarrou.

Ela piscou para mim. —Por que você acha que eu coloquei uma aliança nele?

Eu engasguei com uma risada. —Porque você não é uma mulher estúpida.

—Caramba, certo. — Ela adicionou o ovo e o queijo em um pãozinho inglês e passou a envergonhar todos os outros sanduíches, adicionando sua mistura secreta de especiarias, algumas cebolas caramelizadas e rúcula. —Aqui está.

Meu estômago roncou. —Sabe, tentei replicar isso em casa. E falho todas as vezes.

Caelyn pegou seu pote de mistura de especiarias. —Esta é a chave. Vou colocar um pouco em um pequeno frasco para você levar para casa.

—Você é uma deusa.

—Eu não sei disso. Mas você terá que me trazer alguns de seus tomates da estufa em troca. Sinto falta de bons tomates no inverno.

Peguei meu sanduíche. —Temos um acordo. Vou ter uma grande safra deles este ano.

—Isto é o que eu gosto de ouvir. — A campainha da porta tocou. — Deixe-me ter certeza de que eles não precisam de nenhuma ajuda. Eu volto já.

—Sem pressa. — Mordi o sanduíche e tive que conter um gemido. As misturas que Caelyn criou estavam fora deste mundo. Ela não precisava das aulas de culinária em que estava matriculada. Inferno, ela poderia estar ensinando.

Obriguei-me a comer devagar, apreciando cada mordida. Minhas habilidades culinárias haviam melhorado muito desde que me mudei para Harbor, mas eu não poderia competir com isso. Aprendi a usar os ingredientes que cultivava nos jardins e na estufa. Eu tinha dominado a criação de molhos e ensopados para congelar para depois. E me apaixonei pelo processo de tudo. O ritmo de vida mais lento que existia um pouco fora do que o mundo normal exigia.

Meu telefone do trabalho zumbiu no meu bolso. Puxando-o, vi uma notificação por e-mail piscando na tela. Abrindo a mensagem, examinei as primeiras linhas e congelei.

Shay,

Odeio fazer isso por e-mail, mas sei como o serviço de celular é irregular. Recentemente, recebemos uma oferta de Harbor que é boa demais para ser recusada. Isso parte nossos corações, mas as crianças querem estar no continente neste verão, e simplesmente não faz sentido mantê-lo se vamos passar todo o nosso tempo em Seattle. A boa notícia é que o comprador está interessado em mantê-la se você concordar com os termos de responsabilidades e salário. Ele chega na próxima semana. Estou incluindo o número do assistente dele abaixo para que você possa marcar uma chamada para discutir o assunto.

Sentiremos sua falta terrivelmente. Por favor, mantenha contato.

Muito amor,

Rebecca

Minha mão tremia quando coloquei meu telefone no balcão. Vendido. Um novo proprietário. Uma semana. Os Dowds já haviam falado em vender antes, mas nunca haviam decidido colocar a ilha à venda. Eu tinha certeza de que, se eles se mudassem, eu teria tempo para me preparar. Para considerar todas as minhas opções. Planejar.

Minhas costelas pareciam apertar, tornando um pouco mais difícil respirar. Um milhão de pensamentos voaram pela minha cabeça, cenários hipotéticos e de pior caso. Enfiei a mão no bolso, procurando a pedra pequena e lisa pedra que sempre me conectava a terra, me lembrando que eu estava segura.

Tudo ficaria bem. O novo proprietário ainda precisava de uma zeladora. Era raro alguém morar em uma dessas pequenas ilhas particulares em tempo integral.

Respirei fundo para me acalmar. Eu não perderia meu refúgio. O único lugar em que me senti segura desde aquela noite, onze anos atrás. Eu apenas teria que provar como eu poderia ser indispensável.

CAPÍTULO 2

Brody

Carson soltou uma baforada de fumaça enquanto se recostava na espreguiçadeira, o riacho filtrando do meu terraço e derretendo no horizonte de Nova York. —Pare de fazer essa cara.

Eu dei um gole na minha cerveja. —Que cara?

—Aquela que diz que você está me julgando por poluir o ar ao seu redor.

Eu sorri. —Você disse isso, não eu.

—Você costumava ter o hábito de um maço por dia.

Eu fiz uma careta com o lembrete. —Eu tinha vinte e dois anos e era estúpido.

Carson apagou o cigarro na sola da bota de combate e colocou a guimba na mesa entre nós. —Talvez você foi feito para ter ar puro e viver no campo.

Eu brinquei com um fio puído na minha calça jeans, torcendo-o em volta do meu dedo até que o dedo perdesse o suprimento de sangue. —Espero que eu esteja.

—Você não poderia fazer o que uma pessoa normalmente faria e tirar férias. Não, você tinha que sair e comprar uma porra de uma ilha.

A corda em volta do meu dedo estalou. —Você me conhece, vá por tudo ou vá para casa.

Carson ficou em silêncio, me estudando. Meu amigo de mais de uma década descascou camada após camada enquanto olhava. —Como você pode sair de Nova York? É como outro membro. Está gravado em nossa medula neste momento.

Ele não estava errado. Nova York se tornou uma parte de mim ao longo dos anos. Desde a primeira vez, escapei dos subúrbios de Connecticut e percorri a cidade com amigos, deixando nossas etiquetas pintadas com spray em nosso rastro, tentando me tornar o próximo Banksy. A maioria ficou entediada com o hobby, como a maioria dos adolescentes. Mas eu fiquei obcecado. O desejo ardente de encontrar uma maneira de expressar tudo dentro de mim, a maneira como eu via o mundo. Isso tomou conta da minha vida.

Deixei Connecticut para sempre no momento em que pude. Abandonando os subúrbios pelo realismo bruto da cidade. Foi tudo o que eu sonhei por muito tempo. Todas as noites com amigos tão apaixonados por deixar sua marca no mundo através da arte quanto eu. Não é a arte que se esperava, também. Arte que não tinha barreiras e falava de questões reais.

Foi a maior excitação. Até que não foi.

Eu deixei o fio em minha mão cair no chão. —É hora de mudar.

—Percorrer o país não mudará o que aconteceu.

Eu apertava meu maxilar enquanto lutava para formar as palavras. —Eu sei que não vai. Eu só... me sinto preso. Claustrofóbico.

—Provavelmente porque você não saiu do seu apartamento em três meses, a não ser para falar com a polícia. — Carson balançou as pernas e se sentou de frente para mim. —Ouça. E realmente me ouça. Nada do que aconteceu foi sua culpa. Eu entendo que bagunçou sua cabeça. Não poderia ser de outra forma. Mas você não está se dando a chance de superar isso fechando-se completamente sozinho, a milhares de quilômetros de distância de seus amigos.

—Há uma zeladora.

—O que?

—Eu não estarei sozinho. Há uma zeladora na ilha. — Não tínhamos nos falado de fato, mas meu empresário se comunicou brevemente com

a mulher. Disse que estava tudo em ordem para a minha chegada. Mas, honestamente, eu não tinha certeza se conseguiria lidar com uma única alma no meu negócio.

—Sua ilha veio com uma pessoa?

Eu ri. —Não, ela trabalhou para os proprietários anteriores. Mas ela vai ficar com a casa, se chegarmos a um acordo.

—Jesus. Isso é algum tipo de merda de *Downton Abbey*[1].

—Isso faz você querer vir comigo, não é?

Carson apontou sua cerveja para mim. —Não comece. Você sabe que eu vou te dar uma bronca se você insultar *Downton.*

Eu levantei as duas mãos. —Eu não.

—Isso é melhor. — Ele ficou sério novamente. —Não é o suficiente. Uma pessoa aleatória. Estou preocupado que você se torne um daqueles eremitas acumuladores. Teremos que contratar uma equipe para uma intervenção.

—Eu juro solenemente não me tornar um acumulador.

Carson olhou para a porta do meu apartamento. —Não se Lara tiver algo a dizer sobre isso. Tenho certeza de que ela está planejando lançar todo o seu estúdio no ar por aquela sua pequena ilha.

Eu gemi, recostando-me na espreguiçadeira. —Eu nunca deveria ter deixado ela lidar com as malas.

—Você sabe que ela é como um cachorro com um osso. Recebe um pouco de poder, e ela não desiste por nada.

Era a descrição perfeita para uma mulher que parecia o oposto do que ela era. Pequena, delicada e impecavelmente vestida, você nunca esperava as maldições que escaparam de sua boca. Ou a maneira como

---

[1] *Downton Abbey* - *uma série de televisão britânica, do gênero drama histórico, ambientada no início do século 20*

ela repreendia qualquer um, se isso desse aos seus clientes o que eles e ela queriam.

Éramos amigos desde que cheguei a Nova York, aos dezoito anos. Ela correu com a minha turma louca, mas descobriu que tinha mais talento para lidar com o mundo da arte do que colocar tinta na tela. Agora, quase vinte anos depois, ela cuidava de praticamente tudo para mim.

—Ela espera que eu continue pintando.

—Não brinca, Sherlock. Você é quem mantém sua cobertura em Chelsea cheia de *Louboutins*.

Eu tomei outro gole da minha cerveja. —Ela encontrará outro pônei premiado. Será você se não tomar cuidado.

Carson estremeceu exageradamente. —Muito preocupado que ela vá me apunhalar enquanto eu durmo.

—Ou talvez vocês vão se odiar e finalmente parar de tornar minha vida miserável sempre que estiverem no mesmo cômodo.

Carson recostou-se na sala. —Essa ideia tem mérito.

Eu bufei. —Você resolveria todos os problemas que pudesse dormir com ela, desde que você fosse uma mulher.

—Tenho gostos amplos e variados tanto para mulheres quanto para arte. Então me processe.

—Não sei quão exigentes são esses gostos...

—Eu gosto da merda que você faz, então você está realmente se insultando.

—Ponto justo. — Fiquei quieto por um momento. —Vou sentir falta disso.

—Você soa como se estivesse indo para a guerra. Ninguém está fazendo você sair. Tenho certeza de que você poderia sair da compra.

—Eu preciso de uma mudança. — Mas foi mais do que isso. Eu precisava descobrir quem eu era de novo, o que eu realmente queria. E eu teria que fazer isso longe dos olhos curiosos de Nova York. Eu senti como se não pudesse me mover aqui. Não conseguia respirar. E cada passo que eu dava tinha o potencial de detonar outra bomba.

—Certo. Compre um lugar no interior do estado. Um para o qual posso dirigir em algumas horas. Você estará fora do ruído da cidade, mas não isolado de toda a sua vida.

Mas eu precisava dessa distância. Um rompimento limpo era a única maneira de realmente recomeçar. —Estou indo, Car.

—Puta que pariu. ok. Mas quando você estiver entediado para caralho em duas semanas, não venha chorar comigo.

—Eu prometo, não vou.

—Eu vou sentir sua falta também, seu idiota.

Eu sorrio. —Você virá me visitar em um mês, quando eu estiver instalado. Com sorte, estaremos construindo o estúdio até lá.

—Estou com ciúme do espaço que você terá.

O espaço em Nova York também pode ser feito de diamantes. E quando você trabalhava com arte em grande escala da maneira que Carson e eu trabalhamos, era uma mercadoria pela qual você derramava sangue. —Estou finalizando os projetos com o arquiteto agora. Tem sido um inferno escolher cada colocação.

—Vamos torcer para que o novo espaço traga inspiração.

Carson e eu começamos com a voz atrás de nós. Carson murmurou uma maldição. —Você perdeu a capacidade de tocar a campainha?

Lara ergueu um pedaço de metal brilhante. —Eu não tenho que bater. Eu tenho uma chave.

—Brody poderia estar transando com uma garota aqui.

Seu rosto se contorceu. —Ele não é você. Ele tem alguma decência.

Ele piscou para ela. —Vamos, Lara. Você sabe que mataria para caminhar por este lado selvagem.

Seu lábio se curvou. —Não se isso significasse que eu teria que ser vacinada depois.

Engasguei com minha cerveja e Carson me lançou um olhar furioso. —Não ria dos golpes dela.

Lara foi até uma cadeira, sentou-se graciosamente e colocou a bolsa sobre a mesa. —Ele tem bom gosto, o que posso dizer?

—Parece mais que você o treinou bem, — Carson murmurou.

Eu coloquei minha cerveja na mesa do outro lado. —Tudo bem, crianças. Não podemos apenas nos dar bem?

Carson fez um beicinho simulado. —Ela começou, pai.

—Nojento, — Lara reclamou. —Eu não serei sua parente. Nem mesmo em um cenário de faz de conta.

Suspirei, inclinando minha cabeça contra a espreguiçadeira. —Isso, eu não vou perder.

—Vou atacar Carson se você concordar em ficar em Nova York, — Lara ofereceu.

—Nenhum assassino vai me matar. Eu tenho habilidades ninja.

Lara revirou os olhos e voltou seu foco para mim. —A sério. Podemos cancelar a mudança.

—Eu parto amanhã.

Ela fez um som de *pssh.* —Se eu conseguir montar uma exposição na galeria em 48 horas, posso reverter a venda de seu apartamento e estúdio.

Esse tinha sido o refrão do mês anterior. A primeira vez que contei a ideia a Lara, ela quase perdeu o juízo. Ela me disse que eu arruinaria minha carreira, queimaria todos os meus contatos. Mas eu não tinha muita carreira na conjuntura atual. Tudo tinha sido reduzido a pedacinhos. Ou as pessoas que estavam interessadas em minha arte só a queriam por algum motivo perversamente mórbido.

Eu não desenhava, pintava ou fazia qualquer coisa no reino da arte há meses. E eu perdi isso como um membro fantasma. Essa parte de mim que havia parado em um violento desgarro. Mas toda vez que eu tentava colocar até mesmo um lápis no papel, eu travava, imagens de como minha arte havia se transformado em algo retorcido enchiam minha mente.

—Brody…

A voz de Lara me tirou da minha espiral. —Desculpe. O que?

Ela compartilhou um olhar com Carson. Esta era uma área em que eles estavam na mesma página. —Fique. Você precisa da sua família agora.

Eu balancei minha cabeça. —Eu Vou. — Eu deixei por isso mesmo. Eu tentei me explicar uma e outra vez. Nunca adiantou. Com qualquer um deles. Eu sentiria falta de Lara e de Car. Eu sentiria falta do barulho e dos cheiros da cidade. Os ritmos caóticos que vinham da vida que fluía por este lugar. Minha *delicatessen* favorita na esquina. O bar local que minha equipe e eu invadíamos todas as quintas-feiras.

Nova York era enorme. Mas também era uma cidade pequena. Minha cidade. E isso nunca deixaria de ser parte de mim - tanto quanto a pele que se esticava sobre meus ossos. Eu a carregaria sempre comigo. Era apenas tudo o mais que eu precisava me libertar. A escuridão que se infiltrou em minha vida quando um homem pegou minhas criações e as transformou em uma morte ambulante.

CAPÍTULO 3

Shay

Desci as escadas em direção à sala de estar e jantar aberta. Mais uma volta. Só para ter certeza de que tudo estava perfeito. A equipe de limpeza veio ontem, e eu estava perto o tempo todo que quase me estrangularam. Eu já tinha embalado e enviado todos os pertences pessoais dos Dowd para Seattle. Mas o novo proprietário estava mantendo os móveis da casa.

Brody James. O enigma de quem, com sorte, seria meu novo chefe. Limpei minhas mãos em meu jeans, mas minhas palmas simplesmente umedeceram novamente. Ele gostaria de mim. Não, ele pensaria que eu era a melhor zeladora que ele já encontrou.

Eu persegui sua assistente, Lara, por sua lista de suas comidas favoritas. As marcas de eletrodomésticos que ele preferia. Havia algo que ela pensava que ele precisava do continente que eu deveria pedir agora? A mulher provavelmente pensou que eu era uma louca.

Eu não estava louca. Eu estava determinada. Ficar. Meus dedos traçaram a cicatriz elevada na minha barriga através do algodão fino da minha camiseta. Hábito. Uma forma de me lembrar que nunca poderia ser muito cuidadosa. Muito estava em jogo.

Com isso em mente, meu olhar viajou pela cozinha. Fui até o balcão, ajustando o vaso de flores. Eu já tinha a cerveja favorita do Sr. James na geladeira. Junto com uma placa de charcutaria[2] artisticamente arrumada que só precisava ser desembrulhada e colocada.

Muitos pertences foram enviados antes. Mudei todas as caixas marcadas com roupas para o armário. Eu queria abri-los para ter uma

---

[2] *Charcutaria- a arte e os processos de preparar produtos feitos à base de carne ou de miúdos de porco.*

ideia do homem por meio de suas roupas, mas pensei melhor. Eu duvidava que ele estivesse preparado para o clima da ilha vindo de Nova York. Eu já tinha começado uma lista de coisas que ele provavelmente precisaria que eu pedisse. Uma capa de chuva resistente, botas de chuva.

Mas talvez sua falta de preparação significasse que ele não passaria muito tempo na propriedade. Olhei para fora da parede de janelas na parte de trás da casa e sabia que estava errada. Quatro grandes caixotes marcados com *estúdio* chegaram, junto com o resto dos pertences do Sr. James. Ninguém trazia tanta coisa se só planejava ficar durante os verões, um ou dois fins de semana longos ocasionais.

Meus lábios se pressionaram em uma linha firme enquanto saía da casa principal e seguia o caminho colina abaixo. Passei pela horta e pela estufa. O pequeno galinheiro que fornecia ovos frescos mais do que suficientes. Finalmente, cheguei à casa de hóspedes. Minha casa. Meu paraíso.

Abri a porta, inalando o cheiro calmante de lavanda da vela que queimei no início do dia. Uma pedra de toque. O terapeuta que eu consultei depois do meu ataque aconselhou que eu deveria incluir tantos deles em minha rotina diária quanto possível. Coisas que me lembravam que eu estava segura. Um perfume. Um som. Um sentimento.

Anos depois, mantive o hábito. Lavanda. O mar. Uma pedra lisa de praia. Essas coisas e minha música sempre me ajudaram a lutar contra as memórias.

Nos últimos três anos, lentamente fiz da pequena cabana minha casa. Cheguei aqui com praticamente nada. A colcha que minha mãe e minha tia fizeram para mim. Meu violino. O mínimo de roupas. Fotos que eu não suportava olhar. Mas pouco a pouco, eu me infundi no espaço. Uma pintura de um artista local. Uma bandeja antiga do *Second Chances*. Pilhas de partituras. Era meu agora, e eu não iria deixá-lo sem lutar.

Eu fui até a pequena mesa na sala de estar e relaxei na cadeira. Apertei algumas teclas no meu laptop e entrei. Felizmente, uma conexão com a Internet era uma coisa que os Dowds insistiram quando se mudaram. Todo o resto em Harbor era autossuficiente. Painéis solares e gerador. Um sistema de filtragem para remover o sal de nossa fonte de água. A estufa e as galinhas. Mas Paul Dowd insistiu na Internet via satélite para a propriedade.

Abri uma janela separada no meu laptop e entrei na minha rede privada virtual. Meu irmão sempre teve uma queda por computadores, e essa era uma camada extra de precaução. Porque com o *bom comportamento de* Michael, ele recebeu mais privilégios. E um deles era o acesso ao computador. Excluí todos os endereços de e-mail e contas de mídia social associados ao meu nome após a primeira mensagem que recebi dele. *Estou com saudades de você, menina. Venha visitar. Não terminamos nosso jogo.*

Estremeci e puxei minha lã mais apertada em torno de mim, fechando o zíper. Como se o calor do tecido pudesse afastar o frio das memórias. Eu entrei no meu site de mensagens e puxei as últimas novidades do meu tópico com Evergreen13.

Evergreen13: *Você espiou nas caixas? Eu teria. E se eles estiverem escondendo cadáveres?*

Eu bufei e digitei uma resposta.

Phoenix26: *As coisas estariam cheirando muito pior se houvesse cadáveres.*

Evergreen13: *Verdade. Você está bem? A que horas o Sr. Enigma chega?*

A tensão que transformou meus ombros em granito diminuiu um pouco. Não importa como eu me senta sozinha às vezes, eu sempre tive a E. Eu não sabia seu nome verdadeiro ou onde ela estava localizada,

mas ela era minha tábua de salvação desde que nos conhecemos em um tópico de mensagens sobre como viver sob o radar.

Eu estive à espreita no fórum por meses antes de finalmente comentar um post. Desde que eu aceitei o fato de que Michael fosse sair um dia. Eu tinha abandonado a ideia de programas de faculdade e conservatório e me concentrei em como permanecer viva.

E tinha sido uma dádiva de Deus naquela arena. Ela tinha muito mais conhecimento do que eu. Mais de quatro anos atrás, ela começou a me dar conselhos sobre um aplicativo de mensagens. Logo, uma amizade nasceu. Não sabíamos tudo uma sobre a outra, mas com as coisas que escaparam, eu tinha certeza que poderíamos ter descoberto a identidade uma da outra. Mas a promessa silenciosa entre nós era que não tentaríamos.

Phoenix26: *Estou bem. Também conhecida por estou ficando louca lentamente, tentando ter certeza de que tudo está perfeito para a chegada do Enigma. E ele chega aqui em... merda... quinze minutos. Eu preciso ir. Quero encontrá-lo no cais quando ele chegar.*

Evergreen13: *Você vai se dar bem e ele vai implorar para que você fique.*

Phoenix26: *Espero que você esteja certa. Vou enviar uma mensagem para você esta noite e dizer como foi. Até mais tarde, jacaré.*

Evergreen13: *Depois de um tempo, crocodilo.*

Eu me afastei da mesa e me levantei. Fazendo um pequeno desvio até o armário, examinei minha aparência. O que diabos você vestia para conhecer seu novo chefe quando seu trabalho incluía arrancar ervas daninhas e limpar cocô de galinha? No momento, eu estava usando meu jeans favorito - o tipo usado com tanta frequência que se moldava automaticamente ao seu corpo - uma camiseta de algodão de mangas compridas e uma jaqueta de lã. Minhas botas estavam gastas, mas não estavam caindo aos pedaços. E meu cabelo estava preso em uma

trança. Maquiagem havia se tornado uma coisa do passado há muito tempo. Honestamente, seria estranho colocá-la agora.

Eu encontrei meus olhos no espelho. As manchas douradas em meus olhos castanhos pareciam se destacar hoje, quase brilhando contra o verde. —Você consegue fazer isso. Profissional. Composta. Tratando cada detalhe.

Com uma última promessa silenciosa para mim, me afastei do meu reflexo e saí da minha casa de hóspedes em direção ao cais. O cheiro do sal no ar e o som da água não ajudaram em nada a acalmar meus nervos. A ansiedade tomou conta e se recusou a liberar.

Um velho mantra se enraizou em meu cérebro. *Sinta o medo e faça isso de qualquer jeito.* Eu tinha visto em um daqueles gráficos de citações artísticas. Não tenho ideia de quem disse isso. Mas ficou comigo durante toda a minha recuperação e depois dela. Não conseguia mudar se estava ou não assustada ou ansiosa, mas podia seguir em frente.

Pulei sobre uma raiz no caminho e continuei. Em alguns minutos, eu estava atravessando a doca. Ignorei o banco do meio e optei por andar. O movimento foi pelo menos uma válvula de escape para a energia que minha ansiedade criou.

Enquanto eu caminhava para frente e para trás, mantive meus olhos treinados na água. Não demorou muito para que uma lancha de tamanho médio se afastasse da hidrovia principal e se dirigisse em minha direção. Eu engoli contra a secura na minha garganta.

O táxi aquático particular parou na doca e ajudei o motorista a amarrar rapidamente e depois peguei a única mala de bagagem que ele ergueu na lateral do barco. —É isso. — Ele se virou para o homem que estava se levantando de onde estava sentado no assento do copiloto. — Aproveite a sua nova casa.

—Obrigado. Acho que vou.

A voz me congelou no meio do caminho. Era profunda e mais jovem do que eu esperava. Eu imaginei um homem na casa dos cinquenta ou sessenta anos, alguém entrando na aposentadoria e procurando uma nova aventura. *Estúpida, estúpida, estúpida.* Eu nem tinha tido tempo para fazer uma pesquisa na Internet sobre meu novo chefe. Eu estava muito focada em colocar a propriedade em forma e funcionando impecavelmente antes de sua chegada.

Agora, eu estava boquiaberta com o homem que subiu a lateral do barco. Enquanto ele se movia em minha direção, observei sua altura e ombros largos, a barba por fazer cobrindo seu queixo angular. Mas foram seus olhos que me mantiveram cativa. Escuros e assustadores como se eles tivessem segredos que eu queria desesperadamente descobrir.

Sua boca se moveu sua cara em uma carranca. —Você é Shay?

Eu me dei um chute mental rápido e endireitei minha espinha. — Sim senhor. Bem-vindo a Harbor Island.

—Quantos anos você tem?

Eu mal pude ouvir a pergunta sobre o barco ganhando vida e se afastando do cais. —Quantos anos eu tenho?

Sua carranca se aprofundou. —Sim. Parece que você não tem idade para comprar cerveja.

Minhas bochechas esquentaram. —Tenho vinte e três anos. E eu tenho sua cerveja favorita na geladeira, junto com uma amostra de cervejas locais.

Seu olhar percorreu meu rosto como se ele pensasse que eu poderia estar mentindo. Não é um bom começo. Eu limpei minha garganta. — Garanto que sou uma profissional completa. Trabalho para os Dowds há mais de três anos e sou boa no que faço. Se me der uma chance, Sr. James, prometo que não ficará desapontado.

As linhas que delimitavam sua boca suavizaram o mínimo. — Porra. Eu não vou despedir você. Isso me pegou de surpresa, só isso. Eu estava esperando alguém na casa dos cinquenta anos ou algo assim.

Eu balancei a cabeça, minha mão com um agarre mortal em sua mala afrouxando uma fração. Eu certamente não esperava um homem que parecia estar em seus trinta e poucos anos. —Obrigada. Porque eu realmente amo meu trabalho.

O Sr. James fez menção de tirar a mala da minha mão. —O que uma zeladora de uma ilha faz, afinal?

—Eu cuido disso, senhor.

Ele fez uma careta. —Me chame de Brody. E posso carregar minha própria mala.

Eu relutante entreguei. —Tudo bem. Bem, eu providencio para que a equipe de limpeza venha sempre que necessário. Coordenar a manutenção dos edifícios. Eu cuido do terreno - cortar a grama, cuido da horta e da estufa, cuido das galinhas e compro mantimentos e tudo que necessitamos pego em Anchor. Cuidei dos filhos dos Dowd quando o casal precisava. Eu sou praticamente um pau para toda obra. Se você precisar de algo, vou descobrir uma maneira de fazer acontecer.

Seus lábios se contraíram enquanto ele gesticulava para que eu mostrasse o caminho para fora do cais. —Isso pode ser útil. Parece que você está muito ocupada.

—Eu estou, senhor - quero dizer, Brody. — Eu engoli de volta uma maldição. Não pude evitar o desejo de usar um título mais formal. Para criar alguma distância entre nós de alguma forma e garantir que as coisas permanecessem totalmente profissionais.

—Você gosta de viver nesta ilha sozinha? Você não se sente sozinha? Pelo que entendi, os Dowds não estavam muito aqui.

A solidão apareceu mais do que eu queria admitir. Mas nenhuma quantidade de solidão poderia me fazer desistir de minha segurança. Eu

não poderia dizer a ele nada disso, no entanto. —Eu amo isto aqui. A paz. A tranquilidade. É meu lugar favorito no mundo.

—Espero sentir o mesmo em relação a isso.

Eu podia sentir o olhar de Brody nas minhas costas enquanto eu subia, quase ouvi sua mente fazendo um milhão de perguntas silenciosas. —Eu espero que você também. — Talvez se ele tivesse realmente visitado o porto antes de gastar perto de dez milhões de dólares nele, ele teria sido mais certo.

—Este caminho percorre todo o exterior da ilha e tem vários ramos que conduzem à casa principal. Se você tiver algum item grande entregue, temos um sistema de roldana que podemos configurar para trazê-lo para casa.

—Isso é bom. Você sabe como funciona o sistema de energia solar? Nunca usei um antes.

Eu mantive meu olhar focado no caminho à minha frente, com medo se eu olhasse para Brody, eu tropeçaria em meus pés. —Eu sei. Posso fazer pequenos reparos nisso e no gerador. As equipes de manutenção têm sido boas em me ensinar sempre que aparecem.

Brody fez um zumbido no fundo da garganta. Quando chegamos ao topo da colina e os prédios surgiram, ele respirou fundo. —É lindo.

Mais tensão deixou meus músculos. Talvez tudo ficasse bem. Brody ficaria feliz aqui. Eu teria certeza que ele estava. Ele não iria me despedir. E quando Michael fosse solto, eu estaria segura. Cercado pelo que o apavorava mais do que qualquer outro: a água.

CAPÍTULO 4

Brody

Isso foi um desastre. Observei enquanto Shay se movia sem problemas pela cozinha, puxando uma bandeja do que parecia ser lanches habilmente preparados. Descobrindo-o, ela o colocou no balcão. —Gostaria de uma cerveja? Ou um refrigerante? Água?

Eu olhei para o outro lado para não ver as curvas de seu corpo – a curva da sua cintura e o alargamento de seus quadris. Mesmo vestido com jeans e lã, eu poderia traçar os picos e vales com meus olhos - do jeito que eu queria com meu lápis contra papel. —Água seria ótimo. Obrigado.

Porque eu precisava manter a cabeça limpa. Manter todas as minhas faculdades em alerta máximo. Por que ela tinha que ser linda de parar o coração? *E jovem,* eu me lembrei. Mais de uma década nos separa e, ainda assim, não conseguia parar de olhar. A maneira como ela se movia, com uma mistura de graça e eficiência, me cativou. Como se houvesse alguma música que só ela pudesse ouvir, um ritmo abafado que ela seguia.

Shay despejou água em um copo e me entregou. —Deixei algumas refeições na geladeira e no freezer para você. Elas estão marcadas com instruções sobre como aquecer. Perguntei a sua assistente o que você geralmente prefere, mas ela não tinha muitas informações.

—Lara é mais uma gerente, e ela normalmente não é responsável por me manter alimentado.

—Mesmo?

Eu queria rir, mas me contive. —Eu morava em Nova York. Toda a comida que você poderia querer está ao seu alcance.

Uma expressão melancólica passou pelas feições de Shay tão rapidamente que pensei ter imaginado. —Isso faz sentido.

—Você já esteve lá?

—Onde?

—Nova York.

Sua exuberante boca se estreitou. —Uma vez, muito tempo atrás. Você terá muito mais dificuldade com comida aqui. Você sempre pode levar o barco para Anchor ou Shelter se quiser comer fora.

Eu tracei um desenho na condensação em meu copo. Shay claramente não era de compartilhar abertamente. Talvez fosse um mecanismo que ela criou para criar distância de seu empregador anterior. Faz sentido. Se você morasse nos mesmos trinta acres que seu chefe, uma linha tinha que ser desenhada na areia em algum lugar. O problema era que, quanto mais ela se negava, mais minha curiosidade era aguçada.

—Suponho que vou ter que aprender a cozinhar. Acho que já domino queijo grelhado. Isso deve me segurar.

Shay cruzou as mãos à sua frente como se ela fosse um mordomo esperando para ser chamado para o serviço. —Estou feliz em preparar uma refeição para você. Apenas me diga do que você gosta e não gosta, e quando estiver ficando sem coisas na geladeira. Não sou um chef gourmet de forma alguma, mas você não vai morrer de fome.

Havia uma falta de emoção em seu tom que não parecia autêntico, um profissionalismo frio. Uma tela começou a tomar forma em minha mente. Suas linhas e curvas se estendiam por ele. Uma névoa azul esfumaçada vazando de sua boca. Mas escondida sob o disfarce da névoa: a verdade. Um tom azul tão quente que deixaria queimaduras para sempre gravadas na pele.

—Brody? Você está bem?

A frieza havia fugido do tom de Shay, substituída por preocupação. Eu balancei minha cabeça. —Desculpe. Apenas cansado da viagem. Algumas refeições básicas seriam ótimas. Garantiremos que as responsabilidades adicionais sejam refletidas em seu salário.

—Eu sou bem paga. E estou feliz em fazer o que você precisar.

O que eu precisasse. Essa foi uma proposta perigosa. —Bem, podemos revisitá-lo em uma data posterior. Assim que descobrirmos qual é a sua função aqui.

Ela me deu um aceno de cabeça. —Vou deixar você descansar e se instalar. Podemos conversar mais amanhã sobre o que você vai precisar na propriedade.

Antes que eu pudesse agradecer a Shay, ela saiu pela porta da frente e desceu por um caminho - um que criaria aquela distância que ela parecia gostar tanto.

* * *

Estendi a mão para apertar a do empreiteiro. —Muito obrigado por estar disposto a começar tão rapidamente.

Hunter agarrou minha mão com firmeza e depois a soltou, com um sorriso fácil no rosto. Ele foi altamente recomendado pelo meu arquiteto e parecia estar ciente de tudo que eu precisava para construir nesta ilha. Ele parecia um pouco jovem, mas o site de sua empresa dizia que eles estavam no mercado há mais de oito anos e tinham as referências para provar isso. —Sem problemas. Sua ligação veio no momento perfeito. Acabei de perder um emprego.

—A perda deles é meu ganho. — Fiz sinal para ele me seguir pela mesma trilha que Shay me levou ontem. Foi um milagre eu não ter tropeçado e caído de cara no chão. Eu dormi como uma merda na noite anterior. Tudo estava muito... quieto. Eu preciso conseguir uma máquina de som. Algo que fazia barulho na cidade.

—Vai ser difícil conseguir suprimentos até este declive, — Hunter murmurou.

—Minha zeladora mencionou que há algum tipo de sistema de roldana para suprimentos mais pesados.

—Fico feliz em ouvir isso. Nem todas essas ilhas os têm. Alguns anos atrás, minha equipe construiu uma casa em um local onde tivemos que carregar tudo por 400 metros... nunca mais.

Eu rio. —Não há dinheiro suficiente no mundo.

—Sem brincadeiras.

Parei no local onde as árvores diminuíam e dava para ver o resto dos prédios. —Acredito que o arquiteto estava pensando bem ali. — Eu gesticulei.

Hunter tirou um *tablet* de um pequeno pacote. —Eu tenho os planos aqui. — Com alguns toques, estávamos vendo desenhos que faziam pouco sentido para mim, mas pareciam ser uma linguagem em que Hunter era fluente. Ele avançou, caminhando pelo que provavelmente seria a fundação do edifício. —O posicionamento é ideal. Se colocarmos todas as janelas que você deseja, você terá uma visão perfeita da água por entre as árvores. Mas estamos baixos o suficiente para não afetar as linhas de visão de quaisquer outros edifícios na propriedade. Teremos que construir na inclinação, mas acho que vai valer a pena.

—Quanto tempo você acha? — Eu já estava ansioso para trabalhar. Foi um sentimento estranho depois de me sentir bloqueado por tanto tempo. Mas tudo que eu conseguia pensar depois de ontem à noite era colocar aquela imagem na minha cabeça na tela. Ou talvez troncos. Adorei trabalhar em diferentes meios, mas não tinha trabalhado muito em superfícies naturais intocadas. A ideia tinha potencial.

Hunter sorriu. —Uma das duas perguntas que mais odeio responder.

—Qual é o outra?

—Quanto isso vai custar?

Eu balancei minha cabeça. —Eu já sei que vai ser brutal.

Ele encolheu os ombros. —Construir em ilhas nunca é barato. Mas eu tenho toda a minha equipe nisso, então, se não tivermos nenhum problema, acho que quatro meses.

Não foi horrível, mas ainda era muito longo. Eu teria que montar um estúdio improvisado em um dos quartos extras, colocar panos no chão torcer para não sujar as paredes de tinta. —Quatro meses é factível.

—Fico feliz em ouvir isso. Podemos começar em dois dias, se funcionar para você.

—Sim... — Eu parei por um momento, tentando descobrir como dizer o que eu precisava sem irritar o cara. Fui de cara com uma honestidade. —A privacidade é importante. Eu passei por algumas coisas em Nova York. Recebi atenção da imprensa de que não gostei muito. Já está quase tudo calmo, mas...

—Vou ter uma palavra com os meus rapazes. Já trabalhamos para clientes importantes antes. Eles sabem o que fazer. Eu tenho uma política de um ataque e já a apliquei antes. Você não terá nenhum problema.

O meu rosto relaxou. —Eu agradeço. Não estou tentando ser um idiota. Eu só - este é um novo começo para mim, e eu não quero que isso seja arruinado antes mesmo de começar. — O fato de sentir o impulso de criar novamente me disse que estava no lugar certo. E eu realmente não queria perder.

O olhar de Hunter se moveu por cima do meu ombro e um sorriso se estendeu por seu rosto. —Ei, Shay. É esta a ilha da qual você está encarregada?

Virei para vê-la andando em nossa direção, com o cabelo penteado para trás e as bochechas rosadas com o vento e o ar frio. Enquanto meu olhar viajava por seu corpo, eu engoli. Duro. Ela claramente veio de um

treino. Suas pernas estavam envoltas em shorts de lycra, e seu torso em um top justo. Comecei a recitar as estatísticas na minha cabeça.

—Oi, Hunter. Sim. Este é o lugar. — Sua expressão adquiriu uma qualidade cautelosa. —O que você está fazendo aqui?

Hunter sorriu para ela que dizia que ficaria mais do que interessado se ela retribuísse. —Eu estarei por aí pelos próximos quatro meses. Estamos construindo um estúdio para seu chefe.

Sua cabeça girou em minha direção. —Você está construindo algo?

Eu me senti como se tivesse acabado de ser pego com a mão no pote de biscoitos. Mas esta era a minha maldita ilha. —Eu preciso de sua permissão?

Seu rosto ficou vermelho e eu imediatamente me senti como um idiota. —Não. Claro que não. — Shay se apressou. —Só estou surpresa, só isso.

—Eu preciso de um lugar para trabalhar.

Eu podia ver os pensamentos voando por sua cabeça a um milhão de milhas por hora. Seu olhar se desviou para Hunter e depois de volta para mim. —Então, acho que vai ficar bem movimentado por aqui por um tempo.

—Minha equipe é bastante pequena, e faremos o nosso melhor para ficar fora do seu caminho, — Hunter ofereceu.

Fazia sentido que Shay estivesse aborrecida. Eu estava interrompendo o que ela disse que mais amava na ilha: paz e sossego. Eu dei um passo para mais perto dela. —Eles não trabalharão nos fins de semana, então você terá sua dose de sossego.

Ela se assustou um pouco, como se eu me lembrasse de algo que ela me disse. —Não se preocupe comigo. É sua ilha. Apenas me avise se eu precisar preparar algo para o início da construção.

—Tudo o que precisamos é que você me mostre o sistema de roldanas, — disse Hunter. —Minha equipe pode cobrir o resto.

Shay apontou para uma das dependências quase invisíveis de onde estávamos. —Está no galpão de armazenamento. Posso configurar se você me avisar quando estiver começando.

Hunter balançou a cabeça. — Pode deixar conosco. Obrigado, Shay.

—Bem, estou prestes a ir para Anchor para pegar a correspondência. Você precisa de alguma coisa, Brody?

—Não. Eu acho que estou bem. Obrigado.

—Eu tenho meu telefone se você mudar de ideia. Você deve conseguir enviar uma mensagem de texto se estiver conectado ao Wi-Fi. — Ela acenou e desceu o caminho antes que eu pudesse pronunciar outra palavra.

Hunter tentou esconder sua risada com uma tosse. —Ela é alguma coisa.

—Eu ainda não a entendi direito.

—Buddy, ninguém entende. Shay não é hostil, mas também não gosta de conversas.

—O que você quer dizer? — Eu perguntei.

—Ela simplesmente fecha ou foge. Pelo que eu posso dizer, ela não tem amigos. Nem namorado, nem marido. Deve ser solitária. Ela mora aqui sozinha há anos. Mas parece que é assim que ela quer que seja.

Algo sobre esse conhecimento queimou em meu peito. Como Shay estava isolada. A maneira como ela olhou para mim quando descobriu que pessoas estariam invadindo sua ilha. Era quase como se eu a tivesse traído. E por que me importava tanto que ela tivesse me olhado com aqueles olhos feridos?

Eu esperava que fosse apenas porque estava intrigada. As pessoas sempre foram enigmas intrincados e interessantes para mim. O tipo de projeto que criei exigia que eu estudasse os humanos e todas as coisas que eles escondiam sob seus exteriores cuidadosamente elaborados. Shay era simplesmente mais atraente do que a maioria. Mas se eu cavasse fundo, sabia que era mentira.

CAPÍTULO 5

Shay

Concentrei-me em minha respiração enquanto descia o caminho e para o cais. Eu combinei minha respiração com o fluxo e refluxo suave da água enquanto preparava o barco. Mantive a contagem enquanto ligava o motor e me dirigia para Anchor. Eu deixei o spray de água em volta de mim acalmar meus nervos.

Tudo estava mudando. Meu refúgio tranquilo foi invadido. E o homem bonito agora em meu espaço me deixou fora de forma. Eu relaxei no acelerador, guiando o barco para um dos pontos ao longo do cais. Tudo ficaria bem. Portanto, uma equipe de construção estaria por perto durante todo o inverno. Eu poderia lidar com isso. Eu simplesmente tinha que continuar sendo esquecida. Isso era bastante fácil.

Mas eu não podia negar o anelo apertando o meu peito. Para amizade. Comunidade. Eu perdi isso. A facilidade simples de jantar ou tomar um café com alguém que o conhece. Nem mesmo necessariamente em um nível profundo. Apenas alguém com quem você poderia conversar sobre o seu dia. O livro que você estava lendo, o filme que assistiu na noite anterior. Alguém que fazia você não se sentir sozinha.

Eu considerei fazer um desvio para o *The General Store* para ver se Caelyn estava lá. Falar com ela sempre aliviou um pouco essa dor. Em vez disso, me forcei a ir para a rua principal da cidade.

Os prédios que estavam na via pública eram uma mistura de artesãos, vitorianos e tijolos antigos. Eles deram personalidade à comunidade e abrigaram quase tudo que eu poderia precisar. Passei pelo bar e restaurante *The Catch, The Mad Baker* e por uma loja de artigos de decoração chamada *Second Chances*, que sempre me fazia babar quando entrava.

Continuei até chegar ao meu destino. *El Exchange* tinha caixas de correio e uma pequena loja para cópias e suprimentos de remessa, além de muitos cartões-postais para turistas. Eu mantive duas caixas aqui. Um para Harbor e outro para mim. Minha caixa pessoal estava no final de uma fila de caixas de correio semelhantes. Minha correspondência foi enviada para St. Louis e, em seguida, para Charlotte antes de finalmente chegar em Anchor.

Tudo na minha vida era uma série desses tipos de proteção. Camadas que coloquei no lugar para disfarçar onde eu realmente estava. Eu esperava que, quando a Instituição liberasse Michael, ele nunca soubesse que eu estava a poucas horas de distância. Se ele procurasse a trilha que eu deixei, ele encontraria uma conta bancária e caixa de correio em Charlotte. Mas eu fiquei em Washington. Um estado que não me obrigou a pagar imposto de renda. Um estado que me ajudou a esconder um pouco melhor.

Tirei minhas chaves do bolso e destranquei a caixa Harbor. O correio estava encaminhando a correspondência dos Dowds para Seattle, mas já havia algumas peças para Brody. Coloquei-os debaixo do braço e fui para minha caixa pessoal. Uma série de itens estava dentro. Quando peguei um catálogo de violino e um panfleto, a borda de um envelope chamou minha atenção.

Centro de Tratamento Juvenil de Everest. As pontas dos meus dedos começaram a formigar enquanto eu olhava para o envelope. A sensação cresceu, viajando para minhas mãos enquanto as palavras no papel começaram a se confundir. *Respira.* Eu respirei entrecortado. Eu precisava de uma pedra de toque. Procurei a pedra que geralmente mantenho no bolso, mas ela não estava lá. Eu não tinha lavanda. E eu não conseguia ouvir a água.

Trêmula, fechei a caixa de correio e saí do Exchange. Concentrei em meus passos, colocando um pé na frente do outro até chegar à praia. Sentei na costa rochosa, mal registrando o choque nas minhas

costas. Fiquei olhando para a água enquanto ela entrava e saía. Ouvindo o som de seu poder. Uma força que me mantinha segura.

Eu olhei para o envelope em minhas mãos, o topo da minha pilha de correspondência. Enfiei um dedo sob a aba antes de perder a coragem e rasgar o papel. Desdobrei o pedaço de papel barato.

Prezada Sra. McCabe,

Esta carta é para informá-la de que Michael McCabe será liberado da custódia em 21 de janeiro st. Ele permanecerá em liberdade condicional até que a totalidade de sua sentença de vinte anos tenha passado. Se você tiver alguma dúvida ou preocupação, entre em contato com o diretor do programa ou com o Conselho de Liberdade Condicional do Estado de Washington.

Não havia assinatura no final da carta, apenas o nome do estabelecimento. Eu corri meu olhar sobre a carta novamente como se eu pudesse mudar sua mensagem se eu olhasse com força o suficiente. Eu apertei meus olhos, fechando-os.

A guerra familiar se enraizou em meu peito. Culpa e medo. Raiva e saudade. Eu não desejaria a ninguém a necessidade de temer, até o fundo de seus ossos, a pessoa que você mais ama. Minha mente não pôde evitar viajar de volta às memórias que eu mais prezava sobre meu irmão mais novo. Ficar acordada depois da hora de dormir para assistir ao nosso filme favorito. Decorar biscoitos com a mamãe para o Natal. Colher maçãs em um pomar uma hora fora da cidade.

Mas quase toda boa memória estava tingida de escuridão. Michael quebrou meu DVD favorito porque queria assistir o dele. Jogando meus biscoitos no lixo depois que papai elogiou minha decoração. Empurrando-me de uma escada no pomar sem motivo aparente.

Aos três anos, meus pais perceberam que algo estava errado com seu filho. Mas demorou muito para chegar a um acordo com o que

poderia ser. Aos sete, ele foi hospitalizado três vezes. Por volta dos nove, estávamos todos com medo do garotinho loiro que morava no final do corredor. E quando ele fez onze anos, era tarde demais para qualquer um de nós.

Um transtorno de conduta com traços insensíveis e sem emoção. Foi com isso que os psiquiatras finalmente o diagnosticaram. Porque nenhum profissional de saúde mental quis usar o termo reconhecido por tantos. Psicopata.

Ninguém diz como é difícil. Como isso vai te separar de dentro para fora. Amando um psicopata. Você não pode desligar o conhecimento profundo de que a pessoa é sua família. Estava no meu DNA me preocupar com Michael. E mesmo depois de tudo o que aconteceu, eu ainda não conseguia desligar. Muitas vezes desejei que fosse possível. Que eu poderia matar a parte de mim que o amava. Mas nunca tive muita sorte.

Meu coração sangrou e quebrou por Michael. Foi uma sentença de morte para uma criança. Não porque o diagnóstico o mataria, mas porque havia tão poucas opções de tratamento por aí. E muitas vezes, os que existiam eram encontrados tarde demais. Eles tinham sido pelo meu irmão.

Tentei não me deixar sentir raiva por tudo isso. Afundar na frustração com meus pais por não fazerem mais. Para desaparecer na raiva que sentia por causa de tudo o que meu irmão tinha roubado de mim. Recusei-me a morar lá, com medo de que isso me tornasse muito parecida com ele.

O centro de tratamento para o qual ele foi transferido não muito depois de sua condenação prometeu reabilitação para crianças e adolescentes com o diagnóstico de Michael. Pela primeira vez em anos, tive esperança. Pensei que talvez não perdesse a última pessoa que me restava. O centro teve um grande sucesso maravilhoso. Mas Michael não seria uma história de triunfo.

A equipe do centro de tratamento estava esperançosa, claramente atraída por qualquer show que Michael apresentasse. O promotor público ou o conselho da liberdade condicional estavam prontos para lhe dar outra chance. A única pessoa que parecia saber que eu poderia estar certa era a tia com quem morei depois que meus pais se foram. Ela queria que eu tomasse todas as precauções necessárias.

Às vezes, duvidei de mim mesma. Eu me sentei em frente a Michael na sala de visitantes às vezes e pensei ter visto uma mudança em meu irmão. A Cura. Mas então eu teria um vislumbre de quem eu sabia que ele sempre seria. Alguém que sente alegria com a dor. Alguém cuja moeda eram minhas lágrimas. Alguém cuja emoção veio do meu rompimento.

Voltei meu olhar para a água. Michael não conseguia mudar. Era assim que seu cérebro estava conectado. Por alguma sorte de DNA e neurônios, eu poderia ter empatia, cuidar... *sentir*. Meu irmão nunca seria capaz de fazer isso. Minha única esperança era que ele violasse a liberdade condicional e rapidamente. E que a ruptura não aconteceria às custas da vida de alguém - ou da minha.

CAPÍTULO 6

Brody

Deixei cair a lata de tinta spray no chão. Não estava certo. De alguma forma, eu perdi a capacidade de traduzir as coisas em minha cabeça para a tela. Se a perda foi por causa da dúvida ou do medo, eu não sabia. E realmente não importava. A única coisa que importava era se eu conseguiria recuperá-lo. Até agora, esse esforço não parecia promissor.

Meu olhar viajou ao redor da varanda que eu tinha transformado em um estúdio temporário. Havia pelo menos uma dúzia de telas em vários estágios iniciais. Até mesmo algumas peças começaram com sucata ou madeira. Nada que tivesse alguma esperança de se transformar em algo que valesse a pena.

Tirei minhas luvas e passei a mão pelo cabelo. Tive o desejo repentino de jogar tudo em uma pilha no quintal e acender uma fogueira. Pelo menos então, eu poderia assar *marshmallows*.

Uma notificação vibrou no meu laptop e eu fui até minha mesa improvisada. Suspirei, mas aceitei a chamada de vídeo. Eu ignorei pelo menos uma dúzia de mensagens de texto e ligações. Se eu continuasse assim, ela apareceria na minha porta. —Ei, Lara.

Seu rosto apareceu na tela, maquiagem impecavelmente feita, cabelo preto em uma espécie de penteado. —Brody, que diabos? Estou ligando há dias.

—Desculpe. Eu estive ocupado. Desempacotar e tudo isso.

Ela percebeu o espaço atrás de mim e sua expressão ficou animada. —Você está trabalhando. Isso é maravilhoso. Eu sabia que você iria recebê-lo de volta. Deixe-me ver.

Eu fiz uma careta. —Agora não.

Seus lábios se estreitaram. —Você ainda está bloqueado.

Não era uma pergunta, mas de alguma forma me senti colocado no lugar certo. Pressionado a dizer algo que acalmasse a amiga antes que eu, que se transformou em uma espécie de chefe ao longo do caminho. — Eu ainda estou me estabelecendo.

Lara suspirou. —Eu sabia que isso era um erro. Acho que você deveria voltar para Nova York. Encontrei um terapeuta especializado nesse tipo de coisa. Ele geralmente trabalha com atletas sob uma quantidade enorme de pressão, mas eu contei a ele sobre sua situação—

—Que diabos? Você não espalha meus negócios por aí. Essa é a regra número um. — Ao longo dos últimos dois anos, comecei a me perguntar quem era realmente Lara.

A expressão dela endureceu. —Eu não compartilhei nada que não fosse de conhecimento público.

—Eu não me importo. Olha, você precisa parar. Eu preciso de um tempo. Não estou planejando aparecer tão cedo. Talvez nunca. Concentre-se em outros clientes. Eu avisarei você se alguma coisa mudar.

A raiva iluminou suas feições. —Brody

Cheguei ao fim antes que ela pudesse dizer qualquer outra coisa. Um momento depois, meu computador tocou novamente. —O que? — Eu respondi.

O rosto de Carson encheu a tela. —Nossa, quem te deu más notícias?

Eu soltei um longo suspiro. —Quem você acha?

Ele fez um som de cacarejo enquanto tirava um cigarro do maço. — Eu disse que você deveria tê-la despedido anos atrás. Você sabe que ela tem que ser aquela que entregou você para a mídia.

Peguei um lápis da minha mesa e girei entre os dedos. Sempre pensei que Carson estava sendo dramático com suas acusações, mas estava começando a me perguntar se elas tinham mérito. Por anos, eu me orgulhei de manter meu anonimato. Muitos artistas de rua fizeram. Quando havia uma chance de você ser preso por sua arte, era melhor que ninguém soubesse seu rosto ou nome. Mas de alguma forma, alguns anos atrás, eu fui exposto. Pode ter sido qualquer número de pessoas, mas Lara era certamente uma das suspeitas.

Recostei-me na cadeira. —Ela é uma das minhas amigas mais antigas. E, honestamente, o que ela teria a ganhar?

—Ela queria que você fosse a público. Publicações de revistas. Entrevistas. Inaugurações de galerias.

Eu bufei. —Bem, isso não funcionou muito bem para ela porque eu nunca dou entrevistas e raramente vou a inaugurações. Até mesmo a minha.

Carson soltou uma nuvem de fumaça. —Isso não significa que ela nunca para de tentar.

Fiquei quieto por um momento. —Eu disse a ela que talvez não apareça de novo.

—Eu sabia que sua cabeça estava péssima, mas seu trabalho é sua vida.

Isso tinha acontecido desde aquela primeira viagem fatídica a Nova York, quando eu mal tinha quatorze anos. Mas eu me perdi em algum lugar ao longo do caminho. —Eu tenho que encontrar uma maneira de torná-lo meu novamente. Não é apenas o que aconteceu no ano passado. Foi muito antes disso. No minuto em que meu rosto apareceu, as coisas mudaram. Eu perdi um pouco da... pureza. A coragem. Eu joguei pelo seguro.

Carson me estudou através da tela como se estivesse tentando encontrar as palavras certas. Aquelas que me ajudariam a sair dessa

bizarra crise de identidade. —Brody. Acho que você está sendo muito duro consigo mesmo. Suas peças sempre foram das mais autênticas que já vi. E o mais assustador. Eu não sei se é possível para você reprimir tudo isso. Mas se você fez recentemente, é compreensível. Você vai voltar lá.

Deixei meu foco vagar para as telas e vários meios espalhados pela sala. A escuridão sempre me puxou. Como todas as coisas que as pessoas escondem sob a superfície. Como seriam se pudéssemos ver as partes delas que disfarçaram por serem muito feias ou assustadoras de encarar.

Mas alguém pegou essa arte e a perverteu. Transformou em algo que nunca deveria ser. Isso tinha bagunçado minha cabeça. E não apenas que eu estava com medo de lançar isso no mundo mais. Uma parte de mim se preocupava com o que dizia sobre mim que minha alma criativa chamou um assassino.

—Brody.

Carson chamou minha atenção de volta para a tela. Pisquei algumas vezes, limpando minha visão. —Desculpe. Perdido nas ervas daninhas por um minuto.

Carson descansou o cigarro em um cinzeiro que ele soldou com peças avulsas. —Você quer que eu vá aí? Talvez possamos trabalhar em um projeto juntos.

—Cara, você é um escultor. Eu trabalho com tinta spray.

—Você poderia pintar uma escultura que eu faço. Teremos a visão juntos.

—E como diabos você vai trazer equipamentos de soldagem e um monte de metal para a minha casa? — Ele estava tentando. E isso significou algo para mim - seu apoio e dedicação para garantir que eu colocasse minha cabeça no jogo.

—Eu poderia descobrir uma maneira.

Recostei-me na cadeira. —Tenho certeza que você poderia. E eu agradeço, cara. Eu realmente quero. Mas eu preciso encontrar meu próprio equilíbrio. Eu vou chegar lá eventualmente. Eu só preciso fazer isso sem Lara ou qualquer outra pessoa no mundo da arte respirando no meu pescoço.

—Justo. Apenas me prometa uma coisa.

—O que é?

Carson se inclinou em direção à câmera até que seu rosto fosse um close-up. —Não jogue a toalha.

A bílis subiu pela minha garganta. Porque eu havia considerado exatamente isso. Mais de uma vez. A primeira vez que um detetive apareceu na minha porta para me questionar. Para me mostrar as semelhanças entre uma de minhas peças e o corpo mutilado de uma vítima de assassinato. Mesmo depois que eles pegaram o homem que estava fazendo tudo, eu continuei morrendo um pouco mais a cada dia do julgamento. Toda vez que um repórter ligava. Mas eu não podia deixar Josiah Mosely vencer. Eu não podia deixar a dúvida que surgia com cada manchete questionando meus motivos para fazer um trabalho tão sombrio tomar conta da minha vida. Eu tive que continuar pressionando.

—Eu não estou jogando a toalha.

—Bom. Agora dê um passeio ou algo assim. Respire aquele ar fresco sobre o qual você parecia tão inflexível. E então volte a trabalhar.

Eu rio. —Você é minha nova Lara?

Ele fez uma careta para mim. —Isso foi desnecessário.

—Se a carapuça servir…

—Estou desligando agora.

Meu dedo pairou sobre o final da tela. —Obrigado, Car.

—Sempre feliz em tirar sua cabeça da bunda.

Ele desligou antes que eu tivesse a chance de responder. Mas quando me coloquei de pé e me afastei da minha mesa, eu tinha um pequeno sorriso no meu rosto. Bons amigos sempre sabiam quais botões apertar.

Fui para a porta da frente, parando para pegar uma jaqueta. O tempo em meados de janeiro não era tão ruim quanto Nova York poderia ser, mas também não estava agradável. Enquanto eu descia o caminho, ouvi os sons fracos de máquinas à distância - a equipe cavando a fundação do que seria meu estúdio. Com sorte, um edifício que teria mais uso do que o solário tinha até agora. Mas, enquanto eu seguia uma trilha que conduzia na direção oposta, outro som surgiu sob o barulho das máquinas.

Música. Cordas. Uma melodia assustadora. Muito cru para sair de um aparelho de som. Encontrei-me caminhando em direção ao som antes mesmo de pensar duas vezes. Pareceu me fisgar e me puxar para dentro, um cordão invisível me envolvendo com mais força enquanto eu caminhava.

Parei do lado de fora da pequena cabana que pertencia a Shay. Eu fiquei do lado de fora de sua porta, paralisado. Eu não sabia muito sobre música, as regras ou o que quer que fosse que tornava alguém talentoso. Mas tudo o que ela estava fazendo me deixou fascinado. Não pude avançar para bater na porta ou me afastar para deixá-la em paz. Eu só conseguia ficar parado e ouvir. Mergulhei em cada nota. A maneira como a melodia descia e se elevava. Quando diminuiu e quando atacou. A peça era uma batalha e eu só queria mais.

Conforme as notas sumiam, eu saí da hipnose em que ela me colocou e cruzei o resto do caminho até a porta. Eu bati. O silêncio me cumprimentou. Em seguida, passos.

A porta se abriu e Shay apareceu, mechas de cabelo caindo da trança para emoldurar seu rosto. Ela era uma obra de arte naquele

momento. Desgrenhada e parecendo um pouco irritada. —Brody. O que você precisa?

Meu olhar vagou por cima do ombro para uma caixa de violino na mesa de café. —Foi um desempenho e tanto.

Um pouco da cor de suas bochechas sumiu. —Você pode me ouvir da casa?

—Não. Mas eu gostaria de poder.

—Oh.

Minha boca se curvou. *Oh,* era tudo o que ela tinha a dizer. —Não gosta de elogios, não é?

Seus lábios se estreitaram. —Minha música é para mim. Eu não preciso de elogios.

Suas palavras me atingiram, cada uma um golpe no peito. Foi exatamente isso. A única coisa que eu precisava voltar. Para criar para ninguém além de mim. Não Lara. Não fãs e seguidores. Críticos e colecionadores. Não para qualquer pessoa na rua. Para mim. —Janta comigo.

As palavras saíram antes que eu pudesse detê-las. Shay ficou tensa. —Eu, um-

—Podemos discutir responsabilidades. Salário. Expectativas. Tudo o que estamos adiando. Podemos pegar o barco e ir para Shelter. Comer fora. — Eu não tinha explorado muito as outras ilhas ainda. Mas, sendo destinos turísticos populares, tinha que haver comida decente.

Ela mudou de um pé para o outro. —Você se importa se ficarmos aqui? Já foi um longo dia. Eu posso cozinhar.

Eu acenei para ela. —Eu ainda tenho uma geladeira cheia de coisas que você fez. Por que não esquentamos um pouco daquele *chili* vegetariano?

Shay balançou a cabeça lentamente. —Certo. Assei pão com alecrim fresco esta tarde. Eu posso trazer isso.

—Eu me perguntei o que cheirava tão bem. Parece perfeito. Que tal as seis?

Ela puxou a manga de sua camiseta. —Seis.

—Vejo você então. — Virei-me e voltei a subir a colina, uma nova ideia para uma pintura se enraizando em minha mente.

CAPÍTULO 7

Shay

Meus dedos voaram pelo teclado, a tensão em meus músculos liberando uma fração quando vi que E estava online. Abri um novo chat.

Phoenix26: *O que se veste para jantar com o chefe?*

Mordisquei minha unha enquanto esperava a resposta de E.

Evergreen13: *O enigma gostoso?*

Eu inclinei minha cabeça para trás e gemi.

Pheonix26: *Eu nunca deveria ter dito a você como ele era.*

Ela nunca iria esquecer o fato de que Brody era bonito. Uma vez que ela afundou suas garras naquele pequeno pedaço suculento, era dela para sempre.

Evergreen13: *Mas você fez. E é tão ruim ter que olhar para um homem lindo? Você se recusa a ir em qualquer encontro real. Pelo menos ter um colírio para os olhos vai te dar uma emoção. Eu voto para você usar algo decotado. Não conheço um único homem que não goste de uma boa dose de seios.*

Eu bufei e então fiquei séria enquanto olhava para o meu peito. Como se eu pudesse ver através do algodão da minha camisa a pele manchada por baixo. Nenhum homem gostaria de uma dose de meus seios. Eu aprendi isso da maneira mais difícil.

As cicatrizes faziam parte de mim. Não tinha vergonha, mas também não gostava de ficar pensando nelas. E eu certamente não as ostentava. Evitei espelhos quando estava nua. Evitei meu olhar enquanto me vestia. A única vez que não podia evitar o conhecimento delas era quando tomava banho. Enquanto eu esfregava o sabonete líquido na minha pele, não havia como ignorar a carne saliente e irregular. Às vezes,

eu tocava mentalmente uma sonata enquanto seguia minha rotina. Outras vezes, apenas tomava banho o mais rápido possível. Mas a sensação daquela pele, o conhecimento da dor que envolvia, sempre me deixou com uma sensação de carne viva e exposta.

Eu certamente não queria expô-las aos olhos de outra pessoa. Em geral, havia apenas duas reações: pena ou repulsa. Eu não precisava de nenhuma das duas. Então, eu simplesmente as guardei para mim. O bom de morar em uma ilha no noroeste do Pacífico é que mesmo os verões são bastante temperados. Eu sempre usei camisetas de mangas compridas ou protetores de pele quando nadava. Elas cobriam meu torso e o braço cheio de cicatrizes.

Meu computador apitou, me trazendo de volta ao momento presente.

Evergreen13: *Terra para Phoenix. Você está pegando um top quente?*

Phoenix26: *Estou pesquisando como bloquear você neste aplicativo.*

Evergreen13: *Você não ousaria.*

Ela estava certa. Eu não iria. E havia se tornado uma tábua de salvação nos últimos anos. A pequena fatia de normalidade que eu descobri como uma maneira de me agarrar. Ela não precisava de mim do jeito que eu precisava dela. E trabalhava no consultório de um veterinário, tinha amigos, namorava. Ela não estava se escondendo do mundo do jeito que eu estava. Ela estava apenas se escondendo de sua família.

Phoenix26: *Obrigada por sempre estar comigo. Mesmo que, para você, isso signifique me encorajar a me expor a estranhos.*

Evergreen13: *Como apenas uma verdadeira amiga faria.*

Eu sorri para a tela enquanto digitava um adeus e me dirigia para o meu armário. Enquanto eu avaliava minhas opções, fiz uma careta. Não havia muito. Deixei os meus jeans. Meus dedos deslizaram sobre minha pilha de suéteres e se pararam em um marrom. Enquanto o puxava da prateleira, meu ombro doeu, minha mão perdendo o controle sobre o

material. Murmurei uma maldição enquanto corria para agarrá-lo com minha mão boa antes que caísse no chão.

Eu coloquei a tampa na minha cama e massageei meus músculos doloridos. Eu toquei por muito tempo, ansiosa para me perder na música e esquecer o fato de que Michael estava sendo lançado ao mundo hoje. Eu abri e fechei meu punho, tentando aliviar a dor que ia do meu ombro até a ponta dos dedos.

Era uma coisa que nenhum terapeuta jamais entendeu. Por mais que eu trabalhasse para seguir em frente desde aquela noite, para esquecer, eu nunca poderia. Porque meu corpo me lembrava todos os dias.

Em vez disso, eu tive que empurrar as memórias da minha mente. Remendo-os à força assim que eles tentassem me agarrar. A música geralmente era o veículo para essa fuga, mesmo quando eu precisava criá-la em minha mente. Enquanto removia minha lã e colocava o suéter, passei pelas escamas de uma peça que nem lembrava o nome. Não importa. A única coisa importante era que enchia minha mente e mantinha memórias sombrias à distância. No momento em que passei um pouco de rímel e brilho labial, me senti mais como eu. Não perdida na lama e na imundície.

Peguei o pão recém assado, um caderno e uma caneta, e estava fora da porta com cinco minutos de sobra. Estremeci quando pisei no ar noturno, mas a queda na temperatura ajudou a me acalmar ainda mais. Para me lembrar que eu estava viva.

Parei por um momento quando cheguei à porta da frente da casa principal. Eu não tinha entrado muito na semana passada. Uma rápida passada para entregar correspondência ou ovos das galinhas. Mas era estranho bater em uma casa na qual normalmente eu simplesmente entrava. Eu levantei minha mão de qualquer maneira e dei três batidas rápidas.

—Entre, — Brody chamou.

Respirei fundo enquanto entrava, indo em direção à cozinha. — Cheira bem aqui.

Brody me lançou um sorriso que fez meus passos vacilarem. —Isso é tudo graça a você. Estou apenas aquecendo.

Eu dei de ombros enquanto cruzava para a ilha da cozinha, colocando o pão na mesa. —O aquecimento conta.

—Que bom que você pensa assim, porque além de pedir, é tudo o que tenho.

—Melhor do que queimar água. O que posso fazer para ajudar?

Brody examinou a cozinha ao seu redor. —Quer pegar tigelas e colheres? Vou buscar bebidas. Você quer vinho, refrigerante, cerveja?

—Uma Coca seria ótimo. — Eu precisava manter a cabeça fria esta noite.

—Já estou indo.

Eu me movi pelo espaço, sabendo exatamente onde estava tudo que eu precisava, mas também tentando dar a Brody um amplo espaço. Ele parecia exalar com algum tipo de energia, um campo de força em torno dele. Um zumbido que deixou todo o meu corpo perfeitamente ciente de onde ele estava o tempo todo.

Coloquei as tigelas ao lado do fogão para encher e fui até a mesa da cozinha para colocar as colheres. Quando voltei para a cozinha, avistei as portas abertas para a varanda. Lonas cobriam o chão e um cavalete apareceu no espaço. —O que você está fazendo aí?

—Hmmm? — Ele se virou para ver onde eu estava olhando e riu. — Mais parecido com o que eu não estou fazendo. Pintura.

Eu não tinha feito nenhuma pergunta sobre meu novo chefe, mas as caixas e o novo estúdio faziam muito mais sentido agora. —É isso que você faz no trabalho?

Suas sobrancelhas se ergueram. —Os Dowds ou Lara não te contaram?

—Não. Sua agente e eu acabamos conversando sobre o que você pode precisar na ilha. E suas preferências por alimentos e utensílios domésticos.

Ele esfregou a mão no queixo mal barbeado. —Isso me faz sentir como um verdadeiro idiota. Lamento não ter tido tempo de falar com você antes de chegar. As coisas em Nova York estavam... agitadas antes de eu sair.

—Isso não é um problema. E eu nunca quero ser intrometida.

Os olhos escuros de Brody pareceram brilhar com diversão. —Eu sempre quero ser intrometido.

—Você não seria um zelador muito bom, então.

—Eu acho que não. — Ele me estudou por um momento antes de colocar o *chili* nas duas tigelas. —Pergunte o que quiser. Se eu não quiser responder, eu não vou. Mas prometo não ficar ofendido nem a demitir por perguntar algo pessoal.

Havia inúmeras coisas que eu queria saber, mas o problema com as perguntas era que, se você perguntasse, as pessoas também presumiam que você responderia. Era uma dança complexa de arranhar a superfície, mas não ir muito fundo. —O que você pinta?

Ele me entregou uma tigela. Quando a peguei, nossos dedos se roçaram. Sua pele era áspera, a textura parecia combinar com a do homem. Sem tolices ou pretensões. —Principalmente pessoas, — ele respondeu.

—Óleo? — Estando tão envolvida com o mundo do violino em uma idade tão jovem, fui para uma escola de artes. Muitos dos meus colegas já eram mestres com tela e pincel.

Seus lábios se contraíram. —Tinta spray.

Eu lentamente coloquei minha tigela na mesa e me virei para encarar Brody. —Você pinta as pessoas... com tinta spray?

Ele começou a rir. —Você deveria ver seu rosto agora. Eu poderia muito bem ter dito a você que piloto missões a Marte em minha velocidade de doze.

O calor inflamou minhas bochechas. —Eu só - não consigo imaginar ser capaz de obter muitos detalhes com tinta spray. Acho que não entendo como isso funcionaria. — Minhas palavras saíram confusas. Já fazia um tempo que eu não me sentia tão perdida em um assunto.

—Sua reação é típica. Vamos. — Ele fez sinal para que eu o seguisse até a varanda.

Eu caminhei, mas deixei uma distância segura entre nós. Um onde o zumbido de sua energia não era tão palpável. Quando entrei no espaço, não pude evitar uma inspiração forte. A sala não parecia um estúdio de arte. Parecia uma zona de desastre. Telas, madeira e pedaços de metal estavam espalhados pelo chão. Alguns tinham pedaços de tinta, mas outros estavam completamente em branco.

Dezenas e dezenas de latas de tinta estavam dispostas no canto da sala, grandes pedaços de papelão ao lado delas. Ferramentas que não consegui identificar – sem organizar - cobriam uma mesa ao longo da parede.

—Uau. — Foi a única palavra que consegui dizer.

—É um caos controlado. Eu sei.

Mas era lindo à sua maneira. —Como funciona?

Brody foi até sua mesa, fechando um bloco de desenho antes que eu pudesse ver o que havia dentro. —Depende do projeto. Normalmente, eu esboço um conceito primeiro. Em seguida, passo para os estêncil[3]. Vou

[3] Stencil - é uma técnica usada para aplicar um desenho ou ilustração que pode representar um número, letra, símbolo, qualquer outra forma, através da aplicação de tinta, aerossol ou não, através do corte ou perfuração em papel ou acetato.

cortar do papelão os formulários de que preciso para cada cor. Isso me permite sobrepor as imagens facilmente e depois voltar para os detalhes. É um retrocesso a quando eu fazia isso nas laterais dos prédios e tinha que trabalhar rápido para não acabar preso.

Meus olhos se arregalaram. —Você foi preso por isso?

O sorriso que se estendeu pelo rosto de Brody era um que eu não tinha visto dele antes. Cheio de vida e travessuras. E foi cativante. —Mais de uma vez. Mas eu me concentro no material que possuo atualmente. Principalmente telas. Mas tenho feito experiências com outros meios também.

—Posso ver um acabado?

Brody mudou de posição. —Eu não terminei nada desde que cheguei aqui. Mas, hum... aqui. — Ele abriu seu laptop e apertou algumas teclas. Um site ganhou vida em sua tela. Ele clicou algumas vezes e, de repente, a imagem de um adolescente encheu a tela. Ele estava bem cuidado, com cabelo perfeitamente penteado e roupas cara. Era chocantemente realista para o que eu agora sabia ser tinta spray.

Mas escorrendo dos braços do menino estava uma substância escura, quase como uma fumaça. E dentro dele estavam agulhas, frascos e outros apetrechos para drogas. Perto de sua boca havia comprimidos e bebida. Acima de sua cabeça havia palavras de raiva e ódio de si mesmo. E em sua cavidade torácica havia um coração partido estilizado.

—Isso é... — Eu não tinha palavras que precisava para descrever a cena na minha frente. Tudo que eu conseguia pensar estava ainda era pouco.

Brody fechou a tela do computador. —Está um pouco escuro para algumas pessoas.

—Não. Não é. É real.

Ele se virou lentamente para me encarar. Chegando mais perto do que nunca desde o dia em que ele tirou sua mala das minhas mãos no cais. —Real é o melhor elogio que existe.

CAPÍTULO 8

Brody

Afastei-me da tela, a lata de tinta em spray chacoalhando levemente quando abaixei minha mão. Fazia muito tempo que eu não trabalhava à mão livre. E mostrou na minha técnica - ou na falta dela. Não estava nem perto do que eu queria. Claro, a peça era um pouco diferente do que eu costumava fazer. E isso foi bom. Mas não era a imagem na minha cabeça. Nem mesmo combinava com o esboço no meu bloco.

Eu coloquei a tinta spray no chão e tirei minhas luvas e máscara. Nos primeiros anos em que mergulhei em minha obsessão, meus dedos ficaram continuamente manchados de cor. Foi só quando me deparei com uma equipe que levava mais a sério seu trabalho que descobri o milagre das luvas. —*Vem a calhar se a polícia te parar para interrogatório. Nenhuma evidência.* — Um dos caras mais velhos da equipe me contou.

Agora, isso apenas me salvou de ter que esfregar minhas mãos com uma almofada de *Brillo* e perder algumas camadas de pele no processo. Peguei meu bloco de desenho e estudei a semelhança olhando para mim. Shay com o violino apoiado no ombro, olhos fechados, perdida na música do jeito que eu só podia imaginar que ela parecia. Fios de cabelo escapando de sua trança e emoldurando seu rosto. Selvagem e indomável. Voando pelo ar e depois se transformando em algo totalmente diferente. Fumaça vermelho-escura que, se você olhar mais de perto, na verdade era um bando de pássaros. Sua paixão e liberdade. A única maneira pela qual ela parecia experimentá-los - através da música.

O conceito era sólido. Eu simplesmente não estava executando bem o suficiente. Soltei um grunhido enquanto deixava cair o bloco sobre a mesa. Não conseguia nem olhar para a tela.

Espaço. Talvez um pouco de ar fresco. Acompanhei o andamento do estúdio. Ver o que Shay estava fazendo. Saí por uma das portas francesas, meio bloqueada por todas as minhas porcarias. Fiz uma promessa silenciosa de realmente organizar meus materiais quando me mudasse para meu novo espaço.

Segui o caminho agora familiar descendo a colina e em direção ao local de trabalho. Quando apareceu, fiquei maravilhado com o progresso que eles fizeram em apenas algumas semanas. O terreno foi nivelado, parte da encosta foi escavada e a fundação foi lançada. Eu não sabia quase nada sobre construção, mas parecia que em breve receberia um enquadramento. Ou talvez um chão.

Hunter acenou para mim quando me avistou se aproximando. —Ei, Brody.

—Não posso acreditar em todo o progresso que você já fez.

Ele examinou o trabalho à sua frente. —Estamos no ritmo agora. Estaríamos nos movendo ainda mais rápido se não tivéssemos que lidar com aquela dor de cabeça de colina.

Eu fiz uma careta quando observei a inclinação. A equipe foi forçada a ser criativa em como eles conseguiram equipamentos através das árvores. —Me desculpe.

—Vai valer a pena pela vista. Por que você não vem conhecer meu capataz e alguns membros da equipe? Acho que não te apresentei formalmente.

—Soa bem. Eu conheci Sam outro dia, mas ninguém mais.

Ele avançou em direção ao grupo, que estava organizando uma pilha de madeira. —Gente, este é o chefe, Brody James.

—Já conheci o chefe. Ei, Brody. Como está indo a nova peça? — O homem corpulento perguntou.

—Puxa saco, — outro homem, que eu tinha certeza que se chamava Manny, murmurou.

Sam sorriu para ele. —Intimidado por uma conversa real que requer mais de duas palavras?

Um terceiro homem veio até mim, balançando a cabeça enquanto estendia a mão. Ele tinha um sorriso caloroso, o branco de seus dentes brilhando contra sua pele mais escura. —Não ligue para aqueles dois. É assim o tempo todo. Sou Cal, o capataz por aqui. Se você precisar de alguma coisa e Hunter não estiver por perto, venha me encontrar.

—Prazer em conhecê-lo, Cal. Brody. Obrigado por todo o seu trabalho árduo neste lugar.

—Feliz por ajudar. E com uma visão matadora também.

Ele não estava errado. Quando este lugar estivesse terminado, seria impressionante. A casa principal tinha vistas do segundo andar, mas não se compara com este estúdio e sua parede de janelas de frente para o mar. —Vai ser épico quando estiver pronto.

—Você está certo sobre isso, — Hunter entrou na conversa. — Desculpe pelos caras. Esses dois são como óleo e água.

—Sem problemas. Eu só queria passar por aqui e verificar as coisas no meu caminho para encontrar Shay. Você a viu por aí? — Eu perguntei.

A atenção de Sam se voltou para nós ao som do nome de Shay. — Acho que ela está na estufa. Ei, você sabe se ela é solteira?

Eu fiquei tenso com a pergunta, mas antes que pudesse responder, Hunter caminhou em direção a Sam e deu um tapa na cabeça dele. — Você está aqui para trabalhar, não para ficar atrás de mulheres que não querem nada com você.

Ele encolheu os ombros antes de voltar para a pilha de madeira. — Não posso culpar um homem por perguntar. Um cara atravessaria o fogo por uma mulher assim.

Meu maxilar ficou tenso. Eu poderia fazer mais do que *culpá-lo* por isso. Tive o desejo repentino de despedi-lo na hora. O que era completamente ridículo e possivelmente um pouco insano. Eu me dei uma sacudida mental. —Estou saindo, mas só passe em casa se precisar de alguma coisa.

—Assim será. — Hunter acenou antes de voltar ao trabalho em mãos.

Comecei pelo caminho que conduzia à estufa, jardins e ao galinheiro. Não deve haver um galo presente, porque eu ainda não fui acordado ao raiar da madrugada por nenhum grito. Agradeço a Deus por isso. Ao me aproximar, vi que a horta havia sido deixada para descansar durante o inverno. Palha e algum tipo de pano cobriam as fileiras de sujeira.

A estufa parecia estar cheia de vida. Mesmo através das janelas ligeiramente embaçadas, eu podia ver as plantas tomando conta do espaço. As galinhas cacarejaram *olá* quando eu passei. Quando abri a porta do prédio feito quase inteiramente de vidro, gritei. —Shay?

—Aqui atrás, — ela respondeu.

Segui o som de sua voz até um canto mais distante e a encontrei colhendo um tomate perfeitamente maduro. —Tomates em janeiro. Acho que esta estufa tem um propósito.

Shay colocou o tomate delicadamente em uma cesta com alguns outros vegetais. —Tento plantar em rotação, para que sempre haja algo para colher. Nem sempre funciona, mas pelo menos nos dá uma chance de algumas daquelas coisas que você geralmente sente falta durante o inverno.

Meu olhar viajou pelo espaço. Eu vi alface e couve, ervilhas e aspargos, tomates variados e abóbora. O lugar era uma mina de ouro. — Você sempre foi boa nisso?

Shay riu. Foi a primeira vez que ouvi o som de sua boca. Deus, foi lindo. Uma sugestão de que ela se soltou por um breve momento antes de se reorientar para a tarefa em mãos. —Eu era horrível quando comecei. Acho que apenas cerca de dez por cento das coisas que plantei sobreviveram ao primeiro ano. Mas eu ficava melhor a cada temporada. Tenho uma amiga que sabe tudo sobre isso e ela me deu alguns conselhos… —Suas palavras pararam como se ela percebesse que estava compartilhando coisas abertamente, sem se controlar. —Mas você não precisa ouvir sobre tudo isso.

Eu inclinei o quadril contra um dos canteiros elevado. —Eu perguntei, não perguntei?

Shay mudou-se para algum tipo de planta de abóbora, examinando cuidadosamente suas opções antes de colher uma. —Claro, mas você não me quer falando monotonamente sobre o assunto.

Eu queria que ela falasse sobre qualquer coisa. Apenas o som de sua voz era cativante. Tinha uma qualidade musical, como o resto dela. Mas se eu compartilhasse esse pequeno fato, tinha a sensação de que ela daria um aviso de duas semanas na minha porta no dia seguinte. —Não sei. É tudo interessante. Como você elaborou um sistema tão autossustentável aqui.

Shay olhou por cima do ombro. Ela pareceu relaxar um pouco com o foco sendo movido para a propriedade em oposição a ela. —É incrível. A maior parte já estava no lugar antes de eu chegar aqui. Painéis solares e sistema de filtração de água. Mas ter o galinheiro e os jardins fez uma grande diferença. Os Dowds costumavam passar duas semanas todo Natal e adoravam comer produtos frescos e ovos.

—Tenho certeza. Você sempre ficava nas férias? Não foi visitar a família ou algo assim?

Suas mãos pararam na remoção de ervas daninhas por um breve momento antes de ela retomar o movimento. —Não. Estou feliz aqui.

Eu entendi em algum nível. Meu relacionamento com meus pais era mais parecido com estranhos e embaraçosos do que com família. Meu pai, corretor de seguros, nunca entendeu minha necessidade de me expressar por meio da arte. E eu tinha certeza de que minha mãe pensava que todo o preto que usei no colégio e minha mudança para Nova York quando fiz dezoito anos significava que eu estava adorando o diabo.

Eu paguei a hipoteca deles com minha segunda grande peça comissionada. E tentava mandar um e-mail ou ligar a intervalos de algumas semanas. Mas as conversas sempre foram forçadas. Meus amigos se tornaram minha família. Carson, meu irmão. E Lara, uma irmã mais velha às vezes chata que sempre achou que sabia o que era.

Eu me afastei da trilha de pensamentos que havia me perdido. — Bem, este é um bom lugar para se estar.

—Você certamente está certo sobre isso. — Ela jogou as ervas daninhas em um balde no chão. —Então, por que você estava procurando por mim? Você precisava de algo?

—Eu tinha uma pergunta para você.

—E isso seria? — Ela perguntou quando eu não disse mais nada.

Eu não tinha certeza de como expressar exatamente o que queria - não... *precisava* perguntar. Shay era claramente reservada, mas aquele ar reservado apenas a tornava mais misteriosa. Era calma para alguém como eu. Eu precisava saber o que ela estava escondendo do resto do mundo. —Você posaria para mim?

Ela se endireitou e se virou para mim, suas sobrancelhas franzidas. —Não há realmente um lugar para posar aqui.

Eu rio. —Não. Posar para mim. No meu estúdio. Preciso de uma modelo para um projeto no qual estou trabalhando e acho que você seria perfeita para isso. — Melhor deixá-la pensar que ela era uma substituição, ao invés de minha fonte de inspiração.

Sua boca abriu, fechou e abriu novamente. —Por que?

Eu queria rir do choque completo em sua expressão. Mas esse humor rapidamente se transformou em algo que parecia muito com raiva. Shay morava nesta ilha desde os vinte anos. Uma época em que ela deveria estar entrando sorrateiramente em bares com amigos. Dançando com estranhos. Compartilhando beijos bêbados e descuidados. Em vez disso, ela esteve aqui. Principalmente sozinha. Ela pode não ter ideia de como ela era deslumbrante de tirar o fôlego. Ou que seus olhos castanhos tinham a capacidade de congelar um homem no local. Não conseguia ver que alguém poderia querer pintar sua semelhança, simplesmente para tentar capturar aquela beleza.

Ela desistiu de muito para estar aqui. Uma vida inteira de muitas maneiras. E eu não conseguia pensar em nada de bom que faria uma jovem fugir daquela maneira. Eu limpei minha garganta. —Você tem o visual de que preciso para esta peça.

Sua mão deslizou para o bolso da calça jeans, parecendo encontrar algo lá e apertar. —Estou feliz em ajudar de outras maneiras. Posso organizar seu estúdio, limpar suprimentos, fazer qualquer pedido que você precisar. Mas eu não posso posar para você.

Eu vi algo em seus olhos - uma mistura de medo e dor. E nenhuma obra de arte neste planeta valia a pena colocá-la lá. —OK.

Seu olhar disparou para o meu. —OK?

—Shay. Eu não vou demitir você, certo? Não porque você não quer posar para mim ou por qualquer outro motivo estúpido. Bem, posso despedi-la se tentar incendiar a minha casa. Mas fora isso, você está segura.

Seus lábios se contraíram. —Mesmo parecendo que mal tenho idade para beber?

Revirei meus olhos para o céu. —Você não vai me deixar esquecer isso, vai?

—Acho que vou guarda-lo para momentos como este.

Eu balancei minha cabeça, vendo o sorriso que se estendeu em seu rosto. Quando saí do barco pela primeira vez, Shay parecia jovem demais para as responsabilidades de seu trabalho. Mas quanto mais tempo eu passava com ela, mais eu via a sabedoria esculpida nela. Algo que eu tinha certeza que veio da dor e das dificuldades. Algumas pessoas simplesmente o usavam como um emblema de honra. E Shay era uma delas. Mas essa dor também gerou beleza. Algo tão profundo que foi infundido em seu próprio ser. Isso ia além da pele e da carne e penetrava profundamente na alma.

Eu não pude evitar, mas queria cada vislumbre que eu pudesse reunir.

CAPÍTULO 9

Shay

Evergreen13: *Pose para o homem! Essa é uma experiência única na vida. Eu verifiquei seu site. Ele é um grande artista*

Meu estômago revirou enquanto eu estudava a tela do meu laptop. Eu sabia sem palavras que Brody estava lutando para fazer sua arte. As inúmeras telas descartadas empilhadas ao lado do lixo me disseram isso. Talvez esse tenha sido sempre o seu processo. Doze pinturas destruídas para cada uma delas. Mas uma vozinha dentro de mim disse que isso era anormal para ele. Eu queria ajudar, facilitar seu caminho, mas posar para ele era uma coisa que eu simplesmente não podia fazer.

Phoenix26: *Você sabe por que não posso.*

Evergreen13: *Você não pode passar o resto da sua vida confinada em uma ilha. Um dia, você terá que viver novamente.*

Eu queria isso. Não para escapar de Harbor - eu aprendi a amar minha vida aqui - mas viver livremente. Não viver como alguém que precisava ser invisível, mas como alguém que deixou sua marca. Uma pessoa que tinha amigos de verdade, pessoas que a conheciam de verdade, e que sentiria sua perda se ela simplesmente desaparecesse. Um músico que não escondeu sua música onde ninguém pudesse ouvir, mas a deixou tocar os ouvidos das pessoas ao seu redor.

Quando me escondi em meu pequeno refúgio, lentamente comecei a apagar minha vida, pouco a pouco até que não houvesse mais nada para ver além de uma mulher esquecível de passagem. Tudo sobre mim parecia muito arriscado. O que eu amava mais do que tudo era a mais perigosa de todas.

Meu olhar se desviou para a caixa do violino no canto. Enquanto crescia, não queria nada mais do que tocar para o público em todo o mundo. Estudar em *Juilliard* ou *Berklee*. Para se juntar a uma orquestra em Dresden ou Los Angeles ou no Met. Mas esses sonhos lentamente se transformaram em apenas querer tocar sem medo. Para compartilhar minha música com pessoas que gostariam de ouvir, que não partisse meu arco em dois porque Michael pensou que eu estava monopolizando a atenção de nossos pais.

Na época do ataque, eu deixei de atuar. As pessoas se perguntavam se a pressão tinha chegado a ser demais para a jovem prodígio do violino. Eu não compartilhei a verdade com ninguém, era simplesmente demais suportar os acessos de raiva em casa. Os acessos de raiva.

Meus pais fizeram o possível para encontrar um centro de tratamento para Michael. Eles tiveram sucesso, prometendo que quando ele recebesse a ajuda de que precisava, tudo voltaria ao normal. Mas já era tarde demais. Esse era o problema com a doença de Michael. Desde o momento em que ele nasceu, era tarde demais. Tudo o que podíamos fazer era passar o resto de nossas vidas, correndo em resposta - meus pais simplesmente não eram rápidos o suficiente.

Luto e raiva guerreavam sempre que essas memórias surgiam. Luto por saber o quanto meus pais suportaram tentando salvar seu filho. Raiva de que eles não parecessem ver que eu estava morrendo pouco a pouco no caminho.

Phoenix26: *Ele está fora.*

Evergreen13: *O quê? Por que você não disse nada? Você está bem?*

Phoenix26: *Estou bem. Ninguém sabe onde estou. Eu estou segura. Mas para que as coisas continuem assim, preciso ser discreta. Sem deixar artistas famosos pintarem meu rosto.*

Evergreen13: *Eu prometo que vou parar. Tenho que ir para o trabalho, mas falamos hoje à noite? Deixe-me saber que você está bem?*

Phoenix26: *Assim será. Abraça alguns animais para mim.*

E enviou uma foto de uma pilha de cachorrinhos como finalização. Eu encarei a imagem na tela até meus olhos ficarem embaçados. Talvez eu precisasse de um animal de estimação. Um amigo peludo para me fazer sentir um pouco menos sozinha. Um companheiro que faria com que a distância que coloquei entre mim e todas as outras pessoas que encontrasse, não parecesse tão forte e alienante. Era algo em que pensar.

Eu verifiquei meu relógio. É hora de cuidar das criaturas emplumadas que já estão sob meus cuidados. As galinhas podiam ficar malvadas se não recebessem o café da manhã na hora certa. Galinhas malvadas não eram algo que ninguém queria, especialmente aquelas que eu tinha que entrar no galinheiro para colher os ovos.

Calcei minhas botas sujas perto da porta e coloquei uma jaqueta. Enfiei um chapéu em um bolso e luvas no outro. Não achei que o tempo os justificasse ainda, mas isso sempre poderia mudar. Desci o caminho em direção ao galinheiro e aos jardins. Os pássaros soltaram uma série de chamados e ouvi Hunter e sua equipe à distância, começando o dia.

Parando para pegar um balde de sobras da estufa, me dirigi ao som de cacarejos irritados. —Estou indo, senhoras. Segure suas penas. — Eu as deixei sair de sua casa noturna e entrar na área fechada onde elas poderiam vagar. Havia muitos falcões ao redor para deixá-las realmente livres. Mas o galinheiro era grande e elas não pareciam ter muito interesse no mundo fora de sua rede.

Eu peguei um pouco de ração, jogando pelo quintal, e então espalhei os restos, por se acaso. Quando elas estavam comendo alegremente, fui pegar os ovos. O cheiro do galinheiro não era agradável, mas certamente me ajudou a praticar quanto tempo eu conseguiria prender a respiração.

Rapidamente juntei os ovos e limpei as *garotas*. Com os ovos empilhados em uma cesta, saí. —Aproveite sua liberdade, senhoras. Voltarei mais tarde. — Elas gritaram alegremente em resposta.

Eu fechei e tranquei o galinheiro. Quando eu estava prestes a me virar, alguém me deu *um tapinha* no ombro. Soltei um grito estrangulado. —Desculpe. Eu não ouvi você.

Um dos homens da equipe de Hunter me deu um sorriso lento. — Sem problemas. Você estava conversando com as galinhas.

Minhas bochechas esquentaram. Eu o reconheci de toda a cidade. Ele se ofereceu para me ajudar a carregar as coisas para o meu barco uma ou duas vezes, mas nunca nos conhecemos oficialmente. — Vem com o trabalho, eu acho.

—Foi muito adorável.

Eu mudei de pé. O homem era bonito, mas flertar não era algo com que eu tivesse muita experiência. No colégio, a maioria dos meninos me deixava longe, sabendo o que tinha acontecido comigo. As pessoas sussurraram, mas não se envolviam. —As galinhas são muito fofas. Tenho que levar isso para a casa principal. Espero que você tenha um bom dia.

—Sam, — ele disse antes que eu pudesse sair. —Esse é o meu nome.

Eu dei a ele um sorriso, mas ele vacilou um pouco. Eu não estava acostumada a tanta atenção concentrada. —Prazer em conhecê-lo, Sam. De verdade—

—O que você acha do jantar em Shelter nesta sexta-feira? Tentei perguntar por aí sobre você, mas não consegui descobrir muito. Você não tem namorado, tem?

Eu congelei. Ele perguntou por aí sobre mim? As perguntas apenas despertariam qualquer curiosidade sobre a mulher que morava sozinha nesta ilha nove meses por ano. Isso pode levar à busca. Alguém descobrindo quem eu era. Ninguém em Anchor ou Shelter sabia meu

sobrenome. Bem, ninguém além de Caelyn. Eu esperava que isso fosse o suficiente para me proteger. Eu encontrei o olhar de Sam. —Sinto muito, mas não tenho tempo.

Ele abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas Hunter apareceu. —Sam. Há mais madeira para descarregar. Nós precisamos da sua ajuda.

Sam me lançou um sorriso e voltou para o local de trabalho. —É isso aí, chefe.

Hunter focou sua atenção em mim, seu olhar me examinando da cabeça aos pés. Não de uma forma lasciva, mas como se ele estivesse procurando por mal-estar. —Ele está incomodando você?

Eu agarrei a minha cesta. —Não, ele estava apenas tendo uma conversa educada. — O cara não merecia ser repreendido por seu chefe por me convidar para sair. Eu tinha certeza de que meu constrangimento o impediria de perguntar novamente.

—Fico feliz em ouvir isso. Como estão as coisas com seu novo chefe?

Preocupante foi a palavra que imediatamente veio à minha mente. Não de uma maneira ruim, mas perigosa. Brody me fez querer dizer todo tipo de coisa que era muito arriscada para mim. —Bom. Ele é gentil e justo. Não posso pedir muito mais.

Hunter olhou para a casa principal. —Parece um cara sólido. Que bom que você conseguiu um bom.

A maneira como ele disse isso fez Brody soar mais como um namorado do que um chefe, e minhas bochechas aqueceram. —Eu também.

—Vocês deveriam vir para a cidade e sair. Você sabe que Caelyn e a turma sempre adorariam recebê-la para um jantar em família.

Eu sabia que ele estava certo. Caelyn estendeu o convite mais de uma vez, mas eu não poderia dizer sim. Por tantos motivos - não importa

o quanto eu quisesse. —Obrigada. Obrigada. Você deveria dizer a Brody também.

—Eu vou. Tenha um bom descanso do seu dia. — Ele estendeu a mão como se fosse dar um aperto rápido no meu ombro e então se conteve, transformando-o em algum tipo de onda.

Foi a metáfora perfeita para cada relacionamento falso que tive no momento. Estranho e inseguro. Se eu não pudesse realmente deixar ninguém entrar, esse sempre seria o caso. E quão triste e solitário foi isso?

CAPÍTULO 10

Brody

A campainha tocou, abruptamente cortando o silêncio do meu estúdio improvisado. Sempre preferi trabalhar sem música, única trilha sonora do meu trabalho são os barulhos da cidade ao meu redor. Eu troquei buzinas e vozes altas por vento, mar e pássaros. Isso se mostrou no meu trabalho. As imagens eram um pouco mais suaves de alguma forma.

Dei uma última olhada na pintura na minha frente antes de tirar minha máscara e luvas e me dirigir para a porta da frente. Eu a abri para encontrar Hunter e alguém que eu não esperava.

—Lara? O que você está fazendo aqui?

Hunter fez uma careta para a minha pequena comerciante de arte. —Ela disse que te conhecia, mas eu não ia deixar alguém que eu não conhecia passear por toda a ilha.

Eu engoli uma risada com o olhar indignado no rosto de Lara. Muitas pessoas não disseram a ela *não*. —Ela está bem, mas agradeço por você ficar de olho. — Tudo em Harbor estava destrancado em sua maior parte. Não havia pensado em como alguém com um barco poderia simplesmente desembarcar. Eu precisava pensar em um sistema de segurança.

—Brody. É realmente assim que você cumprimenta sua amiga mais próxima?

Meu olhar se voltou para Lara, e me inclinei para lhe dar um beijo em cada bochecha. —Você sabe que Carson é meu amigo mais próximo.

Ela bufou enquanto entrava. —Ele mal é humano, então ele não conta.

Eu ri e acenei para Hunter enquanto fechava a porta. —O que diabos você está fazendo aqui, Lara? Não é como se esta fosse uma viagem de um dia saindo da cidade.

Lara cruzou as mãos na frente dela enquanto examinava o andar de baixo da minha casa. —Você realmente achou que poderia me dizer que não tem certeza de que vai aparecer novamente e que eu não teria nada a dizer sobre o assunto?

Eu deixei meus olhos se fecharem por um momento, esperando que eu pudesse abri-los, e ela simplesmente iria embora. Eu sabia que tinha sido fácil demais. Eu não tinha ouvido uma palavra de Lara desde a vídeo chamada. Pensei que estava fora de perigo, mas deveria saber que ela estava simplesmente organizando uma emboscada. —Não há nada a dizer. Preciso de tempo. Espaço. E eu preciso que você dê espaço.

Seus olhos se estreitaram. —Eu deixo você se mover através do país. Isso não é espaço suficiente?

—Não quando você aparece na minha porta. Envie e-mails perguntando quando estarei enviando as peças. — Ela sufocou todo surto criativo. Me fez sentir como se não pudesse respirar.

—Eu me importo com você, Brody. Desde o minuto em que você começou com nossa antiga equipe, eu sabia que você seria o único a ir longe. Lutei para garantir que você fosse reconhecido. Se você desaparecer da face do planeta, pode não ter um público para o qual voltar.

Eu esfreguei a mão no meu rosto, uma pitada de culpa apertando. —Então que seja. Melhor isso do que ser miserável. — Eu tinha dinheiro suficiente para viver confortavelmente pelo resto da minha vida. Eu não compraria jatos particulares e casas ao redor do mundo, mas poderia morar aqui na minha ilha sem me preocupar. E não importa o que Lara disse, eu sabia que sempre haveria pelo menos um punhado de colecionadores ainda interessados em minhas peças. Sempre que eu estivesse pronto.

Lara se aproximou de mim, segurando meus braços. —Você tem muito talento para jogá-lo fora. Eles o pegaram. Mosely apodrecerá em uma cela pelo resto de sua vida. Suas ações estão nele, e apenas nele. Você precisa liberar essa culpa.

Eu encolhi os ombros fora de suas mãos. As pessoas em minha vida podiam me dizer uma e outra vez, mas não foram suas criações que um louco transformou em seu projeto. —Eu não me culpo. — Era verdade, mas eu também não estava pronto para colocar no mundo nenhuma peça que havia criado.

Lara suspirou. —Certo. Pelo menos me mostre no que você está trabalhando já que vim até aqui.

Não pude resistir à tentação. Era muito apressado falar de arte com Lara. Sempre tivemos um diálogo que parecia me estimular em meu processo. Fui em direção ao solário e inclinei minha cabeça para que ela me seguisse. Apesar dos muitos falsos inícios que tive nas últimas semanas, pensei que poderia estar encontrando o meu caminho novamente. E esse caminho significou explorar muitas novas expressões. Parte estava escuro, mas muito mais estava em paz. Sereno. Meu novo ambiente havia entrado em meu trabalho.

Uma variedade de telas alinhava-se na parede, e Lara foi direto até elas. Ela não pronunciou uma palavra enquanto os estudava, apenas emitindo um zumbido ocasional ou outro som obscuro. Em todos os anos em que trabalhamos juntos, nunca consegui entender o que aqueles sons significavam.

Lara parou em frente à terceira paisagem. Uma cena da minha praia onde as ondas haviam subido e parecia prestes a engolir uma figura inteira. —Este. É uma mistura do antigo e do novo. — Ela olhou para mim. —Talvez este lugar não seja tão ruim para você, afinal.

—Eu te disse.

Ela olhou de volta para a paisagem. —Eu posso vender isso.

—Não tão rápido.

—Brody. Deixe-me manter sua carreira viva. Não estou pedindo para você fazer um show ou dar entrevistas. Apenas me dê algumas peças para distribuir lentamente no próximo ano. Isso vai manter os interesses dos colecionadores aguçados. Pode até funcionar a nosso favor. Oferta limitada. Então você pode voltar com um grande salto quando estiver pronto.

Fiquei em silêncio por um momento, aceitando sua oferta. Um ano de liberdade para algumas pinturas. E eu devia algo a Lara. Ela estava comigo desde sempre, e minha carreira foi em grande parte graças à forma como ela lutou ferozmente para garantir oportunidades para mim. —Você pode tirar as paisagens. Não estou pronto para mais nada. E se você os tomar, isso significa que você não pode pedir mais nada por um ano.

Os lábios de Lara se estreitaram, mas ela assentiu. —Certo. Você tem um acordo.

Eu sorrio para ela. —Foi tão difícil?

—Você é meu cliente mais difícil.

Passei um braço em volta dos ombros dela. —Mas você me ama.

Ela zombou. —Você será a razão de eu encontrar um túmulo prematuro. Todo o estresse que você coloca... —Suas palavras foram interrompidas quando ela escorregou para fora do meu braço e caminhou em direção à peça que eu tinha acabado de terminar. Era outro de Shay. Provavelmente pintei meia dúzia só na semana passada. Aparentemente, eu era um homem possuído. —Isso, Brody. Isso é magnífico. As paisagens são boas. Interessante. Convincente. Mas isso é transcendente.

Eu a segui até a tela. Este era de Shay na estufa, do jeito que ela congelou quando a pedi para posar para mim. Em vez de crescer do solo, as plantas no espaço cresceram dela. Os ramos de seus segredos e tudo

que ela manteve escondido do mundo. Um galho explodiu de seu coração, enrolando-se em seu pescoço e alcançando o ar. Tudo o que ela precisava liberar, mas não queria. —Ainda estou trabalhando nisso.

—Tudo bem, mas—— Lara olhou por cima do ombro. —Você tem mais assim?

—Nada que esteja terminado. — Puxei a tela do cavalete e coloquei no armário do canto. O espaço que estava cheio de pinturas como aquela. Tantos, eu perdi a noção. Mas eles não eram algo que eu compartilharia com Lara. Ela se agarraria e se recusaria a deixar ir.

Seu olhar se estreitou, avaliando-me, tentando determinar o quanto eu estava sendo verdadeiro. —É aqui que você deve se concentrar. Talvez eu deva ficar por algumas semanas até você terminar algumas peças. Nós podemos discu...

—Lara. São as paisagens ou nada.

Seu maxilar trabalhou para frente e para trás antes de falar. — Certo. Mas você precisa seguir nessa direção. Vai ser uma sensação.

Meu olhar voltou para o armário e as pinturas escondidas dentro. Eu não tinha certeza se queria que esse trabalho fosse uma sensação. De alguma forma, parecia mais pessoal do que qualquer coisa em que já trabalhei. Eu não conseguia entender o porquê exatamente. Minhas peças sempre foram uma expressão de como eu me sentia em relação a uma situação, como via uma pessoa ou o mundo. No entanto, esses mergulhos em quem Shay poderia ser, pareciam expor um pedaço de *mim.* O que não fazia absolutamente nenhum sentido.

Eu olhei de volta para Lara, que me estudou atentamente. —Vamos ver onde a musa me leva.

Ela revirou os olhos. —Artistas.

Eu ri. —Somos inconstantes, mas cativantes.

—Uma morte prematura, eu lhe digo.

—Tão dramático.

—Que tipo de agente eu seria se não tivesse talento para o dramático? — Ela examinou a sala. —Você desempacotou seus materiais de embalagem? Vou embalar as paisagens para enviar de volta para Nova York.

—Tem um pouco ali. — Fiz um gesto para o canto mais distante. — Mas há mais na garagem.

—Perfeito. Não deve demorar muito. Então estarei fora de seu caminho para que você possa voltar ao trabalho.

Lutei contra a vontade de revirar os olhos. Por mais que eu fosse amigo de Lara, também era sua vaca leiteira. Eu não a culpei por me ver como um recurso. Era assim que o mundo era. Mas eu não pude deixar de me perguntar se ela me venderia rio abaixo se isso desse a ela o que ela queria. —Eu volto já.

Lara cantarolou em resposta, mas seu foco estava na pintura apoiada no meu cavalete. Saí do solário em direção à garagem, uma sala que continha dois veículos de quatro rodas e vários equipamentos em vez de carros. Ao dobrar a esquina, quase colidi com Shay.

Ela soltou um grito e quase caiu. Eu rapidamente agarrei seus braços para firmá-la. —Desculpe. Eu não queria atropelar você.

Sua mão moveu-se para o peito. —Apenas alguns anos da minha vida. Nada demais.

Eu sorri e me forcei a me soltar. —Talvez eu devesse começar a pagar a você periculosidade.

—Não é uma má ideia. Eu estava vindo para dizer a você que estou indo para a cidade para pegar a correspondência e alguns suprimentos. Eu queria saber se você precisava de alguma coisa.

—Eu realmente gostaria de ir com você, mas-

—Brody, — Lara chamou enquanto virava a esquina. Seus olhos se arregalaram quando ela viu Shay e eu. —Eu sinto muito. Eu não quis interromper. Não sabia que mais alguém estava aqui.

— Você não estava interrompendo. —Shay se apressou em explicar. —Eu estava apenas verificando se Brody precisava de alguma coisa da cidade.

—Shay, este é minha agente, Lara. Lara, este é a zeladora de Harbor, Shay.

Eu podia ver as engrenagens girando na cabeça de Lara enquanto ela examinava Shay. Tentando juntar as peças e provavelmente preenchendo todas as coisas erradas. Eu lutei contra a vontade de gemer.

—É um prazer conhecê-la pessoalmente, — disse Shay.

—Você também, — Lara retornou. —Brody, se há coisas que você precisa fazer, vá em frente. Posso encaixotar tudo sozinha. Quando terminar, voltarei para Shelter e podemos nos encontrar para jantar mais tarde. Shay, você é bem-vinda.

Shay balançou a cabeça. —Obrigada, mas vocês dois devem ter tempo para se atualizar. — Ela se virou para mim. —Você quer vir para a cidade? Ou posso simplesmente conseguir o que você precisa.

—Não, eu vou com você. — A última coisa que eu queria era me expor a algumas horas de interrogatório da minha agente. —Lara, os suprimentos estão bem aí. E tenho certeza de que Hunter ou alguém de sua equipe podem ajudá-la a trazê-los para o cais quando terminar.

Ela me dispensou. —Eu vou ficar bem. Você sabe que sempre encontro um jeito.

—Tão verdadeira. — Eu me virei para Shay. —Você está pronta para ir agora?

Ela arrastou os pés antes de responder. —Certo.

Tive vontade de rir. Shay não parecia certa sobre algumas horas ininterruptas comigo. Mas não pude esperar.

CAPÍTULO 11

Shay

—Isso é incrível, — Brody murmurou com a boca cheia de sanduíche.

—Eu te disse.

—Sim, mas eu pensei que você estava exagerando. Este é o melhor sanduíche que já comi. — Ele encontrou meu olhar, de repente sério. — Mas se você contar ao dono da minha antiga lanchonete de esquina em Nova York, vou negar até meu último suspiro.

—Eu prometo que seu segredo está seguro comigo.

—Graças a Deus.

Peguei o rótulo da minha garrafa de refrigerante enquanto a brisa do mar girava em torno de nossa mesa de piquenique do lado de fora do *The General Store*. —Por que você quis sair de Nova York? — A pergunta estava na ponta da minha língua desde que Brody se mudou, e especialmente depois que eu descobri que ele era um artista. Não fazia sentido. Parecia que ele tinha uma boa comunidade lá e gostava de onde morava. As pessoas simplesmente não pegaram e se mudaram pelo país sem motivo.

Brody congelou com seu sanduíche a meio caminho de sua boca, e eu queria xingar. Eu odiava quando as pessoas fuçavam na minha vida. Fizeram perguntas que eu não queria responder quando eles não tinham direito à informação. E aqui estava eu, fazendo exatamente a mesma coisa com Brody. —Desculpe. Isso não é da minha conta.

—Não. Não é isso. Eu só... eu realmente não tive que explicar para ninguém antes. Bem, ninguém que já não soubesse o que estava acontecendo.

Eu encontrei o olhar de Brody. Havia sombras. Os mesmos que vi passando por seus olhos de vez em quando, tornando-os ainda mais escuros do que o normal. Sombras que eu costumava ver nos meus. — Você realmente não precisa falar sobre isso.

—Shay. Eu gostaria que fossemos amigos. Estaremos compartilhando os mesmos trinta acres em um futuro previsível. Prefiro fazer isso com um amigo do que com um estranho. E você?

Brody estava tão sério naquele momento. Esperançoso. Como um cachorrinho em um abrigo de animais implorando para que você o leve para casa. E, Deus, eu queria isso. Alguém que me conhecia. Talvez não o trauma do meu passado, mas quem eu era hoje. Alguém com quem jogar cartas nas noites em que escurecia às quatro e meia. Para andar de caiaque quando o tempo esquentasse. Alguém que pudesse me ajudar a não me sentir tão sozinha.

—Gostaria disso. — Minha voz parecia enferrujada, uma porta que precisava de um pouco de WD-40.

Brody sorriu. E essa ação foi um soco no estômago. *Amigos,* eu me lembrei. Mas as borboletas que voaram no meu estômago ao ver aquele sorriso não eram do tipo amigável.

—Bom, — disse ele. —Então você pode me perguntar por que me mudei para o que parece ser outro mundo. — Seu olhar se afastou de mim e viajou ao redor do extremo sul da cidade. A loja, nosso bar e churrascaria local, um punhado de outras lojas e edifícios. Em seguida, flutuou para as docas e o mar mais além. —Eu precisava de uma fuga. Em algum lugar as pessoas não me conheciam.

Meu coração bateu um pouco mais rápido. —Por que?

Ele olhou para mim. —Você ouviu sobre o serial killer que estava ativo na área dos três estados?

Procurei em minha memória por algo desse tipo. Eu li as notícias aqui e ali, mas principalmente me mantive longe das histórias mais

sombrias. Tive o suficiente disso em minhas próprias memórias. Mas algo fez cócegas no fundo do meu cérebro. Eu tinha visto uma manchete da *CNN* sobre uma série de assassinatos que pareciam ser obras de arte replicadas. Eu respirei fundo, meus olhos disparando para Brody. —Suas pinturas?

Ele acenou com a cabeça, o olhar em seu rosto sombrio. —Os policiais demoraram um pouco para descobrir a conexão. Só depois que o *FBI* se envolveu é que eles perceberam o que estava acontecendo.

—Eu sinto muito. Não consigo imaginar o que deve ter sido para você.

Ele apertou os dentes. —Não foi fácil, ficou em segredo por um tempo. Mas quando a imprensa descobriu, não pude escapar. Mesmo depois de pegar o cara, eles não desistiram. Foi uma história com grande repercussão. Os tabloides de Nova York adoram isso. E toda semana, eu era lembrado de que minhas pinturas foram transformadas em armas. Elas foram usadas para matar pessoas inocentes.

—Elas não foram, — eu rebati. A ferocidade do meu tom me pegou de surpresa e fiz o possível para moderá-la. —Alguém distorceu sua arte. Transformou em algo feio. Mas não é isso.

O olhar de Brody travou com o meu, uma energia não identificável fluindo entre nós. —Então o que é?

—É a verdade. Pessoas através de seus olhos. A maior parte do mundo não é corajosa o suficiente para expor isso. Mas você é. E a verdade pode ser dolorosa de se olhar, mas também é linda.

Brody engoliu em seco, seu pomo de adão balançando. —Eu sempre disse que minha arte é um olhar na escuridão. Eu acho que você tem que enfrentar isso. Nos outros. Em você. É quando você a empurra para baixo, ignora, que ela engole você inteiro.

Meus olhos queimaram. Há quanto tempo meus pais pressionaram e ignoraram a escuridão em nossa casa? A besta que estava comendo

meu irmão vivo, levando embora um pouco mais do menino que todos nós amamos todos os dias. Foi aquela negação da verdade, a crença de que tudo ficaria bem, que Michael se curaria, que significou nossa morte no final. Isso tornou muito tarde para salvar Michael. Talvez se tivéssemos olhado para aquela escuridão desde o início, sido honestos sobre isso, não estaríamos onde estamos agora. Morto. Trancado. Escondendo-se do mundo.

—Estou feliz que você forçou as pessoas a olharem. Pode ser a chamada de atenção de que precisam. Mas sinto muito que algum indivíduo doente e distorcido, deturpou o que você queria fazer.

Brody pegou seu refrigerante e deu um gole. —Eu também.

—Você não pode deixar ele te impedir.

Uma de suas sobrancelhas se ergueu em desafio. —Eu não posso?

—Não. Você tem que continuar pressionando. Não estou dizendo que você precisa fazer exatamente o mesmo trabalho. Essa experiência mudou você, não há como contornar isso. Mas você tem que seguir em frente. Encontre sua nova voz.

Ele colocou seu refrigerante na mesa com um baque. —Isso é exatamente o que estou tentando fazer. Mas está se mostrando mais difícil do que o esperado. Estou em todo o mapa e Lara está prestes a me estrangular.

—Você tem que vender agora? Você pode dedicar algum tempo para descobrir o que deseja fazer? O que você quer dizer? — Eu não poderia imaginar a pressão que Brody deve estar sob não apenas para criar, mas também por saber que o mundo iria julgar tudo o que ele colocasse lá fora.

—É complicado. A arte é um negócio. Estou apenas tentando encontrar o meio termo entre encontrar minha verdade novamente e ter uma carreira para a qual voltar. Mas acho que ganhei um ano dando a Lara as pinturas que ela estava encaixotando hoje.

Soltei um assobio baixo. —Um ano é muito dinheiro.

—Se ela cumprir sua parte no trato. Vamos ver se isso acontece.

—Segure-a, — eu insisti. —Se ela fez uma promessa, ela precisa cumpri-la.

Brody grunhiu. —Você não conhece Lara. A impressão que ela deu hoje foi educada e se deixou levar. Ela é um buldogue quando quer alguma coisa.

—Então você só terá que ser um buldogue.

Seus lábios se contraíram. —Talvez eu te mande atrás dela.

—Eu sou muito feroz.

—Eu não duvido. — Brody despejou batatas fritas em um guardanapo. —E a sua música? Você já pensou em deixar as pessoas ouvirem?

Meu instinto foi calar a boca e mudar de assunto. Em vez disso, respirei fundo antes de responder. Esta era uma amizade. Um vai e vem. Uma abertura. —Eu costumava tocar, mas não cheguei a atingir um nível mais alto.

—Por que você parou?

Eu apertei meus lábios enquanto considerava como responder sem mentir. —A vida ficou... complicada. Perdi a alegria de tocar. Parei completamente por um tempo. E quando eu retomei, eu precisava que fosse para mim. Algum dia, eu gostaria de tocar para outras pessoas novamente. Mas não estou com pressa.

Talvez isso tenha me tornado uma covarde. Ou talvez simplesmente tenha me tornado mais inteligente. Sempre que tocava na frente de outra alma, era um risco. O mesmo que continuar a escrever cartas para a tia que cuidou de mim depois da morte de meus pais. Ligando para os médicos de Michael para verificar seu progresso por tantos anos, apenas para ver como ele estava. Mas não pude resistir a esses pequenos laços

com minha antiga vida. Não conseguia desistir das coisas que faziam parte de mim tanto quanto minha própria medula.

—Talvez você possa começar tocando para mim.

Ergui os olhos do guardanapo que havia começado a rasgar em pequenos pedaços. —Tocar para você?

Ele quebrou a batata que segurava pela metade. —Eu não sou uma multidão. Você não teria que subir no palco. Mas sou alguém para ouvir tudo o que você quiser transmitir ao mundo. O que você precisa dizer. É um lugar para começar.

Era. E outro pequeno risco para adicionar à minha pilha. Mas eu não tinha certeza se poderia me afastar de Brody ou de sua oferta. A ideia de que ele pudesse ouvir o que eu precisava dizer sem palavras, mas por meio de arco, cordas e movimentos era muito intrigante. —Vou pensar sobre isso.

Seus lábios se curvaram. —Vou continuar perguntando.

CAPÍTULO 12

Shay

Brody se curvou, com as mãos nos joelhos, arfando. —Você é uma masoquista. Você sabe disso, certo?

Eu sorrio enquanto recuperava o fôlego. —Você é quem queria se juntar à minha hora de treino matinal.

Ele caiu de costas na areia, puxando um dos joelhos até o peito. —Estou realmente questionando minha sanidade com essa mudança.

—É bom para o corpo e para a alma. Além disso, pode transformá-lo em uma pessoa matinal.

—Seis da manhã ainda é noite.

Eu me dobrei em um estiramento. —Quando você estiver pronto, o sol estará nascendo.

—Por muito pouco.

Eu balancei minha cabeça enquanto olhava para meus tênis. O nascer do sol era minha parte favorita do dia. Tudo estava tão quieto e sereno. Parecia que eu era a única pessoa no mundo. Eu pensei que ter Brody comigo na corrida me deixaria nervosa. Irritada por outra pessoa estar invadindo este espaço sagrado que criei para mim. Em vez disso, eu adorei.

Talvez fosse porque ele sempre começava os treinos tão quieto, ainda meio adormecido. Mas, no final, ele estava reclamando e pegando no meu pé. Era o equilíbrio perfeito. Ainda conseguindo aquele golpe de paz, mas não me sentindo tão sozinha.

Brody e eu tínhamos caído em uma espécie de rotina nas últimas semanas. Malhar pela manhã e tomar café da manhã juntos antes de sair para cuidar das minhas tarefas do dia, e ele se trancava em seu estúdio

improvisado. Mais do que algumas noites por semana, nos encontrávamos para jantar, às vezes um jogo de tabuleiro ou um filme. Tudo permaneceu leve desde aquele dia de almoço em que Brody compartilhou comigo o que o tirou de Nova York. Eu aprendi que ele odiava cogumelos e tinha uma queda por velhos faroestes. Ele descobriu meu vício em Skittles[4], como eu sempre tinha que comê-los separados por cor, e que eu era uma péssima perdedora em Yahtzee[5].

Nenhuma das descobertas foi devastadora. Nada me deixou com a sensação de estar em perigo ou exposta. Mas, à medida que se acumulavam, eles criaram uma atração lenta e constante em direção ao homem que agora estava esparramado na areia. Sua camisa de mangas compridas subiu um pouco, revelando um V de músculos que me fez engolir e desviar o olhar.

—Qual é o seu plano para o dia? — Eu perguntei.

—Além de chorar porque você foi tão mau comigo?

Eu rio, mas logo se transformou em uma careta quando meu ombro e minhas costelas protestaram contra a ação. Esfreguei a articulação, tentando aliviar a dor nos nervos que costumava surgir após um treino intenso ou uma longa sessão de violino.

Brody se sentou. —O que aconteceu?

—Nada. Posso ter forçado as coisas um pouco demais hoje. — Cravei meus dedos na carne em meu ombro, procurando o ponto de gatilho que poderia fornecer alívio.

Ele ficou de pé, andando para mim. —Parece mais do que isso.

---

[4] **Skittles-** é uma marca de bala com sabor de frutas, atualmente.

[5] **Yahtzee-** é um jogo clássico de dados jogado com 5 dados, também conhecido como general.

—Apenas uma lesão antiga. — Não era uma mentira, mas eu tinha certeza que Brody pensaria em um incidente esportivo ou uma queda das barras, não uma facada infligida por meu irmão.

Ele estendeu a mão. —Aqui, deixe-me. Vou conseguir um ângulo melhor.

Eu me movi em um instante, retrocedendo. —N-não. Obrigada. Estou bem.

Os olhos de Brody se arregalaram. —Desculpe. Eu não queria cruzar a linha.

Tudo em mim tomou a dor em seus olhos. A dor que eu coloquei lá. —Não. Não é isso. É apenas uma questão complicada, e se as pessoas não sabem o que estão fazendo, pode doer. — E se alguém massageasse o tecido ali, sentiria as cicatrizes. Feridas curadas para as quais eu não tinha explicação.

Sua postura relaxou. —Oh. Isso é péssimo. Você está vendo um médico ou um fisioterapeuta?

—Não. Eu fiz por muito tempo, mas não há mais nada que eles possam fazer. Não é grande coisa. Isso só me incomoda às vezes. — E toda vez que isso acontecia, eu me lembrava daquela noite. Como a dor que eu sentia agora era apenas uma ponta do que tinha sido. Os dias que passei no hospital. As semanas na clínica de reabilitação. Depois os meses de fisioterapia.

A sobrancelha de Brody franziu. —Talvez valha a pena conferir o que está disponível em Anchor ou Shelter. Pode haver novos tratamentos disponíveis que você não conhece.

—Eu me mantenho bem atualizada, — menti. —Não há nada de novo. — Mais como se não houvesse nada além de uma emergência com risco de vida que me levaria a um consultório médico. Eu não tinha seguro e não precisava do registro de papel.

O som de um barco se aproximando nos fez olhar para a água. Cal acenou quando eles pararam no cais e amarraram. Manny saltou, seguido por Sam e Hunter. —Bom dia, — Hunter cumprimentou. —Vocês estão de pé e ainda é bem cedo.

—Ela é uma sargento instrutora, — acusou Brody.

—Aquela que você escolheu seguir, — eu apontei.

—Eu não sabia que você teria prazer em tentar me matar.

Hunter riu. —Shay, talvez você possa colocar minha equipe em forma a seguir.

—Por favor, Deus, não, — disse Sam, arregalando os olhos comicamente.

—Nem pense nisso, — Cal interrompeu. —Construir casas é um treino suficiente para mim.

Hunter balançou a cabeça. —Então suba aquela colina e comece a trabalhar para que eu não tenha que empregar esta aqui. — Ele apontou o polegar para mim.

Eles começaram a descer o cais e em direção ao caminho, mas Sam diminuiu o passo ao se aproximar de mim. —Como você está esta manhã?

—Bem. E você?

—Melhor agora. — Aparentemente, Sam não tinha ficado desanimado com nosso encontro estranho algumas semanas atrás.

Eu senti um calor nas minhas costas. Brody. E eu podia sentir o olhar que ele estava mandando na direção de Sam.

Hunter deu um empurrão nele. —Vá andando, *Casanova*. — Sam correu pelo caminho sem outra palavra. Hunter se voltou para nós. —O estrutura está quase pronto. Devo continuar para conseguir algumas paredes em breve.

—Eu nunca pensei que ficaria tão animado com paredes, — Brody murmurou.

Hunter sorriu. —Espere até que você esteja feliz com o isolamento. Vejo vocês mais tarde. — Com um aceno, ele foi embora.

Afastei-me de Brody, para longe do calor que me tentava, incitou-me a chegar mais perto dele. —Vou tomar um banho e depois vou para a cidade, uma corrida ao correio.

—Acho que vou com você, se não se importar.

—Claro que não. — Era mentira. Eu precisava de horas no dia separada de Brody, longe da influência que ele tinha sobre mim. Foi nessas horas que pude me lembrar que, embora éramos amigos, ele também era meu chefe. E com uma ação, ele poderia arrancar meu santuário debaixo de mim.

* * *

—O que? — Brody perguntou, humor preenchendo seu tom enquanto ele caminhava pela rua principal de Anchor ao meu lado.

—Você vai entrar em coma diabético se tentar comer tudo isso.

Ele ergueu uma sobrancelha. —Vou compartilhar um pouco com Hunter e sua equipe.

—Você tem duas dúzias de bolos.

—Eu sou um menino em crescimento.

—Crescendo tanto que mal conseguia carregar as caixas? — Tivemos que fazer uma parada no barco para descarregar antes de terminar nossas tarefas.

—O que posso dizer? Eu não consigo resistir a um *cupcake*. E eles tinham algumas coisas malucas lá.

The Mad Baker e seu dono, Jules, eram conhecidos por seus confeitos decorados de maneira selvagem e por apresentarem sabores

que você nem sempre previa que combinavam. Brownies de sal marinho. *Muffins* de chocolate e mirtilo. Um bolo de arco-íris que explodia com granulado quando você o cortava.

—Sabe, você mora aqui agora. Você não precisa experimentar de tudo na sua primeira visita.

Ele encolheu os ombros. —A vida é incerta. Coma a sobremesa primeiro.

Eu poderia respeitar essa abordagem da vida. Eu sorri para Brody quando ele abriu a porta do The Exchange para mim. —Contanto que o *cupcake* de veludo azul seja meu.

—Eu não ousaria roubar seu precioso. E não apenas porque sou um cavalheiro. A maneira como você estava olhando para esse idiota aqui, me diz que eu poderia perder uma mão se tentasse dar uma mordida.

Eu soltei gargalhada sem querer. —Eu gosto dos meus doces... — Eu abri a caixa de correio de Harbor primeiro e entreguei a correspondência para Brody. Em seguida, mudei para minha própria caixa, retirando um punhado de itens.

Voltamos para a manhã fria de inverno. O ar era forte. Um que eu amei. Isso me lembrou que eu estava aqui e respirando. Brody e eu ficamos em silêncio enquanto cruzávamos pelo parque, separando os vários envelopes em nossas mãos.

Meus passos vacilaram quando li o endereço do remetente em uma carta branca. Não foi o endereço que parou meu coração. Foi o nome. Michael McCabe.

Quando meu coração começou de novo, ele bateu contra minhas costelas. Rasguei o papel, tentando soltar as páginas dobradas de dentro. Minhas mãos tremiam quando finalmente desdobrei o conteúdo do envelope.

Sissy,

Faz tanto tempo. Eu sinto sua falta. Doeu quando você parou de vir me visitar. Eu entendo o porquê, mas não posso mudar que isso doeu. Doc Abrams sempre diz para ser honesto com nossos sentimentos. Para deixá-los sair. Então, estou fazendo exatamente isso.

Como você está? Você sentiu minha falta? Eles te disseram que eu estava saindo? Eu tenho um emprego em uma empresa local de suporte técnico de informática. Não é exatamente estimulante mentalmente, mas traz um cheque e deixa meu oficial de condicional feliz.

Que tal você vir me visitar? Ou eu poderia ir até você. Mas tenho a sensação de que você não está em Charlotte como o endereço e a conta bancária que encontrei. Você é inteligente, mas não mais inteligente do que eu.

Lembre-se disso.

Temos um jogo inacabado para jogar.

As palavras na página borraram conforme o conhecimento de que eu nunca estaria livre de meu irmão e seu tormento me penetrou. Tudo parecia se fechar ao meu redor enquanto eu escorregava do aqui e agora para aquela noite há tantos anos.

—Mamãe. Pai. Estou em casa.

O silêncio me saudou quando coloquei meu violino em meu cubículo em nosso hall de entrada. Eles não puderam vir ao meu recital esta noite. Eles disseram que precisavam falar com Michael, apenas os três.

Meu pai me disse mais tarde que eles estavam enviando Michael para um novo programa de tratamento que encontraram no meio-Oeste. Este foi projetado especialmente para crianças como Michael. Eles usaram muito esse termo: crianças como Michael. Mas eu não tinha certeza do que realmente significava. Crianças que gostavam de machucar os outros? Quem se recusou a seguir as regras?

—Pessoal? Estou em casa. Onde vocês estão? — Talvez eles tenham levado Michael para tomar sorvete para amenizar o golpe. Sorvete sempre trazia notícias que Michael não gostaria fosse mais fácil.

Meu estômago roncou enquanto eu caminhava para a cozinha. Eu nunca conseguia comer antes de uma apresentação, então estava sempre morrendo de fome quando tudo terminava. Acendi as luzes enquanto me movia pela casa. Procurei o interruptor na parede da cozinha, mas escorreguei no chão enquanto me movia para levantá-lo. Meus braços giraram enquanto a luz acendia. Que diabos?

Tudo entrou em foco de uma vez. Sangue. Muito sangue. Manchas disso no chão de ladrilhos brancos. Uma impressão de mão. Uma piscina. Eu me mexi, sentando. Quando sentei, eu a vi.

—Mamãe? — Eu resmunguei. Ela estava muito quieta. Seus olhos estavam abertos e sem piscar.

Tentei me levantar, mas antes que pudesse ganhar apoio, uma mão agarrou meu pescoço e bateu as minhas costas na parede. Estrelas explodiram na frente dos meus olhos. Demorou um ou dois segundos para minha visão clarear e, quando isso aconteceu, meu irmão apareceu, a ponta de uma faca pairando sobre meu coração. —Nós vamos jogar um jogo, Sissy.

—Shay. Olhe para mim. O que diabos está acontecendo?

Alguém estava me sacudindo. Brody, eu percebi em alguma parte do meu cérebro. Brody. Não Michael. Eu estava em Anchor. Segura. Cercada por água. Ele não conseguiu chegar até mim. —Dd-desculpe.

—Não se desculpe. Só me diga o que está acontecendo.

A preocupação gravada no rosto de Brody me fez recompor. — Nada. Apenas uma carta que eu não esperava. Foi um pouco chocante. Isso é tudo.

—Merda. — O calor encheu o olhar de Brody, e lutei contra a vontade de dar um passo para trás. —Isso não foi choque. Foi terror. Você ficou

branca como um lençol. Você está tremendo. Você não me ouviu nas primeiras cinco vezes que disse seu nome.

—Eu — eu—— Eu me esforcei para pensar em uma explicação.

—Shay. Do que você está fugindo?

—Nada. Não estou fugindo de nada. — Foi uma resposta automática. Fruto do tempo e energia que gastei construindo este porto seguro para mim.

Um músculo na bochecha de Brody pulsou. —Você nunca vai para o continente. Você nunca usa um cartão de crédito. Não acho que outra pessoa além de mim saiba seu sobrenome. Você compartilha coisas sobre você, mas nunca nada que possa identificá-la. Você realmente vai me dizer que não está fugindo?

Eu engoli contra a secura na minha garganta. Tentei limpar o caroço que se instalou ali, tentando dizer uma palavra. Apenas uma. Mas não veio.

Brody se aproximou, sua mão segurando a minha, a que ainda segurava a carta. Sua correspondência agora estava espalhada pela grama. —Por favor. Deixe-me ajudá-la. E se você não quer que eu ajude, pelo menos deixe-me ser um ouvinte. Eu posso ver isso. Esse fardo que você está carregando. Deixe-me carregar um pouco do peso.

Meus olhos queimaram enquanto eu olhava para os de Brody. Eu queria me perder nas profundezas escuras. Mergulhar e nunca subir para respirar. A verdade é que eu estava exausta de segurar isso sozinha. A única outra pessoa além da minha tia que sabia a verdade era um nome de tela anônimo.

Eu me senti total e completamente sozinha por três anos. Mais se eu fosse honesta comigo mesma. Porque por mais que minha tia tenha tentado ser um conforto, ela não entendeu o que eu estava passando. Como ela poderia? Então, fui deixada para segurar meu amor e ódio, minha dor e cura de remendos, minha esperança e medo. Quando

se tratava de Michael, eram sempre os dois lados da mesma moeda. Eu tinha que descobrir como segurar os dois.

Minha respiração acelerou, mas não desviei o olhar de Brody. Eu deixei as profundezas escuras de seu olhar me ancorarem no local. Para me convencer de que talvez não esteja tão sozinha, afinal. —Meu irmão está doente. Ele machuca as pessoas. E não quero que ele saiba onde estou.

Três verdades simples. Não foi tudo. Mas foi o suficiente por agora. Mais do que eu disse a uma alma em mais de três anos.

O olhar de Brody caiu para os papéis em minha mão. —Essa carta significa que ele sabe onde você está?

Eu balancei minha cabeça. —Não. Meu e-mail é encaminhado de outro lugar. — Eu lutei contra o estremecimento que queria vir à tona. Michael sabia que eu não estava em Charlotte. Claro, ele sabia. Porque ele estava sempre um passo à frente. Mas desta vez, ele não estava tão à frente quanto pensava. Ele não sabia onde eu realmente estava. Não poderia. Eu tive que descansar nisso.

—O que eu posso fazer?

A simples gentileza da pergunta de Brody fez com que as lagrimas retornasse aos meus olhos. —Você está fazendo isso. Me dando um emprego e um lugar para morar onde ele nunca vai me encontrar.

Brody me puxou para um abraço, seu corpo grande envolvendo o meu menor. Parecia que ele poderia bloquear todo o mal, qualquer ameaça que pudesse surgir em meu caminho. Eu queria ficar naquele abraço para sempre.

—Eu sou um idiota, — ele murmurou.

—Por que você diria isso?

Ele apoiou o queixo no topo da minha cabeça. —Você estava com medo de que eu fosse despedi-la. Achei que você só estava preocupada

em perder um ótimo trabalho. Não fui exatamente tranquilizador quando cheguei aqui.

Os cantos da minha boca levantaram enquanto eu mantive minha bochecha apoiada em seu peito. —Você mudou muito rapidamente.

Ele grunhiu. —Não suficiente rápido. Eu sinto muito. E você sabe que sempre terá um lugar em Harbor. Não importa o que aconteça.

A ferocidade de seu voto aliviou um pouco o medo que ainda latejava em meu sistema. Eu estava segura e tinha um lar. Isso foi mais do que suficiente por agora.

CAPÍTULO 13

Brody

Recostei na cadeira da minha mesa. A pintura não saiu facilmente hoje. A prova disso era uma tela no canto que eu tinha quebrado em duas. Meu cérebro estava preso em um loop infinito. O sangue escorrendo do rosto de Shay. O pânico em seus olhos.

Eu me afastei da minha mesa e comecei a andar. Ela não tinha me dado mais nenhuma informação, e eu não queria pressionar. Pareceu bastante difícil para ela me dizer o que ela já tinha. Mas eu precisava saber com o que ela estava lidando se eu fosse ajudá-la.

Eu me virei para encarar minha mesa novamente, uma guerra crescendo dentro de mim. Quando comprei a ilha, e os Dowds me contaram sobre sua zeladora, eles se ofereceram para repassar a verificação de antecedentes que haviam feito antes de contratá-la. Mas eles falaram tão bem da mulher que eu nunca tinha olhado para a coisa. Eu vim para a ilha sem saber absolutamente nada sobre Shay McCabe. E agora, eu precisava.

Retrocedi e sentei e na cadeira, batendo no meu laptop para que ganhasse vida. Eu abri o navegador e digitei o nome dela. Houve uma enxurrada de informação. Mas perto do topo da página havia uma manchete que me parou. "*Menino de 11 anos preso pelo assassinato de pais e tentativa de assassinato de irmã*".

Cliquei no link sem pensar duas vezes, meus olhos examinando o texto o mais rápido possível. As frases saltaram da página. *Pais esfaqueados até a morte. Shay McCabe, de 13 anos, correu para o hospital com ferimentos graves.* Pulei para um artigo de acompanhamento e li também. Michael McCabe foi condenado a vinte anos de prisão pelo assassinato de seus pais depois que eles o informaram que ele estava sendo enviado para um centro de tratamento residencial.

Isso não significaria que ele ainda estava preso? No final do artigo, houve uma atualização. *Após novos registros legais e a admissão de McCabe em um novo programa juvenil na Instituição de Tratamento Juvenil de Everest, ele agora será elegível para liberdade condicional após seu vigésimo primeiro aniversário.*

Fiz uma matemática mental rápida. Há um mês, ele poderia estar fora. E apenas algumas horas de distância. Por que Shay não foi mais longe de um passeio de balsa de Seattle? Nada disso somava.

Meu estômago embrulhou com a foto da escola impressa em um dos artigos. Uma Shay de rosto sardento olhou para mim, uma pequena abertura entre seus dois dentes da frente. Seu sorriso era largo e sem reservas, como se nada estivesse errado em seu mundo. Mas havia. O artigo falava da longa história de Michael com doenças mentais, mesmo aos onze anos. Idas a um hospital psiquiátrico local e uma breve passagem por uma unidade de detenção juvenil. Como teria sido para uma criança crescer em um lar, lutando para lidar com isso? Que aterrorizante.

Meu maxilar se movia, enquanto meus dentes de trás rangiam. Eu continuei lendo. Artigo após artigo. Tudo o que pude encontrar sobre Michael e os McCabes. A maior parte foi uma regurgitação dos dois primeiros artigos que li, mas continuei procurando mesmo assim. A verdade do que eu acabei de aprender girou no fundo da minha mente. Shay quase morreu. Porque seu *irmão* tentou matá-la.

Eu quase morri de susto quando a notificação do chat de vídeo retumbou na minha tela. Eu apertei aceitar, e o rosto de Carson preencheu a tela.

—Navegando na internet, preguiçoso?

Eu não conseguia forçar minha boca em um sorriso. —Apenas fazendo uma pesquisa.

Carson ficou sério. —O que há de errado? Imprensa perseguindo você de novo?

—Não, nada disso. — Eu esfreguei a mão no rosto, tentando pensar no que eu poderia compartilhar sem trair a confiança de Shay.

—Lara está te enchendo o saco de novo? Precisa que eu contrate um assassino?

Isso quase arrancou um sorriso de mim. —Você sabe que ela apareceu aqui outro dia?

O queixo de Carson caiu. —Na sua pequena ilha no meio do nada?

—Não é no meio do nada, mas sim. Pegou um voo e um barco a trouxe direto para cá.

—Não é à toa que você parece um lixo.

Eu gostaria que fosse tão simples quanto Lara aparecendo e me deixando louco. Mas ela foi surpreendentemente compreensiva quando eu cancelei nosso jantar e prometi que ela me ouvisse e me daria algum espaço para descobrir qual seria o novo rumo em minha carreira. Eu distraidamente tracei um desenho em minha mesa com meu dedo. —Não é Lara.

Carson soltou um bufo. —O que então? Você já está se arrependendo de sua mudança?

—Não. Eu amo isso aqui, na verdade. — A paz que encontrei na minha rotina, os sons e cheiros da natureza... Shay, todos eles eram bons para mim. Eu me sentia mais saudável e feliz do que nunca, mesmo que não tivesse descoberto qual poderia ser minha nova carreira. —Há alguém aqui que me interessa...

—Sua zeladora gostosa? — Ele perguntou com um sorriso malicioso.

Eu fiz uma careta para ele. Shay apareceu no meu estúdio algumas semanas atrás, quando Carson e eu estávamos conversando, e ela o conheceu por vídeo. Eu não tinha ouvido o fim disso de Car desde

então. —Eu não estou dizendo quem. Mas está com problemas. E estou tentando descobrir como posso ajudar.

—Problemas como evitar os policiais porque eles fizeram parte de um roubo de joias, ou problemas como eles estão viciados em pílulas? Dê-me uma pequena orientação aqui.

—Problemas como se eles estivessem escondidos de alguém que pode querer machucá-los.

O rosto de Carson endureceu. —Se esse alguém for o deslize de uma garota que mora na sua ilha, eu lhe diria para mantê-la por perto. Você quer o número do meu investigador particular? Você sabe que ele é discreto e pode obter informações sobre qualquer coisa.

Alguns anos atrás, a irmã de Car se envolveu com um cara mal e não conseguiu se libertar. Este investigador tinha encontrado sujeira suficiente para Carson tirar sua irmã e manter seu *ex* longe para sempre. Ter mais informações sobre Michael, confirmando seu paradeiro, não faria mal. —Certo. Envie do meu jeito.

—Vou mandar uma mensagem assim que desligarmos.

—Obrigado, cara. Como estão as coisas com você? Progredindo nas peças para a exposição?

Carson fez uma careta. —Elas estão vindo. Mas não estou convencido de nenhuma delas ainda.

Desta vez, eu sorri. —Você odeia cada escultura que faz. Só depois que os colecionadores estão clamando para superar uns aos outros que você acredita que elas estão meio decentes.

Ele procurou seu maço de cigarros. —Você pode ter razão.

—Confie no seu processo.

Seu olhar encontrou o meu através da tela. —É por isso que preciso de você em Nova York. Você me lembra de manter minha cabeça no lugar.

—Ninguém consegue manter sua cabeça no lugar.

Seus olhos brilharam maliciosamente. —Aquela sua pequena zeladora pode...

—Carson, — eu avisei.

—Só queria saber se você já a reclamou ou não.

—Essa é a coisa boa de morar a milhares de quilômetros de distância. Eu não preciso, posso simplesmente fazer... isso. — Eu desliguei a ligação antes que ele pudesse dizer outra palavra e fechei a tela do meu laptop. Poucos segundos depois, meu telefone apitou com uma mensagem me chamando de idiota e depois outra com o número de seu investigador particular. Eu faria a ligação daqui a pouco. Primeiro, eu queria falar com Hunter.

Saí de casa e desci o caminho em direção ao canteiro de obras. A equipe estava maior hoje, rostos desconhecidos misturados com os que eu conhecia. Hunter acenou, terminando uma conversa com um homem que eu não reconheci. —Ei, Brody.

—A casa está cheia hoje, — eu disse, observando todos que entravam e saíam do prédio.

—É hora de conhecer tudo, e isso é um monte de peças em movimento. Você precisava de algo? Ou você estava apenas vindo para verificar tudo?

Afastei-me do estúdio e voltei para Hunter. —Eu queria saber se você conhece alguém que faz sistemas de segurança.

As sobrancelhas de Hunter se ergueram. —Segurança?

Eu ouvi as palavras que ele não disse. Aqueles que perguntariam por que eu precisava de um sistema de segurança quando era dono de toda a ilha. —Sim. Com esse problema em Nova York, poderia ser inteligente. Por mais que eu ache que ter este lugar só para mim será uma proteção mais do que suficiente, prefiro ser mais cauteloso.

—Lamento que você esteja sofrendo tanto. Se houver algo que eu possa fazer para ajudar, é só dizer.

Naquele momento, percebi que Hunter era cem por cento genuíno. Se eu tivesse dito a ele que precisávamos de patrulhas de vinte e quatro horas, ele provavelmente teria sido o primeiro a se inscrever para um turno. —Obrigado, cara. Isso significa muito. Eu realmente só preciso saber minhas opções quando se trata de um sistema para este lugar.

Ele acenou com a cabeça, seu olhar voltando para o estúdio e, em seguida, para a floresta circundante. —Você tem um *timing* perfeito no estúdio. Podemos começar fazendo a fiação e, em seguida, qualquer provedor de serviços que você usar pode simplesmente conectá-lo. Não sei muito sobre como você pode ter um alerta para alguém desconhecido atracando na propriedade, mas tenho um amigo com quem você pode conversar. Griffin tem um sistema assassino em sua casa em Anchor. Ele provavelmente terá algumas ideias de por onde começar.

—Se ele estiver disposto, isso seria ótimo.

Hunter pegou seu telefone. —Deixe-me subir em direção à casa para que eu possa conseguir algum serviço e eu ligo para ele.

—Obrigado. Eu realmente agradeço você ir além do que pedi.

Ele sorriu. —Bem-vindo à vida de uma cidade pequena. Cuidamos uns dos outros aqui.

Foi uma experiência nova, cuidar dos vizinhos. No meu prédio em Nova York, devo ter conhecido dois dos meus vizinhos. E certamente não entraram em ação quando precisei de ajuda. Então, novamente, eu nunca perguntei. Mas a vida nas ilhas era diferente. E eu também poderia ser um pouco diferente.

CAPITULO 14

Shay

Eu clico em confirmar na página final da web e solto um suspiro. Não era uma fortaleza, mas eu coloquei algumas paredes adicionais entre Michael e eu. Minha correspondência agora estava sendo encaminhada de Charlotte para Nashville para Maine e, finalmente, para Anchor. Se eu apenas continuasse mudando as coisas, ele não me encontraria. E mesmo se ele fizesse, eu não poderia imaginá-lo suportando um passeio de balsa de Seattle, seu medo da água era muito intenso. Desde que ele teve um susto enquanto crescia.

Foi uma das muitas vezes que meus pais tentaram nos unir saindo de férias com a família. Alugamos uma casa em um lago por uma semana. Pescar no cais e fazer *marshmallows*.

Michael havia me empurrado quando eu estava demorando muito para colocar meu colete salva-vidas, e eu tive um corte feio no meu joelho. Meus pais estavam examinando o ferimento, tentando decidir se eu precisava de pontos quando ouvimos um barulho. Michael se recusou a esperar mais por nós e caiu no lago enquanto tentava subir no barco.

Meu pai tinha agido rapidamente, mas Michael precisava de RCP para começar a respirar novamente. Isso o assustou. E ele se recusou a chegar perto da água daquele dia em diante. Esse único incidente me deu a única arma verdadeira que eu tinha.

Fechei a tela do meu laptop e me dirigi até a porta. Eu precisava verificar o gerador, porque o boletim meteorológico indicava uma tempestade. Comecei a subir o caminho quando uma voz familiar gritou. Virei-me para ver Caelyn acenando. Mudando de direção, desci a colina. —O que você está fazendo aqui?

Ela acenou para seu marido, Griffin, que estava no que parecia ser uma discussão intensa com Brody. —Hunter ligou para Griffin porque Brody tinha algumas perguntas sobre que tipo de sistema de segurança colocar. Pensei em vir junto com ele, na esperança de ver você. E aqui está você.

Eu sorri, mas meu olhar mudou para Brody, me perguntando se um sistema de segurança sempre esteve em sua lista de planos ou se era uma nova adição depois que eu abri um pouco sobre meu irmão. —Griffin sabe muito sobre isso? — O marido de Caelyn restaurou sua antiga casa de fazenda da família em Anchor praticamente sozinho, então isso não teria me surpreendido.

Caelyn revirou os olhos para o céu. —Ele está obcecado. Podia literalmente falar sobre isso por horas a fio. Talvez eu tenha que arrastá-lo de volta para o barco.

Eu rio. —Então eu acho que vai demorar um pouco. Quer vir comigo para verificar o gerador? Então podemos dar um passeio até a praia.

—Você é uma dádiva de Deus. Se eu ouvir mais uma palavra sobre câmeras ou fiação, meus olhos vão cruzar. — Ela soltou um assobio e o olhar de Griffin disparou para ela. —Shay está me dando um tour. Voltarei mais tarde.

Griffin parou por um momento e então acenou com a cabeça. — Tome cuidado.

—Tenho certeza de que não vou ser comida por um urso.

Griffin balançou a cabeça, mas seus lábios se contraíram quando ele voltou para a conversa. Mas os olhos de Brody permaneceram em mim, seu olhar intenso. Eu lutei contra a vontade de me contorcer sob o peso do seu olhar. Em vez disso, acenei e me afastei. —É doce como Griffin é com você.

Caelyn bufou. —Doce, mas um pouco exagerado. Eu juro que ele me envolveria em plástico-bolha se pudesse.

Meu coração doeu com suas palavras. Deus, eu queria isso. Alguém que queria se colocar entre mim e todas as coisas ruins do mundo. Não porque eu não pudesse lidar com minhas próprias batalhas, mas simplesmente porque eles me amavam. —Um pequeno plástico bolha não é uma coisa tão ruim.

Caelyn olhou para mim. —Eu acho que não. Então, como vão as coisas aqui? O novo chefe?

—Diferente. Mas bom. Acho que Brody e eu estamos nos tornando amigos. Quero dizer, ele ainda é meu chefe, é claro. Mas como ele está na ilha o tempo todo e não há mais ninguém aqui, nós saímos.

Ela balançou as sobrancelhas para mim. —Saindo, hein?

Minhas bochechas queimaram. —Assim não. — Mas eu não podia negar que os pensamentos de como *isso* poderia ser estiveram rodando na minha cabeça por semanas. Seria estúpido, tão incrivelmente estúpido ir lá com ele. Mas pensar nisso foi uma história diferente.

—Ele olha para você. Não de uma forma assustadora. Como um doce. Como se ele estivesse cuidando de você.

Meu interior esquentou com o pensamento. —Ele é um cara bom.

Caelyn deixou escapar um zumbido de concordância. —Ele parece vir muito para a cidade com você. Tem algumas fofocas sobre você rondando.

Parei na trilha e enfrentei Caelyn. —Alguém tem perguntado sobre mim? — Eu tentei manter o pânico longe da minha voz, mas eu sabia que me escapou um pouco.

A preocupação delineou o rosto de Caelyn. —Nada mal. Eu prometo. Apenas a fábrica de fofocas local. Você sabe que eles vão falar sobre qualquer coisa.

Mas eles não tinham falado sobre mim antes. Eu nunca dei a eles a oportunidade. Mas um novo residente bonito e uma mulher que não tinha

amigos ou família para falar? Isso faria as pessoas falarem. Pela primeira vez, odiei essa nova amizade com Brody. Mas no segundo em que o pensamento escapou do meu cérebro, meu corpo pareceu revoltar-se. Eu nunca desistiria de momentos roubados com Brody. Não meus treinos matinais ou nossas noites de cinema. Não perder repetidamente em *Yahtzee* ou nas viagens para a cidade.

Eu olhei para Caelyn. —Mas ninguém mais está perguntando sobre mim, certo? Apenas moradores de longa data?

Ela ficou em silêncio por um momento antes de responder, como se tentasse escolher as palavras com cuidado. —Ninguém que eu não conheço há anos. Isso é sobre o quê?

Meus lábios pressionaram em uma linha dura, a fechadura para manter todos os meus segredos de volta. —Nada realmente.

Caelyn estendeu a mão e apertou meu cotovelo. —Você sabe que pode confiar em mim. Meu passado não é fácil, mas deixar as pessoas entrarem, deixá-las me ajudar em vez de assumir tudo sozinha fez toda a diferença. Adoraria ajudar a aliviar sua carga, se puder.

Meus olhos queimaram com sua bondade genuína. Eu conhecia Caelyn desde que me mudei para Harbor. Ela estava trabalhando na *The General Store* a primeira vez que fui buscar suprimentos. Ela foi calorosa e acolhedora quando eu estava com medo e com saudades de casa. Mas nunca tínhamos passado daquela primeira camada de *falsa* amizade. No entanto, eu aprendi a conhecer se caráter ao longo dos anos, e era de uma pessoa em quem podia confiar.

—Tenho um membro da família que não quero saiba onde estou. É uma história longa e complicada. Mas o que importa é que estive segura aqui. E ficarei assim enquanto puder permanecer o mais anônimo possível.

Caelyn tentou ler nas entrelinhas da minha declaração, juntando suposições que eu sabia que não seriam corretas. —Farei o que puder

para ajudar. E eu estou sempre aqui se você precisar iluminar os fantasmas. Talvez exorcizá-los um pouco.

Eu sorrio. —Você vai queimar um pouco de sálvia perto de mim?

—Não julgue antes de experimentar.

Eu levantei as duas mãos em sinal de rendição. —Eu não ousaria. E, Caelyn?

—Sim?

—Obrigada. Você não tem ideia do quanto sua bondade significou para mim nos últimos anos. Não acho que você perceba o impacto que tem na vida das pessoas. Elas passam pela loja e você ilumina seus dias. Da a elas um ponto de contato quando elas não conseguem em nenhum outro lugar.

Os olhos de Caelyn brilham ao sol da tarde. —Por que você tem que me fazer chorar assim?

—Porque eu sou má.

Ela bateu em seu ombro com o meu. —Você realmente é.

—Mas agora você está presa a mim, — eu falo de volta.

—Acho que vou ter que lutar contra isso.

Isso é amizade, eu percebi. Alguém dando gratuitamente. Não dificultada por um irmão que ficaria furioso e se machucaria se pensasse que eu poderia ter outra companheira para brincar. Um onde eu poderia simplesmente *estar* sem preocupação ou medo. E foi um dos maiores presentes que já recebi.

CAPÍTULO 15

Brody

Eu sorri enquanto jogava os dados no copo *Yahtzee*. —Você tem certeza que quer jogar outro jogo? Já passou da sua hora de dormir. — A última vez que verifiquei o relógio da cozinha, já passava da meia-noite. Shay geralmente estava na cama por volta das dez, o mais tardar, já que se levantava ao amanhecer todos os dias.

—Cale a boca e lance os dados, James.

Eu não pude segurar minha risada. —O que isso significa? Seis jogos para um?

Ela se endireitou na mesa que eu tomava o café da manhã. —Apenas espere. Vou dar a volta por cima e vai ser épico.

—Das dezenas de vezes que jogamos este jogo, quantas vezes você conseguiu êxito em uma reviravolta?

Sua expressão azedou. —Uma vez.

Não pude evitar irritar Shay. Era muito divertido, e ela era uma péssima perdedora. Em nenhuma área de sua vida além de *Yahtzee*. Talvez fosse porque ela era muito ruim nisso, e a mulher provavelmente não tinha sido ruim em qualquer outra coisa em sua vida. Se Shay queria dominar algo, ela o perseguia com força total. Jardinagem, criação de galinhas, conserto de maquinarias pesadas. Se ela não sabia fazer, ela aprendia. Se ela era ruim em algo, ela praticava. Mas não importa quantos jogos de Yahtzee jogamos, ela nunca melhorou.

—Você é muito adorável quando faz beicinho.

Sua cabeça se ergueu. —Eu não estou fazendo beicinho.

Eu engoli minha risada. —Claro, você não está.

Ela desabou contra o assento almofadado. —Tudo bem. Talvez eu esteja fazendo beicinho. Não entendo se tenho a pior sorte do mundo ou se sou simplesmente péssima em calcular probabilidades mentalmente.

Minhas sobrancelhas se ergueram. —Você está tentando contar os dados?

—Tenho quase certeza de que isso só funciona com cartas.

—Lembre-me de nunca a levar a *Las Vegas*.

Seu nariz franziu em um desgosto adorável. —Não, obrigada.

—Não é fã de *Sin City*?

Ela balançou a cabeça. —Eu fui uma vez quando era criança. Muitas pessoas. Muita fumaça de cigarro.

—Há comida muito boa, também.

—Posso fazer boa comida na privacidade da minha própria casa.

Shay tinha conseguido fazer quase tudo nesta ilha. Mas enquanto eu a estudava na luz fraca da cozinha, mechas de cabelo caindo livres e emoldurando seu rosto em forma de coração, eu não pude deixar de me perguntar sobre tudo o que ela estava perdendo. Para experimentar a vida de verdade, você tinha que vivê-la em comunidade. Era algo que eu precisava me lembrar. —Devíamos sair neste fim de semana.

Sua cabeça se ergueu. —Sair…

—Sim, você sabe. Vamos jantar, talvez vamos até o *The Catch*. Hunter me disse que eles têm música ao vivo aos sábados e domingos agora.

A boca de Shay se mexeu como se ela estivesse lutando para formar as palavras que queria. —Não sei se é uma boa ideia.

Estendi a mão e apertei a dela. —Eu estarei contigo. E eu honestamente acho que quanto mais normalmente você vive sua vida,

menos as pessoas farão perguntas. E você é a mestre de respostas vagas, se eles se intrometerem.

Seus lábios se curvaram, chamando minha atenção. Meu intestino apertou. Estávamos perto. A apenas alguns metros de distância. Eu poderia me inclinar e acabar com essa distância, mergulhar naquela boca linda, me perder. Shay pigarreou. —Vou pensar sobre isso. Isso é suficiente bom?

Eu me sacudi para sair do estupor em que ela me prendeu. —É um começo. — E eu não deixarei de perguntar.

* * *

Com um último movimento do pulso, estava feito. Afastei-me da tela, examinando a imagem à minha frente. Mais próximo. Ainda não havia chegado no ponto, mas mais perto da imagem em minha mente. Era outro de Shay. Este era dela na praia. As ondas estavam quebrando em torno dela, tentando levá-la para o mar, mas seus braços estavam estendidos, criando uma espécie de campo de força que impedia a água de roubá-la. Foi o seu poder, força e pura força de vontade. Mas também havia escuridão. Girando em torno dela. Dúvidas. Medos. As vozes feias que eu percebi tinham um controle muito poderoso sobre a mulher por quem eu tinha ficado fascinado.

Estudei as curvas e as *extremidades*. A batalha ocorrendo na imagem. Foi a melhor coisa que pintei em meses. Progresso. Eu ainda acabava com algumas telas destruídas a cada semana, mas estava terminando mais projetos também. E eles pareciam estar se transformando em algo um pouco diferente do meu trabalho anterior. Não sabia como exatamente, mas gostava da direção em que as coisas estavam se movendo.

Tirei minhas luvas e as joguei no lixo, em seguida, abaixei minha máscara. Quando eu estava prestes a ir para a cozinha para um lanche, uma chamada soou do meu laptop. Eu caminhei até minha mesa e apertei aceitar. O rosto de Carson encheu a tela. —Seu desgraçado.

Ele disse isso sorrindo, mas minhas sobrancelhas ainda se juntaram. —Você que é.

—Você está me escondendo as coisas.

—O que você está falando?

Carson se movia em seu estúdio enquanto conversávamos, grandes esculturas aparecendo e desaparecendo no fundo conforme ele avançava. —Você disse que estava lutando. Quase não terminando nada.

—Eu estava. Quer dizer, as coisas estão um pouco melhores agora. Estou finalmente entrando em um ritmo—

—Eu vi aquela peça que Lara está colocando em leilão neste fim de semana. Eu diria que você mais do que encontrou seu ritmo. Você está entrando em uma nova era de trabalho. É diferente das suas outras coisas. Mais vivo de alguma forma.

—A paisagem está mais viva? — Essa série foi decente, mas não foi nada que escrever. Elas eram bonitas de se ver, mas não falavam o suficiente. Não o agarrou pela garganta e o forçou a olhar para algo que você poderia ter ignorado de outra forma.

—Não é uma paisagem. A da sua zeladora. Onde ela está cultivando videiras. É épico, cara. Verdadeiramente épico. Inferno, eu mesmo posso dar um lance.

Eu congelo. —Isso não está à venda. Eu dei paisagens a Lara. — Afastei-me da mesa e me levantei, caminhando até o armário onde estava guardando minhas pinturas. Nunca mais olhei para elas depois que terminei. Por que eu deveria? Simplesmente empilhei mais peças lá.

Procurei tela após tela. Conforme eu passava por cada uma, passando de uma para a outra, meu maxilar endureceu mais. Nenhuma das minhas outras paisagens se foi. Nada cujo assunto fosse alguém da equipe ou um rosto interessante que eu tivesse visto na cidade. Mas faltava pelo menos quatro pinturas de Shay. Soltei uma ladainha de maldições e voltei para o laptop.

—O que diabos está acontecendo, Brody?

Eu agarrei as costas da minha cadeira, meus dedos ficando brancos. —Ela os levou. Pinturas que eu disse que ela não poderia pegar. Eu dei a ela paisagens em troca de um ano de folga. E ela simplesmente foi em frente e pegou o que diabos ela queria.

Toda diversão fugiu da expressão de Carson. —Não estou tentando ser um idiota aqui, mas é o que ela sempre faz. Ela nunca protegeu você. Só ela.

Esta foi finalmente a gota d'água. Todas as vezes que desculpei as ações de Lara por causa de nossa história. Todas as vezes que pensei que ela era especialmente feroz. Mas Carson estava certo. Lara só cuidava de si mesma. Nunca foi verdadeiramente por mim. E parou agora. Fui abordado por dezenas de outros revendedores e agentes ao longo dos anos, pedindo para me representar. Mas sempre senti lealdade por Lara. Isso acabou hoje. —Eu tenho que ir. Eu preciso lidar com isso.

—Atenção, já está em todos os blogs de arte.

Corri a mão pelo meu cabelo e puxei as pontas. Isso significava que também poderia ser reproduzido na mídia convencional. Desde Josiah Mosely, as pessoas ficaram mais intrigadas com minha arte. E como não havia muitas informações pessoais minhas por aí, eles também ficaram fascinados comigo.

—Obrigado pelo aviso.

—Boa sorte. Me avise se eu puder fazer alguma coisa.

—Eu farei. — Eu desliguei e puxei meu celular da gaveta da minha mesa. Eu costumava deixar em casa porque só funcionava quando estava conectado à internet de qualquer maneira. Eu apertei o contato de Lara.

Ela atendeu no terceiro toque. —Brody, é tão bom ouvir de você.

—Para com essa merda.

—Desculpe?

—Eu disse, para com essa merda. Você vai fazer três coisas por mim. Primeiro, você está cancelando o leilão e retirando todas as fotos daquela pintura de todos os sites que você controla. Em segundo lugar, você está embalando todas as minhas pinturas em sua posse e enviando-as de volta para mim. E terceiro, você está demitida.

Houve silêncio por um breve momento antes de Lara começar a falar. —Você está exagerando. Eu sei que sua arte é pessoal para você, mas você precisava de uma peça que fizesse barulho. E essas paisagens não iriam fazer isso. Já tive várias perguntas sobre isso. Acho que terá pelo menos seis dígitos, possivelmente sete.

—Eu não dou a mínima para o dinheiro, — eu rugi. —Você *me* roubou. E a menos que você faça como eu acabei de instruir, vou apresentar uma queixa, então *te* vou processar e pegar todo esse seu precioso dinheiro e vou arruiná-la no mundo da arte.

Não consegui evitar que as palavras saíssem da minha boca porque a única coisa que pude ver em minha mente foi o rosto de Shay quando ela recebeu a carta de seu irmão. Como ela iria enlouquecer quando eu contasse a ela que seu rosto estava voltado para o mundo e estava conectado a mim. Ela me deu sua confiança, me disse coisas que ela não tinha compartilhado com ninguém. E sem querer, eu a traí.

—Brody, — Lara sussurrou, sua voz cheia de mágoa, —nós somos amigos há mais de uma década. Uma equipe. Construí sua carreira. Nós - nós - você não faria.

—Eu vou. Você tem duas opções. Faça o que eu digo e não irei bani-la desta comunidade. Ou você pode pressionar, e eu destruirei todo resquício de reputação que você tem. Você acha que algum artista trabalhará com você assim que souber a verdade? Como você realmente opera?

Ela respirou fundo. —Você está sendo um monstro.

—Talvez eu seja. — Mas eu seria um monstro tanto quanto fosse necessário se isso significasse manter Shay seguro. — Comece a trabalhar. — Desliguei antes que Lara tivesse chance de responder. Eu não queria ouvir suas desculpas idiotas de qualquer maneira. Eu tinha que dizer a Shay que a expus para o mundo. E implorar por seu perdão.

CAPÍTULO 16

Shay

Eu cantarolava enquanto arrancava as ervas daninhas dos canteiros, um novo arranjo na minha cabeça. Já fazia muito tempo que não tentava compor algo original. Mas eu comecei a sentir a atração dessa válvula de escape nas últimas semanas. Talvez fosse simplesmente porque já havia passado tempo suficiente e eu finalmente estava pronta para tentar novamente. Talvez fosse porque cada momento roubado com Brody parecia uma nota em uma música que estávamos elaborando juntos.

Elas construíram uma sobre a outra, aquelas notas. Um crescente constante. Em algum ponto, chegaríamos ao clímax. Mas eu não tinha certeza do que poderia acontecer lá. A mais deliciosa espiral descendente? Ou um colapso total?

Afastei os pensamentos da minha mente. Eu não poderia me preocupar com isso agora. Eu só podia seguir em frente. Aproveitando nossa amizade e me lembrando que era platônico que esse relacionamento precisava ficar.

—Shay? Você está aqui? — Brody ligou como se eu tivesse apenas desejado que ele ficasse apenas com meus pensamentos.

—Canto traseiro direito.

Ele apareceu rapidamente, o cabelo um pouco bagunçado pelo vento, ou talvez simplesmente despenteado passando os dedos por ele. — Eu preciso falar com você.

Seu tom me fez levantar, e meu coração deu um baque extraforte no meu peito. —O que há de errado?

Ele começou a andar de um lado para o outro no pequeno espaço. — Eu, uh... inferno. Eu estraguei tudo.

Estendi a mão e agarrei seu braço, parando seu movimento. —Então vamos consertar.

Seu rosto continha uma guerra de emoções: esperança, dor, medo. —Eu pintei você em algumas telas. Foi errado da minha parte. Eu deveria ter perguntado. Você me disse que não posaria para mim, mas as imagens continuavam passando na minha cabeça, e eu só tinha que colocá-las em uma tela...

Meus dedos apertaram seu braço. —Está bem. Claro, você deveria ter perguntado, mas está tudo bem. Contanto que você não esteja planejando ter uma grande exposição de arte com elas. Eu sei que você tem se esforçado para encontrar seu equilíbrio com seu trabalho novamente, e se me pintar te ajuda, vá em frente.

Brody fez uma careta e minha mão caiu de seu braço. Eu observei sua expressão novamente, a preocupação fazendo-se em casa. —Brody... me diga que não há uma exposição.

—Não há exposição. Mas quando Lara esteve aqui, ela tirou algumas de minhas pinturas de você. Ela não deveria. Eu disse a ela apenas as paisagens, mas ela é sorrateira e amou a que eu pintei você. Ela os levou depois que você e eu saímos. Um deles foi anunciado para leilão hoje. Vários sites de arte têm essas fotos. Não acho que tenha superado isso, mas não posso ter certeza. Sinto muito, Shay. Você nunca saberá quanto. Você me deu este presente, sua amizade, sua verdade e eu... eu traí isso.

Fiquei em silêncio, meu corpo ficou dormente. Foi por isso que evitei as pessoas. Relacionamentos. Cada corda era uma chance de exposição. Cada fragmento representa um risco maior de descoberta. No entanto, enquanto eu olhava para Brody, este homem que estava trabalhando cada vez mais fundo em meu coração, eu não poderia desejar que ele fosse embora. —Você não me traiu. Não é sua culpa.

Ele se moveu em um flash, me puxando para seu domínio. —Eu sinto muito. *Porra*, sinto muito.

Meus braços envolveram sua cintura. A força de seu abraço parecia uma armadura contra a tempestade que se aproximava. Se eu pudesse ficar assim, estaria segura. —Tenho que saber até onde foi a imagem da pintura.

Brody acenou com a cabeça. —Venha para a casa comigo, e nós procuraremos. Estou fazendo tudo que posso para tirar as fotos.

—Eu sei que você está. E esses são sites de arte, então pode não ser tão grande coisa. — Eu queria que esse conhecimento me acalmasse. Michael tinha ido para a mesma escola de artes que eu. Ele optou pelo violoncelo em vez do violino, querendo traçar um caminho diferente do de sua irmã. Mas o caminho foi mais desafiador para ele. Muitos arcos quebrados e um punhado de instrumentos quebrados. Eu tinha que esperar, com o que tinha acontecido, e com quanto tempo havia passado, que ele não estivesse mais conectado com nenhum colega de escola de arte. Que ninguém mencionaria casualmente ter visto a foto de uma pintura que se parecia muito com sua irmã.

Brody pegou minha mão. —Vamos. Vamos ver com o que estamos lidando.

Deixei minhas ferramentas de jardinagem abandonadas na estufa, mentalmente prometendo lidar com elas amanhã. Brody me puxou ao longo do caminho para a casa principal. Não com força, mas com um incentivo gentil. Sem ele, provavelmente teria caído no chão onde estava. As memórias se aglomeraram, a pontada de medo ainda vibrando por mim, alimentando todos e cada um.

Eu fiz o meu melhor para lutar contra elas. Expulsando-as do meu cérebro. Não adiantou nada. As memórias eram como aquele jogo de árcade *Whac-A-Mole*. No momento em que eu derrotasse um, outro surgiria. Michael me jogando contra a parede, sua mão na minha garganta. Ele ameaçando uma garotinha que queria vir para uma festa do pijama. Jogando o prato na parede quando minha mãe disse que ele tinha que terminar as ervilhas.

Mas também havia boas lembranças. O forte que fizemos em nosso quintal. Aquele que só nós dois podíamos entrar. A vez em que fizemos panquecas para o Dia das Mães e quase destruímos a cozinha. O bom e o mau balançavam para frente e para trás em meu cérebro em um ritmo acelerado e louco.

Mãos fortes agarraram meus braços. —Shay. Concentre-se em mim.

Eu balancei minha cabeça um pouco, piscando rapidamente. Como se isso pudesse limpar tudo. Apagar um passado que eu nunca fui capaz de entender totalmente. —Desculpe. Eu... —Não havia maneira de terminar aquela frase, de explicar o que se passava em minha mente.

Brody me conduziu para o sofá. Profundo e grande e a peça de mobília mais confortável em que já me sentei. Mas mesmo isso não era um conforto, não ia além de um pensamento fugaz. Ele agarrou minhas pernas, as mãos prendendo-as bem acima dos meus joelhos, como se ele pudesse me prender a este lugar. —Fale comigo.

Aquele ardor familiar subiu pela parte de trás da minha garganta e nos meus olhos. —Eu não sei como.

—Diz-me uma coisa. Você sempre começa com uma coisa verdadeira.

Eu encarei o homem na minha frente. Seus olhos estavam cheios de compreensão e livres de julgamento. Implorando para que eu o deixasse entrar. Minhas mãos agarraram as laterais da almofada do sofá enquanto eu procurava pela coisa mais verdadeira que eu poderia dar a ele. —Eu amo meu irmão.

As mãos de Brody flexionaram em torno das minhas pernas. —Vou ser honesto. Eu pesquisei sobre você. Eu conheço os traços gerais do que aconteceu. Mas esses artigos raramente fornecem uma imagem completa.

—Eu sei que parece loucura. Para amar a pessoa que assassinou seus pais. Quem tentou *te* matar. E não me entenda mal, eu também o odeio. Mas é impossível esquecer que ele foi meu irmão onze anos antes

de isso acontecer. E eu era sua irmã mais velha. Eu deveria cuidar dele. Eu não posso apagar essa necessidade. Assim como não posso apagar tudo de bom que tivemos como uma família.

Brody traçou círculos distraídos na parte interna da minha coxa com o polegar. —Mas você fugiu dele.

Eu engoli contra a secura na minha garganta. —Eu sei que se tivesse uma chance, ele me mataria também. E nem mesmo é culpa dele.

Os olhos de Brody brilharam. —Não é culpa dele?

—Não é escolha de Michael. Seu cérebro o traiu desde o momento de seu nascimento. Eu li muito, conversei com um monte de especialistas depois que ele foi preso. Apenas tentando entender o que aconteceu. Quando os traços de Michael aparecem em alguém tão jovem, isso significa que é hereditário. Tivemos os mesmos pais, Brody. Exatamente a mesma educação. No entanto, seu cérebro tinha essas minas invisíveis que explodiam à menor provocação. Como isso é justo?

Uma lágrima e depois outra escaparam dos meus olhos, deslizando pelo meu rosto. —Meu cérebro está perfeitamente bem. Eu não fico feliz em machucar as pessoas. Eu tenho empatia. Mas ele simplesmente não sente. Ele não pode.

—Talvez muita empatia, — Brody murmurou.

Era impossível para os outros entenderem. Esse laço com meu irmão que eu me recusei a cortar. —Minha tia também não entendeu. Ela costumava ficar louca por dias quando eu ia visitá-lo.

—Você visitou Michael? Depois que ele tentou matar você...

Eu tive que desviar o olhar, não poderia suportar o choque no rosto de Brody. Voltei meu foco para a janela, o mar aparecendo através da parede de árvores. —Não fui muitas vezes. Achei que talvez se ele me visse enquanto eu ainda estava me recuperando, isso pudesse chegar até ele. O dano que ele criou pudesse parecer real.

—Mas isso não aconteceu, — Brody preencheu.

—Não, não aconteceu. Michael não se importou. Ele não está preparado para fazê-lo. Não me entenda mal. Ele é capaz de imitar a aparência de cuidado e preocupação. Ele até enganou a maioria dos médicos em sua clínica. Mas não é real. — Eu olhei de volta para Brody. —Eu acho que é por isso que sua arte me atrai. Você não foge da realidade. Mesmo que seja feia.

Suas mãos apertaram minhas coxas, não dolorosamente, mas com pressão, intensidade. —Mas estou começando a perceber que o real não é tão feio também.

—Não é. Até com Michael. Há algo de bom nele. Existe vida. Simplesmente ficou distorcido de alguma forma. E isso me faz sentir ainda mais culpada quando eu fico com raiva. Quando me lembro de como fiquei apavorada enquanto crescia, como meus pais mal tinham tempo para mim, o quanto eu perdi... eu o odeio.

Brody me soltou. —Venha aqui.

—Estou aqui.

Em um instante, ele me levantou para que eu ficasse sentada em seu colo, minha cabeça pressionada em seu peito. A batida firme e forte de seu coração reverberou contra minha bochecha. Seus braços me envolveram, segurando como se ele nunca tivesse me deixado ir. —Eu não posso imaginar você passando pelo que passou. Não consigo me imaginar mantendo nem mesmo um fragmento desse amor.

—Eu não sou nobre. — Alguns dias eu me sentia uma covarde completa. Alguém que teria feito qualquer coisa para manter seu irmão preso.

—Você é incrível aos meus olhos. — Seus lábios roçaram o topo da minha cabeça enquanto ele falava, e eu parei de respirar. Apenas o toque deles enviou faíscas de energia através de mim. Eu queria me inclinar

para ele. Para sentir mais. Algo me disse que se eu me deixasse cair, Brody James poderia me fazer sentir mais viva do que nunca.

CAPÍTULO 17

Brody

Abri a porta lentamente, cuidando de não fazer qualquer possível rangido. Mas não houve nenhum. Observei a forma esparramada em diagonal na cama. Seu cabelo castanho estava em uma bagunça selvagem, caindo sobre os três travesseiros que ela de alguma forma conseguia usar. Seu rosto estava relaxado, a boca ligeiramente aberta.

Eu já estava pintando a cena em minha mente. Planejando as cores de que preciso. A maneira como eu faria a imagem ganhar vida e pular da tela. Obriguei-me a empurrá-la do meu cérebro. Afastar-se do quarto de hóspedes e fechar a porta.

Dei um agradecimento mental a quem inventou as cortinas blackout, do contrário não havia como Shay ainda estar dormindo. E ela precisava descansar, desesperadamente. Tínhamos ficado sentados no sofá por horas ontem, conversando sobre tudo e nada.

Quando eu disse a ela que queria que ela ficasse em um dos quartos de hóspedes durante a noite, ela lutou o mínimo possível. Mais uma pausa antes de concordar. Achei que ela não queria ficar sozinha. E eu não conseguia suportar a ideia dela, mesmo a duzentos metros de distância durante a noite. Apenas no caso de ela precisar de mim.

Eu a mandei de volta para sua casa de hóspedes para pegar algumas coisas, e enquanto ela estava fora, eu fiz algumas ligações. Pedidos aos grandes blogs para remover a pintura de seus sites com a promessa de uma entrevista em minha próxima exposição. Eu nunca iria retirá-la do ar em todos os lugares, mas os sites com mais tráfego eram um começo.

Desci as escadas, pegando meu casaco antes de ir em direção ao galinheiro. Eu já tinha visto Shay alimentar as galinhas e colher seus

ovos antes. E eu sabia que ela acordaria em pânico se não o fizesse. Então, eu fui o encantador de frango do dia.

Elas gritaram quando me aproximei. —Desculpe, senhoras. Eu sei que é mais tarde do que o normal, mas, por favor, não tente bicar meus olhos em retaliação. — Eu escolhi espalhar sua ração antes de abrir o galinheiro. Foi uma jogada inteligente porque, quando o fiz, elas me ignoraram completamente e foram direto para a comida. Rapidamente juntei os ovos e voltei para casa.

O relógio na parede marcava 10h15, e eu sabia que Shay não dormiria muito mais. Abri a geladeira para ver quais opções tínhamos. Minhas habilidades culinárias eram quase nulas. Mas eu tinha uma reserva de uma ou duas receitas além de queijo grelhado. Peguei alguns tomates cereja e mozarela. Indo até o parapeito da janela, arranquei algumas folhas de manjericão da planta que descansava ali. Em pouco tempo, eu tinha uma fritada crescendo no forno e o café fervendo.

—Que horas são? E o que cheira tão bem?

Shay entrou sonolenta na cozinha. Seu cabelo ainda estava emaranhado e ela estava se afogando em seu pijama de flanela enorme. Eu lutei contra a vontade de rir. —São 10:45, e minha obra-prima culinária é o que cheira tão bem.

Seus olhos se arregalaram. —Merda. As galinhas-

—Já cuidei. — Inclinei minha cabeça para a cesta de ovos no balcão.

—Você alimentou as galinhas e conseguiu seus ovos? Alguma delas tentou bicar você?

Eu sorri. —Elas estavam muito mais interessadas em comida. Aqui. — Eu coloquei café em uma caneca, e um pouco da metade e metade Shay preferia. —Beba isso. Você vai começar a se sentir humana novamente.

Ela sentou em um banquinho na ilha e tomou um longo gole de café. —Eu não durmo até tão tarde desde que era adolescente.

—Você precisava disso. — Shay havia chorado até secar todas as lagrimas ontem. Eu não sabia como isso não aconteceu antes. Ou talvez tivesse, e ela simplesmente não tinha ninguém por perto para segurá-la quando ela caiu. —Quem na sua vida sabe a verdade?

Ela piscou para mim. —Sobre Michael? — Eu concordei. —Minha tia. Caelyn sabe que algo ruim aconteceu com alguém da minha família. E Evergreen.

—Evergreen?

Um toque de rosa atingiu as bochechas de Shay. —Não sei o nome verdadeiro dela. Nós apenas usamos nossos nomes de tela uma com a outra. Nós nos encontramos em um tópico de fórum falando sobre como desaparecer não oficialmente. Nós nos demos bem. Por muito tempo, ela foi minha única amiga de verdade.

—Mas você não sabe quem ela realmente é... — Parecia um pouco imprudente. Divulgando muito para um completo estranho.

Os lábios de Shay formaram uma linha firme. —Nós duas sabemos o suficiente uma sobre a outra para descobrir a identidade uma da outra. Mas não fizemos isso. É uma coisa de respeito e confiança. Ela teve suas próprias dificuldades. Eu nunca tive ninguém entendendo o que eu passei mais do que ela.

—Estou feliz que você a tenha, então. — Se este Evergreen fez Shay se sentir menos sozinha, então eu estava a bordo.

A campainha do forno apitou e eu tirei a fritada. Shay soltou um assobio baixo. —Por que diabos eu estou cozinhado por aqui se você pode fazer isso?

Eu ri. —Eu dominava o queijo grelhado e bifes e batatas assadas.

—Uma dieta bem balanceada.

Eu apontei o pegador de panela para ela. —Ei, tem tomates nisso. Isso é um vegetal.

Sua boca se curvou. —Tecnicamente, eles são uma fruta.

—Espertinha, — eu murmurei. Meu telefone vibrou de onde estava conectado no balcão da cozinha. Eu deslizei meu dedo sobre a tela.

Carson: *Você viu isso? O que diabos aconteceu com ela?*

Meu sangue gelou quando li a manchete do artigo que Carson incluiu em seu texto. *Informações privilegiadas sobre 'O Artista' e como seu reinado de terror destruiu o menino de ouro do mundo da arte.* Abri o artigo, examinando os parágrafos. Lara havia pintado um quadro, certo. Um que questionou meu estado mental. Ela teceu verdades íntimas e mentiras convenientes em algo que nem mesmo lembrava a realidade. E ela nem mesmo se preocupou em fazer isso extraoficial. Seu nome estava lá em preto e branco.

Não deveria ter parecido uma traição. Eu deveria ter esperado isso dela. Ela sempre teve uma tendência vingativa. E ela teve que conseguir um último pagamento em seu relacionamento comigo. Mas ela esqueceu um fato conveniente. Depois que minha identidade foi exposta e meu anonimato destruído no mundo da arte, fiz com que todos que trabalhavam para mim assinassem acordos de confidencialidade. Lara tinha acabado de se foder regiamente. E não no bom sentido.

Eu escrevi um texto para meu advogado com um link para o artigo.

Eu: *Acabe com isso. Então eu quero ação legal completa.*

Eu tinha acabado de brincar com Lara. Deixei que ela me arruinasse enquanto me dizia que era para o meu próprio bem. Ela pensou que eu nunca iria agir contra ela por causa de algum vínculo que, na realidade, não significava nada. Mas ela estava prestes a descobrir o como ela estava errada.

Dedos longos e finos envolveram meu braço. —O que aconteceu?

Abri a boca para responder, mas não consegui encontrar as palavras. Em vez disso, simplesmente abri o artigo e entreguei meu telefone a Shay. Ela examinou a tela à sua frente. Depois de um minuto, sua cabeça se ergueu. —Aquela vadia.

—Não consigo pensar em uma palavra melhor para ela.

—Por que? Porque você disse a ela que ela não poderia vender aquela pintura? E daí? Ela tinha outras.

Corri a mão pelo meu cabelo, descontando minha frustração nas mechas. —Provavelmente porque eu a despedi.

A boca de Shay caiu aberta. —Brody... você não fez isso por minha causa, fez?

—Não. Fiz isso porque não posso confiar nela. — Soltei uma risada desprovida de qualquer calor. —Eu não achei que eu poderia. Essa é a coisa mais complicada de todas. Acho que ela tem manipulado as coisas, movendo-as a seu favor desde o primeiro dia.

Shay passou os braços em volta da minha cintura. —Eu sinto muito. Essa não é uma verdade fácil de aceitar. Mas às vezes, precisamos dessas sacudidas para despertar. E fará com que você aprecie as pessoas em sua vida que *realmente* pensam nos seus melhores interesses.

Foi a primeira vez que ela iniciou esse tipo de contato. A primeira vez que que ela me deu um abraço. Meus braços se moveram ao redor dela, uma mão mergulhando sob seus cabelos. Por mais selvagem que estivesse no momento, ainda era incrivelmente macio. Fios de seda. Eu descansei meu queixo no topo de sua cabeça e respirei fundo. Toques de lavanda que deveriam estar em sua loção ou shampoo. Isso acalmou alguns dos meus nervos em frangalhos dessa manhã. —Obrigado.

—Por que? — Ela perguntou contra meu peito.

—Só isso. — Eu a segurei um pouco mais forte como se quisesse mostrar a ela.

—Nunca é uma dificuldade envolver meus braços em volta de você, Brody.

Eu sorri em seu cabelo. —Fico feliz em ouvir isso.

—E eu senti falta de abraços.

Meus braços se contraíram em torno de Shay ao saber que ela havia perdido esse simples contato humano. —Vou te dar um sempre que você pedir.

CAPÍTULO 18

Shay

Evergreen13: *Então o que aconteceu?*

Phoenix26: *Nada. Nós tomamos café da manhã. Em seguida, ele teve que atender uma ligação com seu advogado.*

Evergreen13: *Quase nunca digo isso, mas estou decepcionada com você, Phoenix.*

Eu fiz uma careta para a tela. Eu nem deveria ter começado esse assunto. E era muito intrometida. Sempre tentando me pressionar para ampliar meus horizontes. Devo ter demorado muito para responder porque, de repente, o aplicativo de bate-papo estava tocando. Eu congelei. Nunca tínhamos conversado cara a cara. Mas não pude resistir em aceitar.

O rosto de Evergreen preencheu minha tela. Ela era o que eu esperava e não era. Bonita o suficiente para enfeitar a capa de qualquer revista, mas com um toque único. Vários brincos alinhavam-se em suas orelhas, e a delicada escrita de uma tatuagem aparecia por trás de seu lóbulo esquerdo. —Achei que se eu ligasse sem perguntar, você não teria a chance de pensar em todos os motivos para não atender.

—Você me conhece muito bem. — Eu teria inventado um milhão de razões para ter sido uma má ideia. Mas agora aqui estava ela, na minha frente, e eu senti que a teria reconhecido em qualquer lugar. Talvez porque compartilhamos algumas de nossas coisas mais difíceis. Ou simplesmente porque ela estava comigo nesta jornada quando eu deixei todos os outros que conhecia para trás.

—Agora, você vai me dizer por que você não deu um passo no *Enigma* gostoso?

Eu balancei minha cabeça, mas ri. —Ele é menos um *Enigma* agora. Assim como você, sinto que o conheço desde sempre.

A expressão de E se suavizou. —Deve ser de uma boa gente, então.

—Deve ser.

Seus lábios se contraíram. —Você ainda não respondeu à minha pergunta.

—Eu esperava que você não notasse esse fato. — Suspirei quando E. ficou em silêncio. —É muito arriscado. Por um milhão de razões diferentes. Mesmo se ele não fosse meu chefe, eu simplesmente não posso. — Porque se Michael me encontrasse, a primeira coisa que ele faria seria machucar as pessoas de quem eu gosto.

—Você não pode parar de viver por causa do seu irmão. Ele não sabe onde você está. E as chances são de que ele acabará na prisão antes do final do mês.

Eu esperava que ela estivesse certa. Assim que o pensamento entrou em minha mente, a culpa me inundou. Eu deveria ter esperanças otimistas de que Michael tivesse sido reabilitado. Mas eu estaria mentindo para mim mesma. Eu vi em seus olhos durante a última visita que fiz à *Instituição*. O brilho quando ele mencionou nossos pais, viu a dor em meu rosto. Ele sempre gostava de me machucar. Especialmente quando eu era a razão pela qual ele foi pego. Por que ele foi preso.

—Apenas me prometa que você vai pensar um pouco, — E. disse, trazendo minha atenção de volta para ela.

—Pensar no quê?

—Dar um passo com aquele homem.

Eu gemi. —Vou pensar sobre isso. — Quem eu estava enganando? Não fui capaz de pensar em mais nada.

* * *

Fechei a porta do galpão de armazenamento, levando um momento para trancá-la atrás de mim. Não por medo de ladrões humanos, mas de criaturas. Guaxinins e outras criaturas eram astutos com suas patas quando a comida de galinha que estava dentro os chamava.

Eu me virei para ir para a estufa e avistei Sam vindo em minha direção. —Vindo visitar as galinhas?

—Elas são boas amigas, — disse ele com uma risada. —Mas eu estava realmente indo ver se você gostaria de me encontrar no *The Catch* nesta sexta-feira.

Lutei para encontrar uma maneira gentil de dizer não. E percebi que honestidade era o melhor que eu conseguiria. —Não, obrigada. — Porque por mais que eu estivesse começando a deixar as pessoas entrarem no meu mundo, eu não tinha nenhum interesse em sair com ninguém. Esse era um tipo de vulnerabilidade para a qual não estaria pronta tão cedo.

—Não, obrigada? — Ele disse as palavras como se estivesse confuso.

—Agradeço a oferta, no entanto.

Um brilho forte brilhou em seus olhos e ele se aproximou. —Você está fodendo seu chefe?

Eu enrijeci. —Com quem eu faço ou não faço sexo não é da sua conta. Eu não te conheço e você não me conhece. Agora, por favor, volte. Tenho trabalho a fazer.

Em vez de se afastar, Sam se aproximou ainda mais, me pressionando contra a porta do galpão. —Talvez você devesse me conhecer antes de dizer não a um encontro, então. É de má educação.

Minha respiração ficou mais rápida, cada uma tropeçando na outra. Eu não me sentia bem com a sensação de estar encurralada. Sentindo que não tinha saída. —Dê um passo para trás, — eu disse entre dentes.

—Ou o que? — Ele disse com um sorriso de escárnio, inclinando-se ainda mais perto para que seu rosto ficasse bem próximo ao meu.

Eu me movi sem pensar, uma década de aulas de autodefesa ganhando vida na minha memória muscular. Eu levantei meu joelho forte e rápido. Mas Sam deve ter tido um sexto sentido porque ele se moveu no último segundo, o que significa que eu tenho mais coxas do que bolas. Ele me bateu contra a porta do galpão. —Que diabos, sua vadia louca?

A combinação de estar presa, as estrelas dançando na frente dos meus olhos, o pânico, tudo me mandou para trás em uma espiral. Lutei para ficar no aqui e agora, mas não conseguia me segurar.

Lágrimas quentes desceram pelo meu rosto. —Michael, me deixe sair. Por favor!

Sua risada escapou pelas rachaduras do baú onde ficava no velho sótão. —Achei que você queria jogar.

—Não é mais divertido. Me deixe sair ou grito.

Michael teve tantos problemas nos últimos meses que eu sabia que nossos pais o deixariam de castigo com certeza se descobrissem que ele me trancou aqui.

—Grite. Você sabe que eles não vão ouvir.

Minha respiração ficou mais rápida enquanto meu coração batia forte contra minhas costelas. Eu sabia que eles não iriam. Porque papai passou uma semana inteira na última primavera fazendo isolamento acústico no sótão, então Michael e eu tínhamos um lugar para praticar nossa música sem levar o resto da casa à loucura.

—Por favor, — eu sussurrei. —Eu não quero mais ficar aqui.

—Eu sei que não. — Ele deu um chute rápido na lateral do meu tronco. —Por que? Qual é a sensação, Sissy?

—Como se eu não pudesse respirar. — Talvez se Michael obtivesse suas respostas, ele me deixaria sair.

—Como se você fosse morrer?

—Pode ser. — Minha voz tremia enquanto eu tentava me concentrar em desacelerar minhas inspirações e expirações. Toquei minha próxima peça de recital repetidamente em minha mente. Talvez se eu apenas me concentrasse nisso, eu ficaria bem.

—Você não vai. Você vai sentir dor, no entanto. Quando você morrer, eu quero assistir.

Sua voz era tão angelical quando ele disse as palavras. Uma das razões pelas quais ele se safava tanto, com tanta frequência. Nossos pais demoraram muito para ver através daquela máscara. Para começar a se preocupar com o que seu filho poderia ser capaz de fazer. Mas eles lentamente entenderam. Então, algumas das crianças na escola. Os professores. Eu ouvi sua professora da terceira série admitir para a bibliotecária que ela estava com medo de Michael. Ela deveria estar.

Minhas lágrimas vieram mais rápido, mas não deixei os soluços saírem. Isso só deixaria Michael mais feliz. Faça com que ele me mantenha aqui por mais tempo. Eu fiz o meu melhor para manter minha voz firme. — Se você me deixar sair, vou te dar minha mesada na próxima semana.

Michael estava quieto. Provavelmente pensando. Eu deveria ter começado com esta oferta em vez de uma ameaça. Eu deveria saber agora que nenhuma punição ou perda parecia mudar a maneira como ele agia. Mas às vezes um suborno sim. Ele se agachou na frente do porta-malas, seus olhos no nível de uma das rachaduras entre as ripas para que eu pudesse vê-lo. —O mês inteiro.

—Oo-ok. — O tremor passou pela minha voz novamente e Michael sorriu.

—Vou deixar você sair quando tiver aprendido a lição. — Ele se encaminhou para a porta do andar de baixo.

—Não! — Eu gritei. —Você tem que me deixar sair agora.

Mas Michael não ouviu. Ele nunca fez isso. Procurei em minha mente qualquer possível transgressão que pudesse ter desencadeado essa punição. Eu não tinha dado a ele meu biscoito no almoço. Ele parou na minha mesa e na de Hannah e exigiu. Eu disse não. Eu deveria saber. Você nunca diz não a Michael.

Tentei lutar contra a memória para me trazer de volta. Eu não queria viver pelas próximas oito horas que estive presa no baú antes que meus pais me encontrassem. Como eu molhei minhas calças. A forma como meus músculos contraíram por dias depois. Como fiquei com medo do escuro por anos. Mas a memória era muito forte. Eu não pude lutar para sair.

CAPÍTULO 19

Brody

Os gritos vindos de baixo da colina roubaram minha atenção do meu bloco de desenho e me colocaram de pé. Eles não eram como os gritos que eu tinha ouvido vindo da zona de construção antes. Estes estavam misturados com raiva e possivelmente medo. Eu estava correndo em direção ao barulho antes que pudesse pensar duas vezes. Não tinha visto Shay desde o café da manhã.

Esse conhecimento e as vozes crescentes me fizeram transformar minha caminhada em uma corrida. Pulei por cima de uma raiz no caminho e parei derrapando na frente do galpão. Hunter e Sam estavam em um impasse. Mas eu mal tive tempo de registrar o movimento porque meu olhar já estava focado em Shay. Encolhida no chão, encostada no galpão, os joelhos puxados para o peito enquanto ela tremia.

—Shay? — Eu caí de joelhos na frente dela. —Shay, fale comigo. — Ela não moveu um músculo. Eu olhei rapidamente para Hunter. —O que diabos aconteceu?

—Eu não sei, — ele disse entre dentes. —Ouvi gritos e vim correndo. Sam estava xingando e Shay estava no chão, tremendo.

—Eu estava falando com ela e, do nada, ela surtou. Tentou me dar uma joelhada nas bolas.

Hunter empurrou Sam em direção ao canteiro de obras. — Quieto. Falaremos sobre isso mais tarde. Você terminou o dia.

Eu bloqueei Hunter e Sam. Eu não conseguia me concentrar neles agora. A única coisa com que me importava era Shay. Eu segurei seu rosto em minhas mãos, ignorando o pequeno tremor que seu corpo deu com o contato. —Shay, é Brody. Você está segura. Eu preciso que você volte. Você está comigo. Ninguém vai te machucar.

Ela continuou a tremer, e quando os gritos de Sam aumentaram, ela deu um pequeno empurrão. —Tire ele daqui, Hunter, — eu ordenei.

Outro membro da equipe de Hunter puxou Sam para longe, mas eu não me preocupei em notar quem era. Eu simplesmente me concentrei em Shay, mantendo minha voz baixa. —Ele se foi. Você está segura. Você sabe que eu não vou deixar nada acontecer com você. — Mas eu tinha deixado. No mínimo, Sam a encurralou. Talvez pior.

Seus olhos se moveram. Não nos movimentos agitados que eles faziam desde que eu cheguei, mas como se ela estivesse tentando se concentrar. Esfreguei meus polegares em suas bochechas. —É isso. Olhe para mim.

Esses orbes castanhos mudaram em minha direção. —Brody?

—Aí está. Eu estou com você.

—O que? — Ela estremeceu, olhando ao redor.

—Ele se foi, — eu respondi. —O que aconteceu?

—Eu... eu sinto muito. — Ela olhou de mim para Hunter e de volta para mim.

—Você não tem absolutamente nada do que se desculpar, — disse Hunter, dando um passo mais perto. —Ele tocou em você?

Ela balançou a cabeça. —Ele me pressionou contra o galpão quando eu disse que não queria sair com ele e não me deixou ir. Eu tentei dar uma joelhada nas bolas dele, e ele bateu minha cabeça contra a porta.

Uma raiva quente correu por minhas veias com a imagem que Shay pintou. Mas forcei minhas mãos a permanecerem gentis enquanto as movia para a parte de trás de sua cabeça, procurando por ferimentos. Quando meus dedos encontraram uma protuberância crescente, ela estremeceu. —Desculpe. Eu só preciso ter certeza de que você não está sangrando.

Ela balançou a cabeça lentamente e eu afastei meus dedos. Nenhum sangue. —Quanto dói? — Eu perguntei.

—Estou bem. Só preciso de um pouco de *Tylenol*.

—Devo chamar o xerife? Emergência? — Hunter perguntou.

—Não! — Shay interrompeu imediatamente. —Não, eu estou bem. Mesmo. — Ela agarrou meu antebraço. —Por favor. Sem policiais.

Movi meu queixo. O xerife ou os paramédicos significariam papelada. Uma trilha pública que alguém poderia encontrar facilmente em uma pesquisa básica na Internet e seguir. —OK. Sem policiais. Mas talvez devêssemos levá-la ao médico apenas para ter certeza de que está bem. — Pelo menos os médicos eram protegidos pela confidencialidade.

—Se não me sentir melhor amanhã, irei.

Eu queria levá-la agora, mas também não queria pressionar. — Então você tem que ficar na casa principal esta noite. Eu vou te acordar a cada duas horas, apenas para o caso de você ter uma concussão.

Shay franziu os lábios, mas acenou com a cabeça. —OK.

Hunter observou atentamente a interação entre nós, como se tentasse descobrir o que diabos estava acontecendo. —Eu sinto muito, Shay. Isso nunca deveria ter acontecido. Ele é um paquerador, mas nunca tivemos um problema como este, eu juro. Ele se foi agora e não vai voltar.

—Obrigada, — ela resmungou. —Mas eu não quero que você perca alguém de que precisa.

Ele fez uma careta. —Não preciso de ninguém que aja assim. — A expressão de Hunter suavizou um pouco. —Você realmente deveria pensar em apresentar queixa.

A mão de Shay apertou meu braço. —Eu realmente não quero passar por isso.

—Ok... — Hunter concordou. —Mas se você mudar de ideia, envie o xerife Raines a mim para uma declaração. — Ele voltou seu foco para mim. —Eu preciso tirar Sam daqui e lidar com minha equipe. Você precisa de qualquer coisa, basta dizer a palavra.

—Obrigado, cara. Eu virei falar com você um pouco mais tarde. — Eu precisava de informações de Hunter sobre Sam. Precisava saber se havia uma chance de ele causar mais problemas. Hunter me deu um aceno com queixo e voltou para o local do estúdio.

Eu me virei para Shay. —Você acha que pode ficar de pé?

—Eu quero levantar. Minha bunda está congelando.

Eu queria sorrir ou rir, mas simplesmente podia. Não enquanto eu estava olhando para uma Shay pálida e ainda trêmula. —Eu vou te ajudar, ok?

Ela pegou minhas mãos. —Estou pronta.

Puxei Shay e a coloquei de pé e, enquanto tropeçava um pouco, ela rapidamente se endireitou. Passei o braço em volta da sua cintura. — Vamos subir para a casa, mas devagar.

—Devagar e sempre ganha a corrida, certo?

—É claro que sim. — Poderia muito bem ter sido o lema de minha vida hoje em dia. Com artes. Com essa nova vida que estava construindo. Com Shay. —Dói andar?

—Estou rígida, só isso. Preciso de uma longa imersão em um banho de sal relaxante.

—Podemos providenciar isso. — O quarto de hóspedes tinha uma banheira de tamanho decente, ou ela poderia usar a banheira do quarto principal. Mas e se ela escorregasse ou desmaiasse? —Na verdade, talvez não seja uma boa ideia.

—Por que não?

—Você teve uma batida bem decente na cabeça. Você pode desmaiar.

Ela gemeu, inclinando seu peso contra mim um pouco mais. —Por favor? Vou falar com você através da porta para que saiba que não comecei a me afogar.

Eu ri enquanto guiava Shay pela calçada da frente da casa. —O banheiro do quarto de hóspedes tem uma cortina. Você entra e puxa a cortina. Vou sentar perto da banheira, só para garantir.

Ela ficou em silêncio por um momento antes de responder. —Sem espiar.

—Palavra de escoteiro.

Shay bufou. —Como se você fosse um escoteiro.

Abri a porta e a conduzi para dentro, em direção às escadas. —Para a consternação de meu pai, tive dois anos inteiros de escoteiros antes de desistir. Calma com essas escadas agora.

Ela dava cada passo com cautela, uma mão em mim, a outra na grade. —Você sabe como iniciar um incêndio esfregando dois gravetos juntos?

—Não, mas eu sei como começar um usando pedras. E eu sou um especialista em assar *marshmallows*.

—Podemos ter que testar isso um dia desses. Há uma fogueira na praia.

Uma imagem de Shay e eu enrolados em um cobertor, assando *marshmallows* encheu minha cabeça. Seu corpo se curvou contra o meu. Eu fechei rápido aquela porta. Não é o lugar nem a hora. Especialmente porque Shay estava prestes a ficar nua, a poucos centímetros de mim. Nua porque ela se machucou e precisava se recuperar. Esse lembrete enviou qualquer faísca de luxúria fugindo

rápido. —Quando você voltar aos cem por cento, vou pegar alguns *marshmallows*.

—Estou com alguns arranhões e hematomas. Não é como se eu tivesse sido mortalmente ferida. Vou ficar bem amanhã.

—Veremos. — Conduzi Shay até a cama de hóspedes e ajudei-a a se sentar na beirada. —Fique aqui. Vou preparar o banho. Acho que há alguns sais de *Epsom* aqui.

—Eles estão debaixo da pia. E escaldante, por favor.

Fiz uma careta enquanto deixava a água correr pelo menos dez graus mais quente do que gostaria, colocando uma boa dose de sais. Procurei no armário de remédios e peguei um frasco de *Tylenol*. Enchendo um copo com água, voltei para o quarto de hóspedes. —Tome estes.

—Obrigada. Desculpe, você está preso brincando de babá.

—Se eu soubesse, teria escolhido a roupa sexy.

Shay sorriu. —Agora, isso seria um espetáculo.

Ela tomou os comprimidos e se levantou, já tendo tirado as botas e o casaco de lã. Peguei seu cotovelo enquanto íamos para o banheiro. — Eu estarei aqui fora se você precisar de mim. Grita uma vez que você puxar a cortina.

—Eu vou ficar bem. Promessa. Eu já recuperei minhas forças nas pernas.

—Eu ainda estou sentado com você.

Shay bufou. —Pervertido.

—Encrenqueira.

Ela mostrou a língua para mim. —É preciso um encrenqueiro para conhecer outro.

—Não é verdade? — Um pouco da tensão que dominava meus músculos desde que ouvi pela primeira vez aquelas vozes elevadas

diminuiu quando saí do banheiro para dar a Shay um pouco de privacidade. Ela estava bem. Ou ela estaria. Mas mesmo enquanto pensava nisso, me perguntei se era mesmo verdade. A imagem de seu rosto pálido e olhos desfocados encheu minha mente. Ela estava perdida em outro mundo. E Sam a mandou para lá.

Eu estalei os nós dos dedos de uma mão e depois da outra. Estava me matando não podermos prendê-lo. Que eu não tive a chance de colocar o temor de Deus nele, em vez de ele fazer isso com outra mulher.

—Você pode entrar.

A voz de Shay me tirou do meu estupor e me puxou de volta para o aqui e agora. Abri a porta e entrei no que parecia ser uma sauna a vapor. Eu rapidamente fechei a porta atrás de mim para não deixar nenhum calor sair. —Como se sente?

—Como o céu.

Eu sorri enquanto relaxava no chão de ladrilhos ao lado da banheira. —Fico feliz em ouvir isso.

—Se você não tiver cuidado, você vai me fazer invadir para usar esta banheira todas as noites. Eu só tenho um chuveiro na casa de hóspedes.

Encostei-me na parede, cruzando as pernas. —Você sabe que é bem-vinda a qualquer hora.

—O que está acontecendo? — Ela perguntou, a água espirrando contra a cerâmica.

—Você me assustou muito hoje. — Achei que nunca iria esquecer o pânico subindo pela minha garganta quando Shay não me respondia. Nem olhava para mim.

—Eu sinto muito.

—Onde você estava? Você estava perdida em algum lugar e não pude trazê-la de volta. — Fui mais ousado com minhas perguntas do que

antes. Talvez porque uma cortina estava pendurada entre nós, ou porque eu estava desesperado por respostas. Eu não sabia.

Shay ficou quieta por um momento, o único som sendo um fio d'água aqui e ali. —Eu não me sinto bem com a sensação de estar presa. Sam desencadeou uma memória, e eu não pude evitar. Elas costumavam assumir muito mais. Mas já faz um tempo que eu não tinha uma tão ruim.

—Qual era a memória? — Eu não tinha certeza se queria saber, mas não pude resistir a perguntar. Eu precisava saber cada ponto dolorido e gatilho para não a mandar acidentalmente em espiral como hoje.

—Michael me trancou em um baú. Estávamos procurando esconderijos para quando nossos amigos viessem brincar. Ele me disse que não achava que eu caberia, mas eu disse que sim. Quando entrei, ele fechou a trava. Fiquei lá por quase oito horas antes que meus pais me encontrassem.

Minha respiração acelerou, ficando um pouco irregular. Oito horas no escuro, sem saída. —Quantos anos você tinha?

—Eu tinha nove anos. Michael tinha sete anos.

Parecia impossível que um menino de sete anos fosse capaz de algo tão insensível e cruel. Que ele poderia simplesmente ir embora vendo o terror de sua irmã. —O que seus pais fizeram?

O que parecia uma toalha caiu na água. —Foi a primeira vez que o mandaram para um programa de tratamento. Ele já havia sido hospitalizado antes, mas nunca havia participado de um programa de tratamento residencial. Michael ficou fora por seis meses. Foram os melhores seis meses da minha infância. Eu finalmente consegui respirar. Eu não estava constantemente olhando por cima do ombro. Não estava preocupada que algo que eu fizesse ou deixasse de fazer pudesse deixá-lo irritado. Mas então me senti culpada por estar aliviada.

—Faz sentido que você sinta os dois. — Mas eu me perguntei por que Michael só ficou na Instituição por seis meses. Por que não uma internação de longo prazo em algum lugar equipado para seus problemas? —Por que ele voltou depois de seis meses?

Shay suspirou. —Os problemas do meu irmão, um distúrbio de conduta com traços insensíveis e sem emoção, são complicados de tratar. E ainda mais difícil medir a reabilitação. Michael sempre foi bom em imitar o comportamento apropriado, em ganhar tempo antes de se vingar. Cada vez que minha mãe e meu pai iam visitá-lo, ele chorava e implorava para voltar para casa. Isso destrói um pai, Brody. Mesmo sendo jovem, eu vi isso os consumindo por dentro.

Eu não conseguia imaginar o estresse que eles estavam sofrendo. Mas também não conseguia entender por que colocava em risco a garotinha indefesa que eles tinham em casa.

— Você está se perguntando por que o deixaram voltar para casa, — deduziu Shay.

—Estou tentando ver todos os ângulos. Não há uma resposta fácil, isso é certo.

Gotículas de água caíram na banheira como se Shay estivesse torcendo sua toalha. —Não havia. Para qualquer um. Michael também não.

Shay me surpreendeu. Sua capacidade de manter a empatia apesar de seu terror e dor, em meio à traição que ela certamente sentiu, me fez querer me inclinar para aqueles relacionamentos em minha vida que eram imperfeitos, mas presentes. Meus pais vieram à mente acima de tudo. Eles não me entenderam. Mas eles me amam. Talvez fosse hora de tentar um pouco mais forte. Leva-los para a ilha por uma semana nesta primavera ou verão.

—O que você está pensando? — Ela perguntou.

—Sobre como você me faz querer ser um homem melhor.

Não houve nada por um longo momento, então ela falou. —Você já é um dos melhores homens que já conheci.

Eu engoli contra as emoções juntando na minha garganta. Minhas mãos coçaram para puxar a cortina. Eu queria ver seu rosto enquanto Shay dizia as palavras. Precisava de uma pista sobre o que ela poderia estar escondendo sob aquele exterior calmo e controlado. O desejo estava agarrando seu interior tanto quanto o meu? Ela estava lutando contra essa coisa como eu? Eu só podia ter esperança.

CAPÍTULO 20

Shay

O som da madeira estalando e uma série de maldições me fizeram parar no meio do caminho da cozinha. Eles estavam vindo da varanda. Hunter e sua equipe fizeram um progresso incrível no estúdio de arte, mas Brody ainda estava a pelo menos um mês - talvez dois - de usar o espaço.

Coloquei a cesta cheia de minha última safra da estufa no balcão e comecei a ir em direção à sala que estendia ao longo da lateral da casa. Parei do lado de fora, ouvindo os murmúrios quase inaudíveis de Brody. Eu me coçava para cruzar a soleira, para tentar acalmar todas as frustações que eu pudesse. Tornou-se um hábito nas últimas semanas. Brody e eu nos apoiamos um no outro, talvez mais do que deveríamos.

Tomamos café da manhã e jantamos juntos todos os dias. Preenchemos todas as noites com *Yahtzee,* cartas ou um filme. Conversamos sobre tudo e nada. Ele havia compartilhado que seu relacionamento com seus pais era estranho. E às vezes, doloroso. Eu assisti quando seu controle sobre dois pratos na cozinha se transformou em quatro. Compartilhei histórias sobre meus pais. Principalmente as boas lembranças que eu não compartilhei com ninguém. Brody começou a gostar de alimentar as galinhas e até me fez companhia quando tive que passar algumas horas ajustando nosso gerador.

Sem eu pensar muito sobre isso, nos tornamos uma equipe. Nós sabíamos os movimentos um do outro antes que qualquer um de nós os fizesse. Evergreen começou a nos chamar de velho casal. E tentei ignorar o calor que se enraizou em meu peito cada vez que ela digitava aquela provocação.

Eu fiz o meu melhor para manter aquele limite final no lugar. O que não permitia que nossos lábios se encontrassem do jeito que eu queria, ou que o corpo de Brody se enrolasse no meu durante o sono. Mas eu o deixei entrar de todas as outras maneiras. E eu não conseguia me repreender ou me castigar por isso. Ele se tornou muito importante.

Dei mais um passo à frente e bati na porta aberta. Brody girou, seus olhos com um toque selvagem. Continuei me andando em seu espaço. Nada sobre Brody me assustou ou me deu uma pausa de um segundo. Eu olhei para a tela quebrada no chão. —Testando essas suas novas botas?

Ele fez uma careta. —Não.

Eu arqueei uma sobrancelha. — Fazendo birra?

—Talvez, — ele murmurou.

—Fale comigo.

Brody pegou a tela e a jogou em uma pilha que só crescia no canto. —Nada parece certo. Cada vez que começo uma nova peça, algo está... errado. Como se eu estivesse pressionando de alguma forma. — Ele esfregou a mão no queixo. —Não sei. Talvez eu precise de uma pausa. Ou um novo plano de carreira.

—Ou você precisa pintar sem um destino definido em mente.

— E você não me deixa mais fácil, hein?

Minha boca se curvou. —Não se isso significar que você para de criar. — Aproximei-me, o cheiro do sabonete de Brody e uma pitada de cedro enchendo meus sentidos. —Diga-me o que posso fazer para ajudar.

Ele inclinou a cabeça para baixo, seus olhos procurando meu rosto. — Pose para mim.

Eu enrijeci por um momento e então me forcei a relaxar. Não havia mais agentes parando para possivelmente fugir com minha imagem. Lara estava de volta a Nova York e várias centenas de milhares de dólares mais

menos após um acordo fora do tribunal com o advogado de Brody. Ela teve que emitir uma retratação pública de sua declaração, também. — OK.

—Mais uma coisa.

Meus lábios franziram. —Você está muito exigente hoje.

Brody encolheu os ombros, os músculos de seus ombros flexionando. —Quem não arrisca não petisca.

—O que é?

—Eu quero que você toque para mim.

Meus dedos puxaram os punhos das mangas, o movimento enviando um fio de agonia pelo meu braço direito. Eu imediatamente liberei minhas mãos do tecido, não querendo que a dor desencadeasse uma memória. — Já faz muito tempo que não tenho uma audiência.

—Vai ser bom para você.

Eu bufei. —E quem é você? O especialista em todas as coisas musicais?

Brody sorriu, o movimento me acertando bem no estômago. —Eu sou um especialista em te tirar do seu caminho. A arte deve ser compartilhada, Shay. Confie em mim com a sua.

Deus, quando ele disse isso assim, como eu poderia dizer não? — Tudo bem. Dê-me um minuto para pegar meu violino.

Brody acenou com a cabeça e imediatamente começou a trabalhar na criação de um novo lugar. Amaldiçoei a ele e a mim durante todo o caminho até minha casa de hóspedes e voltei. Eu me forcei a segurar levemente a *case* do instrumento ou eu certamente teria quebrado a alça em duas. Minha mente girou em torno de possíveis peças para tocar. Mas nada parecia certo. Muito previsível ou muito moderno.

Coloquei a *case* sobre uma mesa e comecei o trabalho de retirar e afinar o instrumento. —Eu preciso que você me diga o que tocar.

As sobrancelhas de Brody se ergueram. —Isso frustra metade do propósito. A música que você escolhe faz parte da arte, não é?

—É muita pressão.

Brody saiu de seu cavalete e segurou meus ombros em suas mãos. —Respire, Shay. Só respire. — Eu segui sua inspiração e expiração. Não que minha respiração estivesse fora de controle, era minha mente. —Feche seus olhos. — Eu fiz como ele instruiu. —Imagine-se no seu lugar mais feliz.

—Aqui. Na praia. Assistindo a maré subindo. Ou as ondas quando o mar fica agitado.

—Hmmmm. — A mão de Brody colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, seus dedos demorando no toque. —Se você pudesse se imaginar lá, tocando violino, o que estaria vestindo?

—Uma *parka* se estiver tão frio quanto hoje.

Brody apertou minha nuca. —É a temperatura que você quiser. E esta é a roupa dos seus sonhos. Não são permitidas *parkas*.

Resmunguei algo não tão bom baixinho, mas mantive meus olhos fechados. —Um vestido. Um que é meio transparente, então flui com a brisa. Mas eu ainda quero minhas botas.

Brody deu uma risadinha. —Agora, segure essa imagem. O que você estaria tocando?

— *Hallelujah.* — Minha resposta foi instantânea, simplesmente saiu direto. Meus olhos se abriram, encontrando os escuros e agitados de Brody.

—Então toque.

Eu lentamente levantei meu violino e arco e comecei a tocar. Eu estava um pouco constrangida no início, observando Brody se mover com o canto do meu olho. Ele parecia estar desenhando na tela. Não muitas linhas, mas algumas. Logo, ele abriu uma janela perto de mim e colocou luvas de látex e uma máscara, pegando uma lata de tinta spray. O barulho da bolinha dentro da lata, o barulho do spray sendo liberado, adicionaram uma espécie de percussão à música do meu violino.

Eu deixei meus olhos fecharem, me perdendo na música. Foi minha *viagem* favorita, quando o mundo deixou de existir ao meu redor, e a única coisa que eu podia sentir eram meus dedos nas cordas e o puxão do arco. Toquei *Hallelujah* uma e outra vez, entregando-me para os altos e vales, ouvindo um sussurro das palavras juntamente com as notas.

Não tinha ideia de quanto tempo toquei, quantas rodadas do início ao fim. A queimadura em meu ombro finalmente me tirou da névoa, uma pontada quente de dor que me tirou do êxtase. Meu jeito de tocar vacilou e tive que abaixar o violino. Eu estremeci com o movimento.

Brody estava na minha frente no mesmo instante. —O que há de errado? Seu ombro?

Sua mão se estendeu, acariciando suavemente a pele através da minha camiseta de mangas compridas antes que eu pudesse impedi-lo. Eu soube no segundo em que ele sentiu que algo estava errado. Notou a pele cicatrizada. Ele não poderia ter tocado o ombro que não estava machucado, ele tinha que saber que era como se lava quente tivesse sido derramada nas articulações.

Lentamente, como se me dando uma chance de detê-lo, ele puxou minha camisa para o lado. O decote em V permitiu que ele revelasse meu ombro. Ele respirou fundo enquanto olhava minha pele. Eu não conseguia olhar para seu rosto ou minha carne. Eu sabia o que veria em ambos. Nojo e pena. Pele que nunca mais seria normal.

Mãos ásperas seguraram meu rosto, forçando meu olhar para Brody. —Eu sinto muito.

Tentei encolher os ombros, mas a dor era muito forte. —Foi há muito tempo.

Seus polegares traçaram caminhos em minhas bochechas. —Mas ainda as carrega com você.

Meu rosto se fechou. —Não é? Cada vez que sentia o fogo em seu braço. Toda vez que eu tive que ver a pele feia e rasgada em meu corpo?

As mãos de Brody me agarraram um pouco mais forte. —Nada sobre você é feio. A única coisa que essas cicatrizes provam é que você pode andar no meio do fogo e sobreviver. Não consigo pensar em nada mais bonito do que isso.

Minha pulsação latejava no meu pescoço e o sangue rugia em meus ouvidos enquanto ele me mantinha cativa dentro daquelas profundezas escuras. Eu não conseguia me mover. Não conseguia nem desviar o olhar. Brody se inclinou mais perto, movendo-se milímetro a milímetro até que ele estava apenas a um segundo de distância. Ele me deu todo o tempo do mundo para recuar, mas eu não o fiz. Eu não queria nada mais naquele momento do que sentir seus lábios nos meus.

Fechei a distância final. Demoli a última barreira que eu estava tão determinada a manter intacta. Nenhum dos motivos parecia importar no momento. Nada importava, exceto Brody e eu.

Uma de suas mãos deslizou pelo meu pescoço, passando pela minha nuca quando nossos lábios se encontraram. Tudo sobre o contato foi um choque para o meu corpo. Uma bela justaposição de tudo o que era Brody e eu. Suave, mas forte. Com fome, mas terno.

Eu me perdi em seu beijo da mesma forma que desapareci na minha música - instantânea e totalmente consumida. Nós nos descobrimos também nessa mesma exploração. As construções lentas se acumulam e lindamente desesperadas caem em espiral. Era uma composição que eu queria tocar para sempre.

Muito rápido, eu estava saindo disso, a realidade aparecendo quando o pé de Brody derrubou uma lata de tinta. Eu me afastei, sem fôlego. —Espera. — Coloquei a mão em seu peito. —Eu preciso de um minuto. Para colocar minha cabeça no lugar e — inferno. Eu disse a mim mesma que não faria isso.

Brody sorriu. —Eu disse a mim mesmo o mesmo. Mas às vezes, a vida faz outros planos.

Burra, burra, burra. Era tudo que eu conseguia pensar enquanto olhava para o rosto lindo de Brody. A lista de coisas que poderiam dar errado se passássemos para essa mudança em nosso relacionamento era interminável. —Eu não posso. Eu sinto muito. Eu não deveria. Podemos apenas fingir que isso nunca aconteceu?

Apenas dizer as palavras em voz alta fez com que a dor percorresse meu peito. Eu esperei pela raiva de Brody. Em vez disso, ele simplesmente sorriu para mim. —Eu temo que isso seja impossível. E se você for honesta consigo mesma, você sabe que isso é verdade. Há algo entre nós. Isso me atraiu desde o segundo em que saí do barco. Um fio de algo, nos entrelaçando. E não vou cortar esse cordão. E você poderia tentar, mas não acho que funcionaria.

Mas eu tinha que fazer. Por muitos motivos. Minha segurança. O que Michael poderia fazer com Brody se soubesse que era importante para mim. E porque eu estava apavorada. De deixar alguém entrar. De ser exposta em todos os sentidos para ele. Então, eu fiz o que qualquer covarde que se preze faria. Eu corri.

CAPÍTULO 21

Shay

Eu era uma medrosa. Uma covarde total e completa. Um galho me acertou no rosto enquanto eu corria pela floresta. Eu mereci. O preço por fazer todo o possível para evitar Brody nos últimos cinco dias. Agora, eu estava pisando em uma nova trilha na floresta para evitar o caminho gasto que podia ser visto da casa principal. *Idiota.* Outro galho cutucou meu lado como se concordasse.

Mas eu precisava dessa distância. Desesperadamente. Porque quanto mais tempo eu passava com Brody por perto, mais difícil seria resistir a essa atração. Comecei a me levantar ainda mais cedo. Alimentar as galinhas e fazer exercícios antes que Brody considerasse deixar sua cama. Eu inventei desculpas para evitar fazer refeições juntos, e certamente não o queria comigo enquanto eu fosse para a cidade.

Eu atravessei a linha das árvores e soltei uma maldição a Hunter. Ele se virou para mim. —De onde diabos você veio?

—Desculpe. Eu estava, uh, apenas tentando um novo caminho para a água.

Os lábios de Hunter se contraíram. —Ainda evitando Brody, hein?

Eu agarrei o punho da minha manga, puxando-o para baixo. —Não sei do que você está falando.

—Claro, você não sabe. Você sabe, até um cego poderia ver a química entre vocês dois. Ela obstrui o ar quando vocês estão perto um do outro.

—Não é assim.

Hunter soltou uma gargalhada. —Ainda em fase de negação.

Sim, eu estava. E era onde eu planejava ficar. Estava segura na terra da negação. Mesmo se eu tivesse arranhões de arbustos e galhos por todo

o corpo. —Não há nada acontecendo entre nós. — Apenas química que provavelmente me queimaria viva.

Hunter ficou sério. —Você fez um ótimo trabalho em manter as pessoas afastadas. Não sei por quê, mas acho que é porque você se machucou em algum lugar ao longo do caminho. Mas o fato é que uma vida sozinha é muito mais dolorosa do que a dor que você sentiria ao deixar as pessoas entrarem.

Eu fiquei quieta. Hunter não sabia que deixar as pessoas entrarem poderia literalmente me matar. Mata-los.

—Não me entenda mal. Existe dor em todo relacionamento. Mas você vai conseguir muito mais coisas boas misturadas. Se você ficar lá fora, em sua própria ilha, sozinha, não terá nada além dessa dor. Talvez valha a pena arriscar.

Respirei fundo e engoli a vontade de dizer a Hunter para cuidar da sua própria vida. —Você é empreiteiro ou terapeuta?

Ele sorriu. —Você ficaria surpresa com a frequência com que esses dois se cruzam. Construir uma casa para alguém, restaurar o que foi danificado, pode trazer muitos sentimentos à tona.

—Isso te fez muito observador, também, — eu murmurei.

Ele ergueu as duas mãos em sinal de rendição simulada. —Eu apenas os chamo como eu os vejo. Você não precisa ouvir uma palavra do que eu digo.

Fiz um ruído no fundo da garganta. O problema era que eu não conseguia ouvir as palavras de Hunter. Esquecer suas observações astutas. Eu estava sozinha na minha ilha desde que me lembrava. E pela primeira vez, Brody me persuadiu. Mas no segundo que fiquei com medo, saí correndo. Eu não conhecia outro jeito.

Suspirei e dei um tapinha no braço de Hunter. —Obrigada pela conversa estimulante.

—A qualquer momento. E você sabe que é sempre bem-vinda aos nossos encontros de sábado à noite no *The Catch*. Caelyn e Griffin sempre vão. Meu irmão e sua noiva. Alguns outros amigos. Pode ser bom para você sair de casa. Esteja com as pessoas e ouça música ao vivo.

Sua oferta atraiu meu coração. A pura bondade disso. —Vou pensar sobre isso. Obrigada.

Hunter acenou com o queixo. —O convite é aberto.

—Eu estou indo para a cidade para correspondência e suprimentos. Precisa de alguma coisa?

—Não. Tudo bem aqui.

Eu me movi antes que pudesse pensar duas vezes, ficando na ponta dos pés para dar a Hunter um beijo rápido na bochecha. —Você tem um coração bom. Certifique-se de mantê-lo assim.

Hunter corou. —Não diga a Brody que você me beijou. Eu não quero ser despedido.

Eu engasguei com uma risada e me dirigi para o cais. Durante toda a viagem para Anchor, as palavras de Hunter brincaram em um loop infinito na minha cabeça. Eu vi o mérito nelas. E eu com certeza não queria viver o resto da minha vida nunca deixando outra alma me ver de verdade. Foi para isso que eu me inscrevi? Eu tinha tanta certeza de que Michael não duraria um mês fora da detenção antes de fazer algo para ser mandado de volta. Mas era quase abril e.... nada. Eu verifiquei semanalmente os relatórios de prisão pelo seu nome e não tinha visto ou ouvido um pio.

A culpa corroeu meu estômago. E se ele tivesse sido reabilitado e eu estivesse determinada a colocá-lo como o vilão para sempre? Então me lembrei do bilhete e estremeci. Eu gostaria de estar errada sobre Michael, mas não acho que estava.

Desci pelo cais e avistei uma pequena multidão no parque à beira-mar. Um fio de desconforto desceu pela minha espinha. Uma ambulância

e um SUV do departamento do xerife também estavam lá. Deus, eu esperava que todos estivessem bem. Eu andei mais devagar. Eu estava prestes a ir para a rua principal quando avistei Caelyn. Ela estava branca como um lençol.

Eu instantaneamente mudei de direção e fui em direção a minha amiga. Assim que eu estava ao seu lado, Caelyn jogou os braços em volta de mim. Sua voz tremia ligeiramente enquanto falava. —Oh Deus. Shay.

Meu corpo estava tenso enquanto eu esfregava a mão para cima e para baixo nas costas de Caelyn. —O que é? O que aconteceu?

—Alguém está morto. Eles não estão dizendo quem é. Brian o encontrou no banco.

Segui a linha de visão de Caelyn até um homem grande que parecia mais do que um pouco pálido e estava conversando com o xerife Raines. Eu o tinha visto antes. Um pescador com quem cruzei muitas vezes nas docas. Nós compartilhamos um aceno ou um aceno de cabeça, mas eu não sabia o nome dele. Este homem, que provavelmente ficaria marcado para o resto da vida por sua descoberta. —Eles sabem o que aconteceu? Ataque cardíaco ou derrame?

O braço de Caelyn apertou em torno de mim. —As pessoas estão dizendo que parece que ele foi assassinado.

—O que? — Meu olhar voltou para Caelyn. —Quem está dizendo isso?

—Apenas sussurros. Eles colocaram aquelas cortinas antes de eu chegar aqui.

Paredes de tecido que pareciam com as divisórias antiquadas que você pode ver em um consultório médico foram colocadas, mas isso não impediu as pessoas de tentarem ver ao redor delas, ficando na ponta dos pés ou curvadas para o lado. A fita da cena do crime os impediu de qualquer tipo de sucesso.

—O que está acontecendo em nossa ilha? — Caelyn sussurrou.

—Eu gostaria de saber. — Ultimamente, havia ocorrido mais do que uma pequena parcela da violência e morte na comunidade. E agora isso? Meu lugar seguro parecia um pouco menos seguro.

Um SUV parou ao lado da ambulância e um homem que parecia ter trinta e poucos anos desceu. —Esse é o novo médico, — disse Caelyn em um tom abafado.

Ele apertou a mão do xerife e, após algumas palavras, o xerife Raines puxou o tecido para deixá-lo passar. As cortinas não ficaram puxadas por muito tempo. Talvez contei até quinze. Mas aqueles segundos se estenderam por uma eternidade.

A imagem na minha frente ficaria gravada em meu cérebro para sempre. Um jovem tão pálido que seu sangue deve ter sido drenado. O que parecia tinta preta cobria seus braços, mas eu podia ver as feridas de faca, mesmo através da tinta. Pequenos itens foram espalhados pela bancada, e palavras feias foram pintadas com spray ao redor dele. E seu peito... oh, Deus, seu peito tinha sido esculpido.

Eu não conseguia desviar o olhar. Mesmo que eu não quisesse nada mais do que limpar a imagem da minha mente. Esquecer que eu sequer vim para a cidade hoje. Mas a cena me manteve cativa. Mesmo enquanto o xerife Raines fechava a parede de cortinas, eu olhava para a faixa branca de tecido. Eu não conseguia me mover um milímetro.

Algo fez cócegas no fundo do meu cérebro - pedaços fantasmas de lembranças flutuando em minha mente até que se juntaram com um clic violento. Eu não pude evitar minha respiração acentuada de ar. Porque a cena que eu acabei de vislumbrar era familiar. Eu já tinha visto isso antes. Na tela do computador de Brody. Seu site. Essa cena de assassinato horrível já tinha sido pintada - pela mão de Brody.

CAPÍTULO 22

Brody

Equilibrei meu bloco de desenho no joelho enquanto recostava-me no banco da doca. Não foi difícil esperar o retorno de Shay aqui. O frio intenso do inverno estava diminuindo um pouco, e eu estava feliz por poder desfrutar da minha ilha um pouco mais sem congelar minhas bolas.

Eu examinei a praia e a pequena ponta de Harbor que se projetava na água. Outra pintura estava tomando forma em minha mente. Mas este exigiria algum planejamento. E uma tela do tamanho certo para acomodar a peça épica que imaginei. Eu podia ver isso ganhando vida. Uma mulher nesse ponto. Vestido ondulando com a brisa. Forte e destemida enquanto se preparava para o que estava por vir. Seu cabelo girando em torno dela, longos fios levantando voo como se eles lutassem para se defender também.

O rosto da mulher estava claro como o dia. O que parecia ser o único rosto que eu havia pintado no mês passado. A mesma mulher que fugiu do meu estúdio quando a beijei. Aquela que estava me evitando por dias. Mas tudo isso parava esta manhã.

O som do motor de um barco me fez olhar para a água. Sorri quando o vi indo direto para minha doca, Shay ao volante. Ela provavelmente tentaria me ignorar, mas nós íamos conversar ainda que se eu tivesse que a perseguir por toda a ilha.

Levei meu tempo deixando de lado meu bloco de desenho e me levantando enquanto Shay amarrava o barco. Desci a doca a tempo de ela colocar uma perna para o lado. Mas quando ela fez isso, meu sorriso sumiu. Seus membros pareciam tremer enquanto ela se movia. Aumentei meu ritmo, pegando seu braço. —O que está acontecendo?

—Eu-eu... — Sua boca abriu e fechou como se ela estivesse tentando pronunciar as palavras, mas falhando a cada tentativa.

—É Michael? — Inferno, e se ele tivesse aparecido em Anchor, e ela estivesse sozinha? Talvez ela tenha recebido outra carta.

Shay balançou a cabeça. —Houve - alguém foi assassinado. Havia um corpo. No parque perto do cais. Ele estava morto. No banco.

A explicação dela continuava vindo naquele padrão absurdo, aos trancos e barrancos. Eu a guiei em direção ao banco na base do cais. — Sente-se. Só respire.

Shay se sentou no assento e respirou fundo algumas vezes para se acalmar. Quando ela finalmente encontrou meu olhar, vi muita dor ali. E talvez um pouco de medo. —Brody. O corpo. Parecia a pintura do seu site. O do menino com o coração partido e as drogas ao seu redor. Parecia exatamente assim. Mas ele estava sentado, não de pé.

Meu sangue se transformou em gelo. —Você- como pode ter certeza? Você estava perto o suficiente para realmente ver?

Seus dedos se entrelaçaram com os meus. —Eu nunca vou esquecer essa imagem enquanto eu viver. Havia até palavras pintadas com spray no banco.

Eu engoli contra a secura na minha garganta, mas a ação parecia como lâminas raspando contra minha carne. Como isso foi acontecer? Novamente. Minha mente girou, tentando juntar as peças. Um milhão de possibilidades diferentes circulavam entre si. Eles pegaram a pessoa errada? Um assassino me seguiu de Nova York? Havia algum tipo de assassino imitador doente do meu trabalho?

Ninguém sabia onde eu estava. Na verdade. Não até que Lara fizesse sua pequena e preciosa entrevista. Claro, ela não tinha dado a minha localização exata, mas ela deu o suficiente para alguém, mesmo meio proficiente com um mecanismo de busca, juntar as peças.

Os braços de Shay deslizaram ao meu redor, seu queixo apoiado no meu ombro. —Eu sinto muito. Não sei o que está acontecendo, mas sinto muito. Eu gostaria de poder tirar tudo isso. Por você. Por aquele homem que perdeu a vida. Por esta comunidade.

Puxei Shay para mais perto de mim, balançando suas pernas para que estivessem em meu colo. Eu precisava de cada ponto de contato que ela me daria. A pressão e o peso. O calor. A atração inegável que era apenas de Shay.

Ficamos assim por um tempo. Eu não tinha certeza de quanto tempo. Minutos? Horas? A única coisa de que eu tinha certeza era que Shay havia ficado. Ela colocado toda sua força em mim.

Pressionei meus lábios no lado de sua cabeça. —Acho que devemos subir para a casa. Eu preciso ligar para o xerife e...

Shay apertou meu joelho. —Eu não acho que você precisa ligar para ele.

Ela inclinou a cabeça em direção à água e vi um barco se aproximando. Eu poderia apenas ver a estrela do xerife ao lado dele. *Inferno.* Eu não estava pronto para isso. As perguntas. Ter este pequeno refúgio que eu construí para mim invadido.

Shay se endireitou e ficou de pé. Senti a perda instantaneamente e até a medula. Mas ela continuou segurando minha mão, seus dedos ainda entrelaçados nos meus. Eu me levantei e a segui em direção ao barco.

O homem, que presumi ser o xerife, desembarcou. —Bom dia, Shay.

—Bom dia, xerife.

Ele deu a ela um pequeno sorriso, mas foi tenso. —Eu já te disse uma e outra vez, me chame de Parker.

Eu estudei o homem um pouco mais atentamente com a voz dessa declaração. Ele parecia estar em seus trinta e poucos anos, alto e

musculoso como se ele pudesse ter sido um linebacker[6] no colégio. Parker voltou sua atenção para mim e estendeu a mão. —Xerife Parker Raines, mas você pode me chamar de Parker. Tinha pretendido parar e me apresentar, mas não tive tempo. Lamento estar fazendo isso agora em circunstâncias menos que estelares.

Algo sobre o comportamento de Parker aliviou um pouco a tensão vibrando por mim. —Brody James. Por que não vamos até a casa e conversamos lá? Eu tenho café.

Parker acenou com a cabeça. —Nunca negue uma xícara. Mostre o caminho.

Shay teve que soltar minha mão enquanto subíamos o caminho, mas ela ficou perto, me dando seu apoio silencioso. Eu podia sentir os olhos da equipe enquanto passávamos pelo estúdio, e dei a Hunter um pequeno aceno com a minha cabeça quando ele ergueu as sobrancelhas em questão.

—Parece um projeto impressionante, — disse Parker.

—Estúdio de arte. Hunter e sua equipe fizeram um trabalho incrível. — Só não sabia se algum dia seria capaz de usá-lo depois disso.

—Eles fazem alguns dos melhores trabalhos nas ilhas, com certeza.

Abri a porta da casa principal e conduzi Shay e Parker para dentro. Shay foi direto para a cozinha, ocupando-se em preparar o café. —Vocês querem algo além de café? Eu poderia fazer um almoço mais cedo. Sanduíches ou uma salada—

Eu apertei o braço de Shay. —Eu acho que o café está bom.

—Claro que está, — Parker ecoou.

—Você quer que eu saia? — Shay perguntou.

---

[6] **Linebacker**- é uma posição do futebol americano e canadense, são membros do time de defesa.

Parker olhou em minha direção. —Você decide.

—Fique.

Com essa única palavra, ela veio até a copa, deixando um espaço grande o suficiente para mim. Parker sentou no lado oposto. Levei um momento para me forçar a sentar. Porque eu soube no momento em que o fizesse, as perguntas iriam começar. Eu mantive meu olhar em Shay quando finalmente sentei, como se ela pudesse diminuir o que estava por vir.

Parker pigarreou. —Suponho que Shay lhe contou o que aconteceu em Anchor.

—Ela contou. Estávamos prestes a subir em casa para ligar para você quando ela viu o seu barco.

Parker tomou um gole de seu café. —Eu me lembrei de ter lido sobre o caso em Nova York. Acompanhei a cobertura jornalística aqui e ali. E quando cheguei ao local hoje, algo arranhou o fundo da minha mente. Não juntei tudo até fazer uma pesquisa.

Ele parou por um momento antes de continuar. —Havia uma impressão de uma pintura na cena do crime. Quando fiz uma pesquisa de imagens inversas, seu site apareceu.

Meu queixo moveu para frente e para trás antes de eu dizer qualquer coisa. Não que Parker tivesse feito uma pergunta, mas seu silêncio me disse que ele queria que eu oferecesse algo. —Nunca houve cópias da minha arte nas outras cenas do crime. Você conversou com os detetives em Nova York? O *FBI*? Ele cruzou as fronteiras do estado de volta ao leste, então eles estavam envolvidos.

—Eu recebi uma ligação do *FBI* e falei brevemente com um Detetive Chen no *NYPD*.

Eu concordei. —Chen é uma boa pessoa. Ele me viu através de todo esse pesadelo antes.

—Parece que sim. Ele está reunindo cópias de seus arquivos e enviando-as por fax para mim. Mas eles parecem ter certeza de que estão com o cara.

Eu passei meu dedo ao longo das linhas da mesa de madeira. —Eu também pensei que eles tinham. Ele confessou.

Parker fez um zumbido no fundo da garganta. —Não seria a primeira vez que alguém com a cabeça confusa confessaria algo que não fez.

—Acho que isso é verdade.

Ele me olhou nos olhos. —Eu tenho que perguntar onde você estava ontem à noite, Brody.

Eu sabia que estava chegando, mas doeu mesmo assim. Eu tive que responder a um milhão de perguntas feitas pelos policiais em Nova York até que eles finalmente puderam me liberar. Eu entendi a necessidade disso, mas isso não significa que não me irritasse.

—Sério, xerife? — Shay perguntou. —Brody foi o alvo. Está provado. Alguém está distorcendo aquilo que mais ama no mundo. E agora você aparece perguntando onde ele estava?

Eu apertei seu joelho. —Tudo bem. — Algo sobre Shay pulando em minha defesa fez exatamente isso: ok. Voltei-me para Parker. —Eu estive aqui a noite toda. Eu não tenho ninguém para realmente comprovar isso.

— Sim, você tem. — Shay interrompeu. — Estou com as chaves do barco desde a semana passada. Então, a menos que ele tenha nadado para a costa, Brody esteve aqui.

Parker acenou com a cabeça. —Isso ajuda.

—Mas eu poderia ter pagado alguém para me buscar.

—Besteira, — disse Shay. —Eu tenho sono leve. Sempre tenho. Eu teria ouvido um barco chegando ao cais e saindo.

—Espere, — eu interrompi. —Eu tenho as gravações de segurança.

As sobrancelhas de Parker se ergueram. —Gravações?

—Bem, gravações digitais. Eu coloquei algumas câmeras algumas semanas atrás. Há uma na doca. Acima da minha porta da frente, nos fundos da casa principal e no resto dos prédios da ilha também. Posso dar-lhe o nome da minha empresa de segurança. Eles podem enviar os arquivos para você. Acho que eles guardam a filmagem por pelo menos trinta dias. Ou posso fazer o *login* aqui, se você confiar nisso.

Parker soltou um suspiro. —Graças a Deus. Não quero ser um idiota, mas você é novo por aqui, e eu sei que as pessoas vão querer apontar o dedo para você antes de olharem para o seu próprio.

—Entendo. Eu realmente quero. Mas posso ter trazido esse problema para a sua porta da mesma forma. — A culpa corroeu minha barriga, cavando profundamente e se sentindo em casa.

A expressão de Parker endureceu. —Isso não é com você. E alguém usando seu trabalho para criar dor e sofrimento e me irrita imediatamente. Não nos conhecemos, mas procuro os residentes deste condado. Farei tudo que puder para encontrar esse filho da puta.

Sua promessa deveria ter me feito sentir melhor. E talvez Parker *iria* encontrar quem tinha feito isso. Mas eu não pude deixar de me perguntar se isso apenas significava que haveria espaço para outra pessoa continuar o trabalho.

CAPÍTULO 23

Shay

Brody olhou para o nada enquanto cutucava sem entusiasmo seu jantar. Ele estava assim desde que Parker partiu. Eu odiava tudo sobre isso. Esta versão sedada de um homem que normalmente era tão vibrante e cheio de vida.

Eu fiz o que pude para tirá-lo disso. Para ser um conforto. Eu não evitei ele me abraçando, o toque de suas mãos, mesmo que fossem tão perigosos para mim quanto andar por um campo minado sem um mapa. Perigoso para o meu coração que está indo em direção a um penhasco com uma queda letal. Mas quando eu soube que Brody precisava de mim, alguém para amarrá-lo ao presente, não pude resistir.

—O que você acha? *Yahtzee* ou um filme? — Eu perguntei.

—Huh? — Brody disse como se acabasse de perceber que eu estava lá.

—*Yahtzee* ou um filme quando terminarmos o jantar?

Ele esfregou a mão no queixo. —Não estou com humor para nada.

Eu abaixei meu garfo e caminhei ao redor da banqueta da copa para que eu estivesse bem ao lado dele. Eu entrelacei meus dedos com os de Brody sob a mesa. Suas palmas eram ásperas, seus dedos calejados. Mas a pele áspera só o fazia parecer mais real. —Estou preocupada com você. Quero ajudar, mas não sei se o que estou fazendo está piorando as coisas...

—Fique. — O olhar de Brody travou com o meu. —Fique comigo esta noite. — Meus músculos travaram. —Só para dormir. Eu preciso sentir você ao meu lado. Para saber que você está segura. Que eu não estou sozinho nisso. Que não vou me afogar em dor e morte.

—Eu vou ficar.

Ele se inclinou para frente, seus movimentos lentos, e deu um beijo no canto da minha boca. Foi o toque mais leve, mas acendeu um fogo em algum lugar profundo. E quando ele se afastou, meu corpo fez um movimento para seguir, querendo mais, querendo... tudo. Eu pisquei, tentando limpar essa atração. Quando olhei para Brody novamente, ele estava sorrindo. Eu olhei para ele. —Não é bom ser tão arrogante.

Ele me deu outro beijo rápido, desta vez na minha testa. —Eu gosto de saber que te afeto.

—Talvez seja porque já faz muito tempo para mim. Talvez os lábios de alguém perto dos meus tivessem o mesmo efeito.

Esse sorriso sumiu do rosto de Brody, substituído por uma carranca. —Não é legal.

Eu ri e dei um beijo rápido em seu rosto antes de sair do canto e fugir. —Certo. Seus lábios são a oitava maravilha do mundo, e eu sou impotente contra eles.

—Assim está melhor, — disse ele, colocando-se de pé para me ajudar a limpar a mesa.

Era um pouco preciso demais para minha paz de espírito. A boca de Brody me deixou imprudente. A única coisa que eu queria fazer era me entregar a ela. Para saber como seria a sensação em outros lugares além dos meus lábios. E isso me deixou mais do que um pouco burra.

Nós nos movemos em conjunto, seguindo o ritmo silencioso que desenvolvemos nos últimos dois meses. Era reconfortante aquela dança tranquila. Trazia consigo o reconhecimento de que alguém me conhecia. Meus padrões e a maneira como me movia pela vida. Mesmo que fosse apenas assim que eu gostava de colocar a máquina de lavar louça ou onde guardava minha faca favorita. Ele me envolveu como um abraço caloroso que eu nunca quis deixar.

Brody veio por trás de mim, suas mãos indo para meus ombros, massageando levemente. —Estou cansado.

Eu também. Nós comemos tarde demais depois que eu tive que mudar minhas tarefas da manhã para a tarde, forçando Brody para o passeio simplesmente porque eu não o queria fora da minha vista. —Eu poderia dormir. — Pelo menos, eu esperava. Eu não conseguia me imaginar relaxando o suficiente para cair na inconsciência, não com Brody ao meu lado.

Ele deu um puxão na minha mão. —Vamos.

Fomos para as escadas e, quando chegamos ao topo, fui até o quarto de hóspedes, onde costumava guardar algumas coisas. Principalmente moletom para que eu pudesse ficar confortável nas nossas noites de jogos e filmes. Mas meu único pijama de flanela ainda estava na gaveta de quando eu dormi neste quarto antes.

Passei pela minha rotina noturna, lavando o rosto e escovando os dentes. Fui mais meticulosa do que nunca, passando fio dental duas vezes e esfregando meu hidratante por dois minutos inteiros. Quanto mais eu demorava, mais apertado ficava o nó em meu estômago. No momento em que comecei a ir para o quarto principal, pensei que fosse vomitar.

Brody ergueu os olhos quando cheguei à porta. Ele já estava na cama, apenas uma lâmpada de cabeceira acesa, lançando o quarto em um brilho quente. Respirei fundo, mas meus pulmões se agitaram. *Apenas durma.* Eu comecei a ir para o lado oposto da cama. Brody puxou as cobertas para mim. —Eu estava começando a achar que você tinha pensado melhor.

Eu balancei minha cabeça um pouco. —Não. Só me arrumando para dormir.

Eu não tinha certeza se era o leve tremor na minha voz ou o fato de que eu não encontraria seus olhos, mas Brody imediatamente se

aproximou, segurando minhas bochechas e inclinando meu rosto para o dele. —Ei o que está acontecendo?

Eu estava dividida entre tantas emoções que meu corpo não conseguia mantê-las todas em ordem. Ansiedade e euforia. Medo e excitação. Constrangimento e esperança. —Estou bem.

A boca de Brody pressionou em uma linha dura. —Não minta. Não para mim. Você sabe que pode falar comigo sobre qualquer coisa.

Ele provou isso uma e outra vez. Em como ele ouviu sem julgamento. Em como me encorajou sem forçar. Minhas mãos se fecharam nos lençóis. —Nunca dormi na mesma cama com alguém. — A não ser que você conte meus pais quando eu era criança. Eu certamente nunca compartilhei este pequeno espaço com um homem. Não que cama King em que estávamos fosse pequena, mas, na minha mente, poderia muito bem ser nós amontoados como um casal.

Brody ficou em silêncio. Cada segundo que passava feria a bola de preocupação dentro de mim com mais força. Logo, eu não aguentava mais. —Eu estou indo embora.

—Não. — Brody me puxou de volta para a cama. —Estou tentando encontrar as palavras certas, mas tudo que consigo pensar na minha cabeça é o *porquê.* Você é magnífica. Essa potente mistura de força e bondade. Com uma beleza que derrubaria um homem no chão.

Lentamente, meu olhar se ergueu para encontrar o de Brody. Eu queria rir da expressão de pura perplexidade em seu rosto. Mas eu ainda estava muito tensa. —Eu fiz sexo. Mas não foi uma experiência totalmente agradável. — Eu era jovem e tinha fome de qualquer tipo de conexão. Eu confundi o desejo de um menino com o amor. Mas eu nunca mostrei a ele ou a qualquer outra pessoa minhas cicatrizes, não até Brody.

—Qualquer tipo de intimidade *te* torna vulnerável. Mas para mim, as apostas são muito maiores em todos os sentidos. Não são apenas as

cicatrizes no meu ombro e braço. Elas estão por todo o meu torso também. Tantas que não consigo controlar quando conto. Não tenho vergonha delas. Mas compartilhá-las com outra pessoa significa dar a eles um pedaço de mim. Nunca confiei em ninguém o suficiente para ficar totalmente vulnerável com eles. E isso significa que nunca houve um motivo para compartilhar a cama com alguém.

Eu assisti quando onda após onda de emoção passou pelo rosto de Brody, uma se transformando em outra. Mas por baixo de tudo havia dor. Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, sua mão arrastando pelo meu pescoço. —Eu odeio o como você esteve sozinha. O que você não teve. Eu odeio que até mesmo entrar aqui te faça tremer—

—Não estou com medo de você.

Ele me olhou fixamente, como se procurasse inverdades. —Jura?

—Eu prometo. — Encontrei sua mão livre e tracei seus dedos com os meus. —Qualquer coisa nova é um pouco assustadora, e isso parece um salto gigante.

Brody inclinou meu queixo. —Então vamos pular juntos. Eu quero você, Shay. De qualquer forma que me deixe ter você. Como um amigo. Um companheiro. Um amante. Mas vamos no seu ritmo. Você só precisa saber uma coisa.

Minha garganta apertou, mas consegui perguntar: —O que é isso?

—Você nunca está sozinha.

Meus olhos queimaram enquanto eu observava este homem e seu voto solene. —Estou um desastre, Brody.

Sua boca se curvou. —Tudo é interessante. Olhe meu estúdio. Como são minhas pinturas antes de se juntarem. Uma zona de desastre total. Mas são todas aquelas peças complexas em arranjos abstratos que se juntam para criar algo excepcionalmente belo. Todas as suas peças fazem o mesmo.

—Se você me fizer chorar, vou ficar muito brava com você.

Ele sorriu. —Que tal tentarmos dormir em vez disso? — Eu balancei a cabeça lentamente. —Diga-me se precisar de espaço. Se você precisar ir para o quarto de hóspedes à noite, faça-o. Mas, Shay? Eu quero que você fique na casa principal até que eles peguem quem matou aquele homem. Não gosto da ideia de você estar tão longe.

O gelo escorreu em minhas veias. —Eu posso ficar. Mas posso dormir no quarto de hóspedes, se é por isso que você me pediu para ficar.

—Achei que você fosse mais inteligente do que isso.

Eu fiz uma careta para Brody. —Não seja grosseiro.

—Não seja idiota, — ele repreendeu e me puxou para que eu deitasse em seu peito. — Eu quero você, Shay. E você vai ter que aprender a confiar nisso.

Fiz um barulho, mas não disse nada. Eu não podia dar a ele minha confiança simplesmente porque ele exigia ou mesmo porque eu queria. Tomaria tempo e muito cuidado. Mas as palavras de Brody esta noite... elas ajudaram muito no plantio dessas sementes.

CAPÍTULO 24

Brody

Peguei um elástico da minha pilha no balcão. Inclinando-me para trás no meu banquinho, apontei para a xícara na mesa da cozinha e a soltei. Soltei uma série de maldições quando errei o alvo por meia polegada.

—Estou interrompendo? — Shay brincou ao entrar na cozinha.

Eu agarrei seu pulso quando ela passou, puxando-a para o meu colo e beijando seu pescoço. —Você nunca está interrompendo. — Eu inalei profundamente enquanto acariciava o local atrás da orelha de Shay que sempre a fazia se contorcer. Ela não entrou mais em pânico ou congelou quando me movi para tocá-la, não me empurrou depois que nos perdemos em um beijo. Mas eu estava seguindo seu exemplo, e ela não tinha me dado nenhum sinal de que estava pronta para levar as coisas adiante também. Isso estava bom para mim. Eu ter meu corpo enrolado em torno do dela a cada noite, e o gosto dela na minha língua todos os dias.

Shay se retorceu no meu colo. —Quando foi a última vez que você esteve em seu estúdio?

A alegria de ter Shay por perto se dissipou. —Faz algum tempo. — Eu não tinha posto os pés no solário desde o dia em que Parker esteve aqui. Agora, havia passado quase uma semana. Não havia pistas sobre o assassino, mas nenhuma outra morte também. As ilhas prendiam a respiração coletiva. E eu estava fazendo minha parte ao não divulgar nenhuma outra imagem para o mundo.

—Brody... — Ela pressionou a palma da mão na minha bochecha, aproximando-se. —Você não pode deixar alguém tão doente ter o

controle. Você não pode deixá-los roubar aquilo que você mais ama no mundo.

Eu me levantei, forçando Shay a se levantar enquanto eu andava. Eu fui até a mesa da cozinha, pegando minha coleção de elásticos. —Você não faz a mesma coisa? — Foi um golpe baixo e eu sabia disso. Mas também era verdade. Shay estava tão preocupada em permanecer segura que quase se apagou da existência.

Shay ficou quieta por um momento. —É diferente.

—Como? — Eu perguntei, virando-me para encará-la. —Você não se permite ter amigos. Você não vai tocar seu violino para ninguém além de mim. E você é incrível. Você está escondendo esse talento do mundo. Mas por que?

Seu rosto endureceu. —Você sabe porquê.

— Shay... Aproximei-me para poder ver cada ponto dourado em seus lindos olhos castanhos. —Michael não sabe onde você está. Você realmente acha que ter alguns amigos ou tocar em um show local irá expô-la?

—Não vale a pena arriscar.

—Assim como eu não estou, certo? — Eu podia sentir a batalha dentro de Shay todos os dias. Enquanto ela dormia na minha cama, entregando sua boca à minha, ela sempre tinha um pé atrás

Ela deu um passo para trás, seu olhar aquecendo. —Achei que você tivesse dito que poderíamos ir no meu ritmo.

Inferno. Eu fechei a distância, colocando seu rosto em minhas mãos. —Não foi isso que eu quis dizer. Estou feliz em te abraçar. Mas eu sinto você se afastando cada vez que nos aproximamos. Talvez seja instinto. Você tem afastado as pessoas há muito tempo. Mas eu não quero que você me afaste.

Seus olhos brilharam na luz da tarde. —Eu não quero, mas eu não posso evitar. Cada pessoa que eu já estive perto, Michael encontrou uma maneira de machucar.

Passei meus braços em volta de Shay, puxando-a com força contra mim. As cicatrizes que cobriam seu corpo não eram as únicas feridas que ela ainda carregava. E aquelas em sua mente seriam muito mais difíceis de se recuperar. —Nada vai acontecer comigo. Eu prometo.

Ela se enterrou na curva do meu pescoço. —Eu não vou mentir. Sentir carinho por alguém me assusta muito. Cada vez que eu deixo você entrar um pouco mais, meu cérebro grita *perigo.* Não sei como desligar.

—Você não precisa. Você apenas tem que continuar avançando. Para aquele desconhecido. Mesmo quando é assustador. Esses são os relacionamentos. Inferno, é a vida. Qualquer coisa preciosa requer risco, carrega o potencial de ferir.

Shay se endireitou, sua boca se curvando. —Você vai dar o exemplo?

Eu lutei contra a maldição que queria sair. Eu fui um tolo hipócrita. —Eu preciso pintar.

—Sim, você precisa. Ambos deixamos esses fantasmas nos assombrar por muito tempo. Não podemos dar aos monstros espaço em nossos cérebros.

—Que tal uma troca?

As sobrancelhas de Shay se ergueram. —Eu não troco por favores sexuais.

Soltei uma gargalhada. —Bom saber. Eu estava pensando mais no sentido de que terminaria uma pintura se você tocasse seu violino para mais do que apenas eu.

Ela ficou quieta por um momento antes de responder. —Combinado.

—E você tem que posar para mim novamente.

Ela revirou os olhos. —Agora, ele está ficando ganancioso.

Eu dei um puxão em sua mão, puxando-a em direção ao solário. — Não há tempo como o presente. — Eu a coloquei de pé. Da mesma forma que imaginei a mulher no ponto de Harbor. —Levante o queixo. — Eu a guiei com um dedo. —Aí. Bem desse jeito. — Eu deixei minha mão deslizar pela curva de seu pescoço, a sensação de sua pele macia em contraste com as pontas ásperas dos meus dedos.

Shay estremeceu. —Achei que você estivesse pintando.

Minha mão continuou descendo, puxando o material de sua camisa para que seu ombro ficasse nu. Eu me curvei, deixando um rastro de beijos ao longo de cada cicatriz visível. Eu queria tocar cada uma. Para curá-las. Eu gostaria de poder fazê-las desaparecer, mas isso de alguma forma tiraria algo de Shay. Porque essas marcas em sua carne eram sinais externos de como ela era forte. De tudo que ela superou. Com um último toque de meus lábios, me endireitei.

Nenhuma palavra foi necessária. E Shay me deu tudo em resposta quando ela não puxou o tecido de volta no lugar. Quando ela não se escondeu de mim, mas me deixou entrar um pouco mais.

Eu rodei meu cavalete e observei a tela em branco na minha frente. O mesmo espaço em branco que estava lá nos últimos seis dias. Eu vaguei pela sala mais de uma vez. Mas todas as vezes, o espaço vazio me provocou.

Abri meu bloco de desenho, no desenho que estava preenchendo enquanto esperava Shay voltar de Anchor. O dia em que minha ilusão de santuário foi destruída. Só havia uma maneira de consertar. E isso foi reconstruir. Um traço de tinta por vez na tela.

Olhei do esboço tosco para Shay. Ela era tão forte. Ela não era destemida. Ela era algo mais. Alguém que estava apavorada, mas lutou para sobreviver. Quem experimentou as maiores profundezas desse medo e continuou em frente. Era isso que eu queria capturar com esta peça.

Uma mulher olhando para a tempestade que se aproxima sem se afastar. A enfrentaria de frente. E eu só tive que aproveitar uma pequena fração dessa força para colocar minha primeira marca na página.

CAPÍTULO 25

Shay

Ergui os olhos da lista de compras que estava compilando quando Brody largou a case do meu violino com um baque. Eu olhei em sua direção. —Cuidado. Aquele pedaço de madeira ali é como o meu filho.

Seus lábios se contraíram. —Bem, o que você acha de levar seu precioso bebê para dar uma volta esta noite?

Eu congelei, minhas mãos apertando o lápis como se fosse minha última tábua de salvação. —Tocar para você?

—Hunter e eu estávamos conversando, e descobri que a banda tocando no *The Catch* hoje à noite é *Bluegrass*. Eles adorariam ter um violinista com eles para algumas músicas.

A maneira casual como Brody compartilhou esta notícia me fez lutar contra o desejo de estrangulá-lo. —Você não precisa parecer tão satisfeito consigo mesmo.

Seu sorriso se alargou. —Você quer me matar um pouco agora, não é?

—As plantas na estufa precisam de um pouco de fertilizante.

—Vou me certificar de que vou cuidar de minhas costas no futuro previsível. Mas enquanto isso, você deve se preparar. Estamos saindo em vinte minutos.

—Você está louco? — Eu respondi. Tomei banho, mas foi só. Sem maquiagem. Cabelo sem arrumar. E eu estava usando atualmente um par de moletom e era um dos moletons de Brody.

Suas sobrancelhas se juntaram. —O que?

—Homens, — eu resmunguei enquanto me levantava. —Nenhuma consideração pelo que as mulheres têm que passar.

—O que eu fiz?

Eu ignorei a pergunta de Brody enquanto me dirigia para as escadas, amaldiçoando-o durante todo o caminho. Eu fiz uma maquiagem básica. Um pouco de corretivo, blush e rímel. Um pequeno movimento de delineador para fazer o verde nos meus olhos se destacar. Não tive tempo de enrolar ou alisar meu cabelo. Inferno, eu provavelmente nem me lembrava de como estilizá-lo, fazia tanto tempo. Mas eu peguei alguns fios na frente e teci uma trança fina em minha cabeça, formando sua própria faixa de cabelo.

Observei meu rosto no espelho. Já fazia muito tempo que eu não usava nada além de protetor solar e protetor labial. Eu tinha que admitir, era bom. E focar na minha aparência significava que eu poderia ignorar que estaria tocando na frente de mais de uma pessoa pela primeira vez em mais de uma década.

Tentei não deixar que as vozes feias se enraizassem em meu cérebro. As que disseram que isso era um risco desnecessário. As egoístas. Respirando lentamente, lembrei-me de como a ilha era pequena. Que era inverno e quase sem turistas. As chances de encontrar alguém que me reconheceria eram mínimas.

Fui para o armário do quarto de hóspedes para ver quais eram minhas opções. Alguns dias atrás, Brody tinha insistido que eu simplesmente fosse em frente e trouxesse todas as minhas roupas para a casa principal. Eu tinha traçado o limite para colocá-las no armário principal. Enquanto eu passava todas as noites naquela cama, compartilhar um armário e uma cômoda parecia muito com me mudar.

Mordisquei o canto do meu lábio enquanto examinava as coisas na minha frente. Eu não tinha exatamente muito o que considerar. Meus dedos traçaram sobre suéteres e roupas para atividades ao ar livre, coisas que foram feitas para o trabalho que passei a maior parte dos meus dias.

Eu parei no final da linha. O único vestido bonito que minha tia Georgie insistiu em me comprar. Era atemporal, ela disse. Preto com um corpete justo que abraçava minhas curvas pequenas, fazendo-as parecer um pouco mais voluptuosas do que realmente eram. Tinha mangas compridas e transparentes que balançavam quando eu me movia. Eu só podia imaginar como elas ficariam enquanto eu tocava. A saia tinha duas camadas: uma combinação mais curta e justa e a mesma cobertura de chiffon que permitia ver minhas pernas por baixo dela.

Respirei fundo e puxei-o do armário. Procurei um dos meus poucos pares de roupas íntimas *elegante.* Simplesmente parecia errado ter algodão por baixo deste vestido. Eu cantarolei para mim mesma enquanto vestia tudo, não me permitindo olhar até que estivesse completamente vestida. Deslizando meus pés em meu par de botas favoritos, me virei para o espelho.

Pela primeira vez em anos, me senti linda. E Brody me deu um motivo para lembrar. Que eu era real. Que meu corpo existia. E embora muitas vezes eu tentasse escondê-lo por medo de fazer perguntas, ele ainda estava lá. E *foi* lindo. Não importa quantas cicatrizes marcassem minha pele.

Minha mão foi para minha barriga. A pior das cicatrizes ali. Tracei a carne saliente com o polegar, mas em vez de deixar que me lembrasse de que deveria estar me escondendo, deixei que me lembrasse de que estava respirando. E por causa disso, eu tinha o dever de viver de verdade.

Eu deixei minha mão cair para o meu lado e, com um último olhar, me movi em direção ao corredor. Os saltos das minhas botas batiam na madeira enquanto eu caminhava.

—Eu pensei que teria que vir jogá-la por cima do ombro, — Brody chamou do andar de baixo.

—Se você tentar fazer isso, terá uma surpresa desagradável. — Brody não tinha ideia de que eu tinha estudado artes marciais por anos depois do meu ataque. Uma ou duas vezes por semana, eu

encontrava tempo para fazer minhas aulas, mesmo sem ter um oponente para treinar.

—Eu posso apenas ter que tentar... — Suas palavras foram interrompidas quando eu virei o corredor. —Merda. Deixa para lá. Acho que devemos apenas ficar aqui. Você pode me dar meu próprio concerto pessoal e...

Eu roubei o resto de suas palavras com um beijo. —Obrigada.

—Sinto muito, estou um pouco atordoado. Posso ter levado um golpe na cabeça. Por que você está me agradecendo exatamente?

—Me lembrando que eu sou real. Que estou respirando. Que eu sou linda.

Brody me puxou com mais força contra ele, um fogo dançando nas profundidades escuras de seus olhos que eu nunca tinha visto antes. —Você é todas essas coisas. E muito mais.

Eu toquei meus lábios contra os dele novamente. Desta vez, levei o beijo um pouco mais fundo. E mergulhei na imprudência. A selvageria. O conhecimento profundo de que eu não tinha morrido onze anos atrás, e era hora de eu viver.

Quando Brody se afastou, ele estava um pouco sem fôlego. —Você pode me matar esta noite.

Eu dei um tapinha em sua bochecha. —Bem, então lembre-se, essa ideia foi sua...

* * *

Meu pé batia incessantemente enquanto eu olhava ao redor da mesa. Todos os rostos eram amigáveis, mas seus sorrisos e conversas de boas-vindas não fizeram nada para acalmar meus nervos. Tudo em mim gritava para correr rápido e para longe.

A mão de Brody chegou ao meu joelho e apertou quando ele se inclinou. —Você vai estar bem.

Eu fiz uma careta para ele. —Provavelmente vou vomitar no palco.

—Estou tão animada que finalmente vou ouvir você tocar, — Caelyn disse do outro lado da mesa, onde estava enterrada ao lado de seu marido, Griffin. Ele era o menos sorridente e o mais quieto do grupo, mas não era rude. E a maneira como ele olhou para sua esposa com adoração me disse que ele poderia ter um coração mole sob aquele exterior duro.

—Já faz muito tempo. Provavelmente estou enferrujada...

—Enferrujada, uma ova, — disse Hunter, pegando sua cerveja. —Eu ouvi um pouco de música quando estava subindo para fazer uma ligação na casa. Pensei que fosse uma gravação profissional de algum músico famoso, mas Brody me disse que era você.

Enviei outro olhar sujo na direção de Brody. —Pare de revelar todos os meus segredos.

Ele sorriu. —Estou aqui apenas para lhe dar um empurrão na direção certa.

—Você me deve uma dúzia de pinturas por isso, — eu murmurei.

—Então, Hunter. O que vem por aí depois de terminar o estúdio? — Griffin perguntou. Foi o primeiro esforço de conversa que ele fez a noite toda.

Hunter largou sua cerveja e pegou uma batata frita, girando-a entre os dedos. —Temos mais algumas semanas no estúdio, mas estou pensando em dar uma olhada no antigo resort no extremo norte da ilha. Eu queria que outra pessoa comprasse para que eu pudesse apenas trabalhar nisso, mas até agora, ninguém está interessado.

As sobrancelhas de Griffin se ergueram. —Isso seria um grande trabalho.

—Você não está errado aí.

Caelyn se endireitou em seu assento. —Você quer comprar um resort mal-assombrado?

Quase cuspi o gole de vinho que havia tomado. —Assombrada?

Hunter revirou os olhos. —É apenas o antigo folclore da ilha. Na verdade, o lugar acabou sendo ignorado por quase uma década. Metade dos quartos parece que está caindo aos pedaços. Felizmente, não é pior do que isso. Vou dar uma olhada em algumas semanas para ver o que é.

Uma linda mulher que reconheci como a dona do *Second Chances* apareceu em nossa mesa, apoiando a mão no ombro de Hunter. —Não está criando problemas, está?

Hunter piscou para ela. —Eu não ousaria.

Ela bufou e voltou sua atenção para Brody e eu. —Acho que nunca nos conhecemos oficialmente. Eu sou o Bell. Meu noivo, Ford, comanda o *The Catch*.

—Shay, — eu cumprimentei.

—Eu sou Brody. Obrigado por nos receber.

Bell sorriu. —Estou muito animada para ouvir você tocar, Shay. Hunter disse que você é incrível.

Eu virei minha carranca para ele, e ele ergueu as duas mãos. —Ei, o que eu fiz?

Brody riu enquanto corria a mão para cima e para baixo na minha coxa. —Basta se acostumar com isso. Ela não é fã de elogios.

—Não é o elogio que me preocupa. São as expectativas irrealistas, — reclamei.

Bell acenou para mim em sua direção. —Bem, então vamos acabar com isso. A banda disse que eles estão prontos para você.

Comecei a me levantar, mas antes de estar totalmente de pé, Brody deu um puxão na minha mão, me puxando para frente para que ele pudesse roçar seus lábios contra os meus. — Boa sorte.

—Se eu fizer isso, será você quem vai me levar para casa.

—Eu tenho tudo sob controle.

Bell me levou para a lateral de um pequeno palco onde os músicos estavam reunidos. Eu tive uma rápida conversa com eles antes, e descobrimos algumas músicas que todos nós conhecíamos. Mas não é como se nunca tivéssemos praticado antes. Tudo isso pode acabar em desastre.

—Então, — Bell começou, —você e Brody parecem muito fofos.

Lutei contra a careta que queria fazer. Eu estava extremamente enferrujada em conversar com as garotas. Talvez eu nunca tenha realmente aprendido. Eu só conseguia falar com facilidade com E porque as telas dos computadores nos separavam. Eu mantive distância de quase todos, exceto minha tia, uma vez que fui morar com ela. Era simplesmente mais fácil evitar esse tipo de vínculo do que arriscar conversas dolorosas ou cutucar meu passado. Então, eu nem tinha certeza de como responder a um comentário que Bell provavelmente considerou inócuo. —Ele é legal.

Ela riu. —Legal, hein? Mais como lindo. Se a Ford não tivesse me amarrado, eu estaria apostando nele.

Eu deveria ter rido, mas não consegui conter. Porque a única coisa que me lembrou foi o conhecimento de que Brody poderia escolher as mulheres. Eu engoli contra a queimadura em minha garganta. Em algum momento, ele se cansaria de minhas características bizarras e seguiria em frente.

Felizmente, eu não fui forçada a fornecer uma resposta para Bell porque nós chegamos à banda. Ela me desejou boa sorte e se dirigiu ao bar para encontrar um homem que parecia estar despindo-a com os olhos. Ela deu-lhe um beijo longo e forte e depois se moveu para servir as bebidas.

Voltei meu foco para a banda. E com algumas verificações de última hora, subimos ao palco. O vocalista e tocador de banjo, Gareth,

cumprimentou os clientes. Quando ele me apresentou como sua convidada especial, avistei Sam no meio da multidão. Eu não o via desde nossa briga algumas semanas atrás, convenientemente eu estava empurrando-o da minha mente. Seu olhar percorreu meu corpo e eu lutei contra um arrepio. Voltei meu foco para um ponto cerca de trinta centímetros acima das cabeças da multidão. Foi um truque que aprendi quando comecei a tocar em recitais. Se eu não fizesse contato visual, os nervos não poderiam se instalar.

Começamos devagar, com uma versão de *I'll Fly Away,* e não demorou muito para eu me perder na música. O bar, o prédio, o mundo... tudo sumiu. A única coisa que existia era meu arco nas cordas, o a ida e volta, o acúmulo e a espiral descendente.

Quando nos mudamos para *The Devil Went Down to Georgia,* a multidão enlouqueceu enquanto meus dedos voavam pelas cordas e meu arco enlouqueceu. Eles estavam altos o suficiente para me puxar do transe que eu tanto amava, e eu encontrei Brody do outro lado da sala.

O sorriso em seu rosto enquanto me observava voar torceu algo dentro de mim. Sua pura alegria em me ver fazer algo que eu amava fez o seu caminho para um lugar que eu não deixei ninguém entrar em mais de uma década.

Enquanto passávamos para algo mais lento, uma música que eu não conseguia nomear, mas que meus dedos tocavam no piloto automático, mantive meu olhar fixo no de Brody. Nenhum de nós desviou o olhar enquanto uma nota deslizava para a próxima. Cada movimento do meu arco parecia puxar algo na minha barriga. Como se a mão de Brody estivesse de alguma forma em cima da minha e estivéssemos tocando juntos. Cada lugar que seus olhos focavam em meu corpo queimavam como se ele estivesse realmente me tocando. E quando terminei a nota final, estava em chamas.

CAPÍTULO 26

Shay

Enquanto nosso barco batia ao longo da água cortando o ar noturno, minha pele superaquecida deveria ter esfriado. Mas não fez nada para acalmar o zumbido de energia que zumbia logo abaixo da superfície. O vinho, a emoção de tocar para uma multidão pela primeira vez em anos, a intensidade do olhar de Brody. Isso começou um incêndio em mim que eu não tinha certeza se algum dia conseguiria ficar sob controle.

Fiquei em silêncio enquanto tentava bloquear tudo. Como se eu pudesse apagar pedaço por pedaço. Esquecer como cada parte desta noite me fez sentir viva.

Quando Brody parou em nossa doca, me movi para ajudá-lo a amarrar. Ele subiu a lateral do barco e me ofereceu a mão. Eu cuidadosamente ignorei. Em vez disso, levantei meu vestido com uma mão e coloquei a outra em um dos postes do cais para me equilibrar.

Brody me olhou com atenção enquanto eu descia a doca e subia o caminho. Ele ficou em silêncio enquanto caminhávamos, provavelmente avaliando meu humor e se perguntando o que diabos tinha causado isso. Eu queria ir para minha casa de hóspedes, me esconder lá e começar a reconstruir as paredes que me protegiam de um mundo que poderia me deixar exposta e em risco. Paredes que bloqueariam qualquer tentação de me atrair para uma existência que faria exatamente isso. Mas a maioria dos meus parcos pertences tinha ido para a casa principal. Isso era bom. Eu apenas dormiria no quarto de hóspedes.

Brody destrancou a porta e digitou o código do alarme enquanto eu caminhava para as escadas. —Você quer me dizer o que diabos está acontecendo na sua cabeça agora? — Ele perguntou.

Eu congelei com meu pé no último degrau. —Eu não deveria ter tocado em público. Foi uma tolice. Um risco que não precisava ser assumido.

—Então, você odiou?

Eu não pude responder a ele. Porque eu amei cada segundo tocando com outras pessoas novamente. De mover uma multidão.

Brody se aproximou. —Isso foi o que eu pensei. Você ganhou vida naquele palco, Shay. Nunca vi nada assim. Você estava voando. Mas você quer empurrar tudo para longe. Você quer me afastar.

Eu me virei para ele. —Eu tenho! Porque toda vez que tenho um gostinho de como a vida poderia ser se eu apenas me libertar, quero ainda mais. Estou cada vez mais propensa a correr um risco que pode me matar. E se eu tiver que escolher entre música e respiração, vou escolher respirar todas as vezes. Mas não preciso me lembrar do que não posso ter. Eu não preciso que você me lembre.

Meus pulmões arfaram quando Brody deu passo após passo cuidadoso em minha direção. —Mas você está respirando? O que é a vida se você não a *vive?*

A raiva aqueceu meu sangue. —Isso é tão fácil para você dizer. Você não sabe como é. Olhar constantemente por cima do ombro. Perguntar-se se a pessoa que você mais ama no mundo vai aparecer e enfiar uma faca entre suas costelas.

Brody estremeceu com as minhas palavras, mas ele continuou avançando até que ele parou perto de mim. —Você tem razão. Não sei o que é ter medo dessa maneira. Mas sei que a resposta não é deixar de existir. Esteja segura, tome precauções, mas não se condene a uma morte lenta sem conexão humana ou as coisas que você mais ama no mundo.

Meus olhos ardiam como se alguém os tivesse enchido de ácido. As lágrimas transbordaram, tentando acalmar. —Eu não sei como. Isso é o que eu tenho feito por tanto tempo. Não sei de que outra forma me manter

segura. Estou com medo de pegar algo, apenas para ser roubada. — Exatamente como já havia acontecido tantas vezes antes. Tudo que eu mais amei, foi arrancado de debaixo de mim. Rasgado em pedaços na frente dos meus olhos.

Brody estendeu os dedos, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha antes de arrastar a mão pelo meu pescoço. —Eu vou te ajudar a descobrir isso ao longo do caminho. Você apenas tem que dar o primeiro passo.

Meu corpo zumbia enquanto eu lentamente e deliberadamente dei um passo em direção a Brody. Em direção a sua força e calor. Em direção a tudo que era assustador, mas tão vivo. —Eu não quero me esconder.

Suas mãos ásperas emolduraram meu rosto, sua boca a apenas um toque da minha. —Estive esperando por essas palavras.

—Toque-me, — eu sussurrei antes de perder a coragem.

Seus olhos brilharam. —Tem certeza?

Eu concordei. —Eu quero saber como é. Contigo. — Eu queria sentir o que seria ganhar vida sob seu toque. Para me perder no ritmo de nossos corpos.

Brody não precisava de outras palavras de encorajamento. Ele me levantou no mesmo instante, minhas pernas se movendo naturalmente para envolver sua cintura. Ele subiu as escadas com uma velocidade que me deixou tonta. Cada passo que ele deu criou uma fricção deliciosa entre minha boceta e os planos rígidos de seu corpo.

Entrando em seu quarto, Brody parou ao lado da cama. Lentamente, ele me abaixou, mas seus olhos permaneceram fixos nos meus enquanto o movimento enviava pequenas faíscas pelas minhas terminações nervosas.

Parte de mim queria abaixar a cabeça, para me afastar da intensidade do momento. Mas eu não faria mais isso. Eu estaria aqui e agora. Eu experimentaria o momento plenamente. Não há mais para onde

correr e se esconder. Eu me daria uma chance nesta vida selvagem e imprudente.

Quando minhas botas finalmente atingiram o chão, as mãos de Brody subiram da minha cintura até o zíper na parte de trás do meu vestido. Ele parou ali, um pedido silencioso de permissão. Eu toquei meus lábios contra os dele. Seus dedos puxaram o fecho, e o som do zíper foi como um tiro de canhão na sala silenciosa.

Eu respirei fundo quando o movimento parou. Este foi o momento da verdade. Eu dei um meio passo para trás e deixei o tecido cair no chão. Eu estava diante dele, este homem que exigia tudo de mim, exposta, exceto por minha calcinha rendada e minhas botas. Meus mamilos endureceram com o ar frio e com o calor nos olhos de Brody.

Ele me observou, devorando cada centímetro de pele com seu olhar. —Nunca vi nada mais bonito. Não em um museu ou na parede de uma galeria. Nunca e em lugar nenhum.

E quando ele chegou perto, seus dedos roçando minha pele cheia de cicatrizes, eu senti aquela beleza florescer dentro de mim. Um conhecimento de que eu sempre seria isso aos olhos de Brody.

Saí de uma bota e depois da outra. Brody puxou seu Henley pela cabeça, então a camisa por baixo. Eu assisti com fascinação enquanto seus músculos se curvavam e flexionavam. A pele bronzeada parecia brilhar sob o luar que entrava pela janela. Eu nunca tinha entendido isso. Para olhar e explorar. Eu nunca quis isso.

Ele tirou uma bota, depois a outra. Suas mãos foram para o botão de sua calça jeans, e eu respirei fundo quando ele a tirava. Sem boxers ou cuecas, apenas ele. A mais leve pontada de nervos viajou por mim. Fazia tanto tempo, e a única vez que tive coragem de fazer sexo, não foi agradável.

Mas eu queria isso. Para vivenciar o que foi descrito em livros e mostrado em filmes. Aproximei, meus dedos percorrendo o pau de Brody, movendo-se da base à ponta. Ele gemeu e meu olhar voou para seu rosto.

Havia reverência em sua expressão. Um olhar que eu nunca tinha visto antes. —Tenho sonhado com suas mãos em mim há meses.

Havia poder em suas palavras. Algo que me deixou um pouco destemida. Meus dedos ficaram mais ousados, explorando. E tomei nota de cada reação no rosto de Brody, o conjunto de seus músculos.

Suas mãos começaram a explorar meu corpo também. Um polegar passando pelo meu mamilo através da renda fina do meu sutiã. —Amo você nisso. Como eu só posso ver uma dica do que está por baixo, mas posso sentir tudo.

Estremeci contra seu toque, empurrando em sua mão, procurando um pouco mais. Pressão. Atrito. *Ele.*

—O que você precisa, Shay? — Suas palavras tinha um leve rosnado.

—Você.

—Eu estou aqui.

Rapidamente, ele me levantou, então me inclinou para trás para que eu estivesse deitada na cama. O jeans de Brody tinha sumido e tudo que eu podia fazer era olhar, admirando cada centímetro de seu corpo. O homem poderia ser uma estátua esculpida em pedra, mas ele tinha uma energia intensa que o teria entregado como estando vivo no momento em que você se aproximasse.

Brody se curvou, alcançando embaixo de mim para soltar meu sutiã. Ele o puxou, permitindo que seus dedos passassem pela minha pele enquanto ele fazia isso. Esse simples toque enviou uma sensação crepitante em minha pele, despertando cada terminação nervosa com a promessa do que estava por vir.

Os polegares de Brody engancharam nas laterais da minha calcinha, puxando-a para baixo tão lentamente que pensei que fosse gritar. Eu levantei minhas pernas como se fosse apressá-lo, mas eu deveria saber que Brody não se curvaria às minhas demandas silenciosas.

—Eu vou demorar. Buscando todos os detalhes para que eu possa guardar na memória. Eu pintaria seu rosto assim. Precisa colorir suas bochechas. Mas não quero compartilhar essa visão com ninguém. — Com um movimento final de seu pulso, ele jogou o último pedaço de renda no chão.

Ele abriu a gaveta de sua mesa de cabeceira e tirou um pequeno pacote. Eu assisti com fascinação quando ele rolou a camisinha sobre si mesmo, meu estômago embrulhando. Brody arrastou as mãos pelas minhas coxas, um dedo mergulhando na minha boceta. Provocando, testando. Seus olhos ficaram mais quentes e minha respiração ficou presa na garganta.

—Eu quero te sentir. — As palavras nem soaram como se pertencessem a mim. Eles eram de algum estranho habitando meu corpo. Mas eu não me importei nem um pouco.

Seu pau tocou a minha boceta. —Você tem certeza?

—Por favor.

Ele me penetrou lentamente. Minha respiração ficou presa, meus pulmões parando. O alongamento, a plenitude, a menor pontada de dor. A mão de Brody segurou minha bochecha. —Muito?

—Perfeito. — E era. Tudo sobre o sentimento era o que eu precisava para reforçar que estava viva.

Enquanto Brody lentamente começou a se mover, deslizando para dentro e para fora, cada sensação derreteu, transformando-se em calor e desejo. Minhas pernas engancharam em torno de seus quadris enquanto minhas mãos encontravam seus ombros, seu pescoço. Cada movimento

que fazia implorava por mais, mais profundo. Eu queria senti-lo em todos os lugares.

Com um ângulo dos quadris de Brody, ele me deu exatamente isso. O ruído que nossos corpos criaram juntos irradiou-se para todos os músculos e sinapses. Eu não tinha certeza se poderia aguentar muito mais. Eu nunca senti tanto de uma vez. E com um toque de seu polegar áspero em meu clitóris, descobri que não podia.

Toda aquela sensação desabou sobre si mesma e então explodiu novamente, uma chuva de faíscas saindo da minha boceta e caindo em cascata sobre o resto do meu corpo. A luz dançou em minha visão escurecida. E nenhuma parte de mim duvidava de que eu estava aqui. Respirando. Viva.

CAPÍTULO 27

Brody

Meus dedos percorreram as saliências da coluna de Shay. Eu queria guardar cada pedaço deste momento na memória. Queimando-a em meu cérebro para que nunca me esqueça. Nunca senti Shay tão relaxada, tão em paz. Mas a cada segundo que passava, um pouco mais de tensão voltava para seus músculos. Como se seu corpo fosse treinado para se revoltar contra qualquer tipo de verdadeira proximidade. Paredes que estavam no lugar por tanto tempo demoraram para quebrar completamente.

Afastei o cabelo de suas costas, arrastando meus dedos por sua espinha novamente. —Quer me dizer o que está acontecendo nessa sua cabeça?

Ela não se afastou quando perguntei, e isso foi uma espécie de vitória. Em vez disso, ela parecia se enterrar mais fundo no meu peito. —Como você sempre sabe quando algo está bagunçando minha cabeça?

—Agora mesmo, eu sinto isso. O lento endurecimento de seus músculos. Você estava praticamente sem ossos há trinta minutos.

Ela riu. —E acho que você sabe por que isso aconteceu.

Eu dei um beijo no topo de sua cabeça. —Então, me diga o que mudou.

Shay soltou um suspiro lento. —Um milhão de preocupações invadindo meu cérebro.

Mudei minhas mãos para sua cabeça, massageando seu couro cabeludo como se eu pudesse limpar essas preocupações com meus dedos. —Diga me sobre elas. Às vezes, se você lhes dá voz, elas perdem o poder.

—Eu queria que fosse assim tão fácil.

—Tente. — Eu apertei sua nuca. —Diga-me a maior agora. Vai.

—Que ele vai te machucar.

As palavras pareceram sair da boca de Shay antes que ela pudesse detê-las. Eu congelo. —Quem vai me machucar? Michael?

Ela acenou com a cabeça lentamente contra o meu peito. —Ele já fez isso antes. Cada vez que eu me aproximava de alguém enquanto crescia, algo ruim acontecia. Muitas vezes, ninguém conseguia provar que era ele, mas eu sempre soube.

—O que você quer dizer com algo ruim?

Seus dedos começaram a traçar redemoinhos no meu peito. — Quando eu estava na quarta série e ele na terceira, uma nova garota se mudou para a cidade. Jill. Ela e eu realmente nos demos bem. Nós íamos ao parquinho todos os dias depois da escola. Michael vinha conosco na maior parte do tempo. Um dia, fui buscar lanches com minha mãe, que sempre se sentava em um dos bancos para ler enquanto jogávamos. Eu ouvi um grito. Corremos de volta para o trepa-trepa e Jill estava deitada sob as barras, gritando e chorando. Seu braço estava tão quebrado que o osso perfurou a pele.

Shay engoliu em seco, como se visse a cena bem na sua frente. — Veio uma ambulância e, quando lhe perguntaram o que tinha acontecido, ela disse que Michael pisou em seus dedos e ela perdeu o controle. Ele insistiu que foi um acidente e começou a chorar. Mas quando a colocaram na ambulância, olhei para ele e ele estava sorrindo. No caminho para casa, ele disse: 'Acho que ela não vai mais brincar com a gente'.

Puxei Shay para mais perto de mim. Eu não poderia imaginar tentar entender isso quando criança. —Eu sinto muito.

—Isso não é a metade. Uma amiga que fiz, que tinha medo de cobras, encontrou uma em seu armário na escola. Outra teve sua bicicleta

esmagada com um taco. Em algum momento, simplesmente parei de tentar. Era mais fácil desse jeito.

—Mas você estava sozinha. — Eu queria apagar tudo. Cada momento doloroso. Eu queria pintar seu passado para que não houvesse mais dor ou solidão. Mas não consegui. E por mais que eu quisesse, essas experiências fizeram de Shay quem ela era hoje. E essa era uma mulher por quem estava me apaixonando. Então, como eu poderia desejar que ela se afastasse?

—Eu estava. Mas eu me acostumei. E uma vez que se torna normal, é realmente difícil de quebrar. — Ela inclinou a cabeça para trás para que seu olhar encontrasse o meu. —Não é sempre que eu quero afastar as pessoas. É apenas um hábito. Mas com você... estou com medo. Se alguma coisa acontecer com você. Se Michael te machucar...

—Ele não vai. — Pressionei meus lábios nos dela. —Ele não sabe onde você está. Ele não tem ideia de quem eu sou. Estamos seguros aqui. — Ou tão seguros quanto poderíamos estar quando houvesse um assassinato a apenas dez minutos de distância. Mas eu não ia permitir que minhas preocupações e medos alimentassem os de Shay.

—Eu só quero que você entenda por que é difícil para mim. Eu nunca fui capaz de ter isso antes. Por um milhão de razões diferentes. E é difícil para mim confiar que poderei tê-lo agora.

Meus dedos se enredaram no cabelo de Shay, jogando sua cabeça para trás. —Você vai ter tudo. Tudo o que você quiser. Uma grande e linda vida cheia de amigos e música.

—Eu espero que você esteja certo.

Eu sabia que estava certo porque planejava fazer isso. Eu estudei seu rosto antes de falar. —Não fique brava...

Shay fez uma careta. —Apenas a frase que toda mulher quer ouvir.

Eu rio. —Eu contratei um investigador particular para fazer algumas pesquisas sobre Michael.

Shay se sentou, os lençóis caindo em volta de sua cintura. —Você fez o que?

Eu me sentei. —Contratei um investigador particular. Alguém que fez um trabalho extremamente sensível para Carson. Eu confio nele implicitamente. E eu estou pedindo para ele investigar Michael. Ficar de olho nas coisas.

—Você deveria ter me perguntado primeiro. Isso pode levá-lo direto até você, se ele descobrir que alguém o está observando.

Peguei a mão de Shay na minha, traçando círculos em sua palma com meu dedo. —Eu provavelmente deveria. Mas você estava tão presa. Eu não queria pressionar e precisava saber que você estava segura. Que Michael estava onde deveria estar.

—E ele? Onde ele deveria estar, quero dizer?

—Dante fez vigilância na semana passada. Até agora está tudo certo, mas ele teve que sair para outro emprego. Vou fazer com que ele dê uma olhada mais profundo quando terminar.

— Brody, — interrompeu Shay.

Eu apertei a mão dela. —Eu preciso disso. Vou pedir que ele verifique Michael e depois vou pedir que ele investigue as coisas em Anchor.

A preocupação encheu a expressão de Shay. —Você está preocupado que essa pessoa vá matar de novo.

Apertei meu maxilar. Não tínhamos sabido muito sobre o assassinato ocorrido algumas semanas atrás, mas o homem que foi morto não tinha poucos de inimigos. Parker nos informou que era um jogador ávido e bebia muito. Ele devia dinheiro significativo a um bom número de pessoas. A teoria de trabalho de Parker era que alguém que queria matar o homem, viu a cobertura da imprensa sobre o meu caso no Leste e a usou para encobrir um assassinato por vingança.

Era uma teoria justa, mas algo ainda me deixava nervoso. Talvez fosse simplesmente porque eu já havia percorrido esse caminho antes, e isso havia destruído minha vida - e a de tantas outras pessoas. —Eu quero ter certeza. Ter Dante analisando as coisas me dará paz de espírito. E talvez dê o mesmo a você.

Shay puxou sua mão da minha e emoldurou meu rosto. —Como isso aconteceu?

—O que você quer dizer?

—Quais eram as chances de você decidir se mudar para cá dentre todos os lugares do mundo? Que você compraria a ilha em que eu estava trabalhando? Que eu encontraria você. E que você seria exatamente o que eu preciso?

Um ardor começou no meu estômago. —Shay.

Ela colocou um dedo sobre minha boca e pressionou seus lábios em inha têmpora. —Obrigada.

* * *

Sentei-me em uma das cadeiras *Adirondack* no deck da frente e observei Shay passar do galinheiro para a estufa. Foi difícil para mim deixá-la ir esta manhã. Mas ela olhou para mim com uma expressão severa e me disse que essa mudança em nosso relacionamento não poderia mudar seu trabalho. Eu entendi. Ela estava se segurando em um pedaço de normalidade que ela precisava desesperadamente quando o resto de seu mundo estava mudando.

Eu daria isso a ela. Muito do que ela fazia eram coisas que amava. As galinhas, a jardinagem. Eu sorri enquanto pensava sobre ela xingando uma tempestade enquanto tentava consertar nosso gerador. Talvez esse não fosse o seu favorito. Mas eu sabia que ela tinha imenso orgulho em dominá-lo. Então, as coisas permaneceriam como estavam naquela arena. E eu simplesmente teria que confiar no sistema de segurança que instalei. E nas outras medidas que estava tomando.

Peguei meu telefone e acertei um contato de minhas chamadas recentes. O telefone tocou duas vezes antes que alguém atendesse. — Dante.

—É o Brody.

—Você tem um algum tempo, — disse ele, o rosnado de um motor girando soando ao fundo.

—Por que isso?

—Estou saindo de uma reunião com o oficial de condicional.

Eu me endireitei. —Você está em Seattle? — Ele deveria estar agendado por pelo menos mais uma semana.

—Terminei aquele trabalho em Montana e algo me puxou para fazer outra avaliação desse cara.

—E?

—Tudo é bom no papel.

Minha mão apertou meu telefone. —Por que isso não parece uma coisa boa?

Dante riu, mas não era um som particularmente agradável. —Você esteve no que equivale à prisão por dez anos. Você acabou de fazer 21 anos e teve seu primeiro gostinho de liberdade. Qual seria a sua primeira parada?

Eu tive que pensar sobre isso por um minuto. —Uma boa refeição. Uma cerveja. Ver as pessoas de quem gosto.

—Ele não fez nada disso. Quer dizer, ele come, mas não vai a bares. Não transa. Não vê ninguém de sua antiga vida. Pelo que eu posso dizer, ele vai trabalhar neste lugar de atendimento ao cliente de computador e depois volta para casa em seu apartamento de merda. Ele não vê uma alma. Nenhuma chamada para ou de seu celular, a não ser para pedir comida para viagem. Eu não gosto disso.

Eu esfreguei a mão no queixo. —Esse cara não é exatamente normal. Pelo que sua irmã me disse, ele não tem coragem de se preocupar com outras pessoas.

—Eu sei o que você disse. E tenho feito uma pequena leitura sobre o assunto - a condição que esse cara tem. Algo me diz que tudo isso é um show que ele está fazendo para qualquer um que possa estar assistindo.

E o que diabos eu fiz com essa informação? Michael pode estar fingindo, mas a verdade é que isso não importa. A menos que soubesse onde Shay estava. —Como você se sente em relação a intensificar as coisas?

—De uma forma que pode ser um pouco menos do que legal? — Dante perguntou, um sorriso em seu tom.

—Eu preciso saber se ele tem alguma ideia de onde Shay está.

—Devo conseguir acessar o computador dele enquanto ele está no trabalho. Ele não leva com ele. Pode ser capaz de invadir seu histórico de pesquisa de telefone também se estiver vinculado a seu laptop.

Era exatamente o que eu precisava para respirar mais fácil. —Vou lhe dever pagamento de risco por isso?

Dante riu. —Você já está me pagando o suficiente. E algo sobre esse cara deixa meus cabelos de pé. Quero ter certeza de que sua garota está segura.

Ele chamou Shay de *minha garota* na primeira vez que conversamos, e eu não o corrigi. Porque eu queria que ela fosse. Desde o primeiro momento em que coloquei os olhos nos olhos dourados de Shay, houve uma atração. E só tinha ficado mais forte. Agora, eu sabia que tinha zero chance de me libertar. Eu estava perdido, e isso estava bom para mim.

CAPÍTULO 28

Shay

Phoenix26: *O que se veste para um churrasco?*

Eu tamborilei meus dedos contra a mesa enquanto esperava que E respondesse. Como eu me meti nessa confusão? Uma névoa sexual, eu percebi. Tudo que Brody teve que fazer foi colocar sua boca em mim, e eu virei uma estúpida. E agora, um bando de quase estranhos estava indo para o porto para um churrasco.

***Evergreen13*:** *Segure o telefone. Você vai ser social?*

Fiz uma careta para a tela como se E pudesse me ver através dela.

Phoenix26: *Não seja uma espertinha.*

Evergreen13: *Mas é minha língua nativa.*

Phoenix26: *Você vai me ajudar ou não?*

Não tive muito tempo para ficar pronta e, como sempre, minhas opções eram limitadas. O tempo havia mudado, a primavera começando a abrir caminho pelas ilhas. Mas quando você vivia na água, isso não significava exatamente shorts e camisetas sem mangas. Eu cruzei para a cômoda e tirei meu melhor par de jeans. Eles teriam que fazer o truque. Meu computador apitou e eu olhei de volta para a tela.

Evergreen13: *Jeans e uma camisa que mostra os seios. Dê a esse homem uma mostra do que ele pode conseguir se fizer um movimento.*

Soltei uma risada e depois fiz uma careta para a caixa de bate-papo. Eu não tinha compartilhado a última atualização com E. Com ninguém. Eu senti que se eu apenas mantivesse isso para mim, eu poderia mantê-lo seguro. Se ninguém soubesse que eu me apaixonei por Brody, haveria menos chance de dano acontecer a ele.

***Evergreen13*:** *Você não está respondendo... puta merda! Vocês se beijaram? Conte-me tudo!*

Cobri meu rosto com as mãos como se pudesse fazer sua mensagem desaparecer. Quando espiei por entre os dedos, a tela inteira estava cheia de *emojis* ridículos.

Phoenix26: *Houve uma mudança no status do nosso relacionamento. Mas eu realmente não posso falar sobre isso agora. Tenho que ficar pronta em cinco minutos. Desligando.*

Foi maldade, deixá-la pendurada daquele jeito. E provavelmente receberia uma bronca na próxima vez que conversássemos, mas não estava pronta para discutir Brody com ninguém. Pelo menos não os detalhes íntimos.

Vesti minha calça jeans por baixo do roupão e fui até o armário em busca de uma blusa. Eu tinha algumas camisas de botão para quando jantasse com os Dowd quando eles estivessem na ilha. Uma dessas teria que funcionar. Eu escolhi uma rosa pálido que eu sabia que roçava minhas curvas. Colocando isso, eu dei aos meus lábios outra passagem rápida de *gloss* antes de verificar meu reflexo completo.

Parecia *normal.* Mas o que eu sei? Talvez todas as mulheres viessem com vestidos de verão e eu me sentisse completamente deslocada. Afastei o pensamento, entoando repetidamente em minha cabeça que tudo ficaria bem. Eu verifiquei meu relógio e sabia que o tempo de havia acabado.

Saí do quarto de hóspedes e desci as escadas. Brody gritou quando ouviu meus passos no piso de madeira. —Estou na cozinha. — Eu fui em direção ao som de sua voz. Ele ergueu os olhos de onde estava abrindo uma cerveja. Seus olhos escuros brilharam quando ele me olhou. — Venha aqui.

Eu arqueei uma sobrancelha. —Peça gentilmente.

Seus lábios se curvaram. —Venha aqui, *por favor.*

—Isso é melhor.

Eu cruzei até Brody, e ele me puxou para seus braços em um movimento rápido. Ele afastou uma mecha de cabelo do meu rosto, sua mão deslizando do lado do meu rosto até o meu pescoço, enviando arrepios deliciosos em minha pele. Sua boca roçou a minha. —Você está maravilhosa. Quero mandar todos para casa para que eu possa pintar você.

—Soa como um bom plano para mim. — Eu prefiro muito mais ter Brody em nossa ilha comigo sozinha.

Ele pressionou seus lábios na minha testa. —Você vai sobreviver a um jantar. Eu prometo.

—Eu posso morrer de falta de jeito.

Ele deu uma risadinha. —Você é incrivelmente charmosa quando quer.

—Você me acha charmosa porque estamos fazendo sexo.

Os dedos de Brody envolveram uma mecha do meu cabelo e deu um pequeno puxão. —Eu posso ser um pouco tendencioso. Mas você foi muito bem no *The Catch* na outra noite. Teve uma noite inteira de conversa.

Mas isso foi diferente. Havia música e pessoas entrando e saindo da conversa. Eu poderia ter dado uma desculpa para sair a qualquer momento. Aqui, eu estava presa. A expressão de Brody ficou séria. —Você está muito nervosa, não é?

—Não sou boa com multidões.

—Não sei se isso realmente se qualifica como uma multidão.

—Onze pessoas são uma multidão em meu livro. — Eu não tinha sido forçada a falar com tantas pessoas desde meus dias de recitais.

—Três dessas pessoas são crianças e uma é um bebê, — disse Brody, com os olhos dançando.

Eu arregalei meus olhos comicamente. —Os bebês são os mais assustadores de todos. E se eu a deixar cair ou ela vomitar em cima de mim?

—Eu prometo salvá-la de todos os encontros com bebês.

Passei a mão na testa. —Ufa.

Brody me puxou para mais perto. —Eu prometo. Eu não vou te deixar sozinha. Não até que você esteja pronta.

* * *

Era difícil de acreditar, mas eu estava me divertindo. Não foi instantâneo. Na primeira hora em que o grupo de amigos de Caelyn e Hunter estiveram aqui, eu estava rígida como uma tábua, e as coisas estavam estranhas como o inferno. Mas Brody manteve sua promessa. Ele ficou ao meu lado e ajudou a facilitar minhas conversas.

Os irmãos de Caelyn, dos quais ela e Griffin tinham a custódia, também ajudaram. A menor delas, Mia, tinha um milhão de perguntas para mim sobre meu trabalho e esta ilha. Era incompreensível para ela que houvesse apenas uma casa em todo o lugar. Ela então assumiu a tarefa de me ensinar como fazer uma estrela. Depois de dominar isso, o feitiço foi quebrado e eu não me sentia mais deslocada.

Tínhamos equilibrado os pratos cheios de comida nos braços das cadeiras *Adirondack* ou nos cantos de uma mesa de piquenique. Eu conheci os amigos de Caelyn, Kenna e Crosby, que trouxeram com eles sua filha, Harriet, que tinha apenas alguns meses de idade. Eu tinha que admitir que ela era adorável e nem tinha vomitado em mim.

Eles voltaram para Anchor não muito depois do jantar para colocar o bebê no berço, mas o resto da equipe ficou pegando cadeiras e

cobertores até um braseiro que Brody e eu tínhamos retirado do armazenamento no início do dia. Caelyn distribuiu os ingredientes para os *marshmallow*s, parando para ajudar seus dois irmãos mais novos com seus *marshmallow*s e palitos.

Bell deu uma cotovelada em seu noivo, Ford, quando ele tentou forçar seu *marshmallow* para o fogo. —Pare com isso. Eu gosto do meu marrom dourado, não carbonizado até a morte como o seu.

Ford riu enquanto tirava o dele do fogo e soprava o *marshmallow* aceso. —Você não sabe o que está perdendo.

—Cinzas, — ela respondeu em um tom impassível.

Hunter sorriu. —Como vocês dois não se mataram antes de ficarem juntos, eu nunca vou saber.

Bell revirou os olhos. —Digamos que ele tem sorte de ainda estar vivo.

Eu me enterrei mais profundamente no lado de Brody enquanto lambia o último pedaço de chocolate dos meus dedos. A quantidade de amor e carinho no grupo era clara. Ao longo da noite, descobri que a maioria deles se conhecia a vida inteira. Eles tinham um milhão de piadas internas e boas lembranças.

Eu senti um aperto em mim enquanto os observava. Um desejo por algo que nunca consegui ter. Amizades verdadeiras. Aquelas em que vocês sabiam tudo sobre o outro e podiam terminar as frases um do outro. Mas se eu quisesse, teria que estender a mão. Deixar ser conhecida. Talvez esta noite fosse o primeiro passo.

—Então, quando o estúdio será concluído? — Griffin perguntou enquanto puxava Caelyn para seu colo.

Hunter colocou sua cerveja no braço da cadeira. —Apenas algumas semanas agora. Estamos na fase de acabamento.

—Você está animado? — Caelyn perguntou a Brody.

Eu pude sentir uma pouco de tensão em seu corpo antes que ele respondesse. —Será bom ter um espaço de trabalho, para me dedicar novamente.

Ford olhou para o outro lado do fogo como se para verificar se os mais jovens estavam ocupados. Will, o mais velho dos três, estava balançando a cabeça para sua irmã mais nova, Ava, enquanto ela tentava enfiar um marshmallow em seu rosto. Ford voltou a olhar para os adultos. —Você ouviu que Parker trouxe Sam para interrogatório pelo assassinato?

Meu corpo travou quando me lembrei da sensação de Sam me encurralando contra o prédio. Não ser capaz de se mover, respirar ou fugir. Brody me puxou com mais força contra ele, pressionando seus lábios ao lado da minha cabeça. —Você está bem, — ele sussurrou. —Eu estou com você. — Eu relaxei em seus braços, deixando seu calor limpar a frieza das memórias.

Hunter segurou sua cerveja com mais força, os nós dos dedos ficando brancos com a luz do fogo. —Todo mundo sabe que ele e Billy têm uma história. Eu não teria pensado que ele fosse capaz disso. — Ele olhou brevemente para mim. —Mas eu estava errado sobre quem eu pensava que Sam era.

A cena do crime passou pela minha mente. A imagem horrível que o assassino teria que criar. A memória do escárnio de Sam encheu meu cérebro, o brilho escuro em seus olhos. Ele pode muito bem ser capaz disso.

—Parker anunciou alguma coisa? — Brody perguntou, sua mão esfregando para cima e para baixo no meu braço.

Bell balançou a cabeça. —Não. Acabamos de ouvir uma fofoca no bar. Mas faz sentido. Trabalhando aqui, Sam pode ter ouvido falar sobre o que aconteceu com você em Nova York, Brody.

Hunter estremeceu. —Ele fez. Quando pré-instalamos a fiação do estúdio para segurança, Sam estava fazendo muitas perguntas. No dia seguinte, ele veio trabalhar animado para falar sobre o que descobriu sobre você e esse assassino em série. Eu disse a ele para manter sua boca fechada, mas isso não funcionou exatamente tão bem.

Brody entrelaçou os dedos nos meus como se procurasse conforto. E eu daria a ele sempre que ele precisasse. Eu tracei círculos nas costas de sua mão com meu polegar enquanto ele falava. —Não é sua culpa. E o que aconteceu em Nova York não é exatamente um segredo de estado. Só espero que ele não o tenha usado para se livrar de alguém com quem tinha uma rixa e tentar culpá-lo.

—Parece que ele tem uma tendência vingativa, — Caelyn murmurou.

Bell acenou com a cabeça. —Lembra o que aconteceu com o vizinho dele?

—Merda, eu esqueci disso, — respondeu Hunter.

—O que você está falando? — Ford perguntou.

Bell pegou um biscoito e começou a quebrá-lo em pedacinhos. —Foi antes de você voltar para Anchor. Alguém chamou o departamento do xerife sobre Sam quando ele deu uma festa barulhenta. Dois dias depois, todo o gramado do vizinho foi branqueado e as janelas de sua caminhonete quebradas. Não tenho certeza se algo mais aconteceu, mas o cara se mudou.

Tudo parecia um pouco familiar. A raiva e a fúria incontroláveis. A crença de que ele sempre deve conseguir o que deseja, por nenhum outro motivo além do que *merece.* A necessidade de vingança se alguém o cruzasse. Parecia Michael. Se Sam tinha essas tendências, Parker teve um trabalho difícil. Eu só esperava que ele pudesse conseguir provas antes que alguém se machucasse.

CAPÍTULO 29

Brody

Alisei a tira de fita, certificando-me de que o fundo da caixa estava seguro antes de virá-la. A última coisa que eu precisava era de caixas de tinta e suprimentos se desfazendo enquanto eu tentava levar as coisas para o novo estúdio. Meu olhar percorreu a varanda e eu gemi. Levaria mais de um dia para empacotar tudo isso. Mas o estúdio estaria pronto para partir amanhã.

O solário tinha sido bom para mim. Entre sua luz e a pressão suave de Shay para continuar pintando, eu terminei mais algumas peças apenas na semana passada. E quanto mais pessoas entravam em nossas vidas, mais inspiração eu recebia. Mas Shay ainda era minha matéria favorita. Achei que nunca me cansaria de explorar cada parte dela. Apenas quando eu descobri uma faceta dela, ela revelaria uma nova camada que eu nunca teria esperado.

Como o fato de ela ter uma faixa verde avançada em caratê. Certa manhã, na praia, eu a descobri treinando movimentos que me deixaram de queixo caído, e ela compartilhou esse pequeno detalhe comigo. É claro que exigi que ela fizesse alguns dos movimentos para mim na varanda para que eu pudesse pintá-la.

Ainda estava aperfeiçoando os detalhes da peça, mas pode ter sido meu melhor trabalho até o momento. Forte e poderoso, mas cheio de graça e delicadeza. Eu estava descobrindo uma nova verdade em minha arte. Um equilíbrio mais realista entre a escuridão que espreitava abaixo da superfície das pessoas e a luz. Isso levou a um trabalho mais vibrante do que qualquer coisa que eu fiz antes. Mais rico.

Pela primeira vez em meses, tive vontade de mostrá-lo a outras pessoas. Para ver o que acharam das criações. Foi um alívio bem-vindo

não ter perdido o desejo. Mas eu sabia que não poderia fazer isso. Não era possível mostrar as peças que Shay inspirou, pelo menos.

Eu esfreguei a mão no meu queixo e pensei em ligar para Dante para uma atualização. Shay não poderia viver assim para sempre. Preso em uma série de ilhas, para nunca mais pisar no continente novamente. Ela deu os primeiros passos, mas eu sabia que se pressionasse por mais, ela se desligaria.

Meu telefone zumbiu na minha mesa, e eu fui até ele, vendo o nome de Griffin aparecer na tela. Eu pressiono aceitar, colocando-o no meu ouvido. —Ei, Griffin.

—Temos um problema.

Havia um tom áspero em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes. Griffin estava nervoso com certeza, mas isso era outra coisa, como se ele estivesse tentando o seu melhor para conter a raiva que o queimava. Meu aperto no telefone aumentou. —O que está acontecendo?

—Havia um corpo na escada da varanda da *The General Store* esta manhã. Caelyn o encontrou quando foi abrir.

Eu respirei fundo. —Mesmo? — Rezei para que não fosse. Que, de alguma forma, alguém simplesmente teve um ataque cardíaco na porta da loja. Era uma esperança ridícula. Juvenil e desesperado, mas não pude evitar.

Griffin pigarreou. —Na verdade não conheço o seu trabalho, mas acho que sim. O corpo tinha cobras desenhadas sobre ele. Algumas eram reais também.

Eu soube imediatamente a que peça ele estava se referindo. Era de um político que conheci em uma exposição de arte. Tudo sobre o homem me lembrava uma cobra, até mesmo a maneira como ele se movia. Quando revelei a pintura, recebi muitas críticas de seu escritório, mas isso não me impediu de colocá-la em uma exposição de

galeria. Agora, eu gostaria de não ter feito isso. Se esta peça não estivesse lá, talvez o homem assassinado ainda estivesse vivo.

Segurei a beirada da cadeira da escrivaninha com tanta força que o plástico rangeu e gemeu. —Eu sinto muito. Inferno, eu não sei o que eu poderia dizer a Caelyn para consertar isso...

—Brody, — Griffin me cortou. —Isso não é sua culpa. Quem fez isso está fodendo com você também. Estou ligando para avisá-lo, não porque eu o culpo.

A tensão que latejava pelo meu corpo diminuiu um pouco com suas palavras. A comunidade que eu estava construindo aqui não era uma que eu queria perder. Meus amigos em Nova York eram ótimos e Carson sempre seria um irmão, mas todo mundo estava intrincadamente entrelaçado no mundo da arte. Era bom ter pessoas em minha vida separadas disso. Era mais real de alguma forma.

Eu limpei minha garganta. —Agradeço, cara. Como está Caelyn?

Ele parou por um momento. —Assustada. Bell e Kenna estão aqui para acalmá-la antes que Parker fale com ela. Você pode querer ir até lá, obter uma atualização dele.

Eu engoli a bile que estava subindo pela minha garganta com a ideia de ser confrontado com outro cadáver. Mas eu não podia ignorar ou fingir que não existia. Isso estava acontecendo, não importa o quanto eu queria que isso fosse embora. —Eu irei agora.

—Dirija com cuidado.

—Vou fazer. — Eu bati na tela e joguei meu telefone na mesa. As duas mãos foram para a cadeira então. Como se segurá-lo com força suficiente me impediria de explodir. Memórias passaram por meu cérebro. As fotos que os detetives do NYPD me mostraram dos corpos que descobriram. As cenas tortuosas e horríveis que me fizeram vomitar meu almoço em uma lata de lixo na sala de interrogatório.

Os detetives estavam tentando fazer uma leitura sobre mim. Tentando ver se eu poderia estar envolvido nos assassinatos antes que meus álibis tivessem me liberado. Eles conseguiram sua leitura, mas as fotos viveriam na minha cabeça para sempre. Me provocando. Voltando-me para vozes que perguntavam se uma dúzia de pessoas ainda estariam vivas se eu não tivesse começado por esse caminho.

Era uma pergunta estúpida para deixar viver em meu cérebro, mas eu não conseguia parar. Josiah Mosely teria encontrado algo para modelar seus assassinatos. Ele não precisava da minha arte. Mas a verdade disso não parecia combater a mentira que se instalara em minha mente.

E agora, tudo estava acontecendo novamente. Fosse Sam ou outra pessoa, não importava até que pegassem o bastardo. Parker salvaria vidas quando trouxesse o bastardo, mas eu não tinha certeza se iria me recuperar.

A lata de tinta pousada na minha mesa me provocou. O tom perfeito de prata que eu estava usando para os retoques finais na pintura de Shay se movendo através de um chute em arco. Eu o peguei da mesa e joguei. Ele explodiu em uma cascata de cores cintilantes contra a parede pálida.

—Ei! O que diabos está acontecendo? — Shay perguntou, entrando na sala, seu rosto uma mistura de incredulidade e preocupação.

Não consegui encontrar as palavras de que precisava, simplesmente puxei-a em meus braços com um puxão áspero e enterrei meu rosto em seu cabelo. O cheiro familiar de lavanda e algo exclusivamente Shay acalmou meus limites mais ferozes. Mas não foi o suficiente para entorpecer a raiva e a dor.

Ela não se afastou, apenas me puxou para mais perto, esfregando as mãos para cima e para baixo nas minhas costas. —O que está acontecendo? Fale comigo.

—Caelyn encontrou um corpo na loja. Não acabou.

O corpo de Shay enrijeceu em meus braços, mas ela não parou de passar as mãos nas minhas costas. —Quem?

—Não sei. — Eu nem pensei em perguntar. E que tipo de bastardo isso me tornava? Eu estive tão focado em como isso me afetou, mas alguma família havia perdido alguém.

Soltei Shay e dei um passo para trás, passando a mão pelo cabelo enquanto caminhava. —Eu não sei o que fazer. Não estou divulgando mais nenhuma arte. Não consigo tirar todas as imagens da internet, seria impossível. Eu pensei que tinha mudado para o fim do mundo, mas claramente não era o suficiente. Eu tenho que me mudar para a *porra* da Antártica? — Dei um chute na caixa que acabara de montar, mandando-a contra a parede.

Shay segurou meu braço e interrompeu meu ritmo frenético. —Pare com isso. — Houve uma forca em suas palavras que eu nunca tinha ouvido antes. —Não se atreva a deixar este bastardo em sua cabeça. Nada disso é culpa sua. Eu me recuso a deixar você descer em espiral por uma estrada que não é sua para andar. A única pessoa que deveria estar se afogando agora é a pessoa que matou aquelas pessoas. Você é um bode expiatório e está apenas deixando que ele o conduza para o papel. Lute de volta, droga.

Eu assisti com fascinação e admiração quando a fúria iluminou o rosto de Shay. A maneira como se movia por suas feições e parecia iluminar as manchas douradas naqueles olhos castanhos. *Eu te amo.* As palavras quase saíram da minha boca antes que eu as puxasse de volta. Cedo demais. Muitas outras coisas acontecendo. Um milhão de razões me impediram de dar a essas três pequenas palavras a voz que elas mereciam.

Em vez disso, puxei Shay em meus braços e a segurei o mais forte que pude contra mim. A sensação de sua respiração contra meu torso foi

calmante e acalmou as coisas que estavam furiosas por dentro. —Eu vou lutar de volta.

CAPÍTULO 30

Shay

Assisti enquanto Brody guiava o barco em direção ao cais da Ilha Anchor. Eu já podia ver os diversos veículos de emergência e a multidão reunida perto do *The General Store*. Mas meu olhar continuou voltando para Brody. Como se eu pudesse pegá-lo antes que ele caísse em outro ciclo de auto aversão e culpa.

Eu queria estrangular quem estava fazendo isso. Pela perda de vidas, sim. Mas também por causa do que eles estavam fazendo Brody passar. Eles estavam devorando a coisa que ele mais amava neste mundo. E eu não tinha certeza de quanto tempo ele aguentaria.

Nós amarramos o barco, nenhum de nós dizendo nada, apenas nos movendo naquele ritmo silencioso e um a atrás do outro que desenvolvemos nos últimos meses. Podíamos prever os movimentos e velocidades uns dos outros e sabíamos exatamente como preencher onde o outro deixou um espaço vazio.

Brody me ofereceu a mão enquanto eu subia pela lateral do barco. Assim que nossos dedos se entrelaçaram, eu não o soltei. Desejei toda a força e segurança que pude reunir através desse único ponto de contato, me empurrando o mais perto dele que pude. Caminhamos em direção à multidão que aumentava. A cada passo que nos aproximava, eu sentia mais tensão irradiar do corpo de Brody.

Bell nos avistou nos aproximando e acenou para onde ela, Griffin e Caelyn estavam reunidos, do lado de fora do que parecia ser um posto de comando improvisado. Brody e eu passamos por baixo da fita da cena do crime e nos dirigimos ao grupo.

—Eu realmente pensei que isso tivesse acabado, — ela murmurou enquanto nos aproximávamos.

Observei Caelyn, que estava protegida pelos braços de Griffin, o rosto pálido e os olhos vermelhos. —Eu sinto muito, Caelyn. — O sentimento estava completamente ausente, mas era tudo que eu conseguia pensar para dizer.

Ela tentou o seu melhor para esboçar um sorriso. —Eu estou bem, sério. Foi apenas um choque. Eu vou ficar bem.

Griffin grunhiu algo indecifrável e me virei para Bell. —Onde estão todos os outros?

—Kenna, Crosby e Ford foram sair com Will, Ava e Mia. Caelyn não queria que eles ficassem sozinhos.

Compreensível, dado o que estava acontecendo nesta ilha de trinta milhas. Eu não gostaria que ninguém com quem me importasse ficasse sozinho também. O olhar de Caelyn se desviou para Brody. —Você está bem?

Eu queria jogar meus braços em volta da minha pequena amiga com a preocupação e gentileza que ouvi em seu tom. Um pouco da tensão deixou o controle de Brody em suas palavras. —Estou bem. Eu sinto muito que você teve que ver isso.

O departamento do xerife ergueu mais daquelas paredes de tecido para evitar que os curiosos vissem a cena na varanda da frente da loja, mas eu não pude deixar de imaginar a visão. Uma mistura do que eu tinha visto algumas semanas atrás e o pior que meu cérebro poderia imaginar. Eu estremeci e Brody envolveu um braço em volta de mim.

—Eu também, — Griffin gritou.

Caelyn deu um pequeno puxão na bainha de sua camisa. —Estou bem. Não há necessidade de um gigante mal-humorado.

Ele fez uma careta para ela, mas acalmou a expressão com um beijo gentil. —Eu não estou mal-humorado.

—Muito carrancudo, — disse ela com um pequeno sorriso.

A interação me fez respirar fundo pela primeira vez desde que Brody me contou o que tinha acontecido. Caelyn ficaria bem. As próximas semanas seriam difíceis, mas as imagens em sua mente eventualmente se suavizariam e desapareceriam. Ela não ficaria traumatizada para sempre.

—O que vocês ouviram? — Brody perguntou.

Griffin desviou o olhar de Caelyn, embora parecesse uma batalha. — Não muito. Sam foi levado para interrogatório ontem, mas eles não fizeram uma prisão. Nenhuma palavra sobre se eles estão fazendo isso agora ou não.

—Parece uma atitude bastante corajosa matar alguém no mesmo dia em que você foi levado para interrogatório, — disse Bell, olhando para a loja. —Você realmente acha que ele faria isso?

Eu duvidava que qualquer um de nós soubesse com certeza. A única coisa de que eu tinha certeza era que Sam tinha uma escuridão nele. Uma tão parecida com o de Michael, eu queria ficar o mais longe possível humanamente dele.

Caelyn se enterrou mais profundamente nos braços de Griffin. — Não pensei que alguém nesta ilha fosse capaz do que vi hoje.

—Pode ser um estranho, — Griffin ofereceu. —Os turistas não estão fora da norma, mesmo neste início de temporada. Não seria difícil para alguém entrar e sair. E muitas pessoas alugam a longo prazo para a primavera e o verão.

Deus, eu esperava que Parker e seus ajudantes pegassem quem estava fazendo isso antes que os meses passassem e quem sabe quantas vidas fossem perdidas. Assim que o pensamento passou pela minha mente, Parker saiu de trás da parede com cortinas e se dirigiu ao nosso grupo. Ele vestiu aquela máscara impassível de profissionalismo, mas Michael me ensinou como ver o que estava logo abaixo da superfície para que eu pudesse tentar prever quando ele poderia atacar. Eu podia ver

indícios de raiva, frustração e tristeza sob a expressão vazia de Parker. Eu não era muito abraçadora, mas tive o desejo repentino de envolver meus braços em volta do homem e dizer a ele que tudo ficaria bem.

Ele acenou com a cabeça para Brody e eu quando ele se aproximou. —Obrigado por vir. Isso me poupa uma viagem.

—Claro, — eu respondi.

—É o mesmo? — Brody perguntou, sem perder um segundo.

A mandíbula de Parker apertou. —Nós combinamos com outra pintura sua. Este não está no seu site, no entanto.

—O político?

Parker acenou com a cabeça. —É esse mesmo.

—Eu sofri muito com os advogados do assunto e não valia a pena mantê-lo no meu site. Era uma parte de uma exibição de galeria pública. Tenho certeza de que há muitas fotos dele, se você pesquisar.

—Eu encontrei na segunda busca no meu telefone, — disse Parker.

O aperto de Brody em mim apertou um grau mínimo. —Às vezes, odeio a internet.

Parker passou a mão pelo cabelo enquanto olhava para a multidão. —Não discordo de você aí. As notícias sobre isso vão se espalhar como um incêndio.

Não pude evitar a onda de pânico que tomou conta de mim. Claro, esse tipo de coisa se espalharia por uma comunidade rapidamente. Mas iria se espalhar mais longe do que isso também. Cobertura definitivamente estadual, possivelmente nacional. Bastaria eu no fundo de uma foto para que meu esconderijo desabasse.

Concentrei-me na única pedra de toque que tinha à minha disposição, o som do mar. Eu poderia apenas entender o barulho da conversa ao nosso redor. A lenta vazante e o fluxo da maré. Água batendo

contra os barcos. Eu inalei profundamente, o cheiro do ar salgado me lembrando que eu estava segura.

Mesmo se Michael descobrisse onde eu estava, seu medo de água, com sorte, me manteria segura. Eu agarrei esse conhecimento com tudo o que tinha em mim. Minhas paredes de água me protegeriam.

Os lábios de Brody roçaram a concha da minha orelha. —Você está bem?

Inclinei meu rosto para o dele, observando seu maxilar forte e seus olhos escuros, a beleza dele e a garantia de sua presença. Eu não queria perder isso. *Ele.* E isso significava que eu tinha que lutar. Mas o inimigo não era meu irmão, era eu. O medo que eu deixei ter rédea solta sobre toda a minha vida, lentamente corroendo minha própria existência. Eu já tinha começado a lutar contra isso. Para recuperar pedaços de quem eu tinha sido para que pudesse descobrir quem eu poderia querer ser agora. Mas eu teria que lutar mais duro.

Eu pressionei um beijo na parte inferior do rosto de Brody. —Só pensando.

Ele estudou meu rosto como se pudesse ler cada pensamento girando em minha cabeça. —Você está segura aqui.

—Sei quem eu sou. Estou apenas tentando descobrir uma maneira de confiar nisso.

Brody afastou o cabelo do meu rosto. —Isso vai levar algum tempo.

—Eu sei. — E nesse momento provisório, eu simplesmente teria que viver no desconhecido e desconfortável. Saiba que o medo tentaria e lutaria contra mim até a submissão, mas que eu teria que continuar caminhando em meio a tudo isso.

Minha atenção voltou para a conversa maior sobre as cartas, *FBI.* — O que? — Eu perguntei.

Parker olhou em minha direção. —Eu tenho uma consulta com uma analisadora do FBI. Ela está examinando os arquivos que enviei. Se houver outro assassinato em série, eles podem enviar uma equipe. Esses casos são semelhantes aos de Nova York, mas também existem diferenças. Cópias impressas das pinturas deixadas para trás para ter certeza de que entendemos a conexão. E as vítimas foram ambas esfaqueadas em vez de estranguladas.

Eu engoli a bile com suas últimas palavras, tentando afastar as memórias que tentavam tomar conta. Eu sabia muito bem o que essas vítimas haviam passado. Deus, eu esperava que Parker encontrasse alguma pista que o levasse direto para a porta do assassino e logo.

—Brody, ela quer falar com você, — acrescentou Parker.

Brody me puxou com mais força contra ele como se sentisse meus pensamentos. —Farei o que puder para ajudar. Vou mandar meu pessoal de tecnologia derrubar meu site. Eu sei que provavelmente não vai ajudar, mas pelo menos é alguma coisa.

Parker balançou a cabeça. —Não faça isso. O agente Anders disse para não mudar nada em seu comportamento, público ou privado. Isso pode provocar o suspeito.

Brody movia seu maxilar para frente e para trás. —Eu sinto que estou sendo mantido como refém por este psicopata.

—De muitas maneiras, você está, — disse Parker.

—A ilha inteira está, — Griffin murmurou.

Caelyn voltou seu olhar gentil para Brody. —Mas nada disso é sua culpa. Não faça isso. Não é seu fardo para carregar.

O olhar de Brody se desviou para a varanda da *The General Store*. — Mais fácil falar do que fazer.

CAPÍTULO 31

Brody

Fiz uma careta para o meu telefone quando ele tocou no balcão. Era muito cedo. Eu deixei tocar imediatamente e tomei outro gole do meu café. Eu estava de mau humor e sabia disso. Mas acordar sozinho, do outro lado da cama completamente frio, fazia isso com um homem.

Eu me acostumei a acordar envolto em Shay, começando meus dias me perdendo nela. E hoje eu fui roubado dessa rotina. Ela não estava na cozinha quando desci também. Eu coloquei minha cabeça para fora da porta e ouvi os gritos felizes das galinhas, o que significava que elas foram alimentadas, mas não vi nenhum sinal da mulher que virou minha vida de cabeça para baixo.

Tomei outro gole de café quando meu telefone começou a tocar novamente. Eu virei para ver o nome de Carson. Eu gemi e apertei aceitar.

Seu rosto encheu a tela. —Que diabos, cara? Você está ignorando minhas ligações?

—São sete da manhã, dê-me uma folga.

Ele sorriu. —Eu sei. Me pergunte como eu sei, Brody.

—Porque você pode fazer a matemática simples necessária para descobrir a diferença de tempo?

Carson fez um beicinho exagerado. —Só porque você está preso a zeladora e não está recebendo ninguém, não significa que você tem que ser um idiota.

Eu não falava com Carson há semanas, talvez um mês, apenas trocando mensagens aqui e ali. Ele não tinha ideia de que as coisas haviam mudado para mim e Shay, e eu não iria deixá-lo saber disso. Mas

eu deveria saber que ele descobriria de qualquer maneira. Ele me conhecia há muito tempo.

—Espere um segundo. Você não tem a carranca dura. É outra coisa... você tocou a zeladora!

—Carson... — Eu avisei em um rosnado baixo. —Não fale sobre ela assim.

Um enorme sorriso dividiu seu rosto. —Droga. É sério. Estou feliz por você, cara. Mas você está roubando o meu momento.

—E que momento é esse?

—Estou em Seattle.

Eu me endireitei no meu banquinho. —O que?

Ele girou, dando-me uma visão do espaço do estúdio em que estava. —Fui convidado para fazer uma peça aqui.

Eu tive um vislumbre de mais do que alguns elementos de escultura em que Carson já estava trabalhando. —Isso é ótimo. Há quanto tempo você está na cidade? E por que diabos você não me disse que estava vindo?

—Algumas semanas, mais ou menos. Eu queria começar o trabalho antes de fazer planos para verificar suas novas instalações.

Eu estremeci. Agora não seria exatamente o melhor momento para Carson vir a Harbor. Ele gostaria de visitar Anchor e Shelter, para verificar cada bar e restaurante. E com o aumento da presença da imprensa nas ilhas, eu estava tentando me manter discreto.

—O que há de errado? Você não desistiu da vida na ilha e já se mudou, mudou?

—Não, nada disso. — Eu contei tudo. Tudo o que aconteceu no mês anterior. Os assassinatos, minha ligação com o FBI e Shay tentando ficar sob o radar durante tudo isso.

Carson soltou um assobio baixo. —Cara, você tem muito azar. Você está aguentando bem?

Eu estava começando a pensar que talvez estivesse amaldiçoado. — As coisas estão se acalmando um pouco agora. Os repórteres estão começando a sair. Mas as pessoas que moram aqui... estamos todos esperando o que vai acontecer. Pode não ser a melhor época para visitar.

Shay não saíra de Harbor desde o dia do assassinato. Os repórteres começaram a chegar quando estávamos saindo, e nós dois sabíamos que era muito arriscado. Griffin disse que quase todo mundo foi embora agora que alguns dias se passaram e não havia novidades. Mas passar muito tempo no Anchor ou Shelter com Carson não era uma jogada inteligente.

—Entendo. Talvez você possa fazer uma viagem ao continente. Eles conseguiram um lugar para eu ficar, e há um quarto de hóspedes esperando por você. Traga sua zeladora.

Eu teria adorado levar Shay para Seattle. Talvez a levasse a um bom restaurante ou a um show ou exposição em uma galeria. Fazer com que ela conhecesse a Carson. Mas eu duvidava que ela estivesse pronta para dar esse passo. —Vou tentar descobrir algo em breve.

—Sem pressa. Mas, Brody?

—Sim?

A expressão de Carson tinha perdido todo o seu típico humor arrogante. —Muito cuidado, ok?

—Eu vou.

Eu desliguei a ligação e joguei o resto do meu café na pia. Só de falar sobre Shay me deu vontade de vê-la. Calcei minhas botas e comecei a descer o caminho me afastando da casa principal. Ela não estava perto do galinheiro ou da estufa. Fui em direção à praia, pensando que ela poderia estar se exercitando, mas parei quando ouvi música vindo do novo estúdio.

Hunter e sua equipe haviam concluído o projeto e me ajudado a transportar um número infinito de caixas para o espaço. Mas eu ainda não desempacotado. Nenhuma parte de mim queimava para colocar o novo espaço para funcionar.

Aproximei-me das notas de uma peça orquestral que não reconheci. Abrindo a porta, entrei no espaço e congelei. Estava completamente irreconhecível devido ao desastre da última vez que entrei.

A parede de janelas voltadas para o mar deixava entrar uma luz matinal que teria feito qualquer artista salivar. Em ambos os lados das janelas havia paredes para armazenamento. Uma delas tinha duas longas escrivaninhas com gavetas embutidas. Estantes e armários que estavam vazios três dias atrás se alinhavam. Agora, meus livros e suprimentos os enchiam.

Quando me aproximei para examinar as prateleiras, não pude deixar de rir. Shay organizou todos os meus livros em ordem alfabética por nome do autor e organizou minha tinta spray em um arco-íris perfeito. Nunca tive esse tipo de sistema em minha vida. Meus espaços de estúdio sempre foram um caos cuidadosamente controlado.

Eu me virei para o fundo do espaço para ver se a pequena cozinha também estava abastecida. Abrindo a geladeira, encontrei todas as minhas bebidas favoritas e alguns lanches de que gostei. Virei-me para subir as escadas que levavam a um sótão que eventualmente usaria como escritório, mas parei quando vi Shay descendo por eles. Seu cabelo estava preso no topo da cabeça em uma espécie de coque maluco. E mesmo que ainda estivesse frio lá fora, ela estava vestindo apenas uma regata.

Ela soltou um pequeno grito de surpresa quando me viu em pé na cozinha. —Droga. Eu queria que isso fosse uma surpresa.

Meu olhar viajou pelo espaço que estava cheio de caixas poucos dias atrás. —É seguro dizer que estou surpreso.

Ela juntou as mãos na frente dela, não se aproximando. —Eu sei que posso ter ultrapassado os limites, mas eu só queria que você tivesse esse espaço pronto. Não ter que se preocupar em desempacotar ou lidar com um monte de porcaria. Eu queria que você pudesse apenas entrar e criar.

Eu fui até Shay, puxando-a em meus braços. —Você é incrível, sabia disso?

—Eu não odeio ouvir isso.

Eu coloquei meus lábios nos dela. —Eu estava mal-humorado esta manhã.

Ela passou as mãos pelo meu cabelo, suas unhas roçando meu couro cabeludo daquele jeito que eu amava. —Por que?

—Acordei sozinho.

Sua expressão se suavizou. —Eu tive que fugir assim que pude para fazer isso. Eu sabia que se levantasse cedo esta manhã, poderia terminar. — Ela ficou quieta por um minuto. —O que você acha? Ainda precisamos decorar. Este lugar precisa de algum personagem. Eu estava pensando que poderíamos ir à loja da Bell, *Second Chances*, amanhã e...

Cortei suas palavras com um beijo. Este não foi um *bom dia* gentil. Estava com fome e um pouco desesperado. Buscando e exigindo ao mesmo tempo. Quando me afastei, os olhos de Shay estavam um pouco atordoados.

—Isso significa que você gostou? — Ela perguntou.

Eu rio. —Nunca ninguém se importou tanto que eu tivesse o espaço perfeito para criar. — E só o conhecimento disso me deu vontade de pintar criando raízes em mim pela primeira vez em mais de uma semana.

Shay deixou suas mãos percorrerem meu rosto como se ela estivesse tentando memorizá-lo. —O que você faz é importante. Não apenas para você, mas para as pessoas que seu trabalho toca. Eu li algumas

postagens de fãs, e você os fazem se sentirem compreendidos, vistos, não tão sozinhos. Esse é o maior presente da arte. Eu não quero que você pare de dar isso ao mundo.

Eu parei, cada palavra me atingindo como um golpe no peito. —Não quero parar de tentar criar esse tipo de peça.

—Então não faça isso.

Minha mão deslizou sob a bainha da blusa de Shay, arrastando-se na parte inferior das costas. —Há algo que preciso fazer primeiro. Sua respiração ficou presa. —O que é isso?

—Batizar esta cozinha.

Ela gritou quando eu a levantei no ar, suas pernas envolvendo em torno de mim. E nós a batizamos. Eu sempre sorria quando olhava para o balcão da cozinha.

CAPÍTULO 32

Shay

—Shay…

Meu nome era parte advertência e parte gemido exasperado. Eu segurei a âncora antiga para que Brody pudesse ver melhor. —É perfeito. E eu sei exatamente o lugar para isso.

—Você disse isso sobre as últimas dez coisas que pegou.

Meus lábios se contraíram enquanto eu tentava segurar minha risada. —O estúdio tem muito espaço vazio.

Brody suspirou. —E eu gosto assim. Deixa espaço para a criatividade.

Meus ombros caíram quando coloquei a âncora. —Certo. Mas posso decorar o espaço do escritório no *loft.*

—Combinado. Agora podemos sair daqui? Estou faminto.

Fiquei na ponta dos pés, pressionando meus lábios no canto de sua boca. —Você tem sido um menino muito bom e prometo que vou recompensá-lo mais tarde.

Os olhos escuros de Brody aqueceram. —Deixa para lá. Vou ficar o tempo que você quiser.

Eu ri e me abaixei de volta, indo para a caixa. Bell ergueu os olhos de onde empacotava cuidadosamente nossas compras em algumas sacolas. —Encontrou tudo que você precisava?

—Mais do que precisávamos, — resmungou Brody.

Bell sorriu. —Você soa como Ford quando o forço a ir a uma venda de móveis comigo.

O olhar de Brody disparou para mim. —Sem vendas de móveis. Por favor, sem vendas de móveis.

Eu levantei as duas mãos. —Eu prometo, terminei.

Bell entregou duas sacolas para Brody e uma para mim. —Talvez eu chame você para vir comigo da próxima vez.

—Gostaria disso. — As palavras saíram antes que eu pudesse reconsidera-las. E descobri que *queria* ir. Sem perceber, tornei-me parte de uma comunidade. E eu estava começando a ter os amigos que sempre desejei ter. Eles podem não saber meus segredos mais profundos, mas eles estavam começando a me conhecer. A pessoa que eu ainda estava descobrindo.

—Impressionante. Vou mandar uma mensagem sempre que o próximo chegar, — disse ela.

Olhei para Brody e depois de volta para Bell. —E vocês deveriam vir para outro churrasco. Talvez no próximo fim de semana?

—Só se houver *marsmallows*.

—Vou dobrar a quantidade de suprimentos que recebi da última vez.

Bell riu. —Como a mulher inteligente que você é. Combinado.

Nós nos despedimos e colocamos bonés e óculos escuros antes de irmos para a rua principal. Os repórteres pareciam ter voltado para Seattle, mas era melhor jogar pelo seguro. Brody envolveu um braço em volta do meu ombro, puxando-me para mais perto do seu lado. —Eu acredito que você fez planos sociais por sua própria vontade.

—Está tudo bem, certo? Que eu os convidei? — Fiquei tão confortável com Brody que nem sequer considerei que poderia precisar pedir permissão. Mas ele ainda era meu chefe, e a ilha pertencia a ele, não a mim.

Brody fez uma careta para mim. — Shay, é sua casa também. Convide quem você quiser, quando quiser.

Eu relaxei um pouco em seu braço. —Ainda não tenho certeza de qual é o equilíbrio certo aqui. Estamos juntos, mas você ainda é meu chefe.

Ele ficou quieto por um momento, como se escolhesse as palavras com cuidado. —Você gosta do seu emprego?

—Eu amo isso. — Eu encontrei um ritmo pacífico na ilha que nunca tinha experimentado antes. Um senso de propósito que foi mais curativo do que qualquer uma das sessões de terapia que eu já participei. Cuidar da terra, dos animais, dos edifícios… me deu algo de que precisava. Talvez isso de alguma forma provasse que eu também podia cuidar de mim mesma.

—Se você ama, então nada precisa mudar. Você sabe como administrar Harbor melhor do que eu jamais poderia, então não sou realmente seu chefe. Acabei de assinar seus contracheques.

Eu soltei um suspiro suave. —Sim, não é grande coisa.

Brody diminuiu a velocidade até parar na calçada. —Isso te incomoda?

Eu procurei minha mente, meu coração, tentando ser o mais honesta possível comigo mesma. —No começo, sim. Mas principalmente porque eu estava com medo de que se algo acontecesse entre nós e não desse certo, eu perderia meu esconderijo perfeito. Mas agora... eu confio em você. — Simples assim. Eu confiei no homem de honra que Brody era. Eu confiei em seu coração. Eu sabia que ele nunca seria vingativo ou cruel.

Se as coisas não funcionassem entre nós, provavelmente ainda teria que ir embora. Não porque Brody me forçou, mas porque seria muito doloroso para mim estar perto dele, sabendo que ele não era mais meu. Mas, pela primeira vez na minha vida, eu estava assumindo o risco de qualquer maneira. Eu não tive escolha. A atração era muito forte e eu queria alcançar minha felicidade.

A mão livre de Brody deslizou sob a minha nuca, inclinando minha cabeça para trás para que ele tivesse melhor acesso à minha boca. Seus lábios roçaram os meus, então novamente. —Sua confiança é um dos melhores presentes que já recebi.

Minha garganta travou e eu engoli as emoções turbulentas. Três pequenas palavras estavam morrendo de vontade de escapar, mas eu as segurei. Era muito cedo. E era um risco que eu não estava pronta para correr. —Não me deixe emocionada. Não é muito bom.

Brody riu e me guiou para frente. —Vou tentar me conter.

—Obrigada. — Eu o puxei para o The Exchange. —Quero verificar o correio antes de irmos.

—Boa ideia. Eu deveria estar pegando alguns papéis do meu advogado.

Abri a porta da loja. —Está tudo bem com Lara?

Ele segurou a porta aberta para que eu entrasse e o segui. —Está tudo calmo nessa frente. Ela parece ter escapado silenciosamente.

A sobrancelha de Brody franziu enquanto ele falava as palavras, e eu tive um desejo de suavizar as rugas que se formaram lá. —Você não acredita que ela foi embora em silêncio.

—É bem diferente dela. Mas, novamente, eu nunca a revidei. Talvez ela finalmente tenha aprendido a lição.

Eu esperava que fosse esse o caso. A última coisa que Brody precisava era outra pessoa virando sua vida de cabeça para baixo. As coisas ao redor da ilha estiveram calmas na última semana, mas todos ainda estavam em alerta. Nenhum assassino foi encontrado. As pessoas viajavam em grupos à noite e todos trancavam as portas em vez de deixá-las abertas como costumavam fazer.

Tiramos nossa correspondência das caixas e voltamos para a rua. Enquanto caminhávamos em direção ao *The General Store*, meus

passos vacilaram. Senti um calor no rosto, uma energia invisível se derramando em mim. Olhei ao redor e parei quando avistei Sam do outro lado da rua. Seus olhos se fixaram em Brody e eu, seu olhar se concentrou no lugar onde o braço de Brody descansava sobre meus ombros.

—Ignore-o e continue andando, — instruiu Brody.

Forcei meus pés a dar um passo e depois outro, mas eles eram robóticos, como se eu nunca tivesse feito os movimentos antes. —Você soube se ele tinha um álibi para o segundo assassinato?

O movimento rápido dos olhos de Brody me disse que sim. Eu apertei seu lado. —Não esconda as coisas de mim.

—As coisas têm estado bem nos últimos dias. Eu não queria estragar o clima.

Ele estava certo, as coisas estavam boas. Pareciam mais leves. Como se as nuvens tivessem se dissipado no meio de uma tempestade para nos dar um descanso. —Eu entendo, mas eu mereço saber o que está acontecendo.

Brody pressionou seus lábios no topo da minha cabeça enquanto contornávamos a loja e nos dirigíamos para o cais. —Você merece. Griffin me disse que Sam tem um álibi incontestável. E, ao contrário do primeiro assassinato, ele não tem muita conexão com a vítima.

A decepção me inundou e, em seus calcanhares, a culpa. Que eu queria que Sam fosse aquele que matou esses homens. Porque era de alguma forma mais fácil. Mais seguro do que uma pessoa desconhecida causando estragos em nossa pequena ilha. A bile subiu pela minha garganta e respirei lentamente e profundamente para me equilibrar. Quando chegamos ao barco, meu estômago havia se acalmado.

Colocamos nossa carga de mercadorias no cais e Brody subiu no barco para que eu pudesse entregar as coisas a ele, uma de cada

vez. Enquanto ele guardava as sacolas embaixo do convés, embarquei. Mas meu pé se prendeu em uma corda e tropecei, as cartas nas minhas mãos espalharam pelo convés. Murmurei uma série de maldições que fizeram Brody rir enquanto reaparecia. —Isso é o suficiente para fazer um marinheiro corar.

Eu fiz uma careta para a corda. —Elas estavam tentando me pegar.

—Eles geralmente estão. — Brody pegou algumas peças de correspondência a seus pés. —Aqui está -— Ele congelou quando seus olhos se concentraram em um envelope grosso e acolchoado. —Inferno.

Meu estômago, que havia se acalmado apenas alguns momentos atrás, estava uma confusão de inquietação novamente. Eu sabia sem perguntar, mas de alguma forma não consegui evitar dar voz à pergunta. —Michael?

—Eu não quero que você abra. Eu sei que você tem que fazer isso, mas isso não me impede de querer jogá-lo na água.

Eu cruzei o barco, envolvendo meus braços em volta da cintura de Brody e pressionando meu rosto em seu peito. O som de seu coração, a sensação da batida contra minha bochecha, acalmou. Isso não tirou a raiva e o medo, mas me deixou saber que eu não precisava enfrentar essas coisas sozinha. —Eu dou conta disso.

—Eu sei que você dá. Você é uma das pessoas mais fortes que já conheci. Mas isso não significa que eu quero que você tenha que lidar com isso.

Eu me afastei, pegando o envelope de sua mão. —Melhor acabar com isso. — Eu rasguei o selo antes que Brody pudesse tentar me impedir. Puxando o papel, eu examinei as palavras.

Sissy,

Você nunca me escreveu de volta. Você costumava me escrever o tempo todo. Visitar também. O que mudou? Alguém te contou mentiras sobre mim? Tia Georgie, talvez? Talvez eu devesse fazer uma visita a ela e bater um papo.

Espero que você não tenha me esquecido, me substituído por outros amigos. Isso machucaria meus sentimentos, e nem sempre posso me controlar quando estou com raiva. Vejo você em breve, Sissy.

Amor,

Michael

Meu estômago se revirou dolorosamente. Eu teria que ligar para tia Georgie e avisá-la. Ela mudou-se do estado quando soube que Michael seria liberado, mas ela precisava de um alerta de qualquer maneira. Meu olhar se concentrou em uma frase. — *Espero que você não tenha me esquecido, me substituído por outros amigos.*

Eu derrubei o envelope novamente e um arco de violino quebrado caiu. Poderia ser qualquer arco, mas eu sabia o que era uma referência. Ele até gravou meu nome na lateral. Desde que eu tinha oito anos, meus pais começaram a me dar arcos personalizados. Eu ainda podia ouvir o estalo da madeira quando Michael quebrou um. O flash de raiva. A picada de um golpe quando ele me viu curtindo muito minha música.

Eu lutei contra o medo. Concentrado no som da água. O cheiro do ar salgado. Os braços de Brody em volta de mim. Eu não queria deixar meu irmão vencer. Mas ele já tinha um ponto de apoio.

Brody praguejou e puxou o papel da minha mão, colocando-o no bolso de trás. —Você não precisa dessa merda na sua cabeça.

Mas já estava lá. Michael construiu um lar em meu cérebro desde o momento em que pôde falar. Talvez antes. Às vezes, parecia que ele conhecia minha mente melhor do que eu. Minha mão agarrou a camisa de Brody. —É como se ele pudesse sentir quando estou feliz. Ele tem um

radar para isso. E se não foi ele que me fez assim, ele fará de tudo para destruí-lo.

Se Michael soubesse sobre meus novos amigos, tocando violino no *The Catch*, os churrascos e viagens de compras, ele arrancaria a todos. Mas se Michael soubesse sobre Brody... ele não pararia até que Brody estivesse morto.

CAPÍTULO 33

Brody

Eu assisti enquanto Shay se fechava. Senti impotente enquanto toda a luz em seus olhos, aquelas manchas douradas dançantes, simplesmente sumiam. Eu dirigi o barco em direção a Harbor. Eu a queria em casa. Nosso Lar. Onde eu poderia segurá-la em meus braços e dizer a ela que tudo ficaria bem.

Mas eu não tinha tanta certeza de que ficaria. Ela teria que se livrar de Michael primeiro, e eu não tinha certeza de como isso era possível. Não foi o suficiente para ele ter roubado seus pais. Para deixá-la com lembretes físicos da perda que ela teve que olhar todos os dias. Lembretes da dor que ele esculpiu em sua carne.

Segurei o volante com mais força em uma mão enquanto diminuía nossa aproximação, facilitando o barco ao lado do cais. Shay se movia com ar de robótica, ajudando-me a amarrar a embarcação e pegar as sacolas e outros suprimentos. Ela estava completamente silenciosa enquanto caminhava para a casa. Nenhum som passou por seus lábios enquanto guardávamos os mantimentos.

Quando terminamos, ela olhou para mim sem realmente encontrar meu olhar. —Vou trabalhar na preparação dos canteiros.

—Você não vai a lugar nenhum.

Ela se irritou com meu tom. Bom. Frustrada e com raiva era melhor do que esse zumbi que estava me encarando na última hora. Ela olhou na minha direção. —Isso é uma ordem do meu chefe?

—É uma ordem da pessoa que se preocupa com você. — Mas *cuidado* não era a palavra certa. Eu era muito mais do que isso. — A pessoa que odeia cada grama de vida que saiu de você enquanto lia aquela nota. A pessoa que quer que você *lute.*

O aborrecimento sumiu do rosto de Shay, substituído pelo que eu só poderia descrever como uma tristeza profunda. —Eu não sei se eu posso. Eu quero. Mas não sei nem como começar. E tudo parece tão sem sentido. Desesperado.

Fui até Shay, emoldurando seu rosto com as mãos. —Você já estava fazendo isso. Recuperando pedacinhos de sua vida. Sua música. Amizades. Eu. Eu vejo esse medo tomando conta de você, dizendo-lhe para desistir de todas essas coisas. Não dê ouvidos.

—Como você sabe? — Ela sussurrou, sua boca a um fôlego da minha. —É como se você pudesse ver dentro do meu cérebro.

Minha boca se curvou o mínimo possível. —Porque eu senti o mesmo. E toda vez que eu queria deixar minha arte ir, você estava lá, me forçando a continuar.

Os olhos de Shay brilharam. —Eu pareço uma vadia mandona.

Eu ri e pressionei minha boca na dela. —Acontece que é exatamente o que eu precisava.

Ela passou as mãos pelo meu cabelo, suas unhas roçando meu couro cabeludo. —Isso significa que você estará fazendo um bom uso do seu estúdio?

—Você não faria de outra maneira.

—Não. Eu não iria. O que você faz é muito importante.

Um agradável calor percorreu meu peito. Se eu nunca vendesse outra pintura, não faria diferença. Eu pintaria apenas para Shay. A maneira como ela viu minha arte, como ela entendeu sem palavras o que eu estava tentando dizer, foi inestimável. —Eu vou chegar lá amanhã.

Ela sorriu. —Vou garantir que você tenha um escritório lindamente decorado para quando você precisar.

Eu gemi. —Chega de compras.

—Eu prometo que terminei.... Por enquanto.

Deixei minhas mãos percorrerem o pescoço de Shay até seus ombros e, em seguida, seus braços, puxando-a para mais perto de mim. —Você vai lutar?

—Eu vou lutar. — Ela apertou os lábios. —Eu só queria saber com certeza o que Michael está fazendo. Acho que ajudaria.

Fiquei quieto por um momento, tentando decidir a melhor maneira de confessar o que precisava compartilhar. —Posso ajudar com isso.

Ela piscou para mim. —Como?

—Eu conversei com Dante.

Ela ficou tensa. —O que ele disse?

Esfreguei a mão para cima e para baixo em suas costas. —Aquele Michael está jogando exatamente com todas as regras.

Seu olhar viajou pelo meu rosto, procurando. —Por que tenho a sensação de que você acha que há mais nesta história?

—Tanto Dante quanto eu, achamos que é perfeito demais. Michael nunca sai da linha. Não que tenhamos conseguido ver.

Shay traçou um dedo em círculos no meu ombro. —Ele é incrivelmente bom em imitar qualquer comportamento que ele acredita que vai conseguir o que ele quer. Ele sempre foi.

— Dante está de olho, mas não pode vigiá-lo vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. E ele tem que deixar Seattle para outros empregos ocasionalmente.

—Então, quem sabe o que ele tem feito na época em que Dante não tem olhos para ele.

Eu odiava não poder dar a ela mais garantias. Que eu não poderia tirar cada grama de ansiedade e medo que vivia dentro de Shay,

dilacerando-a, pedaço por pedaço. —Eu posso ver como conseguir outro cara no trabalho. Talvez entre os dois, eles peguem alguma coisa.

Ela balançou a cabeça. —Não.

—Por que?

—Quanto mais gente você coloca isso, mais provável é que Michael perceba. Ele sempre teve um sexto sentido sobre essas coisas. Ele sabia quando nossos pais estavam em seu quarto e mexiam em suas coisas. Ele sabia quando um orientador estava de olho nele.

Ela suspirou. —E, honestamente, Dante provavelmente não vai nos dar nada que ajude. Não, a menos que ele pegue Michael no ato de algo que o coloque de volta na prisão. Uma de duas coisas vai acontecer. Qualquer coisa irá disparar o gatilho de Michael e ele explodirá. Ou ele vai manter seu lado sombrio em segredo. Nada muda como vivo minha vida agora. Tenho que torcer para que, se não me envolver com ele, Michael acabe ficando entediado e desista. Isso me torna um ser humano horrível só de pensar nisso, mas talvez ele encontre outra pessoa em quem se fixar.

—Isso não faz de você um ser humano horrível. Você viveu com a sombra dele por tanto tempo, não faz de você uma pessoa ruim querer dar um tempo. — Pressionei meus lábios em sua testa. — Estou orgulhoso de ti.

Ela agarrou meus ombros com mais força. —Eu tenho que descobrir uma maneira de continuar avançando em meio a todas as incógnitas. Fiz tudo o que posso para me proteger. Mas você está certo. Nenhuma dessas precauções vale a pena se eu parar de viver.

—Farei tudo o que puder para ajudá-la a continuar. Pode ser um gigante desconhecido, mas você não estará sozinha.

Shay pressionou a palma da mão no meu peito. —Eu estarei com você quando você entrar nesses lugares assustadores, também. Eu sei que é diferente. Mas vou apoiá-lo de todas as maneiras que posso.

Ela já fazia. Posando para mim quando ela não queria que seu rosto fosse divulgado em qualquer lugar. Me deixando entrar em seu mundo de música quando ela o manteve trancado por tanto tempo. Nunca me deixando desistir do que havia sido o mais importante do mundo para mim. Até que Shay entrou furtivamente e roubou aquele lugar. Ela cutucou e cutucou, mas nunca julgou. Ela ouviu o silêncio e me entendeu melhor do que qualquer pessoa antes.

Eu segurei seu queixo enquanto olhava para as manchas douradas dançando no mar verde de seus olhos. —Eu amo você. Sua força e empatia. Sua determinação e fogo. A maneira como você vê as coisas em mim, ninguém jamais viu. Eu sei que é cedo, mas esconder a verdade também não parece certo. Estou guardando essas palavras há semanas e preciso que você saiba que são suas.

Eu estava entrando no maior desconhecido que existia. Sem saber se eu a mandaria correndo para as colinas. Ou se isso pudesse durar. Mas eu não conseguia imaginar minha vida sem Shay e precisava que ela entendesse isso.

Não recebi nada mais que o silencio.

CAPÍTULO 34

Shay

Ele me ama. As palavras que Brody disse rodavam em meu cérebro, como uma bola de neve de uma emoção para outra, juntando todos eles em uma bagunça que eu nunca poderia ser capaz de desemaranhar. — Você não pode me amar, — eu sussurrei.

Sua sobrancelha se ergueu, mas havia dor em seus olhos. —Por que não?

Foi uma coisa estúpida de se dizer. Mas uma pequena parte da minha mente decidiu que se não disséssemos as palavras em voz alta, eu poderia manter Brody seguro. Que se essas três pequenas palavras nunca fossem pronunciadas, ele não estaria em risco. Meus olhos queimaram e se encheram de lagrimas. —Eu quero mantê-lo seguro.

—Inferno, — ele murmurou, puxando-me em seu peito para que sua força me cercasse. —Nada vai acontecer comigo. Ou você também.

As lágrimas vieram mais rápido, meu peito estremeceu. —Eu também te amo. Eu não queria dizer isso porque se dissermos, então é real. E se for real, você se torna a pessoa que Michael mais gostaria de machucar.

Brody me segurou com mais força contra ele. —Não deixar essas palavras livres não muda nada. A verdade ainda existe. Esse amor ainda está lá. Nada vai apagá-lo.

—Eu sei. — Para uma mulher normal, que teve uma infância típica, que sonhou com o homem perfeito, um vestido branco com o qual ela caminharia até o altar, suas palavras teriam sido um sonho tornado realidade. Mas para mim, alguém cujo passado significava que ela tinha que esconder cada coisa com a qual ela se importava, mesmo

remotamente, isso trouxe um medo congelante. O tipo que congela tudo dentro de uma pessoa e torna impossível mover.

—Cuidar de alguém não o torna fraco. Isso te torna mais forte. Esses sentimentos dão fôlego e vida.

Ele falou as palavras contra meu cabelo, seus lábios roçando nas mechas. Tentei envolvê-los, agarrar e ancorar-me a elas. Na esperança de que nosso amor pudesse me tornar mais poderoso do que nunca. — Eu quero acreditar nisso. Mas tudo que eu sempre amei foi arrancado de mim. Destruída ou distorcida além do reconhecimento.

Meus pais se foram. Minha tia, alguém que eu não conseguia nem ver pessoalmente por medo de levar Michael a qualquer uma de nós. Eu tinha perdido amigos, meu gato, todos os brinquedos que eu parecia amar especialmente. Tudo simplesmente... se foi. E se coisas assim acontecessem o suficiente, você para de buscar o que queria.

Mas, de alguma forma, eu alcancei Brody. Eu não queria, mas a atração invisível tinha sido demais. Meus dedos coçaram para tocá-lo desde o momento em que coloquei os olhos nele saindo do barco. Minha alma gritou por ele no primeiro momento em que vi suas pinturas. Os fios que nos prendiam um ao outro não eram nada que eu pudesse cortar, mesmo se quisesse. Eu teria que confiar que elas poderiam suportar qualquer coisa que a vida pudesse lançar sobre nós. E isso incluía Michael.

Brody deslizou a mão sob a bainha da minha camiseta, o calor de sua palma afastando um pouco do medo que me congelava. Seu polegar passava para frente e para trás em minha pele. —Você está mais forte agora. Existem pessoas que te protegem. Nós lutaremos com você.

Eu tentei o meu melhor para não deixar meu corpo enrijecer com suas palavras, mas fui apenas parcialmente bem-sucedida. —Eu não quero que nada aconteça a nenhum de vocês.

—Não vai. E quanto mais gente souber o que está acontecendo, melhor. Teremos mais olhos. Somente aqueles em quem você confia.

Quando procurei em minha mente quem caiu nessa categoria, havia mais do que eu pensava ser possível alguns anos atrás. Caelyn e Griffin. Bell e Ford. Hunter. E embora eu os conhecesse menos, Kenna e Crosby. Eles estavam naquele círculo simplesmente porque eu sabia que eles estavam no círculo de confiança de Caelyn e Bell. Talvez fosse hora de deixar as pessoas entrarem na vida que eu deixei para trás. Deixar entrar para me ajudar a lutar pelo futuro que eu queria. —OK.

Brody se afastou ligeiramente. —OK?

Eu concordei. —Eu acho que você está certo. É hora de parar de se apegar a tantos segredos. Se estou constantemente preocupada em me esconder, nunca estarei livre.

Ele puxou uma mecha do meu cabelo. —Sensata.

Eu balancei minha cabeça, mas sorri. —Eu posso ter ouvido isso uma ou duas vezes deste homem incrivelmente teimoso que eu conheço.

—Teimoso, hein? — Brody soltou meu cabelo, sua mão indo para a minha cintura.

Eu me aproximei, meu corpo pressionando contra os duros planos dos seus músculos. —Ele também é insistente.

—Exigente? — Ele perguntou, a mão na minha cintura deslizando para baixo da minha camiseta.

Minha respiração ficou presa quando seus dedos viajaram até a renda do meu sutiã. Seu polegar tocando meu mamilo e tudo em mim se apertou. —Definitivamente exigente.

Seu polegar circulou o pico, provocando e brincando. —Parece que seria um inferno viver com ele.

—Certamente oferece um bom número de desafios.

No mesmo instante, minha camisa foi jogada sobre minha cabeça e eu sorri. —Você vai me levar lá para cima?

Os lábios de Brody se contraíram. —Eu não sei, eu me tornei bastante parcial com balcões de cozinha. — Meu sangue esquentou com a lembrança de nosso batizado do estúdio. —Você quer nossa cama?

Nossa cama. Eu amei que ele pensasse dessa forma. Eu concordei. —Mais espaço para se mover.

—Eu gosto disso. — Brody me levantou, minhas pernas indo ao redor de sua cintura enquanto ele deixava minha camisa cair no chão. Ele subiu as escadas rapidamente, a porta do quarto batendo contra a parede. Lentamente, ele me abaixou no chão, suas mãos indo para o meu rosto. Tudo em sua expressão falava de amor, reverência.

Eu engoli contra esse ardor em minha garganta enquanto minhas mãos foram para sua barba. Como se meus dedos pudessem memorizar os detalhes de seu rosto. Elas viajaram por seu pescoço até a gola de sua camisa. Eu puxei e Brody ergueu os braços para me ajudar no meu trabalho. A pele dourada me cumprimentou e eu absorvi cada borda e curva que descobri. Era difícil acreditar que esse homem era meu. Dando-se livre e totalmente para mim. E me querendo em troca.

Brody desabotoou a calça jeans, descartando-a, já tendo tirado os sapatos. Comecei a ir para o botão da minha calça jeans, mas suas mãos me pararam. —Não faça isso. Esse é o meu trabalho.

Eu arqueei uma sobrancelha. —Oh sério?

—Você não pode me roubar o prazer de tirar suas roupas. É como desembrulhar um maldito presente. — Seus dedos habilmente abriram o fecho e lentamente puxaram para baixo o zíper. Cada milímetro, o desengate de cada dente, parecia enviar um eco de sensação através de mim.

Brody tomou seu tempo enquanto puxava meu jeans e a calcinha pelas minhas pernas. O arrastar de seus dedos em minha pele criou uma

cascata de faíscas em minhas coxas, penetrando em algum lugar profundo, alimentando um fogo que acendeu no momento em que os lábios de Brody roçaram os meus. Ele tirou uma perna da minha calça jeans e depois a outra, jogando-a para o lado.

Eu estava completamente nua para ele, vestindo nada além daquele pequeno sutiã. Eu lutei contra o desejo de me cobrir. Mas eu não estava mais me escondendo. Certamente não de Brody. Ele provou uma e outra vez que eu podia confiar nele - com tudo. Meu corpo. Meu coração. Minha alma.

Ele empurrou minhas pernas mais afastadas, e antes que eu pudesse pensar sobre o que ele estava fazendo, sua língua me tocou, entregando a menor provocação ao meu clitóris. Eu respirei fundo e Brody sorriu para mim, seus olhos semicerrados brilhando. Ele circulou meu clitóris, nunca me dando exatamente o que eu precisava, mas continuando a me levar mais alto.

Não demorou muito para que eu estivesse pronta para implorar. — Por favor, — eu disse em um sussurro rouco.

—O que você precisa? Estou me divertindo bem aqui.

E parecia isso. Como se ele se contentasse em me provocar por horas enquanto meus dedos deixavam marcas de unhas em seus ombros. Eu os deixei afundar mais forte. —Você. Eu preciso de você.

Brody assobiou quando o soltei. —Você me tem.

—Mostre-me.

Em um flash, ele me colocou na cama, minhas costas contra o colchão e meu rosto tão perto do dele que eu compartilhei sua respiração. Eu não pude resistir a estender a mão para tocar, as pontas dos meus dedos deslizando em sua barba áspera. Ele entrou em mim em um movimento lento, meus olhos fechando por um breve momento. Eu nunca queria perder isso. Se eu pudesse apenas manter essa memória, lembrar como era estar com ele em todos os sentidos, tudo ficaria bem.

—Eu te amo, Shay.

Suas palavras dançaram em minha pele, penetrando fundo e fazendo um lar em minha carne, meu coração. Meus olhos se abriram. — Amo você. — Essas duas sílabas foram gaguejadas com o esforço de se conter, mas quando os olhos de Brody brilharam, eu o soltei. Meus quadris se levantaram para encontrar os dele, incentivando-o a continuar.

Logo, nos perdemos no ritmo que era só nosso. Corpos curvando-se e flexionando-se. Com cada inclinação de seus quadris, Brody atingiu aquele ponto profundo dentro de mim que enviou arrepios pelo meu sistema, minhas paredes apertando em torno dele. Ele murmurou uma maldição e foi mais fundo. Meus calcanhares cravaram em sua bunda, estimulando-o.

Eu o queria o mais profundo possível. Precisava que ele se plantasse lá para que eu nunca perdesse a memória desse momento. O que era ser amada e desejada com desespero selvagem. Enlouquecer um pouco com a necessidade de outro.

—Não feche os olhos, — disse Brody, exigindo em sua voz. —Preciso ver essas manchas douradas se estilhaçarem.

Eu lutei contra o desejo de deixá-los fechar novamente enquanto minhas costas arqueavam. Eu me fixei nas órbitas escuras e agitadas de Brody. Como o marrom escuro poderia brilhar, eu não tinha ideia. Mas elas me mantiveram cativa, e eu não tive escolha a não ser ficar exatamente onde estava. Com ele. A amarra entre nós travou forte enquanto o mundo se despedaçava ao nosso redor. Meus ouvidos zumbiram e flashes de luz dançaram em minha visão. Mas nunca perdi Brody de vista enquanto isso acontecia. E eu sabia que não importava o que acontecesse em nosso caminho, eu nunca faria isso.

CAPÍTULO 35

Shay

Eu me virei para o lado de Brody enquanto observávamos as chamas dançarem na fogueira. Griffin jogou outra tora na pilha. —As crianças não paravam de implorar por um desses depois do churrasco em sua casa.

Caelyn sorriu enquanto o puxava para sentar na cadeira ao lado dela. —É mais como se com você, fosse tudo mais fácil, e no segundo que qualquer um deles dissesse que poderia querer alguma coisa, isso aparece magicamente.

Ford deu uma risadinha. —Você está acabado.

Bell arqueou uma sobrancelha na direção de seu noivo. —A sério?

Hunter tentou esconder sua gargalhada por trás de sua cerveja. —E você não?

Ford se inclinou e roçou os lábios nos de Bell. —Eu estou pior.

Brody e eu fomos convidados para o que Caelyn chamou de *jantar em família.* Foi uma maravilha, com mais comida consumida do que eu pensava ser possível, um jogo de futebol barulhento e depois *marsmallows*. Kenna e Crosby tinham acabado de sair para levar a filhinha para casa e as crianças entraram para assistir a um filme. Agora, restavam apenas nós sete, curtindo o fogo e a companhia.

Parecia que tinha acontecido. Continuei avançando para aquele desconhecido aterrorizante e de repente eu tinha um grupo de amigos. Aquelas que nos convidaram para jantares em família e me fizeram sentir incrivelmente bem-vinda.

Hunter inclinou sua cerveja em direção a Ford. —Não se esqueça, mamãe nos quer em casa às nove horas amanhã de manhã.

Ford gemeu e lançou um olhar penetrante para sua noiva. —Eu te culpo por esse problema de decoração que ela tem.

Bell apertou os lábios para esconder o sorriso. —Tudo que você precisa fazer é pintar um quarto. Não é tão ruim.

—Pela quarta vez nos últimos três meses, — Ford reclamou.

Bell encolheu os ombros. —Pelo menos ele não é tão grande.

—Então você pinta.

—Desculpe, *Cupcake*. Tenho que trabalhar amanhã, — disse Bell, tomando outro gole de sua cerveja.

Ele olhou para Brody e eu em busca de ajuda. —Diga-me, quando é que as obrigações familiares acabam? No quinto pedido de repintura? Ou o décimo?

Meu peito deu um aperto doloroso com a pergunta. Foi um comentário inofensivo, mas eu não conseguia controlar a dor que ele deixou em seu rastro. Saber que meus pais nunca me persuadiriam a fazer algo que era a última coisa da minha lista. Eu não choraria e reclamaria por ter que acordar cedo em um sábado para fazer isso. Porque eles se foram.

Ford estremeceu. —Oh merda, eu falei demais, não foi?

Ele deve ter sido capaz de ler a dor em meu rosto. O resto do grupo claramente também poderia, se seus olhares de simpatia fossem alguma indicação. Eu dei uma pequena sacudida em minha cabeça. —Não. É... —Eu ia dizer que não era nada, mas não era mais assim que eu estava vivendo, da mentira à meia-verdade. Eu não precisava me esconder de nenhuma das pessoas ao redor desta fogueira.

A mão de Brody encontrou a minha e deu um aperto encorajador. Eu absorvi cada grama de força que pude do contato palma com palma. — Meus pais foram mortos. Já faz muito tempo, mas de vez em quando,

algo me pega de surpresa. — Eu dei a Ford o melhor sorriso que pude. — Não é sua culpa, realmente.

—Eu ainda sinto muito, — ele murmurou.

Griffin pigarreou. —Eu sei como é. Pode ser um soco no estômago. — Eu balancei a cabeça, lembrando que ele perdeu pessoas próximas a ele também. —Mas coisas boas também podem surgir. Não se pode ter um sem o outro.

Segurei a mão de Brody com mais força. —Você tem razão. — Não fiz o suficiente para me lembrar do bem. Era muito fácil empurrar tudo para baixo por medo de algo me enviando para uma espiral de medo e pânico. —Minha mãe estaria de acordo com Ford e Hunter sobre a nova decoração. Ela sempre fazia tudo para todos os feriados. Juro que ela até fez uma pequena exibição no Dia da Bandeira.

Caelyn estendeu a mão e apertou meu joelho. —Eu realmente sinto muito que você os tenha perdido.

Engoli em seco contra as emoções que tentavam subir pela minha garganta. —Obrigada. Eu também. — Meu coração martelava em meus ouvidos como se o órgão vivesse ali. —Foi meu irmão. Ele os matou. — O grupo ficou completamente em silêncio. Os únicos sons eram os estalos do fogo. —Ele tentou me matar também. É por isso que... —Eu procurei as palavras certas para explicar sem ter que abrir todas as feridas. —É por isso que tento ser discreta.

—Ele não está na prisão? — Griffin perguntou, sua voz dura.

—Ele tinha apenas onze anos quando aconteceu. Ele saiu há alguns meses.

Caelyn engasgou. —Shay. Eu sinto muito. Não consigo imaginar.

Tomei um gole do meu refrigerante. —Ele é muito doente. Mas é bom em fingir que não é.

Bell se inclinou para frente, seu cabelo loiro brilhando à luz do fogo. —O que podemos fazer?

Meus olhos queimaram. Fingi que era por causa da fumaça do fogo. Mas, no fundo, eu sabia a verdade. Eles queimaram com a ternura da oferta. E porque fui eu quem me impedi desse tipo de apoio por tantos anos. Mantendo distância de todas as pessoas que ofereceram amizade.

Brody parecia sentir a batalha dentro de mim, a maneira como ele sentia tudo e me puxou para mais perto dele. —Você não está excluindo as pessoas agora.

Eu balancei a cabeça e encontrei o olhar de Bell. —Ele não sabe onde estou. Mas se alguém perguntar sobre mim na cidade... —Meu sangue gelou com o pensamento. —Avise.

—Claro, — ela disse.

Ford colocou um braço em volta dos ombros de Bell. —Nós protegeremos você. O que você precisar, é só nos avisar.

Caelyn deu *um tapinha* no meu joelho. —Nada. Basta dizer a palavra.

Hunter concordou. —Ninguém vai te machucar aqui. Cuidamos da nossa família.

E eu era um deles. Um membro desta família reunida. Um que não estava ligado por sangue, mas por escolha. E não era esse o maior presente de todos?

Brody desviou a conversa de tópicos sérios e voltou ao cotidiano. Conversamos sobre os planos para o verão. Praias para visitar e caminhadas. Caelyn compartilhou os planos para o desfile do *Memorial Day* da ilha. Como todos iriam participar e a feira que aconteceria depois.

Nos três anos que estive aqui, nunca compareci. Mesmo quando os Dowds foram embora. Mas este ano, jurei ir. Eu observava os adoráveis pequeninos descendo a *Main Street*. E eu comeria muito bolinho de

chuva. Eu seguraria a mão de Brody para toda a cidade ver e o beijaria sob a luz das estrelas. Eu absorveria cada bela experiência que este lugar tinha a oferecer. E eu faria isso, sabendo que tinha amigos que me protegiam.

CAPÍTULO 36

Brody

Levei uma pilha de pratos para a cozinha. Hunter, Griffin e Ford olharam para a sala da família onde as meninas tinham ido se juntar à noite de cinema com as crianças. Eu podia ouvir uma risadinha ocasional e grito quando algo acontecia na tela.

Hunter pegou o prato de cima da minha pilha, enxaguando-o e colocando-o na máquina de lavar louça. —Você quer nos dar um resumo completo? Diga-nos como podemos ajudar?

Eu deveria saber que eles não deixariam uma revelação tão grande passar sem uma discussão mais aprofundada. Eu também não teria, não se a pessoa afetada fosse tão próxima de Shay. Estiquei meu pescoço para ver dentro da sala de estar. A pequena Mia estava no colo de Shay enquanto viam as crianças lutarem contra piratas na tela. Achei que Shay não se importaria se eu compartilhasse mais. Ela mostrou esta noite que confiava nessas pessoas. E, Deus, eu estava orgulhoso dela por dar esse passo.

Voltei-me para Ford e Griffin. —O irmão dela está mentalmente doente. Um transtorno de conduta com traços insensíveis e sem emoção. Eu pesquisei um pouco sobre isso, e esse é o termo politicamente correto para um psicopata. Eles hesitam em usar esse termo nas crianças.

Griffin grunhiu. —Compreensível. Ele já recebeu tratamento?

—Pelo que descobri, seus pais tentaram repetidamente conseguir ajuda para ele. Psicólogos e psiquiatras. Medicamentos e terapias comportamentais. Ele foi hospitalizado várias vezes. E eles tinham acabado de encontrar uma unidade de tratamento para pacientes internados antes de morrer.

Ford encostou-se ao balcão, balançando a cabeça. —O que aconteceu?

Eu sabia mais sobre os detalhes do que Dante havia descoberto, em oposição ao que Shay havia compartilhado. Eu entendi. Eu não conseguia imaginar como seria doloroso reviver aqueles momentos. O que ela viu e experimentou. O rápido golpe de raiva me pegou de surpresa. Eu entendi que Michael estava doente, que ele não conseguia controlar suas ações. Eu até tinha alguma empatia pelo menino e pelo homem. Mas não abafou a raiva.

Eu agarrei a beirada do balcão enquanto me inclinei contra ele, despejando toda aquela raiva em meu aperto, meus dedos gritando com a pressão. —Shay estava em um recital de violino. Seus pais ficaram em casa para conversar com Michael. Para contar a ele sobre o novo programa que ele iria frequentar. Os policiais souberam mais tarde que Michael já sabia sobre seus planos. Ouviu sua mãe conversando com o docente de admissão ao telefone. Ele planejou tudo.

Era difícil para mim entender como um menino de onze anos poderia ter esse tipo de capacidade, mas Michael McCabe claramente tinha. —A mãe deles tinha uma receita de medicamentos ansiolíticos. Ele amassou um pouco e colocou na bebida dos pais. Assim que eles começaram a sentir os efeitos, ele começou. O pai tentou correr para o telefone, mas Michael o pegou no corredor com uma faca. Eles não foram capazes de obter uma contagem total das facadas, havia tanta raiva.

Griffin murmurou uma maldição, flexionando seu maxilar.

—Então Michael voltou para a cozinha. Sua mãe tentava se arrastar até o corredor, na direção dos gritos do marido. Ele a matou ali mesmo. Foi onde Shay a encontrou. Ela escorregou no sangue que estava chão de ladrilhos.

Eu podia ver em minha mente como se estivesse lá. Mesmo que eu não tivesse ideia de como era a casa e não tivesse visto fotos de seus pais. Eu queria ser capaz de parar Shay antes que ela chegasse à porta

da frente. Para levá-la embora para que ela nunca tivesse que experimentar o que viria a seguir. —Michael a pegou na cozinha. Eles não sabem quanto tempo ele a teve, mas ela tinha mais de trinta feridas de faca e cortes. As casas em seu bairro eram separadas, mas um vizinho do outro lado da rua havia saído para deixar suas latas de lixo. Ele ouviu um grito e chamou a polícia. As sirenes fizeram Michael correr. Ele pensou que ela estava morta.

—Como eles o pegaram? — Ford perguntou, sua voz áspera.

—Ele estava balançando em um parque próximo. Coberto de sangue. Faca nas mãos. Ele foi com eles de boa vontade.

— Merda, — Hunter murmurou. —Como você supera isso?

—Você não supera. — Shay viveria com essas memórias para sempre e não havia nada que eu pudesse fazer para apagá-las. Mas mesmo que eu não pudesse tirá-las, eu poderia preencher a vida dela com coisas boas. Tantas lembranças felizes que as más teriam menos espaço para viver.

Ford passou a mão pelo cabelo. —Eu não posso acreditar que eles deixaram alguém assim sair.

—Eu também. — Se dependesse de mim, Michael ficaria preso pelo resto da vida.

Griffin se endireitou. —Seja honesto. Você acha que ele virá atrás dela?

—Eu realmente não sei. — Se houvesse uma resposta que eu desejasse ter, seria essa. Mas havia muitas incógnitas. —Eu coloquei um investigador nisso. Até agora, Michael está se mantendo no caminho certo e no estreito. Tudo muito perfeito, na opinião de Dante.

—Mas ele não sabe onde ela está, certo? — Ford perguntou.

Eu concordei. —Ele é bom com computadores. Ele a rastreou até uma caixa postal que ela montou no Leste, mas não passou por lá. Ela

recebe a correspondência daquela caixa encaminhada aqui. Ele mandou algumas cartas para ela.

Os olhos de Hunter se estreitaram. —Ameaças?

—Nada direto, mas elas são definitivamente estranhas. E Shay diz que elas são sua versão das ameaças. — Eu nunca entenderia a língua que os dois compartilhavam, mas confiava que Shay sabia do que ela estava falando.

Ford mudou de posição. —É por isso que ela aceitou o trabalho em Harbor, não é? Ela pode viver sem rastros.

—Sim. E, aparentemente, seu irmão tem medo de água. Recusa-se a entrar em um barco ou qualquer coisa. — E por mais confuso que fosse, ficaria para sempre grato por Shay ter sido forçada a aceitar aquele emprego. Porque isso a trouxe para mim.

Hunter soltou um assobio baixo. —Então, ela está segura. Contanto que ela fique aqui.

Eu esperava que ela estivesse. —Não estou correndo nenhum risco. Agora que vocês sabem, todos nós podemos manter nossos olhos abertos.

—Você pode contar com isso, — disse Ford.

Griffin grunhiu em concordância. —Eu nunca teria pensado que ficaríamos de olho em um irmão psicopata e um assassino em nossa pequena ilha.

—O mundo está indo para o inferno, — Hunter murmurou. —Mesmo o nosso cantinho, não está intocado.

—Alguma atualização do Parker? — Ford perguntou.

Todos balançaram a cabeça e eu repeti o movimento. —Nós vimos Sam na cidade outro dia. Se seu brilho fosse alguma indicação, Shay e eu estaríamos ambos mortos.

—Ele pode não ser a pessoa que matou aquelas pessoas, mas também não é exatamente um cara bom, — disse Griffin.

Hunter apertou o maxilar. —Bem, todos nós sabemos agora. Essa é a segunda vez que não vi a verdade sobre alguém tão próximo.

Ford deu um tapa nas costas dele. —Não é sua culpa.

Hunter encolheu os ombros e afastou sua mão. —Eu tenho que ir, amanhã tenho que acordar cedo.

Observei enquanto ele se dirigia para a porta da frente sem se despedir de mais ninguém. Eu olhei de volta para Ford. —O que foi aquilo?

Ele encontrou contra o balcão. —Tivemos alguns problemas há muito tempo. Alguém perseguindo a mim e a Bell, tentando nos machucar. — Ford parou por um momento, como se estivesse lutando para pronunciar as palavras. —Acabou sendo um dos melhores amigos de Hunter. Ele sequestrou Bell e quase a perdemos.

—Merda, cara. Eu sinto muito. — Minhas palavras pareciam mais do que inexistentes, mas o que você diria sobre algo assim?

—Tudo deu certo no final, mas Hunter ainda carrega esse peso. E o que aconteceu com Sam apenas desperta toda a culpa.

—Nada disso é culpa dele, — argumentei.

— Não brinca — Griffin acrescentou.

Ford voltou-se para a pia e a pilha de pratos. —Eu só queria que ele visse isso.

Vi um movimento com o canto do meu olho. Logo, os braços em volta de mim, o cheiro de lavanda enchendo meus sentidos. Shay se aninhou ao meu lado. —Você está pronto para voltar? Eu estava começando a adormecer.

Pressionei meus lábios no topo de sua cabeça. —Certo.

Griffin pegou um molho de chaves de uma pequena prateleira. — Vou dar uma carona para vocês.

Agradecemos, despedimos e nos dirigimos para a marinha. A viagem foi quase silenciosa, o que parecia ser o estado preferido de Griffin. Mas pensamentos de todas as cicatrizes que todos neste grupo de amigos pareciam carregar giraram em minha cabeça. Isso só serviu para mostrar que ninguém sai ileso desta vida.

Shay e eu acenamos para Griffin enquanto íamos para o barco. O céu estava escuro como breu, mas as docas estavam bem iluminadas. Isso não me impediu de ficar em alerta máximo, meu olhar girando para frente e para trás.

Shay colocou sua mão na minha quando nos aproximamos do Whaler. —Você está bem?

Eu balancei a cabeça, colocando um beijo rápido em sua têmpora. — Sim. Eu me diverti esta noite. Você?

Ela subiu pela lateral do Whaler, movendo-se imediatamente para uma das cordas. —Eu também. — Ela parou por um momento, olhando para mim. —É bom ter amigos. Eu nunca os tive antes. Não pessoas com quem eu realmente sentia que poderia ser aberta de qualquer maneira.

Eu fui até Shay, envolvendo-a em meus braços. —Você deu um grande passo esta noite.

Ela inclinou a cabeça para trás para que pudesse encontrar meus olhos. —Parecia certo.

—Estou feliz.

Ela traçou um dedo sobre meus lábios. —Você, também sinto que é certo. Como se sempre tivesse sido você e eu.

Meu peito apertou. —Eu também sinto isso.

Sua mão agarrou minha camisa. —Obrigada por ficar comigo.

—Sempre. — A única palavra foi um voto. Ela só não sabia ainda.

CAPÍTULO 37

Shay

Evergreen13: *Bem, já era hora! Achei que aquele seu homem pudesse ter sequestrado você e trancado você em uma masmorra. Acho que isso pode não ser uma coisa ruim...*

Quase engasguei com o gole de café que tomei. Eu cuidadosamente coloquei a caneca no balcão da ilha antes de digitar uma resposta.

Phoenix26: *Desculpe, eu estive desaparecida. As coisas estão corridas.*

Eu não disse uma palavra a E sobre os assassinatos que aconteceram nos últimos meses. Não porque eu não confiasse nela, mas porque eu não queria que ela se preocupasse. E poderia ser como uma mamãe ursa se as coisas estivessem indo mal na minha vida.

Evergreen13: *Você nunca precisa se desculpar. Fico feliz que a vida esteja tão cheia que você não tem tido tanto tempo para ficar online ultimamente.*

Ela tinha razão. Não foi apenas o mal que me manteve longe de nossas conversas. Era a quantidade de coisas *boas* que estava ocupando meu tempo. Eu fui a uma venda de garagem com Bell, cozinhei um pouco com Caelyn, e Brody e eu passamos cada momento que podíamos ter juntos. O estoque de seu estúdio estava se enchendo de novas pinturas, e eu posei para ele pelo menos algumas vezes por semana. Essas sessões sempre pareciam terminar com alguma superfície do estúdio sendo explorada de uma maneira totalmente nova.

Phoenix26: *As coisas estão boas. Estou fazendo amigos. Até disse a alguns deles sobre Michael.*

Não houve resposta por um momento.

Evergreen13: *Tem certeza de que isso é sábio? Você os conhece bem o suficiente?*

Levei um momento para lutar contra a ansiedade que queria agarrar o meu interior. Eu estava avançando e isso significava que precisava dar alguns saltos. A compreensão gentil de Bell e Caelyn me disse que eu fiz a escolha certa. Os dois se registraram depois da noite na casa da fazenda de Caelyn e Griffin. Mas nenhum dos dois pressionou. Eles simplesmente me garantiram gentilmente que estariam disponíveis se eu quisesse ou precisasse conversar.

Phoenix26: *Se você os conhecesse, você entenderia. Eles são incríveis.*

Evergreen13: *Desculpe, minha paranoia às vezes pode tirar o melhor de mim. É bom que você esteja deixando as pessoas entrarem. Estou orgulhosa de você.*

Eu estava orgulhosa de mim mesma. Entrar naquele grande desconhecido trouxera nada além de uma mudança para melhor. Eu estava até pensando em jogar no *The Catch* novamente neste fim de semana. A banda de bluegrass queria que eu considerasse tocar com eles regularmente.

Phoenix26: *Obrigada, E. Como vão as coisas com você?*

Evergreen13: *o mesmo aqui.*

De alguma forma, mesmo através da tela do computador, pude sentir que E estava escondendo algo.

Phoenix26: *O que você não está dizendo?*

E mandou uma foto de alguém suspirando.

Evergreen13: *Sempre com esse sexto sentido, não é? Só estou me perguntando se é hora de enfrentar algumas coisas que venho evitando.*

Eu não conhecia a história completa de E, apenas alguns pedaços. Mas eu sabia que ficar longe de sua família foi a prioridade número um por muito tempo.

Phoenix26: *Coisas de família?*

Evergreen13: *Não é sempre?*

Às vezes parecia impossível fazer as pazes com esse tipo de dor. Como você poderia, quando quem lhe causou dor foi alguém que você amou durante toda a sua vida? Eu certamente não tinha dominado como segurar os dois lados dessas emoções quando se tratava de Michael. Em vez disso, eu sempre parecia balançar entre o amor e o ódio, o medo e a saudade.

A saudade era a pior. Porque não fiquei nostálgica por algum momento do meu passado. Era um desejo cruel por algo que nunca existiu. Uma família onde eu não vivia cada momento no limite, esperando alguma coisa acontecer e o monstro aparecer.

Quanto mais tempo eu passava com Caelyn e sua família, mais eu via o que perdi. A facilidade casual com que viviam a vida cotidiana. Claro, houve brigas. Eu tinha visto uma entre Mia e Ava quando Mia colocou um pouco de tinta glitter no desenho de Ava. Mas por baixo de tudo estava um amor que você podia sentir e uma empatia compartilhada. Michael simplesmente não era capaz disso.

Eu balancei minha cabeça um pouco, saindo de minhas reflexões e de volta à conversa com E. Ela esteve lá para mim por tanto tempo, e eu queria dar a ela o mesmo.

Phoenix26: *Há algo que eu possa fazer? Quer conversar sobre isso? Podemos conversar por vídeo.*

Evergreen13: *Agradeço, de verdade, mas preciso envolver minha cabeça em algumas coisas antes de falar sobre qualquer coisa.*

Phoenix26: *Estou aqui quando você estiver pronta.*

Evergreen13: *Eu sei que você está. Vamos conversar logo.*

Nos despedimos e eu saí do chat. Meus dedos tamborilaram contra o balcão enquanto eu tomava outro gole de café. Em dias como hoje, gostaria que E estivesse a apenas um passeio de barco de distância para que pudéssemos ter essas conversas pessoalmente. Talvez então ela teria mais chance de se abrir. Eu teria que falar com ela sobre considerar uma visita a Harbor. Eu tinha certeza que Brody ficaria bem em ter uma convidada. Mesmo que isso significasse que nossas sessões de estúdio seriam restritas apenas à pintura.

Eu sorri para minha caneca. Minha pele zumbia só de pensar nisso. Brody nem se mexeu quando o deixei na cama esta manhã. Dormir tarde o deixou morto para o mundo. Mas eu não conseguia mudar minha rotina de madrugadora. E as galinhas estariam bagunçando logo se eu não aparecesse.

Tomei o último gole do meu café e me dirigi para o galinheiro. Alimentei as meninas e colhi seus ovos, deixando a cesta do lado de fora do recinto para pegar quando terminasse minhas tarefas matinais. Fiz minhas rondas na estufa, prestando atenção especial às mudas que comecei e que logo estariam prontas para o plantio no jardim maior ao ar livre. Nossa estação de cultivo não foi longa, então aproveitei ao máximo, encaixando o máximo de coisas possível nas fileiras do solo.

Saí da estufa ligeiramente abafada em direção à água. Eu esperava poder convencer Brody a fazer a primeira viagem de caiaque da temporada. Se tivéssemos sorte, poderíamos localizar algumas orcas e outras criaturas. Ele parecia um pouco cético sobre tirar a moto aquática, mas eu tinha a sensação de que poderia fazê-lo mudar de opinião, mesmo que fosse preciso um pouco de suborno.

Desci o caminho gasto, saltando sobre as raízes e rochas familiares. No momento em que estava prestes a me virar para descer em direção à praia e ao abrigo do barco, meus passos vacilaram. Algo estava nas docas. Comecei em direção a ele sem pensar, descendo as escadas

correndo. Quando meus pés atingiram as pranchas do cais, eu congelei. A forma era familiar, *muito* familiar.

Eu gritei. Meus pés tropeçaram um no outro em uma batalha para fugir da visão que parecia se aproximar. Mas eu não conseguia corrigi-los. Eu não pude fazer nada além de gritar.

CAPÍTULO 38

Brody

Um grito perfurou o ar. Um que falava de puro terror. Meus passos vacilaram por um breve momento, como se eles ainda estivessem se dirigindo para o estúdio como planejado, mas o resto do meu corpo já estava se movendo em direção ao som que havia enviado os pássaros voando no ar.

Um milhão de pensamentos voaram pela minha mente enquanto eu corria pelo caminho. Nem um único se apoderou quando meu olhar saltou do chão na minha frente para a água e voltou. Eu tive que me impedir de tropeçar em uma das raízes de uma árvore ou troncos expostos. Mas eu precisava encontrar Shay. O mais rápido que minhas pernas podiam me carregar.

Corri para fora da floresta e desci as escadas para o cais. Ela estava subindo os degraus e acabou dando um soco no meu estômago antes de reconhecer que era eu e se conter.

—O que é? O que aconteceu?

Ela estremeceu quando passei meus braços em torno dela, meus olhos e mãos procurando por ferimentos. Seu braço tremia quando ela apontou para o final do cais. Eu congelei. Outro corpo caída jazia na madeira. Eu lentamente me levantei, tentando ter uma visão melhor.

Eu conhecia a imagem na minha frente muito bem. Exceto que pertencia a uma tela, não na vida real. À primeira vista, a mulher parecia que poderia se passar por Shay. Cabelo castanho escuro, estrutura pequena. Mas seus olhos estavam turvos demais com a morte para saber se eram castanhos. Uma espécie de videira enrolada em seu corpo, da mesma forma que pintei Shay na estufa. Mas a videira em volta do

pescoço dessa mulher não era um sinal de vitalidade. Foi assim que ela foi morta.

Seu pescoço estava manchado com hematomas profundos que se destacavam em contraste com sua pele pálida. Eu não tinha ideia se a mulher tinha sido justa em vida como Shay, ou se a morte tinha assumido seu tom natural. Mas por baixo de sua palidez havia várias facadas. Lutei contra a bile que subiu pela minha garganta e me voltei para Shay.

Ela estava olhando para o fim do cais, mas seu foco parecia nebuloso, como se ela estivesse olhando, mas não realmente vendo. Eu me coloquei entre ela e o corpo, agachando-me. —Vamos. Precisamos sair daqui.

Shay assentiu rigidamente enquanto eu a guiava para longe do corpo. Ela tremia enquanto se movia, e a raiva inundou minha corrente sanguínea. Shay era uma das pessoas mais fortes que conheci. Uma pessoa normal teria desabado sob o peso do que ela passou. Mas Shay sempre se manteve firme em meio a qualquer tempestade que viesse em sua direção. Vê-la tremer agora quebrou algo em mim, liberando uma potente mistura de raiva e preocupação.

O mais rápido possível, guiei Shay escada acima e em direção ao estúdio. Assim que entramos, tranquei a porta e liguei o alarme, depois a guiei até o sofá que havia sido entregue há poucos dias. Enrolei um cobertor em volta dos ombros como se isso pudesse afastar todas as memórias que eu sabia que provavelmente estavam passando por sua mente.

Ela se sentou congelada na almofada de couro, seu olhar ainda com nebuloso. Peguei meu celular e apertei o contato de Parker. Tocou duas vezes antes de ele atender. —Raines.

—Parker, é Brody. Eu tenho um cadáver no final da minha doca.

Parker soltou uma ladainha de maldições. —Estou a caminho. Uma equipe estará logo atrás de mim. Você está seguro?

—Estamos no estúdio, bem trancados. Mas eu não vi ninguém.

—OK. Você fica aí até eu ir buscá-los.

—Entendido. — Pela primeira vez na minha vida, desejei ter aprendido usar uma arma de fogo. Talvez fosse hora de investigar isso. Eu tinha certeza de que deveria haver uma área, onde eu pudesse aprender o básico.

Eu cruzei de volta para o sofá, deslizando meu telefone no bolso. Eu relaxei ao lado de Shay. —Parker está a caminho.

Ela soltou o cobertor, o material caindo de seus ombros. —Você viu os cortes de faca?

—Eu vi…

—Elas são iguais as minhas, Brody. Em seu torso e braço direito. Em nenhum outro lugar.

Tudo em mim congelou. Não consegui dizer uma única palavra.

Shay olhou para mim, mas seus olhos estavam tão vazios como eu já tinha visto. —E se for ele? E se for Michael?

— Não tem como…, mas quais eram as chances de que essa vítima, que se parecia tanto com Shay, tivesse os mesmos ferimentos? — Precisamos contar a Parker.

—Eu sei. — Ela ficou em silêncio por um momento antes de falar novamente. —Me desculpe por ter enlouquecido. Eu acabei de-

Emoldurei seu rosto com minhas mãos. —Você não tem nada pelo que se desculpar.

—Eu não sou fraca.

—Nada em mim pensa que você é.

Suas mãos agarraram meus antebraços. —Estudei defesa pessoal por anos, completei o treinamento com armas de fogo, fiz tanta terapia que perdi o controle, tudo para estar pronta se algo de ruim acontecesse de novo. Em vez disso, eu congelei. Eu mal conseguia me concentrar.

Passei meus polegares para frente e para trás em suas bochechas. — Você parecia que estava prestes a me dar com um soco antes de perceber quem era. Você se conduziu melhor do que pensa. — Lutei para pronunciar as palavras, pensando no que poderia ter acontecido se o assassino ainda estivesse lá. Eu engoli em uma tentativa de limpar o aperto na minha garganta. —O que você viu... foi horrível. Dê a si mesma um pouco de credito.

Shay deixou cair a cabeça para a frente para que nossas testas descansassem uma contra a outra. —O que está acontecendo?

—Eu gostaria de saber. — Mas tudo em que conseguia pensar eram as facadas. Aquelas tão parecidas com as de Shay. A mulher que parecia ser sua irmã. Passei meus braços em torno dela, precisando saber se ela estava segura e respirando.

Eu não tinha certeza de quanto tempo ficamos assim antes de uma batida soar na porta. —É Parker, — uma voz chamou de fora.

Eu relutantemente soltei Shay e me levantei. Ela seguiu. Meu olhar percorreu seu rosto. —Você está bem?

—Não. Mas passei por coisas piores por não estar bem.

Eu dei um beijo no topo de sua cabeça. —Nós vamos superar isso também.

—Nós vamos.

Eu cruzei para a porta, desativando o alarme e abrindo a fechadura. Quando eu abri, fui saudado por um Parker puto da vida. Ele geralmente era bom em esconder suas emoções, mas como ele apertava o maxilar o denunciava hoje. —Obrigado por vir.

Ele deu um aceno brusco. —Vocês estão bem?

— Estamos bem, de verdade. — Respondeu Shay.

Parker olhou para trás em direção ao cais. —Minha equipe vai atracar na praia. Não quero nada contaminando a cena do crime.

—Você precisa de alguma coisa? — Eu perguntei, envolvendo um braço em volta dos ombros de Shay.

—Vou precisar que você me guie em tudo.

— Venha para dentro. — Shay ofereceu. —Vou fazer um café para nós.

Ela foi para a pequena cozinha, parecendo estar um pouco melhor agora que tinha uma tarefa. Em pouco tempo, ela estava servindo três xícaras e distribuindo-as. Nós nos acomodamos na pequena sala de estar, Shay e eu no sofá e Parker na cadeira estofada.

Ele tomou um gole de sua bebida. —Obrigado pelo café, Shay.

—Claro.

Ele voltou seu foco para mim. —Você descobriu o corpo?

A mão de Shay foi para minha coxa, uma busca inconsciente por conforto. —Não, fui eu.

Percorremos os eventos das últimas horas com Parker fazendo anotações em seu telefone enquanto conversávamos. —E nenhum de vocês viu qualquer sinal de alguém ainda espreitando por aí? Sem barco, sem nada?

—Nada-— Minhas palavras foram interrompidas quando eu me levantei imediatamente. —As câmeras. Eu tenho uma instalada no cais e está equipado com visão noturna. — Eu os conduzi escada acima para o meu escritório. Conectando-se ao meu computador, abri o software de segurança que Griffin me ajudou a instalar. Em pouco tempo, eu estava retrocedendo a filmagem da câmera.

O vídeo era em preto e branco, o que limitava as coisas, mas qualquer informação era melhor do que nada. Logo, a imagem estática da doca mudou. O corpo apareceu. Em seguida, outra figura toda vestida de preto.

—Droga, — Parker murmurou. —Ele deve saber que você tem câmeras.

Quem quer que fosse, sabia um monte de coisas que não deveria. A figura, usando uma máscara de esqui, agachou-se sobre o corpo, arrumando a mulher em sua perversa forma de arte. Meus músculos travaram enquanto eu o observava se mover, invadindo meu espaço e escurecendo o santuário que eu construí para mim, o qual Shay agarrou por anos. —Isso nos dá uma pista, não é? Poucas pessoas sabem que coloquei segurança aqui.

Parker encontrou meu olhar. —Eu sei que você é novo em uma pequena comunidade, mas você ficaria surpreso com a rapidez com que a notícia se espalhou. Desde o pedido das câmeras que você colocou na loja de ferragens, até quem fez a instalação, provavelmente metade da Anchor sabe o que você tem cozinhando aqui.

Murmurei uma maldição sob minha respiração. —Fofoca de cidade pequena.

Shay colocou a mão no meu ombro. —Há coisas boas e ruins em viver aqui, assim como em qualquer lugar. Mas acho que o bem supera o mal.

Eu olhei para ela, meu olhar cheio de tudo que eu não queria dizer com Parker presente. Ela estava certa e eu precisava desse lembrete. Este idiota não iria roubar a beleza que construímos aqui. A vida que era muito mais rica do que qualquer coisa que eu tive antes.

Parker pigarreou. —Isso, pelo menos, nos permite saber que o suspeito é do sexo masculino. Um medidor aproximado de altura e

peso. Vou pedir aos meus técnicos que venham aqui e façam uma cópia da filmagem.

—Sam se encaixa na construção. Você tem certeza que ele tinha um álibi? — Eu perguntei, mantendo um olho atento em Parker para ver sua reação.

—Ele tem. Ele estava bebendo no Maverick´s a noite toda. Um dos meus oficiais o viu, e pelo menos uma dúzia de outras pessoas. Você teve mais problemas com ele?

O aperto de Shay em meu ombro aumentou. —Nós o vimos em Anchor uma ou duas semanas atrás. Ele não ficou feliz em nos ver.

—Esse é o eufemismo do ano.

O maxilar de Parker se mexeu. —Lamento que ele ainda esteja lhe causando problemas.

Shay olhou em minha direção e depois de volta para Parker. —Há outra coisa que preciso perguntar a você.

—E isso é?

—As feridas de punhalada em todas as vítimas era em seu braço direito e torso?

A expressão de Parker ficou em branco. —Como você sabia disso?

Shay lentamente tirou a flanela de mangas compridas que vestia por cima da blusa. Quando ela deixou a camisa cair no sofá, Parker respirou fundo. Mesmo a alguns metros de distância, ele podia ver as longas cicatrizes cruzando seu braço. Shay fez o possível para não desviar o olhar. —Elas estão no meu torso também.

—Como? — A raiva iluminou as feições de Parker como se ele fosse derrubar quem quer que fosse.

—Meu irmão, Michael. Ele matou meus pais e tentou me matar. Ele saiu de um programa de tratamento na prisão há alguns meses. Ele está em Seattle.

Parker endireitou-se na cadeira. —Ele entrou em contato com você?

—Ele enviou algumas cartas, mas eu tenho minha correspondência encaminhada através de várias caixas de correio. Não achei que ele soubesse onde eu estava, mas...

Eu ouvi cada palavra que ela não diria. Cada dúvida subindo à superfície. Todo medo.

—Alguém mais nas ilhas sabe sobre isso? — Parker perguntou.

Shay balançou a cabeça. —Apenas Brody e nossos amigos. Acho que alguém pode ter visto algo que eu não percebi. Mas eu duvido.

Parker olhou para mim. —E quanto a essas pinturas? — Ele apontou para uma peça meio acabada que claramente retratava as cicatrizes de Shay.

—Ninguém viu... — Eu tive que me conter no meio da frase porque as pessoas as *tinham* visto. A equipe de construção tinha estado na casa principal mais do que algumas vezes para almoçar ou usar a internet. Qualquer um deles poderia ter mencionado algo em uma conversa casual.

—Alguém poderia tê-los visto, — concluiu Parker.

—É possível, mas eles tiveram que ter saído do caminho.

—Vou fazer algumas perguntas casuais e sentir se eles viram algo que não deveriam.

Puxei Shay para mais perto de mim, precisando de todos os pontos de contato possíveis. —Eu coloquei um investigador sobre Michael. Até agora, tudo está controlado. Mas isso pode mudar as coisas. Posso colocar você em contato com ele.

Parker pegou seu telefone e começou a digitar notas. —Isso seria bom. E vou ter que questionar Michael-

—Não! — Shay interrompeu. —Se não for ele, se for outra pessoa, ele saberá onde estou.

Esfreguei minha mão para cima e para baixo em seu braço. —Ela está certa. Você não pode expô-la.

Parker olhou para o telefone. —Eu tenho um amigo em Seattle. Vou pedir um favor. Peça a ele para fazer o interrogatório, e irei junto à paisana. Começaremos conseguindo um álibi. Se ele tiver um, podemos largá-lo aí. Se ele não o fizer, então podemos ter que trazê-lo. Será mais difícil mantê-lo no escuro então.

—Tente por favor. — A voz de Shay tremia enquanto ela falava, e eu tive o desejo repentino de derrubar Parker.

—Farei tudo o que puder para ajudar a mantê-la segura.

Eu só esperava que fosse o suficiente.

CAPÍTULO 39

Shay

Eu desabei no sofá da sala, Brody seguindo logo atrás de mim. Eu não acho que já estive tão cansada em minha vida. Esgotada de todas as maneiras imagináveis. O departamento do xerife esteve aqui o dia todo. Mas Parker saiu imediatamente após nossa conversa, voltando horas depois com a notícia de que meu irmão tinha um álibi para todos os três assassinatos. Ele estava jogando um videogame em que você estava diante das câmeras de dois deles e da câmera de segurança de seu empregador para o outro.

O dia inteiro foi difícil, para dizer o mínimo. E as conversas com Parker despertaram memórias que eu queria manter enterradas profundamente. Continuei esperando que o alívio se estabelecesse ao saber que meu irmão não estava envolvido nisso, mas isso nunca aconteceu. Eu estava tão nervosa quanto esta manhã. Talvez simplesmente porque eu sabia que meu esconderijo poderia não ficar escondido por muito mais tempo.

Parker era um bom homem, empático. Alguém que iniciou sua carreira porque realmente queria ajudar as pessoas e mantê-las seguras. Ele disse que faria tudo o que pudesse para manter meu nome fora dos relatórios, deixando-me anônima por enquanto. Mas quando e se esse caso fosse a tribunal, meus dias de anonimato acabariam. Não havia maneira de contornar isso.

De repente, eu senti como se houvesse um relógio de contagem regressiva invisível pairando sobre minha cabeça. Eu não queria nada mais do que que este assassino fosse preso e levado à justiça. Mas o que eu faria quando isso acontecesse? Eu teria que sair? Encontrar outro lugar para me esconder? Era a última coisa que eu queria.

Brody me puxou, derrubando-nos para que ficássemos deitados no sofá, meu corpo em cima do dele. —Você está bem?

—Este não foi um bom dia, foi muito ruim.

Ele afastou o cabelo do meu rosto. —Eu quero que você pense em algo para mim.

Eu procurei em seu rosto, procurando por qualquer dica sobre o que poderia estar por vir. —Eu posso pensar.

Sua boca se curvou o mínimo possível, mas não ficou parada. —Pense em ir embora comigo. Podemos ir aonde você quiser. Itália, Austrália, Reino Unido. Vamos sair daqui até que a poeira baixe.

Eu endureci contra ele. —Você quer ir embora?

Seus dedos ásperos passearam ao longo da minha pele. —Eu quero mantê-la a salvo. Quero que você seja capaz de viver livremente, sem olhar por cima do ombro a cada segundo.

—Eu não quero fugir. — Eu não queria deixar essas ilhas. Por mais que eu tenha usado Harbor e Anchor como esconderijo, eles também se tornaram minha casa. Eu construí uma vida aqui. Uma que eu desistiria se partisse para algum lugar no meio do mundo. —Esta é a minha casa.

Expressões conflitantes brilharam no rosto de Brody. Aqueles que falavam de orgulho, frustração e uma pitada de medo. —Você está pronta para lutar.

—Eu não vou desistir deste lugar. — Isso me deu muito. Foi onde eu realmente me curei, onde comecei a viver novamente pela primeira vez em décadas. Algo no som da água, no cheiro do ar, me trouxe uma paz incomensurável. E agora que pensei sobre isso, não poderia imaginar fazer minha casa em outro lugar.

Brody pressionou seus lábios na minha têmpora. —Então nós ficaremos. Mas ficaremos juntos. E isso inclui todas as tarefas que você realiza todos os dias. Eu não quero você sozinha.

Eu arqueei uma sobrancelha. —Isso significa que você também. Não vá para o estúdio sozinho se você não consegue dormir. — Mais de uma vez nos últimos meses, acordei com a cama vazia quando me virei. Na manhã seguinte, sempre havia uma nova tela em andamento.

Os lábios de Brody roçaram o lado do meu rosto, aproximando-se do meu ouvido. —Não é difícil ficar na cama com você.

Seu tom fez todas as minhas terminações nervosas acordarem, como se ele estivesse chamando cada uma. Minha mão escorregou sob a bainha de sua camiseta, explorando as saliências dos músculos. Eu queria gravar cada músculo e curva na memória, como era estar pressionada contra ele.

A mão de Brody enrolou em volta do meu pescoço, inclinando minha cabeça para trás para dar a ele melhor acesso à minha boca. Sua língua se enroscou na minha, profunda, procurando e um pouco desesperada. E quando ele se afastou, estava sem fôlego. —Preciso de você, Shay.

—Eu sou sua. — E ele tinha, em mente, corpo e alma. Nunca pensei que seria capaz de me entregar totalmente a alguém. Para mostrar a todos eles - as cicatrizes e cantos escuros. Mas Brody tinha aparecido, e desde o momento em que coloquei os olhos nele, a atração começou. Essa corda invisível que parecia desemaranhar todas as paredes e barreiras que ergui ao longo dos anos.

Era um puxão lento e constante, que eu não reconheci de imediato. E quando eu *percebi* e tive um dos meus surtos, aquela atração inabalável simplesmente continuou. Continuou indo até que Brody tivesse tudo, cada pedaço de mim.

Meu polegar percorreu seus lábios. Eu não poderia imaginar um presente maior. Ter alguém vendo todas as coisas que você temia mostrar ao mundo e ainda te amar. E não apenas apesar deles, mas porque eram parte de você. —Amo você, — eu sussurrei.

Com um grunhido, de repente fui virada, Brody pairando sobre mim. —Você sabe o que acontece comigo quando você diz isso.

Uma risadinha me escapou. —É uma reação incrível.

A boca de Brody estava na minha novamente, desesperada e feroz. Ele apenas se afastou enquanto puxávamos as roupas, ambos precisando estar pele a pele. Eu tinha perdido qualquer inibição em relação a Brody ver minhas cicatrizes. Elas eram simplesmente uma parte da tela da minha pele.

Uma mão segurou meu seio enquanto Brody empurrava dentro de mim. Um pequeno gemido escapou de meus lábios e meus olhos se fecharam. Nada poderia se comparar a esse sentimento. Tão cheio. Incompleto. Mas como se eu ainda fosse eu... mais.

Meus olhos se abriram para encontrar Brody olhando para mim, seu olhar cheio de reverência. —Você é tão linda. A maneira como seus olhos vibram e suas bochechas ficam rosadas quando estou dentro de você. A forma como suas costas se arqueiam para trazê-la para mais perto de mim. — Ele começou a empurrar mais fundo. —Não quero esquecer nunca.

Eu sabia que era apenas uma questão de tempo antes que alguma pintura erótica aparecesse em uma das telas de Brody. Minha boca se curvou com o pensamento. Contanto que não acabasse em um leilão. Eu respirei fundo quando Brody atingiu aquele ponto profundo dentro de mim, aquele que enviou arrepios ecoando por todos os músculos.

—Aí está, — Brody rugiu, dirigindo mais fundo.

Meus dedos cravaram em seus ombros largos. A necessidade frenética em mim de tê-lo completamente certamente deixaria marcas em sua pele, mas eu não conseguia pensar para me importar. A única coisa que existia naquele momento era Brody e eu e a energia frenética entre nós. Minhas pernas engancharam em torno de seus quadris, os

calcanhares afundando em sua bunda. Minhas costas arquearam. Tudo em mim buscava liberação.

—Goze para mim. — Era uma ordem e um apelo. E eu obedeci. Brody soltou uma maldição abafada enquanto empurrava mais uma vez. Mas eu já havia partido, girando em espirais de luz e explosões de cores.

Brody desabou, virando-nos para que eu ficasse deitada em cima dele novamente. Nós lentamente voltamos a nós mesmos, Brody arrastando seus dedos pela minha espinha. Minha respiração começou a se equilibrar, meus pulmões não estavam mais desesperados por oxigênio. —Tenho quase certeza de que desmaiei por um segundo ali.

Brody riu, e a sensação enviou pequenos choques através de mim. Quando minhas paredes se apertaram em torno dele, ele gemeu. — Não faça isso. Você pode realmente me matar.

Eu sorri para ele. —Não gostaria de fazer isso. Eu meio que gosto de ter você por perto.

Seus lábios roçaram minha têmpora. —Você já deveria saber, você está presa comigo para sempre.

Um zumbido quente de energia se espalhou por mim. Porque nada neste mundo parecia melhor do que isso.

CAPÍTULO 40

Brody

Uma moita de mato e sujeira me atingiu no peito. —Ei, o que foi isso? — Eu gritei.

Shay pegou outra bola de detritos de seu balde e jogou em mim. — Isso é o que você ganha por tirar sarro de mim.

Eu evitei seu míssil de erva daninha. —Vamos lá, você tem que admitir que tocar música para plantas é um pouco ridículo.

Shay bufou. —Está cientificamente comprovado que as ajuda a crescer. Também tem pesquisas que se você disser coisas boas para elas, elas se sairão melhor.

—Isso é o que você estava fazendo quando eu voltei do galpão, não era?

Ela corou. —Não custa nada dizer a elas que estão fazendo um bom trabalho.

Eu queria pegar Shay no colo e voltar furtivamente para casa por uma ou duas horas. Ela era muito adorável. Eu precisava me perder nisso por um tempo. Mas quando olhei em volta para a bagunça que era o jardim, soube que seria abatido. Havíamos nos mudado para o que Shay considerava seus meses de jardinagem, e todo o resto veio em segundo lugar.

Ajoelhei-me e comecei a procurar ervas daninhas. —Onde você ouviu essas coisas sobre música e palavras doces para plantas, afinal?

Shay sorriu. —Evergreen. Ela sabe muito sobre essas coisas. E quando eu estava me afogando, sem saber se conseguiria lidar com esse trabalho, ela me ensinou várias coisas.

—Ela concordou em vir te visitar? — Eu estava mais do que curioso para conhecer a mulher que tanto ajudara Shay ao longo dos anos.

—Ela disse que as coisas estão muito ocupadas no trabalho agora, mas talvez em algumas semanas. — Shay se apoiou nos calcanhares. — Você sabe que pode ir pintar, certo?

Meus dedos coçavam para colocar algo no papel ou na tela. Eu não tinha feito o suficiente nas últimas semanas. E sempre que isso acontecia, eu ficava nervoso. —Estou bem.

Ela me lançou um olhar penetrante. —Quem quer que fosse, já se foi. Você sabe que estamos seguros.

Passaram-se três semanas desde que Shay descobriu o corpo no cais. Ficamos em alerta máximo por dias depois. Mas então outra vítima morta de forma semelhante a uma de minhas pinturas mais antigas foi encontrada no continente. E ainda ontem, um corpo foi descoberto na fronteira com o Oregon.

Deveria ter aliviado algo em mim saber que ele ou ela estava se afastando cada vez mais. Mas não aconteceu. Todo mundo ainda estava nervoso. Constantemente procurando por um rosto desconhecido.

Shay suspirou e se aproximou de mim. —Brody. Eu preciso que você vá pintar. Em algum momento, temos que voltar ao normal. Você não pode ficar comigo a cada momento de cada dia.

Ela estava certa, é claro. Mas quando pensei em ter Shay fora de vista, algo em meu peito apertou dolorosamente. —Você só vai estar no jardim?

Ela se inclinou e roçou sua boca contra a minha. —Eu estarei bem aqui. Se eu vir algo, mesmo remotamente fora do comum, vou gritar muito.

—Precisamos de um cachorro, — murmurei. —Um cachorro grande e assustador. — Uma expressão quase melancólica apareceu no rosto de Shay. —Você quer um cachorro?

—Eu só tive um animal de estimação quando eu era pequena. — Tudo em sua postura fechou. —Não funcionou bem.

Deus, eu queria machucar seu irmão. Mesmo sabendo que não era inteiramente culpa dele, não pude evitar a raiva que me atingiu. —Mas agora você gostaria de um?

—Sempre quis um cão. Eu dizia 'talvez um dia'. Mas eu realmente não estou mais me escondendo, estou?

—Não, você não está. — O cabelo estava solto de sua trança, e coloquei uma mecha atrás da orelha. —Aposto que há uma ONG de resgate de animais ou algo assim em uma dessas ilhas.

As manchas douradas nos olhos de Shay pareciam cintilar na luz do fim da manhã. —Há uma no Shelter.

Meus lábios se contraíram. —Você já fez sua pesquisa, hein?

—Pode ser.

—Vamos neste fim de semana. Mas nada de cachorros de bolsa. — Precisávamos de algo que pudesse realmente ser um sistema de alerta precoce.

Shay riu. —Até você tem limites?

—É claro que sim. — E uma bola fofa latindo era um deles.

Ela me beijou longa e lentamente. —Amo você. Mesmo se você não quiser que eu compre um cachorro de bolso.

—Fico feliz em ouvir isso.

Ela me deu um pequeno empurrão. —Agora vá pintar algo lindo para mim. Te encontro em casa ao meio-dia para o almoço.

Eu me levantei, tentando ignorar a pontada no meu peito enquanto me afastava. —Grite se ouvir ou ver alguma coisa. Mesmo se você pensar que é apenas uma criatura.

—Mesmo que eu ache que é um coelhinho, — ela prometeu.

Eu não me permiti olhar para trás enquanto eu ia para o estúdio. Eu estava com medo de que, se o fizesse, não iria embora. Mas Shay estava certa. Tínhamos que voltar ao normal eventualmente. E quanto mais tempo eu ficasse em alerta máxima, mais difícil seria deixar esses instintos irem.

Então, me forcei à tela em branco no centro do meu estúdio. Não demorou muito para que eu me perdesse na criação de algo novo. Em Shay em seu jardim, cantando para suas plantas. Eu estava tão consumido com a nova peça que pulei quando meu celular tocou.

Tirei minhas luvas e fui até a mesa onde meu telefone estava. Eu apertei aceitar, e o rosto de Carson preencheu a tela. —Você está no estúdio. Isso significa que você está pintando de novo?

—Eu tenho várias amontoadas.

—Você está pronto para me mostrar?

—Ainda não. — Depois de tudo o que aconteceu nos últimos meses, eu não estava pronto para mostrar nada além de Shay.

—O temperamento daquele artista está de volta, — Carson repreendeu.

Eu fiz uma careta para Carson através da tela. —Não tenho temperamento de artista. — Eu tinha visto alguns artistas fazerem coisas ridículas ao longo dos anos – lançar ataques, indo a extremos para ter privacidade, a lista continuava indefinidamente. Eu era muito normal nessa escala.

—Tudo bem, tudo bem. Você está muito bem adaptado e se sente melhor?

—Sim, obrigado. Agora, o que foi? — Eu olhei para o relógio na parede. —Eu tenho que encontrar Shay para almoçar em quinze minutos.

Carson balançou as sobrancelhas. —Shay, hein? Como está minha pequena zeladora, afinal?

Soltei um ruído que parecia muito com um rosnado. —Ela não é *sua* zeladora.

Um sorriso enorme se espalhou por seu rosto. —Puta merda. Você está apaixonado. Nunca pensei que veria esse dia.

—Não estamos falando sobre isso.

—Certo. Mas chame sua zeladora e venha para Seattle neste fim de semana. É a inauguração da minha exposição. Significaria muito ter você aqui.

—Claro. — Eu tinha sido um péssimo amigo no ano passado. Foi uma maneira incrível de retribuir uma pessoa que sempre esteve lá para mim. —Mal posso esperar para ver no que você está trabalhando.

A boca de Carson se torceu em uma espécie de careta. —Não é nada comparado ao que você pode criar, mas estou começando a encontrar o meu caminho.

—Não seja idiota. Seu trabalho é incrível.

Carson sempre foi o crítico mais difícil em suas criações. O mundo da arte poderia enlouquecer por alguma coisa, mas ele ainda encontraria peças que não estavam de acordo com seus padrões.

—Veremos, — ele murmurou. —Vá almoçar com sua garota. E me mande uma mensagem quando souber que está chegando à cidade.

—Vou fazer. — Cheguei ao fim e me dirigi para a casa principal. Uma viagem para Seattle pode ser exatamente o que Shay e eu precisávamos. Uma verdadeira volta à vida e seguir em frente. Por fim, o FBI pegaria o assassino imitador. E em algum momento, Michael provavelmente voltaria para a prisão ou para um hospital psiquiátrico. Precisávamos seguir em frente apesar de tudo.

Abri a porta da frente e me dirigi para a cozinha. —Algo cheira bem.

Shay ergueu os olhos da frigideira no fogão. —Queijo grelhado chique.

—O que é um queijo grelhado chique? — Eu perguntei, aproximando-me para que eu pudesse respirá-la, os cheiros de lavanda e aquela pitada de ar salgado acalmando tudo dentro de mim.

—Cheddar branco curado, peru e cebolas caramelizadas. Com uma salada de rúcula ao lado.

Minha boca encheu de água. —Você me mima.

—Pode apostar. E espero ser recompensada.

Passei meus lábios até o lado de seu pescoço. —Oh, eu vou recompensá-la.

Shay estremeceu. —Agora não, Romeu. Esta noite.

Eu ri, liberando-a. —Justo. O que posso fazer para ajudar?

—Pegue as bebidas para nós na geladeira. Vou tomar um chá gelado.

—Ok. — Eu me movi pela cozinha, pegando o que precisávamos e ajudando Shay a trazer os pratos para a mesa. Quando dei minha primeira mordida no sanduíche, gemi. —Acho que nunca comi algo tão bom.

Shay sorriu. —Caelyn e eu criamos a mistura outro dia. Acho que ela vai adicioná-lo ao menu da *The General Store*.

—Acho que vai ser um favorito dos fãs.

—Eu também.

Tomei um gole da minha Coca. —Então, o que você acha de ir para Seattle neste fim de semana? Carson tem vaga para sua nova exposição. Eu adoraria que você o conhecesse. Podemos explorar o centro da cidade, ir a restaurantes, nas obras.

Shay congelou, o sanduíche a meio caminho da boca. —Você quer que eu vá para Seattle com você?

De repente, pude ver que o caminho à minha frente estava cheio de minas quase invisíveis. —Sim. Eu sei que vai ser difícil no começo, mas

Michael mora fora da cidade. Dante não viu nenhuma evidência de que ele já deixou o bairro em que vive e trabalha. Você estará totalmente segura. — Dante havia encontrado tão pouco que finalmente disse que era hora de jogar a toalha. Ele estava aceitando um caso no Colorado e depois faria outra verificação de Michael quando ele terminasse.

Seu peito subia e descia em rápida sucessão enquanto ela colocava o sanduíche de volta no prato. —Eu não posso.

Estendi a mão sobre a mesa para colocar a mão sobre a de Shay. — Você pode. Eu sei que é assustador, mas você vai ficar comigo o tempo todo. E estamos voltando à vida normal, certo?

Ela puxou a mão livre, procurando por algo em seu bolso. Ela puxou uma pequena pedra, esfregando os dedos sobre ela em círculos. —Meu normal é aqui. Em Harbor e Anchor. Eu não quero ir para o continente.

—Não quer ou está com medo? Seja honesta com você mesma. — Tive que pressionar um pouco. Shay não poderia viver o resto de sua vida nessas ilhas, apenas esperando que seu irmão fosse enviado de volta para a prisão.

Seus movimentos na pedra se aceleraram. —Eu não estou preparada.

—Você algum dia estará pronta?

Os dedos de Shay pararam. —Isso não é justo.

Eu me irritei com a acusação em seu tom. —É uma pergunta honesta. — Porque eu não poderia viver o resto da minha vida nesta ilha de trinta acres. Embora eu a considerasse minha casa, ainda queria viajar e experimentar o resto do mundo de vez em quando.

—Você está pressionando e prometeu que eu poderia fazer isso no meu ritmo.

Eu esfreguei a mão no queixo. Ela tinha razão. Eu tinha prometido a ela exatamente isso. Mas eu estava sendo um egoísta e a queria

comigo. E com certeza não queria deixá-la sozinha. —Eu tenho que ir. Não tenho sido o melhor amigo de Carson ultimamente e ele precisa do meu apoio.

A expressão de Shay se suavizou, parte da tensão deixando seus ombros. —Então você deve ir. Não estou dizendo que você não deveria.

Só que ela não estaria comigo. Eu engoli minha frustração, tentando lembrar tudo o que ela havia passado ao longo dos anos. Para ela, nada valia o risco de topar com seu irmão. —Eu não vou deixar você aqui sozinha. Não com tudo o que está acontecendo.

Ela abriu a boca como se fosse discutir e depois fechou novamente. —Vou ligar para Caelyn e ver se posso ficar com eles neste fim de semana.

Eu balancei a cabeça, mas estava tensa. —Você vai se divertir com as crianças.

A boca de Shay se curvou, mas não parecia completamente autêntica. —Mia está pedindo uma festa do pijama há semanas.

—É perfeito, então. — Mas não parecia assim. Parecia que uma parede gigante tinha acabado de ser erguida entre nós, e eu não tinha certeza se qualquer um de nós poderia escalá-la para chegar ao outro lado.

CAPÍTULO 41

Shay

—Obrigada novamente por me pegar nas docas e me deixar ficar-

—Oh, pare com isso, — disse Caelyn enquanto caminhávamos até a casa da fazenda dela e de Griffin. —Você já me agradeceu o suficiente, e as meninas estão muito animadas com a nossa festa.

— Festa do pijama! — A pequena Mia gritou quando Caelyn empurrou a porta.

Caelyn se virou para mim. —Vê?

Eu ri. Foi a primeira vez em dias que fazia o som. As coisas estavam dolorosamente estranhas com Brody. Como se fosse a primeira vez, nós dois sabíamos que essa coisa entre nós poderia não funcionar como planejamos. Eu balancei minha cabeça. Eu não iria dar espaço para esses pensamentos. Este fim de semana seria divertido. Griffin estava levando o irmão de Caelyn, Will, para acampar, então éramos apenas nós, meninas.

Mia correu para mim, envolvendo os braços em volta das minhas pernas. —Você está pronta para a nossa festa?

Eu sorri para a menina. —Espero que sim. Trouxe esmalte de unha. Acha que devemos fazer manicure?

Ela assentiu com entusiasmo. —Esse é o meu favorito. Eu tenho brilhos extras que podemos usar.

—Perfeito.

— Ei, Shay, — Ava cumprimentou do corredor.

—Oi, Ava. Obrigada por me deixar dormir aqui.

Ela abaixou a cabeça, mas sorriu. —Vai ser divertido.

Griffin e Will correram para a entrada. Griffin deu a Caelyn um beijo longo e lento que me fez desviar o olhar. —Tem certeza que vocês vão ficar bem?

—Como eu já disse várias vezes, ficaremos bem. O sistema de segurança está ativado, uma pizza foi encomendada. Estaremos vivendo um sonho enquanto vocês dois estão congelando.

Os lábios de Griffin se contraíram. —Que bom que eu tenho você para me aquecer quando eu voltar.

Will fez um barulho como de náuseas. —Podemos ir *por favor*, então eu não tenho que ouvir mais isso?

Caelyn deu um abraço em seu irmão e bagunçou seu cabelo, embora ele fosse quase trinta centímetros mais alto do que ela. —Esteja a salvo.

—Sim, *mãe,* — Will repreendeu.

Assistimos enquanto os meninos saíam, acenando na entrada. Quando Caelyn fechou a porta, ela se virou. —Finalmente, todos aqueles garotos nojentos se foram.

—Vamos festejar! — Mia gritou.

Caelyn envolveu um braço em volta dos meus ombros. —Eu concordei com os sorvetes. Ela vai ficar alta de açúcar por dias.

Eu sorri. —Vai valer a pena.

* * *

Eu me inclinei na minha cadeira *Adirondack* e tomei um gole de vinho enquanto observava as chamas na fogueira dançar. Tínhamos feito todas as atividades do pijama que eu poderia imaginar. Manicure, máscaras faciais e tranças de cabelo. Pizza, sorvete e um filme. Agora, as meninas estavam na cama, e Caelyn e eu tínhamos sentado em cadeiras ao redor do fogo, cada uma com uma boa taça de vinho.

Eu torci a haste do meu copo entre os dedos. —Obrigada por esta noite.

—Eu deveria estar agradecendo por me ajudar a lutar contra aqueles duas *hooligans*.

Fiquei olhando para o meu vinho, o brilho do fogo tornando o líquido rodopiante quase âmbar. —Eu realmente nunca tive isso. Toda a experiência da festa do pijama.

A expressão de Caelyn ficou séria. —Por que não?

—Ter Michael como irmão não era exatamente propício para amizades. Depois de um tempo, todos pararam de me convidar para qualquer lugar.

—Eu sinto muito, Shay. Não consigo imaginar o quão difícil deve ter sido.

Eu balancei minha cabeça. —Não foi por isso que eu disse; para você se sentir mal. É só - isso, esta noite, foi muito bom ter um gostinho do normal.

Caelyn sorriu. —Você é bem-vinda aqui a qualquer hora. As garotas te amam.

—O sentimento é mútuo. — Eu não pude deixar de me perguntar se logo estaria fazendo um lar em Anchor em vez de Harbor. Se as coisas não dessem certo com Brody, eu não poderia ficar. Ele ofereceria, é claro, mas eu não podia assistir enquanto ele seguia em frente enquanto eu permanecia congelada no lugar.

—Seus olhos estão realmente tristes agora. Você quer me dizer o que está acontecendo?

O tom de Caelyn era exatamente como ela - gentil e reconfortante ao mesmo tempo. Apenas o som disso me fez lutar contra as lágrimas. — Não tenho certeza se Brody e eu vamos sobreviver.

Caelyn girou em sua cadeira para que ela ficasse totalmente de frente para mim. —Por que não? Vocês pareciam tão felizes da última vez que os vi.

Lágrimas queimaram o fundo dos meus olhos. —Ele está acostumado a essa vida grande e plena. Inaugurações de arte e viagens. Restaurantes chiques e shows. Eu só quero ficar aqui. Eu preciso.

—Ele queria que você fosse com ele para Seattle, — ela adivinhou.

Eu concordei. —Mas eu não posso. Pensei em mudar de ideia, obrigando-me a ir. Mas no segundo que pensei sobre isso, tudo em mim congelou. Eu só... —Eu não tinha certeza de como terminar o pensamento.

—Você ainda não está pronta.

Eu olhei para Caelyn. —Não tenho certeza se algum dia *estarei*.

Ela estendeu a mão e apertou meu braço. —Você irá. Um dia. Tenho fé absoluta nisso. Mas Brody não deveria pressioná-la a fazer algo com o qual não se sente confortável. Eu vi como foi difícil para você dar todos os passos que deu nos últimos meses. Permitindo que novos amigos entrem em seu mundo, tocando no *The Catch*, passando mais tempo em Anchor. Todos esses avanços são enormes. Você precisa se dar algum crédito.

Tracei um desenho circular no braço da minha cadeira. —Mas não sei se é o suficiente. Eu não quero segurar Brody...

—Você não está. Você não disse que ele não poderia ir para Seattle, não é?

—Claro que não.

Caelyn colocou seu vinho ao lado de sua cadeira. —Então ele está livre para fazer o que quiser assim como você também pode.

—Não tenho certeza se é tão simples. — Claro, Brody iria querer alguém que pudesse ir com ele a todos esses eventos. Era natural, e eu não poderia culpá-lo por isso.

—Você o ama? — Ela perguntou.

Eu encontrei o olhar de Caelyn direto. —Mais do que eu pensava ser possível.

—Ele te ama?

Eu pensei sobre todas as maneiras que Brody tinha me mostrado exatamente isso. Não apenas com suas palavras, mas também com seu corpo, suas ações, cada movimento seu. —Ele me ama.

Caelyn me deu um sorriso gentil. —Então vocês dois vão descobrir. Eu prometo. O amor sempre encontra um caminho.

Foi um pensamento lindo. Eu só queria poder ter tanta certeza quanto Caelyn estava.

CAPÍTULO 42

Brody

Olhei para a enorme escultura que ocupava todo o centro do pátio da galeria. Carson estava se movendo em uma direção diferente com sua arte. Em vez de uma peça que tinha uma qualidade quase caprichosa, esta era mais escura. Como se ele tivesse ficado incrivelmente zangado quando colocou sua chama em metal.

Eu me movi livremente ao redor da escultura angular, agora que a maioria da multidão havia entrado para ver o resto do show. Enquanto circulava, não pude deixar de desejar que Shay estivesse comigo. O que ela teria a dizer sobre esta peça e as outras? O que ela pensaria de Carson? Os donos da galeria? Tudo.

Eu apenas senti *sua* falta. Passei todos os dias e todas as noites com ela por meses. E agora, ela se foi. Deus, eu estava deprimido. Não era como se eu não a visse em vinte e quatro horas. Isso era patético.

—Espero que você não esteja carrancudo com o meu trabalho.

Eu me virei ao som da voz de Carson. —Esse olhar foi inteiramente dirigido a mim. Essa peça é ótima. Você está trabalhando de uma maneira totalmente nova.

Sua boca pressionou em uma linha firme enquanto ele examinava a escultura. —Era hora de algo diferente. Meu trabalho estava ficando cansativo.

Eu abracei meu amigo. Ele sempre foi duro consigo mesmo, mas isso parecia algo totalmente diferente. —O que está acontecendo?

Ele passou a mão pelo cabelo, puxando as pontas. Havia uma energia quase... frenética nele. Como se ele não pudesse ficar parado. —Isso não é tão fácil para mim quanto para você. Estou sempre em busca de algo que inspire uma peça ou série. Tentando fazer algo novo e original.

—Não é um passeio no parque para mim também.

A frustração passou pela expressão de Carson antes que ele percebesse. —Você sempre tem um milhão e uma de ideias. Você tem dificuldade em restringi-los.

Isso era verdade. Mas eu tinha lutado no ano passado. Mais do que lutei. As coisas não pareciam ter se encaixado até que conheci Shay. Seguiu aquela atração entre nós que me levou por um caminho totalmente novo em minha arte. Em vez de ficar tão focado na escuridão que as pessoas se escondiam, meu trabalho se tornou mais equilibrado. Eu ainda estava explorando todas as coisas que as pessoas escondiam, as boas e as ruins, mas meu mundo era menos preto e branco. Em vez disso, estava cheio de cores em todas as tonalidades. Shay havia me dado isso.

Voltei meu foco para Carson. —Eu acho que você está sendo muito duro consigo mesmo. Todos adoraram a galeria. Fiquei longe da multidão e ouvi dois críticos de arte delirando sobre isso.

—Mesmo? — Eu vi um lampejo de esperança no olhar de Carson.

—Eu não mentiria sobre isso. Mas quem se importa com o que eles pensam? Você gosta disso?

Ele levou algum tempo para compreender todo o trabalho. Então ele sorriu. —Eu odeio isso, porra.

Soltei uma gargalhada. —Eu acho que é hora de você fazer alguma arte para você. Ninguém mais. Eu não posso te dizer o tipo de liberdade que senti ao fazer isso.

Carson suspirou. —Você pode estar certo. Só não tenho certeza do que quero fazer ou onde quero estar—

—Você está pensando em sair de Nova York?

Ele encolheu os ombros. —Não sei o que estou pensando. E eu não tenho uma pequena zeladora para iluminar meu caminho.

Meu peito apertou com suas palavras. —Isso definitivamente ajuda.

Os olhos de Carson se estreitaram. —O que foi aquele olhar?

—O olhar? — Era inútil tentar negar a dor que eu tinha certeza que passou pela minha expressão. Carson e eu tivemos muitos anos de amizade compartilhada entre nós.

—Não minta. Você está de mau humor desde que chegou à cidade. Achei que fosse porque você sabia que os repórteres estariam na inauguração, mas é outra coisa.

Eu esfreguei a mão no queixo. —Eu estraguei tudo.

—Com a sua zeladora?

—Ela tem um nome.

—Desculpe, com *Shay?* — Ele perguntou, desenhando o nome dela.

—Sim, — eu resmunguei.

—Ela te deu um fora?

—Não. — Mas eu não a teria culpado se ela fizesse. Eu pressionei depois de prometer a ela que poderíamos seguir seu ritmo. Pensar que sabia o que era melhor para ela quando estava lidando com décadas de terror e olhando por cima do ombro.

Carson fez um gesto afirmativo. —Você vai me dizer o que aconteceu ou eu tenho que te embebedar primeiro?

Eu não colocaria isso no passado dele. Em mais de uma noite, Carson e eu compartilhamos uma garrafa de uísque e mais do que alguns de nossos segredos mais bem guardados. —Eu a pressionei para vir comigo, e ela não estava pronta. Foi uma jogada péssima, especialmente quando eu prometi a ela que poderíamos ir no ritmo dela.

Carson soltou um assobio baixo. —Definitivamente um movimento idiota. Mas ela vai te perdoar, se ainda não o fez.

Mas era mais do que isso. —Estou preocupado que ela pense que não estou feliz com a maneira como as coisas estão. Mas eu estou. Mesmo em meio ao inferno dos últimos meses, é o mais feliz que já estive. Só quero ter certeza de que ela não está vivendo uma meia-vida porque está com medo.

—Mas essa escolha não é sua. É a vida dela, Brody. Não é tua. Você tem essa linha protetora que pode destruir qualquer coisa em seu caminho. Mas você tem que deixar Shay seguir seu próprio caminho. Tudo o que você pode fazer é ficar ao lado dela e apoiá-la.

Tudo o que Carson disse era verdade, mas, ao mesmo tempo, ia contra todos os meus instintos. Mas ao tentar ajudar, acabei controlando a situação. —Inferno, — eu murmurei. —Quando você ficou tão sábio?

Carson sorriu. —Sempre fui. Já era hora de você começar a me ouvir.

—Eu preciso ligar para Shay. Então o que você acha de sair e encontrar uma cerveja e alguma comida de verdade? — Sempre desprezei os aperitivos que serviam nessas coisas. Você precisava comer trinta deles para fazer uma refeição.

—Soa como um plano. — Ele inclinou a cabeça por um caminho. — Isso leva a um beco na parte de trás. Deve ter alguma privacidade lá. Vou correr e pegar minhas coisas na sala dos fundos e encontro você de volta aqui.

Eu balancei a cabeça e desci o caminho enquanto Carson desaparecia dentro. O beco estava escuro, apenas o brilho da luz sobre a porta da galeria lançando um brilho suave. Andei de um lado para o outro na frente de uma lixeira, procurando as palavras certas. Tudo que eu inventei parecia incrivelmente patético. Eu sempre poderia simplesmente me entregar à sua misericórdia e rastejar, implorar. Custe o que custar.

Meu dedo pairou sobre o contato de Shay no meu telefone. —Pare de ser um fraco e ligue para ela, — eu murmurei.

O som da porta dos fundos se abrindo me fez erguer os olhos do número de telefone que me provocava. Mas antes que eu pudesse me virar, algo picou minha nuca. Senti uma pontada de dor antes de cada músculo do meu corpo sofrer um espasmo. Enquanto o mundo ao meu redor ficava embaçado, ouvi um grito. Mas era tarde demais. Eu estava caindo. Eu vi um flash de luz, senti dor e então nada.

CAPÍTULO 43

Shay

Quando entreguei a Caelyn o último prato do nosso sundae extravagante, meu telefone zumbiu no bolso de trás. Eu olhei para o relógio na parede. Já passava das onze. Meu coração deu um salto casual no meu peito quando puxei o telefone. *Brody* apareceu na minha tela.

Tudo em mim se aliviou apenas com a visão de seu nome no meu telefone. Que ele estava pensando em mim. Que ao invés de festejar com seu melhor amigo, ele estava me ligando. Esse conhecimento silencioso me deu esperança de que tudo poderia ficar bem.

Clico em aceitar e coloco o telefone no ouvido. —Ei, Brody.

Uma voz vagamente familiar preencheu a linha, mas não era a que eu esperava ouvir. —Shay, é o Carson. Algo aconteceu. Brody foi atacado...

O mundo ao meu redor ficou confuso conforme meu aperto no telefone afrouxou. Ele caiu no chão, mas mesmo o som do dispositivo batendo no ladrilho não foi suficiente para romper a névoa. Eu estava ligeiramente ciente de Caelyn se movendo ao meu redor, pegando o telefone. A conversa abafada.

—Shay, olhe para mim.

Pisquei rapidamente, Caelyn entrando em foco. —Oh Deus.

—Ele vai ficar bem, — ela assegurou.

—O que aconteceu? — Cada imagem que surgiu em minha mente foi pior do que a anterior. Meu estômago embrulhou enquanto eu considerava a possibilidade de o assassino retornar a Washington e colocar seus olhos em Brody.

Caelyn manteve seu tom uniforme e calmo. —Eles acham que foi um assalto falido. Ele teve uma concussão e precisa de pontos. Eles estão apenas esperando por uma tomografia computadorizada para ter certeza de que não há sangramento em seu cérebro.

Soltei um ruído abafado que parecia um animal ferido. — Sangramento no cérebro? — Isso não pode estar acontecendo. Depois de tudo e todos que eu perdi na minha vida, eu teria pensado que seria mais forte se outra pessoa fosse arrancada de mim. Mas não fui. Nem um pouco. Brody abriu meu mundo e me mostrou como era viver novamente. Ele me entendeu de uma forma que ninguém mais entendeu. E seu coração... Deus, estava tudo bem. Um coração assim não poderia deixar este mundo.

—Os médicos estão tratando dele agora. Se ele precisar de cirurgia, está no melhor lugar possível. Seattle Memorial tem médicos maravilhosos.

Eu balancei a cabeça rigidamente. —Eu tenho que ir. Como faço para chegar a Seattle no meio da noite? Posso levar o barco?

—Você quer ir para Seattle? Tem certeza de que está pronta para isso?

Poucas horas atrás, eu assisti Brody subir a bordo da balsa, tão certa que não estava nem perto de estar pronta para me aventurar no continente. Mas agora, nada no mundo poderia me manter longe. Nem mesmo o conhecimento de que estaria ao alcance do meu irmão. — Preciso ir agora.

Caelyn me envolveu em um abraço forte. —Nós vamos te levar lá. Griffin tem um barco que pode fazer a viagem. Ford pode dirigi-lo e Bell irá com você.

—Eu não posso pedir-

Caelyn segurou meus ombros enquanto se afastava de seu abraço. —Não diga outra palavra. Isso é o que os amigos fazem.

E pela primeira vez na minha vida, tive esse tipo de relacionamento. Eu ficaria eternamente grata.

* * *

Eu tremia na parte de trás do táxi enquanto caminhávamos até o hospital. A viagem tinha demorado muito. Eu encarei meu telefone, desejando que ele tocasse. Carson me mandou uma mensagem para me dizer que a tomografia computadorizada foi feita e eles estavam esperando pelos resultados.

Meu dedo esfregou círculos na pedra lisa, aquela que eu usei para me tranquilizar por anos. Mas agora não estava fazendo absolutamente nada para ajudar. O espaço parecia estar se fechando ao meu redor enquanto eu lutava para manter minha respiração estável.

Bell deu um tapinha no meu joelho. —Ele vai ficar bem.

Eu balancei a cabeça, recusando-me a expressar os medos que corriam desenfreados em minha mente.

—Você se importaria de ir um pouco mais rápido? — Ford perguntou. —Temos um amigo que sofreu um acidente.

Mas não foi um acidente. Alguém tentou deliberadamente machucar Brody. Para que? Alguns dólares e um telefone celular? Mas eu sabia melhor do que a maioria que algumas pessoas não precisam de um motivo para infligir dor. Às vezes, eles simplesmente gostavam. Estremeci quando uma imagem de Michael zombando de mim encheu minha mente.

Eu estava bem segura. Eu tinha Bell e Ford. Este hospital ficava no lado oposto da cidade onde Michael morava. Tudo estava bem. Sussurrei as garantias repetidamente para mim mesma até que chegamos ao pronto-socorro.

Eu saí do táxi em um piscar de olhos, Bell logo atrás de mim enquanto Ford jogava algumas notas para o motorista com um, — obrigado—. Corri para o pronto-socorro, procurando por alguém que pudesse me dizer onde Brody estava. Uma mulher de meia-idade atrás

de uma mesa me deu um sorriso gentil. —Posso ajudar? Você está machucada?

—N-não. Estou procurando por Brody James. Ele foi trazido após um assalto. Eu sou namorada dele. — Foi a primeira vez que usei essa palavra. Brody e eu nunca tivemos que definir nosso relacionamento, simplesmente éramos, amantes, parceiros, amigos. Tudo o que havia entre nós era muito mais do que o termo *namorada* poderia encapsular.

—Um momento. — A mulher verificou sua tela. —Eu posso levar você até ele, mas seus amigos terão que ficar aqui. Já há um convidado com ele.

—Isso está bom. — Eu me virei para Bell e Ford. —Eu sairei assim que eu souber de alguma coisa. Ou mandarei Carson.

Bell agarrou minha mão e apertou. —Tem certeza de que ficará bem sozinha?

Eu concordei. —Estou bem. — Era uma mentira total e completa, mas eu queria que fosse verdade.

—OK. Estaremos bem aqui, —ela disse, liberando minha mão.

Segui a mulher cujo crachá dizia *Rosa Cruz* por um labirinto de corredores. —Obrigada por me levar, Sra. Cruz. — Minha voz tremia enquanto eu falava, mas me recusei a deixar as lágrimas queimando atrás dos meus olhos caírem.

—Me chame de Rosa. E claro. Lamento que vocês estejam lidando com isso esta noite. Mas temos médicos maravilhosos aqui. Eles vão consertar seu jovem, não se preocupe. — A bondade de Rosa só fez a queimação atrás dos meus olhos se intensificar. —Aqui está. Ele está no número onze.

Parei por um momento fora da área com cortinas. Eu respirei longa e lentamente enquanto agarrei o tecido. Minha mão tremia, mas dei um puxão no tecido. Eu mal registrei o homem corpulento sentado na cadeira ao lado da maca. Eu só tinha olhos para Brody. Ele estava pálido e,

embora a luz do teto tivesse sido apagada, ele parecia apertar os olhos de dor. Uma bandagem cobria o lado direito da cabeça, desde a têmpora até parte do couro cabeludo. Não pude evitar o pequeno ruído que escapou da minha boca.

—Shay?

A voz de Brody era áspera como se ele tivesse fumado um maço de cigarros na última hora. O tom me cortou, deixando nada além de cacos de vidro em seu rastro. —Oi, — eu sussurrei.

Carson se levantou, dando tapinhas no braço de Brody. —Eu disse que ela viria. — Seu olhar disparou para mim. — Prazer em conhecê-la, Shay. Eu gostaria que fosse em circunstâncias um pouco menos dramáticas.

—Você também, — eu disse distraidamente, apenas tirando meus olhos de Brody por um segundo. Eu cruzei para a cama e peguei sua mão na minha. Estava muito frio. —Você está bem?

—Estou bem, prometo. O médico acabou de entrar e disse que não há sangramento cerebral.

Todo o ar deixou meus pulmões em um sopro. E com o ar vieram as lágrimas. Depois que elas começaram, eu não tinha esperança de impedi-las.

—Shay, não.

Brody deu um puxão na minha mão para me trazer para mais perto. Mas em vez disso, desabei na cama. Meu corpo tremia enquanto eu soluçava. —Eu estava com tanto medo de perder você também.

—Eu não vou a lugar nenhum. — Seus dedos correram pelo meu cabelo e pelas minhas costas em uma carícia calmante. —Carson, você pode nos dar um minuto?

Carson deve ter concordado porque Brody continuou acariciando meu cabelo e costas. —Estou bem. E você também.

Eu funguei no cobertor do hospital, tentando o meu melhor para puxá-lo junto. Concentrei-me em minha respiração, a sensação da mão de Brody em meu cabelo. Finalmente, consegui me sentar. —Eu sinto muito.

Suas sobrancelhas se juntaram. —Por que?

—Que eu não vim com você. Que-

Brody começou a sacudir a cabeça e então estremeceu. —Não. Eu não deveria ter pressionado. Prometi que não faria isso, e foi exatamente o que fiz. Sou eu que sinto muito. Eu estava prestes a ligar para você para me desculpar quando aquele assaltante me surpreendeu muito rápido.

Meus dedos agarraram o cobertor em sua maca. —A polícia o pegou?

—Não. Alguém na rua viu o ataque e gritou. O cara correu. Mas eu já estava caindo no asfalto. Minha cabeça está muito boa.

Alcancei, muito lentamente, o rosto de Brody em minhas mãos. Suas bochechas barbadas nunca foram tão boas, o formigamento em sua nuca me garantindo que ele estava aqui e não iria a lugar nenhum. —Como você se sente agora?

Seus lábios se curvaram. —Eles me deram uma dose de analgésicos antes de você chegar, então estou me sentindo melhor do que antes. Eles ainda querem que eu fique durante a noite para observação.

Brody parecia irritado com a perspectiva, mas fiquei aliviada. A jornada de volta para Harbor não era fácil, e eu me sentiria muito melhor se os médicos ficassem de olho nele por mais algum tempo. —Eu vou ficar com você.

—Você não tem-

—Eu vou ficar, — eu disse com firmeza.

—Eu não quero que você faça algo com o qual não se sinta confortável.

Passei meus polegares em suas bochechas da mesma forma que ele fez comigo tantas vezes antes. —Eu amo você. Não há nada que eu não faria por você. — A simples verdade atingiu como um trem de carga. Brody era minha pessoa. O primeiro com quem eu queria compartilhar meus triunfos e fracassos. Ele era meu conforto e meu encorajador. Ele tinha me dado tudo, e eu só esperava poder dar a ele uma fração disso.

Brody inclinou a cabeça para que seus lábios encontrassem os meus em uma carícia suave. —Não sei o que fiz para merecer você, mas agradeço às minhas estrelas da sorte todos os dias.

Eu sorri contra sua boca. —Você está preso a mim agora.

—Acho que posso viver com isso.

Foi uma coisa boa que ele pôde, porque eu nunca iria desistir.

CAPÍTULO 44

Brody

—O que você pensa que está fazendo?

Eu congelei no meio do caminho ao me levantar da cama. A cama em que eu praticamente morava há duas semanas. —Estou indo tomar um banho.

— Você não está — Shay disse enquanto se apressava para ficar ao meu lado. —E você deve me ligar se precisar sair da cama.

Shay havia levado a rotina da enfermeira super protetora ao extremo. Era principalmente adorável, mas eu estava começando a enlouquecer. —Estou tomando banho, me vestindo e descendo as escadas. Posso até dar um passeio. — Eu precisava de um pouco daquele ar fresco da ilha e talvez me aventurasse no meu estúdio. Meus dedos estavam coçando para pintar.

—Isso é demais. Precisa descansar-

Eu interrompi Shay emoldurando seu rosto e colocando um beijo faminto em seus lábios. —Estou bem. Algumas dores de cabeça. Uma pequena tontura aqui e ali. Mas estou melhorando. E se eu não começar a me mover, nunca terei uma recuperação completa.

Ela colocou as mãos em meus antebraços, apertando. —Eu só quero ter certeza de que você está sendo cuidadoso.

—Eu estou. Seria impossível eu não estar com essa enfermeira maluca que tenho ao lado da minha cama.

Ela arqueou uma sobrancelha. —E quem seria? Devo ficar com ciúme?

Eu beijei sua testa. —Ela é inteligente, linda e cozinha como um sonho. A única coisa que estou esperando é que ela use aquela roupa de enfermeira travessa que sugeri.

Shay riu, mas suavizou-se com o meu abraço. —Você sabe que eu insisto porque te amo.

—Eu sei. Mas é hora da fase dois da minha recuperação. O médico disse que eu poderia começar a me levantar e andar mais.

O pai de Bell era um médico semi-aposentado e tinha viajado para Harbor duas vezes para me fazer exames de acompanhamento. Shay estava perto também, fazendo um milhão de perguntas. Acho que a Dr. Kipton ficou tentado a sugerir que ela procurasse uma escola de enfermagem.

Shay suspirou. —OK. Banho, mas tenha cuidado. Quando você descer, terei o almoço pronto.

Eu sabia que demorava muito para ela sair do quarto e descer as escadas. Shay havia perdido muitas pessoas em sua vida, e a ideia de algo acontecendo comigo era quase paralisante. Eu teria que ir devagar para voltar à nossa rotina normal. Não apenas pela minha recuperação, mas também pela dela.

O jato do chuveiro era um pequeno pedaço do céu na Terra. Shay me forçou a tomar banhos nas últimas duas semanas. Eles teriam sido incríveis se ela tivesse se juntado a mim. Mas em vez disso, ela ficou ao redor, esperando que eu desmaiasse. Eu sorri para o fluxo de água. Ela me amava. E sua preocupação me mostrava o quanto.

Abaixei-me para pegar meu shampoo e uma onda de tontura passou por mim. Amaldiçoei e agarrei a lateral do chuveiro. O Dr. Kipton me avisou que levaria semanas, possivelmente meses para que os efeitos colaterais da concussão diminuíssem completamente. Mas eu estava farto dessa merda. Eu queria que minha vida voltasse ao normal.

Obriguei-me a passar pela rotina do banho mais devagar, com cuidado para não fazer movimentos bruscos que pudessem desestabilizar meu equilíbrio. Levei meu tempo para me vestir e, quando desci as escadas, me senti como um novo homem.

Shay ergueu os olhos do fogão. —Você parece melhor. Como você está se sentindo?

Eu contornei a ilha e passei meus braços em volta dela, saboreando a sensação de seu corpo contra o meu. —Bom o suficiente para alguma atividade rigorosa.

Ela sorriu e virou o sanduíche na frigideira. —Você ainda tem algumas semanas antes que o médico o liberte para isso, amigo.

Eu gemi. Parecia uma eternidade desde que eu me perdi no corpo de Shay, na energia frenética que apenas ela e eu compartilhamos. —Não estou convencido de que o médico saiba do que está falando.

—Eu acho que quase dez anos de treinamento diz que ele sabe o que está falando.

Eu a soltei e inclinei o quadril contra o balcão. —Certo.

Shay riu, olhando para mim por entre os cílios. —Você está fazendo beicinho?

—Pode ser. — Eu estava. Mas eu merecia.

Um console no balcão apitou assim que o telefone no meu bolso fez o mesmo. Fui até o monitor de vídeo e o intercomunicador que Griffin e eu instalamos após o incidente com o corpo na doca. Agora fomos alertados de qualquer movimento na estrutura. De vez em quando, havia um alarme falso - como quando uma foca decidiu tirar uma soneca lá - mas na maioria das vezes era muito útil.

—Quem é esse? — Shay perguntou.

—Parece o Parker.

O xerife saiu do barco e acenou para a câmera. Pressionei o botão do interfone. —Venha.

Ele acenou com a cabeça e saiu do quadro.

—Vou fazer um sanduíche para ele também. Aposto que ele não comeu.

Eu pressionei um beijo rápido na têmpora de Shay. —Você faz para ele um daqueles queijos grelhados chiques e ele nunca vai embora.

Ela sorriu, despejando um sanduíche em um prato e entregando-o para mim. —Então teremos a casa mais segura de qualquer uma das ilhas.

Parei por um momento, observando seu rosto. —Você se sente segura aqui, certo?

Shay não tinha falado muito sobre encontrar o corpo. Ela teve alguns pesadelos, mas não queria discuti-los. Ela roçou sua boca contra a minha. —Eu me sinto segura com você.

Um fogo acendeu no fundo do meu peito. —Estou feliz.

Uma batida soou na porta.

—Entre, — eu chamei.

Em alguns segundos, Parker apareceu, caminhando em direção à cozinha. —Algo cheira incrível.

—Espero que você esteja com fome, — disse Shay. —Porque estou fazendo um sanduíche para você também.

—Não recusaria um. Não tive tempo de parar para almoçar.

Ela revirou os olhos. —Como sempre.

Tínhamos desenvolvido uma espécie de amizade com o xerife. E Shay interpretou isso como permissão para ser sua mãe. Eu dei a Parker um pequeno aceno com o queixo. —E aí cara. Tudo certo?

Ele deslizou para um banquinho na ilha. —Ocupado, mas bem. Eu só queria vir e verificar e ver como você estava. Mas parece que você está totalmente recuperado.

Contornei o balcão para pegar outro banquinho. —Por muito pouco. Esta é mais rigorosa do que um diretor de prisão.

Shay virou um sanduíche bufando. —Você tenta evitar que alguém desmaie e tenha outra concussão e tudo o que consegue é problema.

Parker deu uma risadinha. —Ele não é o melhor paciente, é?

—O *pior.*

—Ei, — reclamei.

Shay arqueou uma sobrancelha em minha direção. —Você realmente vai discutir esse fato?

Eu me inclinei para trás no banquinho. —Posso estar um pouco impaciente.

Ela bufou enquanto preparava o segundo sanduíche e o entregava a Parker. —O eufemismo do século.

Parker deu uma mordida no queijo grelhado e seus olhos se arregalaram. —Isso é incrível.

—Estou feliz que gostou. — Ela pegou seu próprio sanduíche e se sentou no banquinho ao lado do meu.

Parker tomou um gole da Coca que eu trouxe para ele. —Pedi ao Departamento de Polícia de Seattle para me manter atualizado sobre o seu caso, mas eles não têm muita esperança de encontrar o cara.

—Eu imaginei isso. — Ninguém tinha visto o rosto do assaltante. E ele não tinha conseguido roubar nada, então não era como se meus pertences fossem aparecer em uma loja de penhores. —Estou me recuperando e ninguém mais se machucou. É isso que importa.

—Você ouviu mais alguma coisa sobre os assassinatos? — Shay perguntou baixinho.

Parker balançou a cabeça. —Nada. É como se ele simplesmente tivesse desaparecido.

—Talvez ele tenha terminado, — ela sugeriu.

O rosto de Parker endureceu. —Pessoas assim, com aquele tipo de escuridão nelas, não param de matar. Elas não podem.

O sanduíche azedou em meu estômago. Por mais que eu soubesse que Parker estava certo, queria acreditar que todo o pesadelo havia acabado.

CAPÍTULO 45

Shay

—Tudo bem, senhoras, aproveitem seu banquete.

Jurei que as galinhas cacarejaram em resposta, como se dissessem obrigada. Quanto mais avançávamos na estação da primavera, mais guloseimas eu tinha para elas dos jardins. E me deu uma estranha sensação de satisfação por vencer seus *eus* normalmente irritadiços.

Peguei a cesta de ovos e comecei a voltar para a casa. Eu olhei para a janela do quarto. Nenhuma luz brilhou e eu sorri. Brody não queria admitir, mas ainda estava se recuperando. Ele precisava dormir muito mais do que o normal, e seu apetite também estava maior.

Eu estava fazendo tudo o que podia para garantir que ele recebesse tudo o que precisava. Naquela manhã, eu parecia um personagem de desenho animado, saindo do quarto. Brody ficava mal-humorado toda vez que acordava sem mim, mas não havia como evitar. As galinhas precisavam do café da manhã e Brody precisava descansar.

Abri e fechei a porta da frente o mais silenciosamente possível. Indo para a cozinha, coloquei os ovos no balcão e fui direto para a cafeteira. Eu precisava de uma dose extra de cafeína hoje. Entre cuidar de Brody e garantir que tudo na ilha funcionasse bem, eu estava correndo muito.

Mas seria apenas por mais algumas semanas. Brody era mais ele mesmo a cada dia. Servi uma xícara de café, acrescentei meio a meio e açúcar e deslizei para um banquinho no balcão. Abri a tela do meu laptop e examinei a conta de e-mail secreta que mantive em busca de alertas do Google sobre meu irmão e minha tia. Nada.

Com um suspiro de alívio, eu estava prestes a fechar o computador quando um *ding* soou. Cliquei para abrir o aplicativo de bate-papo que eu e E. usava. Havia uma nova mensagem dela.

Evergreen13: *Você está em casa?*

Foi a pergunta mais bizarra vinda dela. Claro, eu estava em casa. Além de minhas viagens rápidas para as outras ilhas, eu sempre estava em casa. E nunca verifiquei o aplicativo de bate-papo no meu telefone, a conexão não era segura.

Phoenix26: *Estou aqui.*

Evergreen13: *Espero que você esteja falando sério sobre querer que eu vá te visitar...*

Phoenix26: *Você sabe que eu estava. Quando você pode vir?*

Imediatamente comecei a planejar todas as coisas que queria fazer com ela. Pegar os caiaques, fazer observação de baleias. Queria que comêssemos sanduíches no *The General Store* e fôssemos à oficina de Bell no *Second Chances*. Teríamos que fazer um grande churrasco para que ela pudesse conhecer todos os meus amigos.

Evergreen13: *Já estou aqui.*

Eu olhei para o relógio na parede. Não eram nem oito da manhã. A primeira balsa só chegava depois de algumas horas, pelo menos.

Phoenix26: *Você chegou aqui ontem? Por que você não mandou mensagem?*

Algo estava errado. Isso não era nada parecido com E. Ela planejou tudo nos mínimos detalhes.

Evergreen13: *Já era tarde. Eu só fiquei em um pequeno motel em Anchor. Essa é a ilha mais próxima de você, certo?*

Shelter estava um pouco mais perto, e teria sido mais fácil para ela ficar lá em vez de ter que ficar na balsa ainda mais, mas nada disso importava. E estava aqui. Sem aviso. E isso significava que algo estava errado.

Phoenix26: *E, o que está acontecendo? Onde está você? Eu vou te buscar agora mesmo.*

Evergreenl3: *Eu posso caminhar até as docas. É aí que você vem para a cidade, certo?*

Phoenix26: *Estarei aí em vinte minutos.*

Eu me levantei, jogando meu café na pia. Eu precisava pegar meu telefone e as chaves. Inferno, era algo ruim. E. e eu tínhamos nos tornado o porto uma da outra na tempestade anos atrás, compartilhando todas as coisas que não deixamos ninguém entrar. Mas comecei a deixar outros entrarem. Brody, meus amigos. Eu tinha um grande apoio agora. Eu não tinha certeza se esse era o caso de E. Eu poderia ser a única em quem ela confiava.

Evergreenl3: *Obrigada por sempre estar ao meu lado.*

Phoenix26: *Sempre.*

Corri para encontrar um pedaço de papel e caneta. Rabisquei uma nota rápida para Brody, dizendo a ele que tinha ido buscar E. nas docas em Anchor e que estaria de volta em breve. Ele ficaria chateado por eu não o ter acordado, mas eu sabia que Brody não ficaria louco por eu ir para a cidade sozinha. Melhor pedir perdão do que permissão. Eu precisava de algum tempo com E. sozinha antes de fazê-la conhecer um estranho quando ela obviamente estava passando por alguma coisa.

Coloquei o bilhete ao lado da cafeteira, onde ele certamente o veria, e me dirigi para a porta da frente. Desci a trilha o mais rápido possível, tentando não tropeçar nas raízes ou pedras. Assim que cheguei ao cais, percebi meu erro. Não havia como chegar ao barco sem sinalizar o alerta vinculado ao telefone de Brody.

Murmurei uma maldição, mas corri para o barco mesmo assim. Eu simplesmente teria que me mover rapidamente. Desamarrei as cordas e pulei a bordo. Liguei o motor e me afastei da doca. Com sorte, Brody não ficaria muito bravo.

Guiei o barco para longe do porto e em direção a águas abertas e Anchor. Ganhando velocidade, manobrei o barco por canais familiares. O vento batia no meu cabelo em volta do meu rosto e rugiu em meus ouvidos. O cheiro do mar não me acalmou como de costume. Eu estava muito preocupada com E. e nervosa sobre o quão chateado Brody ficaria.

Eu não ouvi nada. Não até que o metal frio empurrou minha parte inferior das costas.

—Continue dirigindo. Olhe para a frente. Não mova um músculo.

Tudo em mim congelou. Meus músculos estavam tão tensos que deveriam ter quebrado. —Oq-o quê?

—Continue dirigindo.

A voz era tão familiar. Alcancei fundo em minha mente, tentando localizá-lo. Mas antes que eu pudesse, algo afiado picou meu pescoço. Tentei rebatê-lo, perdendo o controle sobre o volante. Eu deveria ter ido pelo rádio em vez disso, tentado ligar um pedido de socorro. Mas braços fortes me envolveram, interrompendo meus movimentos.

Em segundos, me senti lenta como se cada um dos meus membros pesasse cinquenta quilos. —Não... Brody...

Seu nome foi a palavra final em meus lábios antes que eu caísse, e nada além de um mar de escuridão me cercasse.

CAPÍTULO 46

Brody

O bipe vindo do meu telefone me tirou do meu sono profundo. Eu gemi enquanto rolei, dando um tapinha na mesa de cabeceira em busca do dispositivo. Meus dedos se fecharam em torno do retângulo frio, e eu o trouxe para o meu rosto para ver quem diabos estava interrompendo o sonho incrível que eu estava tendo.

O alerta veio de nossas câmeras do cais. Peguei o transmissor, esperando ver nossa amiguinha foca usando a doca como seu próprio local de banho de sol novamente. Em vez disso, vi Shay se afastando no barco.

Sentei-me ereto, instantaneamente acordado e alerta. *Que diabos?* Eu balancei minhas pernas para o lado da cama, correndo para colocar meu jeans e uma camiseta. Tentei o celular dela, sabendo que provavelmente era um esforço inútil. Não havia serviço na água.

Corri escada abaixo para encontrar o laptop de Shay ainda aberto, uma xícara de café na pia e uma cesta de ovos na mesa da cozinha. Shay nunca deixou um espaço em qualquer tipo de desordem. Tudo voltava ao seu lugar imediatamente após o uso.

Eu examinei a cozinha, procurando por qualquer outra coisa fora do lugar. Meu olhar captou uma nota da cafeteira. Eu cruzei para lá em quatro longas passadas. Pegando-o, li rapidamente e amaldiçoei. Por que ela não me acordou? Eu teria ido com ela.

Deve ter sido urgente para Shay ter partido como saiu. Mas algo no meu interior não estava bem. Abri meu aplicativo de mensagens e digitei uma mensagem.

Eu: *Ei, Caelyn. Você vai abrir a loja hoje?*

Em segundos, tive uma resposta.

Caelyn: *Eu estou. Estaremos abertos às nove. Você precisa de algo?*

Shay ficaria puta da vida comigo, mas não me importei muito no momento.

Eu: *Shay saiu para buscar um amigo no cais antes de eu acordar. Você pode ficar de olho e me avisar se a vir?*

Caelyn: *Estou nas docas agora, esperando por nossa* coleta de *frutos do mar para o dia. Não a vejo ainda. Quando ela saiu?*

Eu olhei a hora no meu telefone. Passaram-se apenas dez minutos desde que ela saiu, e demora de quinze a vinte minutos para chegar às docas.

Eu: *Ela deve estar lá cinco para dez.*

Caelyn: *Estarei alerta. E com certeza direi a ela como ela tem um namorado preocupando e que vou pegar leve com você.*

Eu queria sorrir para o meu telefone, mas algo parecia errado e eu não conseguia me livrar disso. Talvez fosse simplesmente porque esta foi a primeira vez em semanas que estivemos separados. Ou por causa do aviso de Parker ontem de que o assassino não foi encontrado. A combinação provavelmente estava bagunçando minha cabeça.

Eu: *Eu realmente agradeço.*

Obriguei-me a passar os próximos minutos na normalidade. Lavei a xícara de Shay e coloquei na lava-louças, fiz uma xícara de café para mim e coloquei os ovos em seu local adequado de descanso. Mas quando terminei, ainda estava esperando meu telefone tocar.

Eu sentei em um banquinho na frente do laptop de Shay, sabendo que o que eu estava prestes a fazer era uma violação de sua privacidade. Eu me desculparia mais tarde. Toquei uma tecla e a tela ganhou vida. Soltei um suspiro de alívio quando não exigiu uma senha.

Uma janela de bate-papo foi aberta. Uma conversa entre ela e alguém chamado Evergreenl3, sua amiga, E. Ao ler as mensagens, meu

estômago apertou. Talvez sua amiga realmente estivesse em apuros, mas parecia que alguém estava tentando tirar Shay da ilha e de mim.

Eu: *Algum sinal?*

Caelyn: *Ainda não. Está tudo bem?*

Eu fui um idiota por preocupar Caelyn depois de tudo que ela passou, mas não pude evitar a sensação profunda e inquietante de que algo estava errado. Antes que eu pudesse digitar uma resposta, meu telefone tocou. Vendo o nome de Caelyn na tela, aceitei a chamada.

—Você a vê?

—Nenhum sinal dela, e agora você me deixou total e completamente apavorada.

Eu esfreguei a mão no queixo. —Eu sinto muito. Algo parece errado. Como se esta amiga estivesse tentando atrair Shay para longe da ilha por algum motivo.

Eu examinei a tela novamente e congelei. Em uma pequena coluna à esquerda do aplicativo de mensagens, havia um histórico de conversas. Pelo menos meia dúzia de chats visíveis na janela de histórico. Eles estavam todos com a mesma pessoa... até seu bate-papo mais recente. À primeira vista, parecia o mesmo, mas quando todos os nomes de tela estavam alinhados, você podia ver a ligeira diferença. A maioria das conversas foi com Evergreen13, mas a desta manhã foi com Evergreenl3. Alguém criou um novo nome e substituiu o número um pela letra *l*.

Meu peito apertou. —Caelyn, eu tenho que ir. Eu preciso ligar para Parker. Ligue-me se vir o barco ou qualquer sinal de Shay. Se você a vir, não a perca de vista. Eu vou explicar mais tarde.

—Espere, Brody-

Desliguei antes que ela pudesse continuar e liguei para Parker imediatamente. Alguém estava atrás de Shay.

* * *

Andei de um lado para o outro na frente da ilha. —Nós temos que fazer alguma coisa.

O queixo de Parker se mexeu. —Estamos fazendo tudo o que podemos. Todos os oficiais da nossa folha de pagamento estão procurando Shay e o barco. Nós a encontraremos.

Mas seria em breve? Meu interior torceu quando as imagens de cadáveres encheram minha mente. Os que foram esculpidos e exibidos para se parecerem exatamente com as minhas pinturas. Não pude deixar de imaginar Shay da mesma forma. A bile subiu pela minha garganta e eu a engoli novamente.

Uma mão caiu com força no meu ombro. —Você tem que se controlar. Perder a cabeça não vai ajudar você ou Shay.

Eu dei um aceno brusco na direção de Griffin. —Estou tentando.

—Eu conheço esse tipo de medo. Isso te devora, mas você tem que manter a cabeça limpa.

Eu estava fazendo tudo que podia para manter meu último fio de sanidade. Para não destruir esta cozinha. Mas já haviam se passado duas horas. Parker e seus ajudantes desceram em Harbor em uma leva, procurando por qualquer pista que pudessem encontrar. Um técnico estava vasculhando o laptop de Shay, tentando rastrear o novo nome de tela. Mas até agora, sem sorte.

Parker verificou seu telefone pela centésima vez. —Você está com seu laptop aqui?

Eu concordei. —Está na sala.

—Pegue para mim. Quero dar uma olhada em suas filmagens de segurança. Veja se podemos localizar alguém à espreita.

Corri para pegar o computador, mas não conseguia imaginar que seria de muita ajuda. Seria difícil manter os olhos em Shay ou em mim. As florestas que cercavam os edifícios em Harbor tornariam quase impossível para alguém ver através.

Coloquei o computador no balcão e abri o aplicativo da câmera. — Quais visualizações você quer?

Parker veio ao meu lado. —Vamos começar com a câmera voltada para a água.

Havia três visualizações de nossas câmeras do cais. Uma voltada para a água, uma voltada para a trilha que conduzia de e para o cais e uma do próprio cais que estava ligado a um alerta. Eu puxei a vista da água.

—Aqui estão, retroceder, avançar e parar, — eu disse, mostrando a Parker todos os botões de que ele precisaria.

Ele sentou no banquinho e começou a rebobinar a gravação rapidamente. Eu esfreguei a mão para frente e para trás no meu rosto, onde uma dor começou a se formar. Depois de um minuto, Parker bateu com o dedo na tecla de parar.

Eu me inclinei mais perto. —O que é? O que você viu?

—Não tenho certeza. — Ele começou a gravação novamente, desta vez em uma velocidade normal. Griffin se aproximou para ver o que estávamos olhando. —Merda, — Parker murmurou.

Observei uma figura emergir da água e entrar no barco. O homem tirou uma roupa de mergulho e abriu um saco impermeável para vestir a roupa. Ele jogou o resto de seu equipamento ao mar e então entrou para a grande caixa de armazenamento na parte de trás do barco.

O vômito subiu pela minha garganta. Alguém estava no barco, apenas esperando por Shay. E agora, ele a tinha.

—Você o reconhece? — Parker perguntou.

Eu balancei minha cabeça. —Está escuro e a vista é muito distante. — Pode ter sido qualquer um.

—Xerife, — um policial chamou. —Encontramos o barco. E tem sangue.

CAPÍTULO 47

Shay

Eu gemi enquanto rolava. Minha boca estava seca como um deserto, minha língua como uma lixa amarga. Pisquei algumas vezes, tentando limpar o borrão da minha visão. O pequeno movimento fez minha cabeça latejar. Eu me senti como uma cena de um daqueles filmes quando alguém tem sua primeira ressaca, mas não me lembrava de ter bebido. Eu nunca tive uma daquelas noites de excesso de indulgência. Sempre fui muito cuidadosa e cautelosa.

Tentei piscar novamente. Desta vez, não foi tão doloroso. Conforme as coisas entraram em foco ao meu redor, minha frequência cardíaca acelerou. Eu não estava no quarto de Brody ou na casa de hóspedes. Meus arredores eram completamente desconhecidos.

Tentei me levantar da cama para ter uma visão melhor, mas a corda nos meus pulsos e tornozelos me pegaram. Um cordão de plástico cortava meus pulsos e segurava minhas pernas juntas vestidas com jeans. Meu estômago apertou. Com preocupação ou falta de comida e água, eu não tinha certeza.

Usei um cotovelo para me colocar sentada, mas o movimento foi estranho. Minha cabeça girava e latejava, e temia vomitar o pouco que tinha na barriga. Fechei meus olhos e respirei fundo várias vezes. Inspire pelo nariz e expire pela boca.

Quando meu estômago se acalmou, abri os olhos. Paredes ásperas de madeira que viram dias melhores me cumprimentaram. Teias de aranha encheram os cantos e poeira cobriu as superfícies. As cortinas estavam penduradas em um ângulo aleatório, como se alguém tivesse tentado puxá-las para baixo e falhado.

Eu vasculhei meu cérebro em busca de qualquer coisa remotamente familiar sobre o espaço, mas não havia nada. Testei as amarras em volta dos tornozelos, tentando separá-las, mas não tive sorte. Eu sabia que poderia sair daquelas em volta dos meus pulsos, mas doeria como uma cadela.

Quando estava prestes a fazer uma tentativa, congelei. Eu precisava me lembrar primeiro. Qual foi a última coisa em minha mente? Doeu meu cérebro tentar vasculhar minhas memórias. Recolher os ovos. Voltando para a casa principal. Meu bate-papo com Evergreen.

Eu acalmei. Ela me pediu para ir a Anchor para buscá-la. Não. Ela não poderia estar envolvida nisso. Meu estômago embrulhou. E se alguém a tivesse machucado? Roubou seu computador. Meu cérebro voou através das possibilidades, cada uma pior do que a anterior.

Cravei minhas unhas nas costas das minhas mãos entrelaçadas. Eu tive que parar. Nenhum dos —e se— me ajudaria agora. O quem e o como não importavam se eu não pudesse sair daqui. Fiquei quieta por um momento, tentando ouvir qualquer indício de som. Não havia nada, apenas o som do vento contra as venezianas soltas.

Levantei-me lentamente, tentando o meu melhor manter o equilíbrio com os pés amarrados. Assim que cheguei lá, eu estendi meus braços na minha frente, rezando para que tudo que eu aprendi naquela aula de autodefesa funcionasse como o instrutor havia prometido. Eu estudei a cabeça da lingueta nos laços zip. Parecia minúsculo e insignificante, mas eu sabia que era muito mais forte do que parecia.

Fechei meus olhos e me preparei. O movimento precisava ser forte e rápido o suficiente para eu conseguir na primeira tentativa. Respirei fundo e abaixei meus braços com o máximo de força que pude reunir.

Foi o suficiente para me fazer desabar de joelhos em um ataque de tosse. Mas minhas mãos estavam livres. Eu me segurei contra o chão, desejando que minha respiração ficasse sob controle. Engoli a segunda

rodada de tosses que queria vir à tona. Silêncio e surpresa eram as únicas ferramentas em meu arsenal.

Eu cuidadosamente me levantei e pulei para a pequena cozinha da cabana. Abri gaveta após gaveta. Tudo que eu precisava era uma faca ou uma tesoura ou - eu parei. Eu vi um único conjunto de talheres. A faca não era afiada, mas tinha uma ponta ligeiramente serrilhada.

Eu o agarrei e o garfo e manquei de volta para a cama mofada. Sentando-me, levantei meus pés e comecei a trabalhar. Serrei até que o suor salpicasse minha testa e tive certeza de que vomitaria. Eu só fiz isso na metade da largura da amarra de plástico.

Deitei na cama, tentando recuperar o fôlego. —Vamos, Shay. Você consegue fazer isso. Não deixe esse idiota vencer. — Quando comecei a me sentar, meu olhar se fixou na estrutura de madeira da cama. O poste no final parecia surpreendentemente robusta.

Enganchei minhas pernas em volta do poste e testei sua resistência. Não parecia estar indo a lugar nenhum. Tentei algumas posições diferentes com puxões suaves, tentando ver qual seria o meu melhor ângulo. Para baixo e para trás parecia a minha melhor aposta. Fechei os olhos, me preparando mais uma vez e puxei com toda a minha força.

Eu abafei meu grito de dor com minhas mãos. Parecia que quase amputara meus pés e ainda não estava livre. Inclinando-me para a frente para verificar o cordão, vi que minha dor não tinha sido completamente em vão. Eu estava quase lá.

Eu deitei na cama novamente enquanto ondas de náusea me dominavam. —Mais um. Você consegue fazer isso. — Eu me movi antes que pudesse dar ao meu cérebro um segundo para recuar. Um puxão forte e minhas pernas se soltaram.

Algumas lágrimas perdidas vazaram do canto dos meus olhos. Eu rapidamente os limpei. Se eu soltasse minhas emoções agora, nunca

ficaria sob controle. Eu balancei minhas pernas e me sentei na cama. Só um minuto para respirar, para me acalmar. Então eu correria.

Eu escutei atentamente novamente. Ainda nada além do vento. Levantei-me e lentamente e caminhei até a porta, meu garfo na mão. Não era uma faca, mas ainda assim poderia arrancar o olho de alguém.

Quando eu estava a poucos passos da porta, ela se abriu, batendo contra a parede. Uma figura preencheu o quadro, o sol brilhando por trás. Mas não consegui distinguir uma identidade, apenas que era masculina. —Sabe, você tem sido uma verdadeira vadia de se encontrar.

O homem deu dois passos à frente e seu rosto entrou em foco. Meu estômago se revirou. —Sam? — A única palavra saiu com um grasnido. — Oo que você está fazendo aqui?

—O que você acha? É hora de se divertir um pouco, não acha?

Minha cabeça girou conforme a náusea se intensificou. A escuridão em Sam não estava mais cuidadosamente disfarçada. Em vez disso, saiu dele em ondas. Minha mão apertou o garfo, o metal mordendo minha pele. Só havia uma maneira de ele me deixar ir, e era se fosse do seu interesse. —Isso não é inteligente, Sam. Pensa. Você é a primeira pessoa que eles procuram quando Brody não consegue me encontrar. Deixe-me ir agora, e você terá uma vantagem—

Sua risada sombria me cortou. —Você realmente acha que sou só eu? Que eu não tive ajuda?

Outra figura apareceu na porta e ergueu um telefone. —É tão divertido ver você lutar. E pensar que você estava progredindo quando, na verdade, tenho sua vida em minhas mãos. Eu tinha esquecido o quanto gostava de ver você se machucar tentando se libertar. É como o baú, só que melhor. Você não acha?

O ar estremeceu em meus pulmões, desaparecendo como se eu não tivesse respirado nada. Como? Isso não podia ser real. —MM-Michael?

Ele entrou na cabana, uma arma apontada para minha cabeça. — Olá, irmã mais velha. Você está com saudades de mim?

CAPÍTULO 48

Brody

Quando o xerife disse sangue, tudo em mim desligou. Nada existia, exceto o medo furioso correndo por mim. Shay estava ferida. Ou pior. Essas imagens feias e distorcidas encheram minha mente instantaneamente.

Fiz o que pude para bloquear tudo. Para desligar todos os sentimentos e simplesmente ficar entorpecido. Parker queria que eu ficasse em Harbor, mas isso não estava acontecendo. Eu pulei no barco de Griffin com ele e fomos até onde os policiais encontraram o barco.

O barco estava estacionado em um pequeno cais público perto de uma das praias menos conhecidas. Não tínhamos permissão para estacionar no cais em si, então Griffin deslizou o barco o mais longe possível até a costa arenosa. Sem dizer uma palavra, nós dois tiramos os sapatos e arregaçamos os jeans, dando um salto o mais perto possível da costa.

Assim que pousei, caminhei em direção ao encontro de oficiais do departamento do xerife. Parker ergueu a mão quando cheguei ao cais. — Esta é uma cena de crime. Eu não posso deixar você entrar.

—Eu preciso saber o que você encontrou. — Minha voz soou extremamente calma, o entorpecimento infiltrando-se em meu tom. Mas, na realidade, um fogo assolou os músculos e tendões, um inferno que me queimaria vivo se Shay não estivesse bem.

—Havia apenas algumas gotas e manchas de sangue no barco. Não o suficiente para sugerir ferimentos graves— disse Parker

Todo o ar em meus pulmões saiu com um único sopro. Ela estava bem. —O que isso significa? Se a ideia desse monstro fosse matá-la, ele já teria feito isso, certo?

—Eu honestamente não tenho certeza. Mas isso é um bom sinal. Ele a está mantendo viva por uma razão. E seja qual for o motivo, está nos dando tempo.

Mas quanto tempo nós temos? Eu me virei, examinando a praia e os arredores. Existem alguns lugares em que ele pode estar a mantendo, mas não muitos.

Parker me nivelou com um olhar. —Tenho oficiais revistando a área. Eu preciso que você vá com Griffin. Pegue um pouco de comida e espere minha ligação. Nós a encontraremos.

Eu abri minha boca para discutir, mas a mão de Griffin pousou no meu ombro e apertou com força. —Eu estarei com ele, Parker.

—Obrigado. Iremos atualizá-lo assim que soubermos de alguma coisa.

Griffin me conduziu em direção a uma estrada que saía da praia. Eu encolhi os ombros saindo da sua mão. —Que diabos? Eu preciso saber o que está acontecendo.

Griffin entrou no caminho. —Olha em volta. Quem fez isso não a está mantendo aqui. Ele provavelmente a colocou em um carro no estacionamento e dirigiu para outro lugar.

Minha caixa torácica se contraiu com as imagens que inundaram minha mente, cortando minha capacidade de respirar fundo. Shay, jogado no porta-malas de algum carro, machucada, assustada e sozinha. Griffin agarrou meus ombros novamente. —Fique calmo. Ford está a caminho. Nós vamos encontrá-la.

Eu encontrei o olhar de Griffin. —Você não está tentando me fazer ficar parado?

Ele grunhiu. —De jeito nenhum. Eu nunca faria isso, e não espero que você seja diferente.

Um SUV de luxo parou ao lado da estrada e uma janela baixou. — Entre.

Eu subi no lado do passageiro do SUV e me virei para a Ford. — Obrigado.

—Claro. As meninas estão ligando para todos que conhecemos para ajudar na busca ou para dizer-lhes que fiquem de olho em qualquer atividade suspeita. Crosby vai fazer alguns panfletos com a foto de Shay.

Eu nem sabia como elas tinham uma foto de Shay. Eu não tenho uma. Nem uma única foto dela ou de nós dois juntos, marcando as memórias que tínhamos feito. Tudo que eu tinha eram dezenas de pinturas. Mas isso não era o suficiente realista. Então, novamente, nem era uma foto. Nada chegou perto da coisa real. As curvas de seu corpo, a sensação de sua pele, aquele perfume de lavanda que sempre se apegou a ela.

—Onde está Hunter? — Griffin perguntou enquanto colocava o cinto de segurança.

Ford saiu para a estrada. —Ele não me ligou de volta ainda. Ele ia dar uma olhada no resort que está pensando em comprar, e você sabe como é o serviço por lá.

—Merda, justo em um bom dia, — Griffin murmurou.

Meu olhar saltou ao redor enquanto dirigíamos. Como se eu pudesse avistar Shay descendo a rua e tudo isso fosse um erro terrível. —Para onde vamos primeiro?

Ford entrou em uma estrada que saía da cidade. —Algumas áreas são conhecidas por terem muitas casas de aluguéis. Parece o lugar mais provável para manter alguém. Mas ele precisa ter privacidade. Então, vamos nos concentrar nos lugares com alguma área cultivada.

Ele já tinha pensado nisso. Enquanto minha mente estava girando, Ford pensava logicamente. —Obrigado. Eu nunca vou ser capaz de retribuir—

—Nós também nos preocupamos com ela, — interrompeu Ford. — Vocês são parte da família agora. Faríamos qualquer coisa por vocês.

Minha garganta queimou, mas consegui acenar com a cabeça.

Griffin se inclinou para frente em seu assento. —Você tem sua Glock?

Ford acenou com a cabeça. —Melhor prevenir do que remediar.

—Bom. Devemos parar na minha casa para que eu possa pegar algo também.

Ford fez outra curva, levando-nos por uma estrada cercada por campos ondulados. —Sua casa é entre a casa um e dois, podemos parar então.

Eu olhei para trás e para frente entre os dois. Eu nunca segurei uma arma na minha vida, mas não iria reclamar sobre eles estarem armados. Quem sabia o que enfrentaríamos quando encontrarmos Shay?

O toque de um telefone soou nos alto-falantes do carro. Ford apertou um botão em seu volante. —Hunter, onde você está?

A linha parecia crepitar, mas podíamos apenas entender as palavras de Hunter. —Estou no antigo resort. Alguém esteve aqui.

Meu corpo travou. —O que você vê?

—Estou longe, mas há um SUV. Dois caras andando de um lado para o outro e conversando. Um deles parece que está assistindo algo em seu telefone.

—Você pode dar uma olhada melhor? — Griffin perguntou.

—Pode ser.

—Tenha cuidado, — advertiu Ford. —Se você for morto, Bell vai ficar muito chateada.

Peguei meu celular. —Estou mandando uma mensagem para Parker, apenas no caso de isso ser alguma coisa. — Meus dedos voaram pela tela.

Em segundos, meu telefone tocou. Eu clico em aceitar. —Você está enviando alguém?

—Estou a caminho com oficial. Onde diabos você está? — Parker gritou.

—Também estamos a caminho. Hunter já está lá. Ele está tentando ter uma visão de dentro da cabana.

Parker deixou uma série de maldições voar. —Diga a ele para recuar. Ele está desarmado. Estamos a dez minutos.

Mas qualquer coisa pode acontecer em dez minutos. Incluindo perder a pessoa que significava o mundo para mim. —Nos vemos em breve. — Eu desliguei. —Parker está a caminho.

A respiração soou na linha telefônica, mas nada mais pôde ser ouvido além do vento. — Estou chegando por trás, há uma pequena cobertura de árvores aqui, - Hunter sussurrou. —Não tenho certeza se serei capaz de obter uma linha de visão. —— Suas palavras foram interrompidas por um breve momento. —Inferno, é Sam. Ele está com Shay. E tem outro cara com uma arma.

CAPÍTULO 49

Shay

Tudo em mim estava bloqueado. Músculos e mente congelados em choque. Isso não podia ser real. Deve ser algum tipo de pesadelo horrível. Eu só precisava acordar. Assim que a consciência aumentasse, eu estaria segura nos braços de Brody em vez de olhar para o cano de uma arma.

—O gato comeu sua língua, *Sissy*? — Michael perguntou, inclinando a cabeça e a arma para o lado.

—Como? — Foi a única palavra que consegui dizer. Mas eu fiz o meu melhor para evitar que minha voz tremesse, para não mostrar ao meu irmão o medo que sentia quando meu olhar saltava entre os dois homens.

Michael fez um beicinho falso. —Sem abraço? Não, ' *Senti sua falta?*'

Parte de mim *sentia* falta dele. Queria jogar meus braços em volta dele e chorar pelo irmão que eu só tive vislumbres de crescer. Aquele que brincou comigo e me ajudou a convencer mamãe e papai a nos deixar ficarmos acordados até tarde para assistir a um filme e tomar sorvete. Mas aqueles lampejos de um irmão verdadeiro morreram junto com meus pais. O homem na minha frente era um estranho.

Sam se encostou no balcão, sorrindo. —Ela não parece que sentiu sua falta.

—Não, ela não sentiu. — Michael abaixou a arma para que ela descansasse ao seu lado. —Mas eu sei a verdade. No fundo, ela sente. Ela não sabe viver sem mim.

Eu encontrei seu olhar mortal, inabalável, não deixando transparecer o golpe que suas palavras proferiram. —Como vocês dois se encontraram?

Sam se afastou do balcão e se aproximou de mim. —Aquele inferno de Instituição de tratamento aceita todos os tipos. E a maioria de nós é libertado quando completamos dezoito anos.

—Mas Parker trouxe você para interrogatório. Pesquisou sobre você.

Ele encolheu os ombros. —Registro juvenil. É útil ter pais que podem pagar um advogado caro para manter as coisas lacradas.

Eu estudei Sam, tentando juntar as peças. Ele parecia mais próximo da minha idade do que da de Michael. Sam olhou em minha direção, seus olhos vagando pelo meu corpo. — Devo parecer familiar, Shay. Há anos que estou de olho em você. Eu sabia que você estava pensando em se mudar para cá antes mesmo de contar à boa e velha tia Georgie.

A bile subiu pela minha garganta. A ideia de Sam me observando por tantos anos me deixou doente. O fato de nunca ter me lembrado de tê-lo visto. Eu queria limpar minha pele. —Por que você faria isso? — Ele ficou em silêncio, mas entendeu.

—Seu irmão me salvou. Me ajudou quando algum criminoso tentou me golpear. Digamos que nos tornamos uma equipe depois disso.

Michael deu um passo à frente. —Você realmente achou que eu te deixaria em paz? Não se importaria com o que acontecesse com você?

Eu lutei contra o arrepio com suas palavras. Se ele não tivesse uma arma na mão agora, ele quase soaria como um irmão preocupado. Mas eu pude ouvir a verdade. A única pessoa a quem pertencia era ele. E o que ele queria mais do que tudo era minha dor.

—Eu superei meu medo de água só por você. Você não está orgulhosa de mim, *Sissy*? Eu disse aos médicos que seria bom para o meu desenvolvimento se eles me ajudassem a enfrentar esse medo. — Ele soltou uma gargalhada. —Aqueles idiotas me levaram para uma piscina. — Ele sorriu para mim, batendo a arma contra o balcão. —Vou dar-lhes o crédito, no entanto. Eles me ajudaram a superar o medo.

Eu deveria saber que a necessidade de Michael de me ver sofrer superaria qualquer um de seus medos, qualquer obstáculo em seu caminho. Mas eu queria acreditar que construí um porto seguro em Harbor - com Brody. Que nada da feiura e da dor do meu passado pudesse me alcançar lá. Eu estava errada.

Michael balançou a cabeça. —Você realmente achou que poderia se esconder de mim nesta ilha esquecida por Deus? Vou te dar pontos por tentar, mas, honestamente, a tentativa foi muito patética.

Fiz tudo o que pude para manter meu rosto uma máscara em branco. Para não dar a ele qualquer reação.

—Sam tem me mantido atualizado o tempo todo. Foi muita sorte que ele encontrou a equipe que construiu o estúdio para o seu namorado. — Sua expressão escureceu quando ele olhou para Sam. —Mas ele ficou muito ansioso.

O rosto de Sam ficou vermelho. —Como eu poderia saber que ela teria um colapso quando eu apenas falei com ela?

Sam claramente não tinha contado a Michael toda a história. Mas antes de abrir minha boca para compartilhar o que realmente aconteceu, eu precisava sentir melhor o relacionamento deles. Eles eram irmãos de armas, mas também havia tensão. Eu precisava que isso funcionasse a meu favor.

—Eu te disse, ela é delicada, minha irmã mais velha.

Não mais. Tudo o que Michael me fez passar me endureceu. Ele só não sabia ainda.

—Foi realmente imprudente da sua parte tocar naquele bar. Sam me enviou um vídeo. Seu jeito de tocar não é tão bom quanto costumava ser.

Memórias batendo em meu cérebro. Todas as vezes que Michael me matou. Apontou todas as deficiências e falhas. Fiquei olhando para a frente. —Eu toco para mim. Ninguém mais.

Ele zombou. —É isso que os medíocres usam como desculpa. Você costumava ser talentosa. Teve tanta promessa. Por que você desistiu de tudo? Hmmm? O violino foi arruinado para você depois daquela noite?

Eu deixei meus olhos fecharem por um momento, tentando empurrar de volta o ataque de imagens lutando para passar.

—Você desistiu de muito depois. É apenas apropriado. Você nunca deveria viver. E você fez um ótimo trabalho fingindo de morta por anos.

Cada palavra me atingiu como um golpe físico. Não porque fossem cruéis, mas porque eram verdadeiras. Eu me segurei por tanto tempo, pensando que me tornar invisível era a única solução. —Eu não estou mais fazendo isso.

Michael fez uma careta na minha direção. —Você não deveria ter sido tão descuidada. Todas essas pessoas a tornaram fraca. Deixou você bem aberta. Como você acha que eu tirei você daquela ilha? Fingindo ser um de seus *amiguinhos.*

Fiquei em silêncio, mantendo meu olhar sobre ele, mas também tentando fazer a varredura da sala. Tudo o que eu tinha era o garfo preso com força na minha mão. Uma peça de prata não era páreo para uma bala e dois homens muito maiores do que eu.

—Você sabe que é por isso que eu tive que punir você. Mas você nunca ouve meus avisos.

—Por que tivemos que a punir, — Sam o corrigiu.

O maxilar de Michael mexeu, mas ele acenou com a cabeça para Sam. —Claro. Temos mantido todos esses caipiras locais perseguindo seus rabos, tentando encontrar um assassino que esteja bem debaixo de seus narizes.

Meu estômago embrulhou, ácido subindo pela minha garganta. — Você tinha um álibi para cada crime. Como?

Michael sorriu. —Bingo! Ela finalmente entendeu. Alguém dê um prêmio a essa garota. É realmente fascinante que você se apaixonou por alguém cujo passado é quase tão sombrio quanto o seu. E o homem que eles condenaram em Nova York? Ele realmente foi útil para garantir que acertamos os detalhes.

—Você realmente acha que seu irmão não poderia falsificar algumas imagens de vídeo? Achei que você o conhecesse melhor do que isso.

Eu deveria ter conhecido melhor. Mas mesmo com tanta energia quanto eu coloquei para me proteger, eu baixei minha guarda.

Sam sorriu para Michael. —Nós combinamos tudo o que precisávamos. Uma vez que cada um de nós tinha pelo menos um álibi, o resto foi fácil.

—Por que? — Eu resmunguei. Tantas pessoas. E sem motivo.

Michael puxou uma faca de uma bainha ao seu lado, seus olhos se estreitando. —Por que? Porque você é uma vadia sem coração que me abandonou quando mais precisei de você. Você sabia que eles planejavam me mandar embora. Mas você me avisou? Não. Você apenas iria deixá-los fazer isso.

Meu olhar ficou focado na faca, o brilho do metal ao sol. Eu engoli em seco. —Porque você precisava de ajuda. Eles estavam tentando te deixar bem.

—Eles estavam tentando se livrar de mim! — Ele gritou. —E você ia deixar. Nunca tive nenhum de vocês do meu lado. Tive que lutar por cada centímetro de atenção. Você sabe como é?

Eu sabia. Porque por mais maravilhosos que meus pais fossem, eles se concentraram em Michael. Eles estavam apavorados com o filho e com o que ele estava se transformando. E em algum lugar ao longo do caminho, eu caí no esquecimento. Eles não tinham intenção, e eu sabia que eles me amavam. Mas não fui eu quem gritou. Eu estava simplesmente tentando não me afogar. —Eu sei.

Michael se lançou para frente, parando a poucos metros de mim. — Você não sabe! Eu sei! Você foi amada. Eu era odiada.

—Pare, — Sam ordenou. —Eu quero me divertir primeiro. — Ele cortou Michael e me agarrou pela garganta. —Esta cadela está me provocando há anos.

Meus olhos lacrimejaram enquanto eu arranhava o braço de Sam, minha arma improvisada caindo no chão. Eu deixei o instinto o assumir o controle. Minhas mãos se moveram para tirar sua mão e então meu joelho se levantou em um movimento impressionante enquanto puxei sua cabeça para baixo. Eu ouvi um estalo alto e senti o nariz de Sam quebrar.

—Sua puta! Eu vou te matar.

Assim que Sam se aproximou de mim, outro som perfurou o ar. Este mais alto. Sam simplesmente estava lá por um momento, e então ele não estava. Meus olhos tentaram calcular o corpo no chão. O som gorgolejante enquanto ele sangrava, segurando a garganta.

— Droga, Shay. Ele deveria ser o meu bode expiatório. Vou ter que bolar outro plano agora.

—V-me deixe ir. Por favor.

Ele me deu um sorriso um pouco selvagem. —Agora, por que eu faria isso? A diversão está apenas começando.

Uma figura colidiu com a porta, derrubando Michael em um ataque. Foi um borrão de membros e xingamentos e levei um momento para perceber que a figura era Hunter. —Corra, Shay! — Ele chamou. Mas não consegui. Não iria deixá-lo com meu irmão.

A faca caiu no chão e eu corri para pegá-la, minha cabeça latejando com o movimento. Tentei alcançar meu irmão para afastá-lo de Hunter, mas era tarde demais. Um ruído alto cortou o ar e Hunter desabou, rolando de costas, o sangue brotando em seu peito.

Não. Não. Não. Eu caí de joelhos. —Hunter. Fale comigo. — Eu rapidamente tirei minha camisa de flanela, mantendo a faca entre o corpo de Hunter e o meu.

Seus olhos tremularam. —Corre.

Pressionei uma mão contra seu ferimento e segurei a faca com a outra. Apontei a faca para Michael. —Saia daqui. A polícia estará a caminho.

Ele apontou a arma para mim. —Não, irmã mais velha. É hora do nosso jogo.

CAPÍTULO 50

Shay

Ele tinha perdido toda a aparência de razão. Eu sabia que Hunter não teria vindo aqui sem ligar para o departamento do xerife primeiro. Eles tinham que seguir seu caminho. *Mas eles poderiam não ser rápidos o suficiente,* uma vozinha sussurrou em minha cabeça. Porque se Parker estivesse a apenas alguns minutos de distância, Hunter não teria vindo aqui como veio.

—Levante-se, — Michael ordenou.

Eu balancei minha cabeça freneticamente. —Ele vai morrer se eu não mantiver a pressão sobre seu ferimento. — Eu não seria o motivo pelo qual Hunter morreria. Nem mesmo se meu irmão atirasse em mim também.

Ele apontou a arma para a cabeça de Hunter. —Levante-se ou eu colocarei uma bala em seu cérebro. Então nenhum médico poderá salvá-lo. Pelo menos assim, ele tem uma chance.

Fechei meus olhos enquanto meus braços tremiam. Não havia boas escolhas neste cenário. E nada cerca de uma dúzia de aulas de autodefesa que eu fiz poderia me ajudar agora. Fiz uma oração silenciosa para que Hunter continuasse respirando até que a ajuda chegasse. Então, lentamente, liberei a pressão em seu ferimento. O sangue encharcou a camisa e minha palma estava coberta com a substância vermelho-escura.

Os olhos de Michael pareciam brilhar quando ele viu a cena. —Não tenho certeza se o sangue vai sair de suas mãos. Assim como todo o sangue antes disso.

A raiva, rápida e quente, fluiu por mim. Tudo o que ele já tinha tirado de mim não era suficiente? Meus pais. Minha vida como eu a

conhecia. Qualquer esperança de um futuro normal. Não, não era. Nada seria suficiente para Michael. Não até que eu estivesse completamente destruída. Mas e então? Ele estaria total e completamente sozinho. Talvez fosse isso que ele queria o tempo todo.

Eu encarei o homem que era monstro e irmão e deixei minha raiva transparecer em meus olhos e expressão. Eu o deixei fluir livre e sem controle. —E agora?

Michael se endireitou. —Sim, aproveite essa raiva. É uma sensação boa, não é? Nunca entendi por que você não se permitiu ir lá quando criança. É muito mais divertido não se preocupar com o que o mundo vê como certo e errado.

Suas palavras podem muito bem ter sido feitas de gelo quando chegaram sobre mim. —Não sou nada como você.

—É aí que você está errada, irmã querida. Somos feitos do mesmo DNA. Você apenas não ativou aquela parte de você que mudará tudo. Talvez seja isso o que acontece.

Meu estômago apertou. Esse era o plano de Michael? Para me transformar nele? Eu me perguntei uma e outra vez como duas pessoas dos mesmos pais, criadas na mesma casa, podiam ser tão diferentes. Muitas vezes parecia incrivelmente injusto que a mente de Michael se voltasse contra ele da maneira que o fez. Quase como se nós dois tivéssemos bombas em nossos cérebros, mas foi a de Michael que foi preparada para explodir.

Eu procurei seu rosto. —E o que acontece se eu me transformar em você? Então o que?

Ele sorriu. —Nós vamos nos divertir muito. Pense na lista de pessoas de quem podemos nos vingar. As pessoas que me trancaram. Aquela tia vadia, que colocou você contra mim. As possibilidades são infinitas.

Esta era a existência de Michael. Uma contagem constante daqueles que foram injustos com ele e planos de como ele poderia se vingar.

—Eu não quero fazer isso. — Não havia uma única pessoa na Terra que eu odiasse o suficiente para tirar sua vida. Nem mesmo meu irmão. Porque tanto quanto eu o odiava, eu o amava também. Não importa o que eu tenha feito, eu não fui capaz de queimar esse amor de mim. Era uma parte de quem eu era.

A expressão de Michael endureceu. —Veremos sobre isso. As pessoas farão muitas coisas para sobreviver. Você nunca pensou em como seria se vingar de mim? Me esfaquear do jeito que eu esfaqueei você? Eu gostei de cada corte. Você sabia disso? Seus gritos de dor. A forma como o seu sangue se acumulou nas feridas abertas.

Suas palavras tiveram memórias lutando para vir à tona. Tanta dor, lutando para se libertar. Minha visão turvou e minhas mãos tremeram.

Michael riu, mas foi distorcido e feio. —Parece que você tem algumas cicatrizes. Diga-me, irmã mais velha, você pensa em mim toda vez que se olha no espelho?

Eu não o deixaria me levar lá, de volta àquele lugar. Eu não podia. Eu olhei para Hunter. Ainda respirando. Mas aquelas respirações eram superficiais, e eu não tinha certeza de quanto tempo ele tinha. Eu olhei para meu irmão. Tinha uma oportunidade e uma ferramenta. Essa ferramenta era surpresa.

Se eu o apressasse, havia uma chance de incapacitá-lo antes que Michael soubesse o que estava acontecendo. Ele tinha que saber que eu tinha feito caratê, mas ele nunca me viu em ação. Ele não sabia como eu me movia ou as habilidades que aprendi. Seria impossível a menos que ele tivesse treinado comigo.

Estudei os caminhos e ângulos enquanto tentava parecer simplesmente preocupada com Hunter. E eu estava. Preocupada o suficiente para me lançar contra um homem com uma arma, que me queria morta ou destruída.

Não me dei a chance de reconsiderar ou pensar sobre qual plano de ataque me serviria melhor. Não parei para desejar que houvesse comida em meu estômago ou água em meu sistema. Eu simplesmente mudei.

Em um flash, eu estava na frente de Michael. Houve apenas um breve arregalar de seus olhos antes que ele tentasse bloquear meu ataque. Mas fui mais rápida. Só desta vez, fui mais rápida do que o irmão mais novo que sempre pareceu me ultrapassar. Meu joelho subiu para fazer contato com sua virilha e ele se dobrou.

Eu esperava que a arma caísse no chão, mas isso não aconteceu. E eu ainda tinha apenas minha faca. Michael manteve seu aperto firme na arma enquanto amaldiçoava. Então, eu fiz a segunda melhor coisa. Eu corri. Na luz do sol forte, piscando e tentando me orientar. Mas o que vi não ajudou. Outras cabines e anexos dilapidados estavam espalhados por toda parte.

Corri o mais rápido que pude em direção a um bosque de árvores. Eles não eram densos, mas pelo menos poderiam me fornecer alguma cobertura até que a ajuda chegasse. Michael gritou atrás de mim, mas eu continuei correndo. Uma bala passou zunindo por mim, estilhaçando a casca de uma árvore à minha direita.

Tentei correr em ziguezague para evitar que uma daquelas balas me atingisse em vez de um pinheiro. Mas eu não tinha ideia de para onde estava indo e meus pulmões queimavam como se eu estivesse correndo em um incêndio na floresta. Continuei correndo, mas podia ouvir Michael chegando mais perto de mim.

Eu parei derrapando em um penhasco curvo. As ondas batiam nas rochas lá embaixo. Meu olhar voou para encontrar Michael parando a poucos metros de distância, a arma ainda em sua mão. Ele sorriu. —Sem opções. Tenho que admitir, não esperava que você tivesse tanto poder. Você vai pagar por isso.

Eu me encolhi, mas não desviei o olhar. Eu não daria a ele o prazer do meu medo. —Basta fazer isso já.

—Eu te direi uma coisa. Vou te dar uma escolha.

Eu olhei para ele com cuidado. Os negócios de Michael sempre custavam caro. Eu aprendi isso da maneira mais difícil muitas vezes para contar. —O que?

—Tente me esfaquear e não vou matar você.

Eu pisquei de volta para ele. —Oq-o quê?

Ele segurou o braço com a arma para o lado. —Não me entenda mal, vou te machucar. Só para te lembrar que posso. Mas eu não vou te matar. Tudo que você precisa fazer é derramar um pouco do meu sangue. Algumas gotas e você estará livre.

Eu abri minha boca para falar e então a fechei novamente. Nada disso fazia sentido... até que de repente, fazia. E isso quebrou algo dentro de mim. Meu irmão queria, mais do que tudo, me transformar no monstro que ele era. Talvez fosse para que ele não ficasse mais sozinho. Talvez fosse porque ele sabia que isso me machucaria mais, e a dor sempre foi sua droga de escolha.

Eu olhei nos olhos de Michael. Eu ainda podia ver um vislumbre do garotinho que adorava carros *Matchbox* e sundaes de sorvete. O garotinho que meus pais dariam qualquer coisa para salvar. —Não.

—Eu sinto muito. Você acabou de dizer 'não'? Que você prefere a morte? — Ele estava completamente incrédulo.

—Prefiro escolher a vida. Mesmo que essa vida seja mais curta do que eu esperava. — Sem outra palavra, pulei. Eu saltei do penhasco o mais forte que pude. Esperando e orando para tirar as rochas e eu cair na água. Mas mesmo se não o fizesse, morreria como minha própria pessoa. Aquela que tocava violino e posava para pinturas. Aquela que alimentou galinhas e aprendeu a cultivar um jardim. Aquela com amigos e um homem que a amava de todo o coração.

E quando caí, poderia jurar que ouvi Brody gritar meu nome.

CAPÍTULO 51

Brody

Meus músculos se contraíram, mas continuei correndo enquanto gritava o nome de Shay. Eu estava muito atrasado. Apenas alguns minutos antes, e eu teria feito isso. Teria sido capaz de salvá-la.

Eu mal notei Griffin levando o atacante de Shay para o chão. Eu só tinha olhos para o penhasco. Eu derrapei até parar na borda, procurando na água abaixo. Eu não conseguia ver nada. A única coisa que eu sabia era que ela não estava nas rochas pontiagudas. Ela tinha que ter chegado à água. Só havia uma coisa a fazer agora.

Eu corri para longe do penhasco assim que Griffin gritou, —Eu o peguei. — Acho que dei um aceno de cabeça e comecei a correr, esperando me salvar das mesmas pedras que Shay tinha salvado. Griffin gritou para eu parar, mas eu não o fiz. Eu saltei, os braços girando enquanto mantive meu olhar na água abaixo.

A força com que bati tirou todo o ar dos meus pulmões. A agua gelada do mar a me cercou enquanto eu lutava para chegar a superfície. Eu rasgava a água enquanto buscava a luz do sol. Minha cabeça saiu e eu respirei fundo com um desespero que nunca experimentei antes.

No momento em que meus pulmões se encheram, comecei a examinar as águas ao meu redor, em busca de qualquer sinal de Shay. Nada. Eu estava prestes a mergulhar nas ondas quando tive um vislumbre de cabelo castanho contra as rochas.

Não. Eu nadei o mais rápido que pude, lutando contra as ondas enquanto avançava. Enviei uma oração silenciosa quando a alcancei. — Shay, você pode me ouvir? — Eu levantei sua cabeça inconsciente acima da água, usando minha outra mão para pressionar dois dedos em seu

pescoço. Havia um pulso fraco. Mas não senti nenhuma respiração em meu pescoço, onde descansei sua cabeça.

Precisávamos chegar à costa. Em qualquer lugar que eu pudesse fazer boca a boca. Eu apertei meu braço em volta do seu corpo e comecei a nadar paralelo à costa para que pudesse contornar as rochas. A cada golpe, desejava que Shay ficasse comigo. Eu precisava dela. Mais do que ela jamais saberia.

Alcancei uma pausa nas rochas irregulares e puxei Shay para a margem. Eu rapidamente inclinei sua cabeça para o lado, deixando qualquer água escorrer de seu nariz e boca. Meu cérebro girou. Eu fui salva-vidas em um verão no colégio, mas isso foi há muito tempo. Eu só podia esperar que as aulas de RCP[7] continuassem comigo.

Inclinei a cabeça de Shay para trás, abrindo suas vias respiratórias. Coloquei minha bochecha sobre sua boca, esperando por sinais de respiração. Nada. Não hesitei em começar a respirar por ela.

Repeti as respirações de resgate quando ouvi vozes gritando de cima. Alguém gritou que a ajuda estava chegando. Eu mal ouvi. Mas eu mantive o foco. A única coisa que importava era colocar oxigênio em seu sistema.

Quando eu estava prestes a respirar na boca de Shay pela quinta vez, ela começou a tossir. Eu a virei de lado apenas no caso de mais água precisasse sair. Apenas um pouquinho caiu de seus lábios.

Eu mantive um aperto firme em seus ombros enquanto ela levantava. —Você está bem. Você está segura. — Eu disse isso mais para mim do que para ela. A visão de seu peito subindo e descendo por conta própria fez as lágrimas queimarem meus olhos.

—Brody? — Ela resmungou, piscando contra o sol.

---

[7]**RCP** - ressuscitação cardiopulmonar - consiste em uma série de manobras realizadas por profissionais de saúde, ou por leigos, para reverter a parada cardiorrespiratória (PCR) e manter a oxigenação e perfusão tecidual adequadas.

—Eu estou com você. — Eu a puxei em meus braços. Ela fracamente se aninhou em mim. —Eu estou com você. — Não pude deixar de repetir as palavras.

E eu nunca a deixaria ir.

* * *

Shay estremeceu e eu puxei os cobertores mais apertados em torno dela. Mandei a enfermeira buscar outro, mas ela ainda não havia retornado. —Você está bem?

Ela me deu um sorriso gentil. —Estou bem. Como nas últimas dez vezes que você perguntou. Eu só queria ter uma atualização sobre Hunter.

Enfiei minha mão na de Shay e segurei com força. Hunter foi transportado de avião de Anchor para o Memorial de Seattle, e então o helicóptero do xerife veio buscar Shay. Não estávamos nos arriscando com nenhum deles. Hunter foi direto para a cirurgia, enquanto Shay foi enviada para uma bateria de testes. Ford estava na sala de espera cirúrgica e prometeu nos informar assim que recebesse qualquer notícia dos médicos.

Pressionei meus lábios na têmpora de Shay. —Ele vai ficar bem. Hunter é uma das pessoas mais fortes que conheço. — Eu esperava não estar mentindo.

—Ele parecia tão mal, Brody. — A voz de Shay tremia enquanto ela falava.

Eu deslizei para o lado da cama, com cuidado para evitar a sua intravenosa, e passei meus braços em volta dela. —Nada disso é culpa sua.

Ela se inclinou para mim. —Eu sei disso na minha cabeça, mas meu coração é uma história diferente.

Uma batida soou na porta. —Entre, — eu chamei.

Parker enfiou a cabeça com Caelyn e Griffin a reboque. Ele deu a Shay um sorriso amável. —Fico feliz em ver que você está com uma aparência melhor.

Caelyn correu para o outro lado da cama de Shay, as lágrimas enchendo seus olhos. —Estou tão feliz que você está bem. Você está, certo? Eu estava tão assustada-

Griffin cortou suas palavras puxando Caelyn contra ele. —Ela vai ficar bem.

—Eu estou, — Shay prometeu. —Alguma notícia sobre Hunter?

Caelyn acenou com a cabeça. —O cirurgião estava instruindo Ford quando chegamos aqui. Foi um pouco difícil, mas dizem que ele vai se recuperar totalmente.

As lágrimas escorreram pelo rosto de Shay. —Oh! Graças a Deus. Eu não acho que teria lidado com isso se ele não estivesse bem. — Eu a puxei para mais perto de mim e beijei o topo de sua cabeça. Shay voltou seu olhar para Parker. —Meu irmão?

—Ele está na prisão do condado, aguardando transporte para a prisão.

Shay engoliu em seco. —Isso é bom. Ele não será capaz de machucar mais ninguém.

A dor em sua voz era crua e profunda. Esfreguei a mão para cima e para baixo em seu braço. —Você também pode ficar triste. — Eu sabia que os sentimentos de Shay por seu irmão nunca seriam simples, e ela precisava ser livre para expressar quaisquer emoções complicadas que passassem por ela.

—Ele está tão doente, — ela sussurrou, uma lágrima escorrendo do canto do olho. —E ele nunca estará melhor. Meu coração se parte por ele. Mas também estou aliviada por não haver chance de ele sair agora.

Caelyn deu um passo à frente, pegando a mão de Shay. —É compreensível. Seu alívio vem de estar segura. E sabendo que ele não pode machucar ninguém ou a si mesmo.

Shay balançou a cabeça lentamente. —Obrigada por tudo. Todos vocês.

Caelyn apertou a mão de Shay e a soltou. —Griffin e eu vamos buscar comida para todos. O que você acha de um hambúrguer com milk-shake?

O estômago de Shay roncou audivelmente. —Hambúrguer de queijo? Batida de baunilha?

—Você entendeu.

Caelyn, Griffin e Parker se despediram, Parker prometendo que as declarações oficiais poderiam esperar. De repente, estávamos sozinhos novamente. Afastei o cabelo do rosto de Shay. —Sente-se um pouco melhor?

Ela soltou um longo suspiro. —Eu sinto.

Eu olhei em seus olhos. —Você está livre agora. Você pode ir aonde quiser. — Eu não tinha percebido até este momento o quanto estava apavorado com isso. Shay poderia decidir que ela queria tocar em uma orquestra do outro lado do mundo. Ou que essas ilhas guardavam muitas lembranças dolorosas. Mas se ela fosse embora, eu a seguiria.

Shay roçou os lábios nos meus. —O único lugar para onde quero ir é para casa. Contigo.

Eu nunca tinha ouvido palavras mais doces.

EPÍLOGO

Shay

UM MÊS DEPOIS

—Você viu os tomates, Everly? — Eu perguntei enquanto cortava a mozarela.

—Eles estão aqui. Você quer que eu os lave?

—Isso seria bom. Obrigada. — Eu sorri para minha amiga, que eu só conhecia do meu computador, mas que agora tinha estado em Harbor duas vezes desde o meu sequestro. Assim que soube do que acontecera, ela pegou a primeira balsa que conseguiu. A combinação de apresentação e encontro foi agridoce, já que eu estava um desastre de culpa, medo, alívio e gratidão.

Mas eu estava melhor atualmente. Respirando com mais facilidade e me sentindo livre pela primeira vez na vida. Essa liberdade significava que eu poderia desfrutar de tudo que esta doce vida tinha a oferecer. E uma grande parte disso eram meus amigos incríveis.

Caelyn entrou na cozinha com Bell e Kenna atrás dela. —Eu tenho os ingredientes da salada de macarrão, e Hunter está ligando a grelha.

—As crianças têm tudo de que precisam? — Eu perguntei.

—Felizes como amêijoas[8], — respondeu Bell. —Ford e Crosby os convenceram a jogar futebol.

—E como está a pequenina? — Larguei minha faca para dar a volta no balcão e deixei a pequena Harriet segurar meu dedo.

Kenna sorriu. —Crescendo como uma erva daninha.

---

[8] **Amêijoa** é a designação comum dada a várias espécies de moluscos.

Eu concordei. —Eu juro que ela fica maior a cada vez que a vejo.

Everly olhou para o relógio na parede. —Quanto tempo até você achar que Brody está de volta?

—Ele deveria estar aqui agora, mas a balsa de Carson pode estar atrasada, — eu disse, voltando para minha taboa de corte. Fiz o meu melhor para não deixar nenhuma preocupação criar raízes. Mas era mais fácil falar do que fazer quando estávamos no limite por tantos meses. Sempre que Brody estava atrasado, apenas uma centelha de pavor passava.

Caelyn veio ao meu lado e apertou meu braço. —Não se preocupe. Griffin está com ele, e ele está apenas indo para Shelter.

A amizade de Griffin e Brody era adoravelmente doce. Eu não tinha ideia de como eles passavam o tempo juntos, já que Griffin mal disse duas palavras na minha presença, mas parecia funcionar com eles. —Conhecendo os dois, eles podem ter parado em uma loja de ferragens.

Caelyn riu. —Tão certo.

Gritos soaram do lado de fora e o grito estridente de Mia de —Oh meu Deus!

Limpei minhas mãos em uma toalha e me dirigi para a porta da frente. —O que aconteceu?

Enquanto eu saía, avistei Griffin e Carson carregando sacolas e uma caixa colina acima. Meu olhar mudou para duas criaturas lutando contra uma coleira que Brody segurava. Mia saltou para cima e para baixo e correu em direção aos cães.

Eu não pude conter minha risada do casal estranho canino. Um era um Pomeranian minúsculo e fofo, e o outro parecia ser uma espécie de mistura de Mastiff. Eu olhei para Carson. —Você não nos disse que estava trazendo seus cães.

—Ei, pequena zeladora. — Carson me deu uma piscadela. —Esses não são meus.

Eu me virei para Brody assim que os cães me alcançaram. Eu afundei no chão para absorver todas as lambidas e abraços. — De quem são eles?

Brody sorriu para mim. —São seus.

Pisquei rapidamente, meu olhar saltando dele para os cães e vice-versa. —O que? — Eu sussurrei.

—Você disse que sempre quis um cachorro. Achei que agora era um bom momento.

O Pomeranian pulou no meu colo enquanto a mistura de Mastiff lambia o lado do meu rosto. —Você me deu um cachorro grande e um cachorro de bolsa?

Griffin riu atrás de Brody. — Ele é um caso perdido para você, Shay.

Brody esfregou a nuca que estava ficando um pouco vermelha. —O abrigo disse que eles eram um par, e ninguém queria levar os dois. Eu sabia que poderíamos.

Eu me levantei do chão, colocando o cachorrinho debaixo de um braço e jogando o outro ao redor de Brody. —Obrigada. Eles são perfeitos. — O Mastiff deu um latido profundo de acordo enquanto dançava ao nosso redor.

Brody afastou o cabelo do meu rosto. —Amo você, Shay.

Pressionei meus lábios nos dele, não me importando com quem estava olhando. —Tanto que às vezes quase dói.

* * *

Hunter e eu estávamos na parte de trás do grupo enquanto descíamos para o cais. Eu olhei para o homem que tentou tanto me

salvar. Sua tipoia era um lembrete de que ele quase perdeu a vida no processo. —Você está se sentindo bem?

Ele fez uma careta para o caminho à frente, mas seu tom permaneceu gentil. —Estou bem.

Eu queria fazer mais um milhão de perguntas, dar voz a um fluxo interminável de pensamentos. Em vez disso, eu simplesmente disse: — Obrigada-

—Se você tentar me agradecer mais uma vez, vou dizer ao seu namorado que você está fugindo comigo para uma ilha grega.

Meu queixo caiu. —Você não faria isso.

Ele arqueou uma sobrancelha. —Você assou para mim uma quantidade infinita de biscoitos e *brownies*. Trouxe uma caixa da minha cerveja favorita. Ofereceu para me levar à fisioterapia. Acho que você já agradeceu o suficiente. — Ele olhou para a água enquanto nossos amigos subiam no barco de Griffin. —Eu nem mesmo te ajudei. Eu falhei.

Eu agarrei seu braço bom. —Você quase deu sua vida pela minha. Isso não é fracasso. Isso é nobre.

—Não vi o que estava bem na minha cara até que fosse tarde demais.

Eu estava prestes a discutir quando Ford soltou um assobio. — Apresse-se, Hunter.

Hunter olhou para mim. —Estou feliz que você esteja bem.

—Estou feliz que você esteja bem também. — Exceto que eu não tinha tanta certeza de que ele estava.

Eu caminhei descendo a doca para Brody, que passou um braço em volta de mim. Acenamos enquanto o barco se afastava, Mia mandando beijos na parte de trás. Inclinei-me para o lado dele, observando nossos amigos irem embora. —Você acha que Hunter vai ficar bem?

—A fisioterapia leva tempo. E também colocar a mente em ordem. Ele vai chegar lá.

—Eu espero que você esteja certo. — Eu sorri enquanto os dois cachorros dançavam ao nosso redor. Ainda estávamos decidindo os nomes, mas Mia realmente queria que fôssemos com a Princesa e o Gigante. Brody gostava de *Yahtzee* como o nome para o pequeno. — Vamos ter que garantir que eles saibam nadar. Talvez possamos conseguir coletes salva-vidas para eles.

O rosto de Brody se contraiu como se ele cheirasse algo ruim. —Não estou colocando nossos cachorros em coletes salva-vidas.

Eu sorri para ele. —Nossos cachorros. Eu gosto do som disso.

—Eu também. — Ele passou seus lábios nos meus. —Que tal mais algumas coisas sendo nossas?

—Como o quê? — Eu perguntei, cavando mais fundo no aperto de Brody.

Ele se virou para que ficássemos um de frente para o outro, mas ainda próximos. —Como a casa, os jardins, a ilha. Essa vida. — Eu respirei fundo quando a mão de Brody deslizou em seu bolso e pegou um anel. —Não há mais ninguém com quem eu gostaria de criar uma vida. Tudo bem se você quiser esperar—

—Eu não quero esperar. — Minhas palavras saíram em um sopro. — Eu me casaria com você amanhã.

—Que tal no próximo mês?

—Sim, — eu sussurrei. —Não há nada que eu queira mais do que viver essa vida com você.

Brody colocou o diamante brilhante em meu dedo. A aliança de ouro rosa tinha folhas intrincadas entalhadas. Eu não pude deixar de olhar. — É lindo.

—Fiz o desenho e pedi a um joalheiro em Nova York que o fizesse.

Lágrimas encheram meus olhos. —Eu adoro ter uma de suas criações comigo sempre.

As palmas ásperas de Brody seguraram meu rosto. —Assim como eu.

Fim